

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – PPGCOM

TAUANA MARIANA WEINBERG JEFFMAN

COMUNICAÇÃO E IMAGINÁRIO:
GETÚLIO VARGAS NAS REDES SOCIAIS

PORTO ALEGRE

2012

TAUANA MARIANA WEINBERG JEFFMAN

**COMUNICAÇÃO E IMAGINÁRIO:
GETÚLIO VARGAS NAS REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós Graduação da Faculdade de Comunicação
Social da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

PORTO ALEGRE

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J369c Jeffman, Tauana Mariana Weinberg
 Comunicação e imaginário : Getúlio Vargas nas redes sociais /
 Tauana Mariana Weinberg Jeffman. - Porto Alegre, 2012.
 245 f. : il.

 Diss. (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de
 Comunicação Social, PUCRS.

 Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

 1. Comunicação Social. 2. Imaginário. 3. Redes Sociais. 4. Mitos.
 5. Vargas, Getúlio - Crítica e Interpretação. I. Silva, Juremir Machado
 da. II. Título.

CDD 301.16

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

TAUANA MARIANA WEINBERG JEFFMAN

**COMUNICAÇÃO E IMAGINÁRIO:
GETÚLIO VARGAS NAS REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós Graduação da Faculdade de Comunicação
Social da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Prof. Dr. Juliana Tonin – PUCRS

Prof. Dr. Paula Jung Rocha – ESPM

Dedico este trabalho ao meu avô Paulo Polidoro Weinberg (*in memoriam*), um getulista que eu amo, do qual muito me orgulho e que me ajudou a ser a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTO

Em minha concepção enquanto mestranda, esta é a parte mais desejada do trabalho. Quando escrevi tais palavras, os esforços, as diversas leituras, as noites mal dormidas, as festas, os *happy hours* e os almoços familiares recusados, a fadiga física e mental, deram lugar aos agradecimentos. Depois do sono, do café, do choro, das incertezas, das conversas, das descobertas e da contemplação do trabalho concluído, é o momento de agradecer, porque nessa trajetória, eu não estava sozinha. Este caminho foi trilhado em grupo, e aos que me acompanharam, lhes ofereço meu “muito obrigada”.

Agradeço à minha mãe, por ter mudado toda a sua vida junto comigo. Ela mudou de cidade, de empregos, de hábitos, para que eu pudesse chegar aqui. E mesmo longe, ela sempre está perto. Durante esses dois anos, minha mãe me ligou todos os dias, e mesmo tendo como recurso somente a voz, me incentivava e acalmava. Mostrava-me, quando eu fraquejava, que dificuldades são normais, mas que é preciso superá-las. Agradeço ao meu pai, por ter me recebido em sua casa, adaptado sua vida e suas finanças, devido ao meu mestrado. Meu pai foi a minha voz da razão, me tornando mais objetiva, mais prática e mais decidida. Com seu jeito, sempre estava presente para um dos muitos abraços que eu precisei durante esse tempo. E se não fosse por ele e seus empréstimos, eu jamais teria iniciado meu mestrado.

Agradeço à minha irmã, minha companheira, confidente, amiga e conselheira. Eu sempre fui a típica irmã mais velha, bancando a “maezona”, mas durante o mestrado, os papéis inverteram-se, e foi a vez da minha irmã cuidar de mim. Ela geriu a casa, cuidou das contas, das compras, da comida, da limpeza, das jarras de café, enquanto minha atenção era dedicada exclusivamente à dissertação. E junto com as xícaras de café, vinham os abraços, os carinhos, os incentivos, e as declarações de que ela sabia da minha capacidade, bastava eu também saber.

Agradeço aos meus amigos, àqueles que sempre tinham um *link*, um livro, um evento, um autor para me sugerir, mostrando que, de alguma forma, eu ainda estava presente na vida deles, apesar de que o tempo sem vê-los tornava-se cada vez maior, à medida que o término do mestrado se aproximava. Os meus amigos ouviram meus devaneios acadêmicos, minhas reclamações e minhas comemorações a cada conquista deste período. Ouviram os meus “hoje não posso”, “não vou poder ir”, sabendo que eu me encontrava em um momento de foco acadêmico. Obrigada *Confraria dos Mendigos*, os amigos que me mostraram que Porto Alegre não é somente uma selva de pedra, pois aqui existe amor, amizade, cumplicidade e muita diversão.

Agradeço à Tatiane Marks, pois se não fosse ela, eu teria perdido todo o início do meu trabalho, armazenado em um computador que decidi medir forças comigo. Tatiane foi um dos presentes que eu ganhei de Porto Alegre. Sempre me ouviu, aconselhou, incentivou, e botou juízo na minha cabeça, quando me faltava. Para a arquiteta de informação mais incrível que eu conheço, muito obrigada. Agradeço aos colegas de mestrado que se tornaram grandes amigos. Bruna Silveira, Nancy Viana, R Renato Faillace e Larissa Azubel, obrigada pelas conversas, pelos seminários, por terem tornado minhas aulas e intervalos, muito mais divertido. Obrigada aos Geisquianos, pelos conselhos, pelos incentivos e noites de grupo de pesquisa. Obrigada Mateus Vilela, o presente que eu ganhei da PUCRS. Valeu pelas conversas, pela companhia, pelos lanches, pelos bares. Obrigada por estar ao meu lado, por me ouvir e (tentar) me entender. Obrigada também à CAPES, por ter me proporcionado uma bolsa de estudos, que foi de suma importância, para que eu concluísse meu mestrado.

Os amigos, assim como a família, estavam ao meu lado, nos momentos difíceis que enfrentei durante esses dois anos de mestrado. E no pior momento deste período, a força e o apoio de uma grande amiga foi fundamental. Seu amparo e seu incentivo, em meio à dor que me cegava e as lágrimas que embasavam meus olhos, me ajudaram a compreender que era preciso lavar o rosto e seguir em frente, era preciso raciocinar, canalizando a dor e a saudade. Obrigada Darcielle Marques. Obrigada também à minha amiga Janiélli Camargo, que apesar da distância, sempre está perto. Somos um trio que, mesmo longe, continuamos lado a lado.

Agradeço especialmente ao meu avô Paulo Polidoro Weinberg. Meu amigo, meu companheiro, meu pai de coração e criação, minha base. É difícil ter que agradecer-lo somente em homenagens póstumas, pois meu objetivo era voltar a São Borja em janeiro e lhe contar o que eu aprendi e descobri no mestrado. As conversas via *cam* acabaram, os telefonemas não existem mais, porque do outro lado da linha, não há ninguém para atender. Meu avô me deixou no final deste percurso, e, de uma hora pra outra, eu perdi o chão. Eu acredito em poucas coisas, mas quero acreditar com todas as minhas forças, que ele está bem.

Por fim, agradeço ao meu orientador por me mostrar a direção do trabalho. Mas principalmente, por ver a capacidade que eu não via, por rir da minha “cara de desespero” e do meu pessimismo exacerbado, e por me fazer sair cada vez mais motivada de cada orientação. Ao final deste percurso, confesso que o único motivo que me trouxe até a PUCRS, quando me inscrevi para o mestrado, foi o desejo de ser sua orientanda. Ao longo das orientações e das conversas, percebi que fiz a escolha certa. E hoje, quando me perguntam: “quem é o teu orientador do mestrado?”; eu estufa o peito e respondo: “o Juremir Machado da Silva”.

“A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é Natal...
Quando se vê, já terminou o ano...

... Quando se vê não sabemos mais por onde andam nossos amigos...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando
pelo caminho a casaca dourada e inútil das horas...
Eu seguraria todos os meus amigos, que
já não sei como e onde eles estão e diria:
vocês são extremamente importantes para mim.

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
Dessa forma eu digo, não deixe de fazer algo
que gosta devido a falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que,
infelizmente, nunca mais voltará”.

Mário Quintana

RESUMO

Em uma era de transformações tecnológicas e simbólicas, a pós-modernidade encontra seu fervor. Nesta, o arcaico e o desenvolvimento tecnológico entra em sinergia, o tempo retorna e, assim, os mitos encontram-se presentes na atualidade, narrando histórias e condutas, dando ritmo à vida e integrando-se ao cotidiano social. Nessa era, o mundo reencontra-se e reecanta-se, o vertical passa a ser horizontal e os laços sociais deixam de ser apenas de solo e sangue, formando-se simbólica e emocionalmente. É nesse contexto que compreendemos a presença de Getúlio Vargas nas redes sociais. Para tanto, adentramos na história do ex-presidente e das ações comunicacionais desenvolvidas em seus governos. Buscamos referências teóricas para trabalharmos as noções de mito e imaginário. Averiguamos o desenvolvimento presenciado na era digital, onde a era da cultura de massa passa a ser a era da cultura digital. Observamos a convergência das mídias e o papel da tecnologia, da internet e da cultura em tal transformação. A internet transforma-se e deixa de ser encarada exclusivamente como um meio, onde as mensagens apenas transitam de um emissor para um ou mais receptores. Nesse contexto, as redes sociais tornam-se nossas praças. É neste local que as tribos se encontram, interagem, conversam, concordam ou divergem. É onde os laços sociais passam a existir, ou são fortalecidos. A sociedade brasileira está nas redes sociais e Getúlio Vargas também, pois, entre conversas e interações, imaginários são compartilhados e nutridos, mitos são revividos, histórias são contadas, e o cotidiano é falado e observado. É nessas praças (aldeias), que os grupos (tribos) que apreciam ou repudiam o ex-presidente se encontram. Getúlio Vargas caracteriza-se como o totem dessas tribos, venerado e apedrejado. Equipando-se de um olhar generoso, que busca o conhecimento comum para compreender as diferentes perspectivas sobre o nosso objeto de estudo, analisamos tais tribos, compreendemos suas visões de realidade e suas emoções, apresentadas em suas publicações e conversações.

Palavras-chave: Comunicação; Imaginário; Mito; Getúlio Vargas; Redes Sociais.

ABSTRACT

In an era of technological and symbolic changes, the postmodernity finds his fervor. In this, the archaic and technological development come into synergy, the time returns and, therefore, the myths are present today, telling stories and behaviors, giving rhythm to life and integrating into the everyday. In this era, the world finds itself and enchants itself again, the vertical becomes horizontal and social ties are not merely soil and blood, forming symbolic and emotionally. It is in this context that we understand the presence of Getúlio Vargas in social networks. For that, we enter the story of the former president and the communication actions developed in their governments. We seek to work references theoretical notions of myth and imaginary. We researched the development witnessed in the digital age, where the age of mass culture becomes the era of digital culture. We observe the convergence of medias and the role of technology, internet and culture in such transformation. The Internet becomes and ceases to be seen exclusively as a means, where the messages transiting from only one sender to one or more receivers. In this context, social networks become our squares. This is where the tribes meet, interact, talk, agree or disagree. That's where social ties now exist, or are strengthened. Brazilian society is in social networks and Getúlio Vargas too because, between conversations and interactions, imaginaries are shared and nourished, myths are revived, stories are told, and daily life is told and observed. It is in these squares (villages), which groups (tribes) who enjoy or repudiate the former president meet. Getúlio Vargas is characterized as the totem of these tribes, worshiped and stoned. Manning is a generous look, seeking common knowledge to understand the different perspectives on the object of our study, we analyzed these tribes, we understand their views of reality and their emotions, presented in their publications and talks.

Keywords: Communication; Imaginary; Myth; Getúlio Vargas; Social Networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cartaz convocando os trabalhadores.....	49
Figura 2: Cartaz exaltando o Estado Novo.....	49
Figura 3: Cartaz destinado aos trabalhadores.....	49
Figura 4: Cartaz destinado aos alunos, com viés nacionalista.....	50
Figura 5: Cartaz destinado aos alunos, com viés nacionalista.....	50
Figura 6: Cartaz destinado aos alunos, com viés nacionalista.....	50
Figura 7: Embalagem dos cigarros Gegê.....	52
Figura 8: Getúlio Vargas em contato com os trabalhadores.....	54
Figura 9: Estudantes em comemoração ao Dia da Bandeira.....	55
Figura 10: Capa da revista produzida pelo DIP, em novembro de 1940.....	56
Figura 11: Capa do livreto “Getúlio Vargas para crianças”.....	56
Figura 12: Capa da cartilha produzida pelo DIP, em 1941.....	56
Figura 13: Cartaz destinado aos alunos com viés moral e educativo.....	57
Figura 14: Cartaz destinado aos alunos com viés moral e educativo.....	57
Figura 15: Mulheres demonstram seu apoio a Getúlio Vargas.....	78
Figura 16: Multidão ora pela saúde de Getúlio Vargas.....	78
Figura 17: As Estruturas Antropológicas do Imaginário.....	92
Figura 18: Título do <i>post</i> A.	149
Figura 19: Alguns comentários do <i>post</i> A.....	149
Figura 20: Frase do <i>post</i> B.....	151
Figura 21: Comentário 1 do <i>post</i> B.....	151
Figura 22: Comentário 2 do <i>post</i> B.....	152
Figura 23: Comentário 3 do <i>post</i> B.....	153
Figura 24: Comentário 4 do <i>post</i> B.....	153
Figura 25: Comentário 5 do <i>post</i> B.....	154
Figura 26: Comentário 6 do <i>post</i> B.....	154
Figura 27: Comentário 7 do <i>post</i> B.....	155

Figura 28: Vídeo do desfile de 07 de setembro.....	157
Figura 29: Vídeo do discurso de Getúlio Vargas.....	157
Figura 30: Charge “Afogamento dos líderes carismáticos”.....	158
Figura 31: Comentários da charge “Afogamento dos líderes carismáticos”.....	158
Figura 32: Comentário 1, 2 e 3 do <i>post C</i>	160
Figura 33: Perfil antigo e perfil atual da página <i>Getúlio Vargas</i> , no <i>Facebook</i>	163
Figura 34: Publicação e conversações da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	164
Figura 35: Publicação e conversações da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	164
Figura 36: Conversações da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	165
Figura 37: Publicação da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	166
Figura 38: Publicação da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	166
Figura 39: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	167
Figura 40: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	167
Figura 41: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	168
Figura 42: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	168
Figura 43: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	168
Figura 44: Comentários da página <i>Getúlio Vargas</i> no <i>Facebook</i>	168
Figura 45: Frases de Getúlio Vargas na página no <i>Facebook</i>	168
Figura 46: Publicação relacionada ao suicídio de Getúlio Vargas na página no <i>Facebook</i> ...	169
Figura 47: Perfil antigo e perfil atual da página <i>Getúlio Vargas (2)</i> , no <i>Facebook</i>	170
Figura 48: Perfil da comunidade <i>Getúlio Vargas</i>	173
Figura 49: Alguns comentários do tópico <i>Frase dita por Marta Suplicy</i>	175
Figura 50: Alguns comentários do tópico <i>Votação no SBT o maior brasileiro de todos os tempos</i>	175
Figura 51: Alguns comentários do tópico <i>Horror perpetrado pelo corvo na Guanabara</i>	176
Figura 52: Alguns comentários do tópico <i>Qual foi o principal motivo da queda de Vargas em 1945?</i>	177
Figura 53: Enquete da comunidade <i>Getúlio Vargas – a biografia@</i>	179
Figura 54: Comunidade <i>Eu odeio Getúlio Vargas</i>	181
Figura 55: Gráfico de porcentagem dos <i>tweets</i>	184

Figura 56: <i>Tweet</i> da música <i>Chatterton</i> , de Seu Jorge.....	185
Figura 57: <i>Tweets</i> com trechos da Carta Testamento de Getúlio Vargas.....	186
Figura 58: <i>Tweets</i> com frases de Getúlio Vargas.....	187
Figura 59: <i>Tweets</i> com trechos de músicas.....	187
Figura 60: <i>Tweets</i> com adaptações de ditados populares.....	188
Figura 61: <i>Tweets</i> com adaptações provérbio português.....	188
Figura 62: <i>Tweets</i> contendo reclamações.....	189
Figura 63: <i>Tweets</i> contendo pedidos e respostas de ajuda.....	190
Figura 64: <i>Tweets</i> contendo conversações sobre o cotidiano escolar.....	190
Figura 65: <i>Tweets</i> sobre o cotidiano escolar.....	191
Figura 66: <i>Tweets</i> contendo constatações sobre os professores e materiais didáticos.....	191
Figura 67: <i>Tweets</i> declarando apreço por estudar Getúlio Vargas.....	192
Figura 68: <i>Tweets</i> com assuntos variados.....	193
Figura 69: <i>Tweets</i> com assuntos variados.....	193
Figura 70: <i>Twitpic</i> com a foto da assinatura de Getúlio Vargas.....	194
Figura 71: <i>Tumblr</i> com publicação sobre Getúlio Vargas.....	194
Figura 72: <i>Tweets</i> contendo conversações.....	195
Figura 73: <i>Tweets</i> com o trocadilho entre as palavras “Vargas” e “vagas”.....	196
Figura 74: <i>Tweets</i> irônicos.....	197
Figura 75: <i>Tweets</i> sobre datas históricas.....	197
Figura 76: <i>Tweets</i> sobre fatos históricos.....	199
Figura 77: <i>Tweets</i> sobre Lula e Getúlio Vargas.....	199
Figura 78: <i>Tweets</i> sobre Getúlio Vargas e Carlos Lupi.....	200
Figura 79: <i>Tweets</i> sobre ações do governo Vargas.....	201
Figura 80: <i>Tweets</i> com tom de ódio e desaprovação a Getúlio Vargas.....	202
Figura 81: <i>Tweets</i> com tom de amor e aprovação a Getúlio Vargas.....	203
Figura 82: <i>Tweets</i> relacionados à família.....	204
Figura 83: <i>Tweet</i> relacionados a um jornal da época de Getúlio Vargas.....	204
Figura 84: <i>Twitpic</i> relacionados a um jornal da época de Getúlio Vargas.....	205

Figura 85: Perfil de Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	214
Figura 86: Publicações dos internautas no perfil de Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	214
Figura 87: Publicações do <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	215
Figura 88: Publicações dos <i>fakes</i> de Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	215
Figura 89: Publicações e comentários dos <i>fakes</i> no <i>Facebook</i>	216
Figura 90: Foto de um dos <i>fakes</i> de Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	216
Figura 91: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	217
Figura 92: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	217
Figura 93: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	218
Figura 94: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	218
Figura 95: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	219
Figura 96: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	219
Figura 97: Perfil <i>fake</i> de Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	219

SUMÁRIO

1 O QUE, POR QUE E COMO PRETENDEMOS DESCOBRIR.....	17
2 GETÚLIO VARGAS E A COMUNICAÇÃO.....	25
2.1 GETÚLIO VARGAS: DE SÃO BORJA À REVOLUÇÃO DE 1930.....	28
2.1.1 O início.....	28
2.1.2 O início da vida política.....	30
2.2 A REVOLUÇÃO DE 1930.....	31
2.3 A ERA VARGAS.....	34
2.3.1 Governo Provisório (1930 - 1934).....	34
2.3.2 Governo Constitucional (1934 - 1937).....	35
2.3.3 Estado Novo (1937 - 1945).....	37
2.4 GETÚLIO VARGAS VOLTA AO CATETE.....	41
2.5 O SUICÍDIO.....	44
2.6 AS AÇÕES COMUNICACIONAIS DO GOVERNO VARGAS E O DIP.....	47
2.6.1 O DIP.....	47
2.6.2 As ações comunicacionais e o culto a Getúlio Vargas.....	48
3 O MITO E O IMAGINÁRIO.....	60
3.1 MITO.....	60
3.1.1 Mito em Mircea Eliade.....	61
3.1.2 Mito em Gilbert Durand.....	62
3.1.3 Mito em Michel Maffesoli.....	65
3.1.4 Mito em Edgar Morin.....	67
3.1.5 O mito Vargas.....	70
3.2 IMAGINÁRIO.....	80
3.2.1 Imaginário em Gilbert Durand.....	81
3.2.2 Imaginário em Michel Maffesoli.....	94
3.2.3 Imaginário em Edgar Morin.....	102
3.2.4 Imaginário em Jean Baudrillard.....	105
4 A ERA DIGITAL.....	113
4.1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA.....	118
4.2 REDES SOCIAIS.....	127

4.2.1 Comunidades virtuais.....	135
4.2.2 <i>Blogs</i>	139
4.2.3 <i>Facebook</i>	141
4.2.4 <i>Orkut</i>	141
4.2.5 <i>Twitter</i>	143
5 A PRESENÇA DE GETÚLIO VARGAS NAS REDES SOCIAIS.....	146
5.1 ANÁLISE CONTEXTUAL.....	146
5.1.1 Getúlio Vargas nos <i>Blogs</i>	147
5.1.2 Getúlio Vargas no <i>Facebook</i>	162
5.1.3 Getúlio Vargas no <i>Orkut</i>	171
5.1.4 Getúlio Vargas no <i>Twitter</i>	184
5.1.5 Os <i>fakes</i> de Getúlio Vargas.....	212
5.2 ANÁLISE TEÓRICA.....	220
6 O QUE DESCOBRIMOS.....	228
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	232
8 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	240

O QUE, POR QUE E COMO PRETENDEMOS DESCOBRIR

Getúlio Vargas está nas redes sociais. Após esta constatação, cabe a nós, então, compreendermos a presença deste ex-presidente em tais redes, e como ela se procede. Getúlio Vargas, durante seus governos, utilizou-se dos mais diversos meios, com o intuito de consolidar sua imagem positiva e de sua atuação política, além de objetivar a conquista da simpatia e da aprovação da população brasileira. Ocupou-se de dispositivos comunicacionais e departamentos oficiais, como o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, para tais fins.

Percebemos atualmente, após 58 anos de sua morte, que a imagem e os feitos de Getúlio Vargas ainda são compartilhados e difundidos, tanto por meios que este já se utilizava, quanto por meios que sequer existiam durante sua vida, como a internet. Compreendemos que na internet, em especial, nas redes sociais, gera-se e se disseminam, espontaneamente, suas ações e sua imagem, o que anteriormente cabia, de uma forma geral, ao DIP. Neste caso, presenciamos uma propagação de Getúlio Vargas em uma época pós-DIP, onde o governo e o próprio Presidente não fomentam mais esta imagem. Ela se autonomizou, sendo propagada pelos próprios brasileiros, que cultivam a história, o mito e o imaginário sobre Getúlio Vargas nas redes sociais, bem como em outros meios.

Iniciando, devido a um histórico familiar¹ e tendo pesquisas anteriores² como referência inicial, adentramos nas análises e compreensões de como e por que se dá a presença de Getúlio Vargas nas redes sociais. Intuímos compreender como Getúlio Vargas saiu da vida para entrar na história, saiu da história para tornar-se um mito, como esse mito passou a constituir um imaginário, e por fim, como esses aspectos são difundidos, concebidos e compartilhados nas redes sociais.

Constatando a presença de Getúlio Vargas nestes locais, partimos do pressuposto de que tal presença pode se proceder devido a quatro hipóteses: 1) à história ímpar de Getúlio Vargas como Presidente do Brasil e o seu desfecho através de uma morte trágica; 2) à eficácia

¹ Este estudo teve seu início em São Borja, cidade onde nasceu meu objeto de pesquisa, Getúlio Vargas, e também onde nasci. É nesta cidade, localizada na Fronteira Oeste do estado do Rio Grande do Sul, que eu cresci em uma família e uma sociedade que cultua e idolatra o mito Getúlio Vargas. Meu avô, Paulo Weinberg, foi um devoto fiel de Getúlio Vargas, e muitas vezes me contou seu amor pelo ex-presidente, mostrando-me suas lembranças guardadas e contando-me suas histórias de tentativas para conhecer pessoalmente Getúlio Vargas. Meu avô não é um caso atípico nesta pequena cidade de cerca de 60 mil habitantes. Conversando com algumas pessoas, principalmente da geração deste, fui percebendo que esse sentimento de devoção e amor não era exclusivo do meu avô. Esse sentimento era partilhado pela maioria da população são-borjense (por se tratar de um histórico familiar, este trecho do trabalho foi escrito em primeira pessoa do singular).

² Ver JEFFMAN, 2010.

de sua comunicação, e por consequência, da propagação de sua imagem, essencialmente efetuada pelo DIP; 3) ao fato de Getúlio Vargas ter se tornado um mito e 4) porque Getúlio Vargas está vivo no imaginário brasileiro, portanto, este imaginário adentra os espaços digitais e manifesta-se por meio das redes sociais.

Cabe ressaltar aqui que esta pesquisa não é uma pesquisa de História. Tampouco é uma pesquisa de Ciência Política. Esta pesquisa é um estudo de Comunicação. A história política constitui-se como o nosso objeto de pesquisa. Mais precisamente, a história política do ex-presidente do Brasil, Getúlio Dornelles Vargas. O relevante para o nosso estudo, é a compreensão de como e por que se dá a presença de Getúlio Vargas nas redes sociais, ou seja, como uma imagem é concebida de tal modo, que autonomiza-se.

Para tais compreensões, necessitamos observar as publicações da população brasileira, entender o que os brasileiros têm a nos dizer sobre Getúlio Vargas. Precisamos observar essas conversações, e o local onde as encontramos é na internet, onde as tribos se relacionam, as pessoas conversam e todos, com raras exceções, têm a possibilidade de expressar suas opiniões, interagir e unir-se, por imaginários em comum.

Portanto, para a realização deste estudo, efetuou-se uma averiguação em *blogs*, no *Orkut*³, no *Facebook*⁴ e no *Twitter*⁵, sendo coletadas para posterior análise as informações e conteúdos que essas plataformas produziram no período de 02 de novembro de 2011 a 02 de março de 2012, referentes a Getúlio Vargas, configurando assim, quatro meses de coleta de dados, ou seja, o *corpus*⁶ da pesquisa. Esta coleta de dados foi realizada de forma manual, utilizando o recurso *Print Screen* do computador.

No *Twitter*, este recurso foi utilizado para registrar as publicações que contemplassem as palavras “Getúlio Vargas”, presentes na *Timeline*⁷. Tal coleta foi realizada diariamente, pois o *microblog* não apresenta histórico de publicações antigas. Já no *Orkut* e no *Facebook*, foi realizada uma varredura em busca de grupos, comunidades, páginas, usuários e publicações, que contemplassem as palavras “Getúlio Vargas”; no início dos quatro meses e no final deste período. A coleta foi realizada através da conta de usuário da mestrandia, por meio do próprio sistema de busca das duas plataformas. Os *blogs*, por sua vez, foram pesquisados através do

³ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 10 set. 2012.

⁴ Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 10 set. 2012.

⁵ Disponível em: <twitter.com>. Acesso: 10 set. 2012.

⁶ Segundo Fragoso (et. al., 2011, p. 53), “os pesquisadores são obrigados a escolher uma parte da realidade e focar nela sua atenção. Esse subconjunto da realidade é o que chamamos de amostra ou, ainda, *corpus* da pesquisa”. Para Rodriguez Osuna (apud Fragoso et. al., 2011, p. 62), a amostra é “uma reconstrução reduzida, porém real, do universo que se deseja investigar”.

⁷ “A *timeline* (ou linha do tempo) é um termo utilizado no Twitter para descrever uma sequência de *Tweets* recebidos e listados na ordem em tempo real” (TWITTER, 2012a, *online*).

sistema de busca do *Google*, por meio das palavras-chave “Getúlio Vargas *Blog*”. Sendo que, foram levados em consideração, somente *blogs* não relacionados a partidos políticos, políticos, pertencentes a veículos de comunicação ou a instituições e empresas. Destacamos que, conteúdos com mais de um ano de publicação não foram considerados em nenhuma das quatro plataformas.

Por que selecionamos essas quatro plataformas? Tanto por suas peculiaridades de funcionamento e interação, sua riqueza em fornecimento de dados e informações, quanto pelo expressivo número de usuários brasileiros, como será demonstrado no capítulo 4. Por que utilizamos o termo redes sociais e não mídias sociais⁸? Porque o conceito de “redes” é mais condizente com as nossas pretensões, do que o conceito de “mídia”. Lúcia Santaella (2003, pp. 61-62) esclarece-nos: “ora, mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam”.

Sendo assim, as quatro plataformas analisadas aqui não são percebidas por nós como simples meios propagadores de mensagens, mas como plataformas que possibilitam e criam redes. Nosso entendimento segue as percepções explicitadas por Raquel Recuero (2010), onde esta afirma que uma plataforma pode ser entendida como uma rede social se for utilizada pelos usuários como uma ferramenta de construção e fortalecimento de redes sociais. *Blogs*, por exemplo, não são uma rede social em seu objetivo primordial, mas se forem utilizados para a construção e fortalecimentos de laços sociais, e se por conseguinte, estabelecerem redes de relacionamento, estes podem ser considerados uma rede social. Como nos colocamos entre os pesquisadores que se interessam pela interação, conversação, conexão, relação entre os usuários e entendemos tais plataformas enquanto tecnologias do imaginário; consideramos o *Facebook*, o *Orkut*, o *Twitter* e os *blogs* enquanto redes sociais.

A partir disto, a questão problema do nosso estudo é: **Como e por que Getúlio Vargas está presente nas redes sociais?** Nosso objetivo geral é compreender como se dá a atuação da história, da comunicação, do mito e do imaginário, na fomentação da presença de Getúlio Vargas nos *blogs*, no *Facebook*, no *Orkut* e no *Twitter*, durante os quatro meses de coleta de dados. Nossos objetivos específicos são: averiguar como se dá a autonomização da imagem de Getúlio Vargas nas redes sociais; compreender o mito Getúlio Vargas pós-DIP presente nas redes sociais; analisar e compreender os perfis *fakes*⁹ de Getúlio Vargas, coletados no período da pesquisa; entender quais os imaginários se fazem presentes nas

⁸ Sobre conceitos sobre de mídias sociais, ver mais em: JEFFMAN, 2012d.

⁹ O termo *fake* é definido na seção 5.1.5.

plataformas selecionadas e, por fim, identificar semelhanças e diferenças entre os conteúdos de tais plataformas.

É por meio destas indagações (mas não somente restritas a essas), que analisamos os dados coletados, tendo o olhar teórico de nossos autores sempre que necessitamos e o nosso olhar, dotado de curiosidade e uma boa dose de paixão e razão (SILVA, 2010a). Buscamos empregar aqui, a regra de ouro defendida por Juremir Machado da Silva (2010a, pp. 12-84), ou seja, “nada pode ficar sem argumentação”, pois “o texto acadêmico é um texto argumentado em que tudo exige demonstração”. Também não pretendemos desconstruir um mito instituído. Objetivamos fazer emergir uma “verdade complexa”, pois acreditamos nas palavras de Silva (2010a): “a sociedade precisa de mitos para alimentar o seu imaginário? Que os crie, alimente e proteja. Ao pesquisador cabe buscar a verdade. [...] Esse é o seu papel”.

Sobre a metodologia de pesquisa, Silva (2010a, p. 24) esclarece-nos: “O que é uma metodologia? Um meio para atingir um fim. Qual é a essência da metodologia? Uma forma de formatar o que é descoberto”. O ideal, para o referido autor, é que a metodologia derive do referencial teórico da pesquisa. Nesta perspectiva, nos consideramos enriquecidos e nutridos por nosso referencial teórico, que se mostra aqui, condizente e capaz de nos auxiliar nesta tarefa de transformar o encoberto em descoberto.

Destacamos, porém, que do nosso referencial teórico emerge, caracterizando-se como nossa metodologia, a **sociologia compreensiva**, proposta por Michel Maffesoli (2010a, p. 74, grifo nosso). Tal sociologia, como o próprio nome diz, objetiva compreender os processos da sociedade e da experiência humana, que são complexos, mutáveis, cheios de vida, e necessitam ser analisados e compreendidos, para que possamos tirar deles qual o seu sentido. O propósito crucial desta metodologia é: “levantar questões tão evidentes que chegam a ficar esquecidas”.

Maffesoli (2010a) apresenta-nos a sociologia compreensiva em sua obra *O conhecimento comum*, que de acordo com o autor, é uma introdução a tal. Segundo Maffesoli (2010a, p. 19), este “método compreensivo permite uma abordagem indutiva”, sendo que, o “conhecimento ordinário”, o nosso conhecimento comum, é o que nos prepara para as batalhas diárias. Tornamo-nos aptos para esse “eterno recomeço” da vida, ou seja, “a vida em sua eterna dimensão”. Com isto, a sociologia que trabalhe com “socialidade, imaginário ou cotidiano” não deve mais produzir conteúdos, mas sim, operar como ponto de vista. Lembrando que, para Maffesoli (1998), a socialidade refere-se a um conjunto de práticas independentes de um rígido controle social, a um “estar-junto” que não possui,

obrigatoriamente, um objetivo a ser atingido; ao passo que a sociabilidade refere-se a relações institucionalizadas.

Em sua concepção, a “sociologia institucional” começa a necessitar de números, de dados concretos, de “pesquisas de campo”. Em contrapartida, Maffesoli (2010a) desenvolve a sociologia compreensiva, que não objetiva explicar os fenômenos, mas sim compreendê-los. E esse método compreensivo, para ele, tem um fundamento místico e orgiástico, que busca entender o objeto ou o fenômeno sem petrificá-lo, com o intuito de ser uma maneira de pensar a “arte de fazer”. Para compreendermos, necessitamos de generosidade de espírito, de proximidade, de reciprocidade, pois “somos parte disso tudo”.

Porém, algumas metodologias não compactuam desta percepção, pois ditam que não somos participantes desses fenômenos, mas pesquisadores ou apenas observadores. Ao contrário dessa concepção, Maffesoli (2010a, pp. 29-36, grifo do autor) salienta que é justamente por sermos partes integrantes deste contexto que “podemos apreender, ou pressentir, as sutilezas, os matizes, as discontinuidades desta ou daquela situação social”. Em outras palavras, “somos parte integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar”. Maffesoli (2010a) defende que há vários tipos de conhecimento, sendo que a sociologia compreensiva busca o conhecimento “através de uma visão interna”, pois “*é esta sociologia do lado de dentro*”. O autor também argumenta que não existe uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las”.

Um teórico que se propõe a “descrever a vida social” através da mistura do “inteligível e do sensível, de *sapiens* e de *demnes*”¹⁰, onde esta percepção “reintroduz na análise social” as “dimensões míticas e imaginárias”. É assim que Maffesoli (2010a, pp. 92-104, grifo do autor) coloca-se. Ou seja, um teórico que se utiliza de um “método aberto” capaz de “captar o fôlego social”. Sobre essa mistura, o autor explica-nos que podemos ler nas entrelinhas dos textos de Émile Durkheim, “que o conjunto das representações e suas combinações constituem motores sociais por excelência”. Tal noção foi, de certa maneira, explorada por Gilbert Durand (2002) em sua “estrutura do imaginário” e também pode ser encontrada em Edgar Morin, através da sua concepção de “ecologia das ideias”, sendo que, de acordo com Maffesoli (2010a), “Morin participa desta preocupação que leva ao reconhecimento das representações humanas em todas as suas dimensões”.

A noção de “formismo” é então proposta por Maffesoli (2010a, pp. 109-123), e segundo ele, nada mais é do que um termo que “permite pôr em relevo características da vida

¹⁰ Maffesoli (2010a, p. 92, grifo do autor) nota que “*sapiens*” significa “sábio, prudente, judicioso”, enquanto que “*demens*” significa “insensato, delirante, desequilibrado”.

social sem deformá-la em demasia”. Este “formismo” está longe de ser uma “visão estática do mundo”. A atitude formista não impõe, nem formula nada, ela “se contenta em dizer seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que, ao seu próprio respeito, a sociedade produz”. É também através do formismo que o teórico busca compreender “o problema do Universal e do Particular”, sendo que tal noção é antes de tudo “um pensamento da globalidade”. Compreendemos que a forma, refere-se à maneira como algo se apresenta no presente, e não o que é em sua totalidade.

Para compreendermos nosso presente, é preciso praticar a “einsteinização”, que se trata de uma metáfora elaborada por Marcel Proust para explicar-nos que compreendemos o presente comparando-o com “grandes momentos do passado”. Ou seja, compreendemos a paixão atual, através das paixões que já existiram antes de nós. Mas para isso, segundo Maffesoli (2010a), é necessário ser um pesquisador de botequim, um pesquisador do povo, no meio do povo, o que podemos caracterizar como o “método lógico-experimental” proposto por Vilfredo Pareto (apud MAFFESOLI, 2010a, pp. 183-184). O que os “intelectuais de salão” não sabem, é que de bar em bar, de conversa em conversa, de comunidade em comunidade, “apreenderemos a reconhecer a amplitude, a intensidade e as variações da respiração social”. Maffesoli (2010a) sublinha, então, que “o ciclo assinala uma ultrapassagem da redução individualista e nos faz ingressar no movimento sem fim do *cosmos* e da relação com o outro”, e que este, “opondo-se à capitalização de bens, corpos e teorias, conduz ao alegre dispêndio desta conjunção que poderíamos chamar de pensamento encarnado”.

Somos uma sociedade que não possui um discurso linear, somos controversos, cheios de mistério, e por isto, o papel da sociologia não é ditar regras e afirmar parâmetros de como a sociedade “*deve ser*”. Mas sim, deve extrair consequências “das críticas do positivismo, reconhecendo a importância da ideologia, tomando conhecimento da eficácia da forma, da analogia, da metáfora, e observando o retorno de uma visão cíclica”, sendo que, através dessa perspectiva, é que “poderemos compreender a existência em seu aspecto plural”. Em suma, não devemos decretar, mas sim, compreender este aspecto vagabundo do cotidiano, dedicando atenção aos “elementos que não se sintetizam e nos remetem a uma descrição *contraditória*” (MAFFESOLI, 2010a, pp. 185-188, grifo do autor).

O autor valoriza o conhecimento empírico, que é o nosso conhecimento corriqueiro, do dia-a-dia, aquele em que não precisamos provar cientificamente sua veracidade, pois intuímos sobre sua verdade, e esse conhecimento, muitas vezes, supera o conhecimento racional. Maffesoli (2010a, p. 210, grifo do autor), porém, deixa claro que não pretende em

suas páginas, fazer uma apologia ao irracional, pois seu objetivo é “esboçar *uma teoria do conhecimento apta a admitir que a falta de acabamento estrutural da socialidade fica a exigir uma falta de acabamento intelectual*”. É vivendo e experimentando, que adquirimos um conhecimento cada vez mais valorizado, sendo que tal experiência se mostra como a sucessora de um pensamento em que imperava a separação objetiva.

O teórico Gilbert Durand é citado pelo autor, onde este afirma que “caminhamos para uma ‘comunicação experimentada’”. Vivemos, aprendemos e nos conhecemos através da experiência, pois como nota Maffesoli (2010a, pp. 216-219, grifo do autor) “o corpo individual e/ou coletivo faz a experiência do mundo, faz experiências com o mundo”. E nessas experiências também há a “comunicação com o mundo”, a empatia, aquela comunicação com um “sentido cósmico”, sendo que a noção de empatia é fundamental na obra do autor, pois esta significa colocar-se no lugar do outro, para então compreendê-lo. Em questão de experiência, podemos citar também a “*experiência comum*” que “é parte essencial da trama societal”, pois Maffesoli (2010a) assinala que o “sensualismo, a pregnância do imaginário” é “uma concepção do tempo marcada pelo presente e pelo trágico, bem como o relativismo intelectual, tudo isso enfatiza a pluralidade dos aspectos da vida social e o pluralismo inerente às abordagens destes mesmos aspectos”.

A vida, de acordo com Maffesoli (2010a, pp. 230-231, grifo do autor), não é reduzida ao “sujeito individual”, mas o contrário, ela ressurge na socialidade. E as “representações teóricas” devem apresentar-se em grau de importância, posteriormente à “experiência coletiva”. Tal experiência, por sua vez, é composta pelo senso comum, pelo presente e pela empatia. Aí podemos verificar o que pode configurar-se como uma “instrumentalização sociológica”, que nos fornece uma “perspectiva fenomenológica” o qual o autor denomina de “*tipicalidade*”. Esta se refere a um “tipo”, uma “máscara de teatro”.

Maffesoli (2010a, pp. 246-248) não titubeia ao afirmar que uma concepção racionalista poda, corta, esteriliza o conhecimento comum, sendo que, não se pode resumir, reduzir ou conduzir a “socialidade a esta ou àquela determinação”, pois “vivemos um momento dos mais interessantes, em que a notável expansão do vivido convida a um conhecimento plural [...] que saiba integrar a participação, a descrição, as histórias de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos”. O que buscamos, então, é a “lógica das paixões”, esta “vitalidade societal” que nos levaria ao “vitalismo lógico”.

Fala-nos Maffesoli (2010a, pp. 256-260, grifo do autor) da “*senso (comum)nologia*”, que está ligada ao vitalismo. Isto é, essa noção de que o conhecimento da massa, do popular, possui vitalidade, é algo dinâmico, vivo, construído e compreendido em um eterno vaivém,

valorizando-se o “aqui e agora”, ou seja, o “presenteísmo, cuja riqueza ainda não exploramos integralmente”, sendo que, “o que constitui cultura é a opinião ‘o pensamento das ruas e das praças’, que são ingredientes essenciais do cimento emocional da socialidade. Somente *a posteriore* elabora-se, então, o conhecimento erudito”. O que nos leva a compreender que “a complexidade cotidiana, a ‘cultura primeira’, merece uma atenção específica – e a isto” o autor propôs “que se denominasse *conhecimento comum*”.

Constatamos a insistência de Maffesoli (2010a) na importância da vida comum de cada dia, e no momento que estamos presenciando neste instante, ou seja, o presente, o agora. Este conhecimento, em suas palavras, não é regido pela razão, por conceitos deterministas advindo dos livros científicos, escritos por aqueles intelectuais moralistas, que de seus palácios, ditam à plebe, como essa deve ser e como sua comunidade deve configurar-se. Longe desse pensamento racionalista, o autor mostra-nos como esse conhecimento comum é construído através da emoção, isto é, por meio de uma “lógica da paixão”.

A partir de então, apresentamos nossos capítulos, tendo em vista as quatro premissas apresentadas anteriormente: história, comunicação, mito e imaginário. Salientamos que a trajetória de Getúlio Vargas, isto é, história (comunicação), mito, imaginário e redes sociais; embasou a sequência de nosso estudo, até chegarmos às nossas análises, descobertas e conclusões. Desta forma, o *Capítulo 2 – Getúlio Vargas e a Comunicação* apresenta uma breve explanação histórica sobre o nosso objeto de estudo, onde destacamos a participação da comunicação em tal contexto. Saindo da história, compreendemos o mito e o imaginário, sobre o prisma teórico de Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Edgar Morin e Jean Baudrillard, apresentando suas concepções no *Capítulo 3 – O Mito e o Imaginário*. Ao perceber que o estudo do imaginário relaciona-se com o estudo das tecnologias do imaginário, e que a análise de tais tecnologias se faz necessária, no *Capítulo 4 – A Era Digital*, nos dedicamos à compreensão das redes sociais, e, para tanto, compreendemos também assuntos aos quais estas se relacionam; como a era digital, o ciberespaço, a cibercultura, as comunidades virtuais, entre outros. No *Capítulo 5 – A presença de Getúlio Vargas nas redes sociais*; explanamos nossas análises, observações e compreensões sobre o material selecionado. Por fim, no *Capítulo 6 – O que descobrimos*, apresentamos nossas conclusões, ou seja, nossas descobertas.

2 GETÚLIO VARGAS E A COMUNICAÇÃO

“Saio da vida para entrar na história”. Estas foram as últimas palavras de Getúlio Vargas. Palavras que se concretizaram, pois este se tornou um dos mais importantes personagens da história brasileira. Porém, Getúlio Vargas foi além da história, concretizou-se como mito, vive no imaginário brasileiro, e também se faz presente nas redes sociais. Para compreender esta trajetória, observamos primeiramente nosso objeto de estudo. Afinal, quem é Getúlio Vargas? Acreditamos que esta pergunta não encontrará uma resposta condizente. Isto, porque apesar de inúmeros historiadores e pesquisadores terem se aventurado à procura de dados, fatos e fontes históricas para respondê-la, todos chegam à conclusão de que, a principal característica da personalidade de Getúlio Vargas é que este se trata de uma incógnita, um mistério, uma esfinge dos pampas¹¹, tanto para seus amigos e aliados, quanto para seus adversários.

Aurélio (2009, pp. 8-17) lembra-nos que Getúlio Vargas foi o homem, no Brasil republicano, que mais tempo permaneceu no poder, isto é, “exatos 18 anos, seis meses e 19 dias, em suas duas passagens”. Para o autor, Getúlio Vargas “saiu da vida para entrar na História como um dos mais controversos e marcantes Presidentes do Brasil”, despertando “ódios e paixões”. De acordo com Aurélio (2009), o conjunto de dados políticos e biográficos de Getúlio Vargas, contribuem para a sua mitificação. O ex-presidente era “tido por um lado, como ‘um estadista arguto e corajoso’, ‘caudilho viril’ e ‘benevolente’; e, por outro, como um ‘ditador violento e personalista’, ‘populista’ e ‘fascistóide’”. O autor salienta que Getúlio Vargas é um estadista são-borjense que ainda caracteriza-se como um paradigma, positivo e negativo, para os políticos brasileiros. Além disso, destaca que a impressionante trajetória política e pessoal de Getúlio Vargas “desperta sentimentos diversos, mas nunca indiferentes”.

Para o historiador Décio Freitas (2003, pp. 5-7), Getúlio Vargas é “o mais inteligente e influente político brasileiro do século passado”. O historiador conta-nos que passou alguns dias na Fazenda dos Santos Reis na companhia de Getúlio Vargas. Em tal oportunidade, perguntou por que Getúlio Vargas ingressou na carreira militar, e este lhe respondeu: “porque a carreira militar me fascinava. A simples ideia de fazer política me desagradava profundamente. Aliás, sempre me desagradou a política”. Freitas (2003) lembra-nos então o episódio em que Getúlio Vargas aconselhou José Vecchio: “Vecchio, faça como eu. Não se meta em política”. É instigante este tipo de afirmações e conselhos advir do político que mais

¹¹ Ver BOURNE, 2012.

tempo permaneceu no poder, na história brasileira, e que tudo fez para não sair dele. Nestas explicações, já encontramos indícios de por que Getúlio Vargas é conhecido como um enigma.

Segundo Levine (2001, p. 15), Getúlio Vargas governou por meio do paternalismo e da negociação, facilitado pela falta de tradicionais partidos políticos no Brasil. Contudo, tornou-se um político ímpar, despertando o interesse em pessoas que almejavam entendê-lo ou prevê-lo, pois inquietava a muitos com sua facilidade de falar e de lidar com a população que visitava em suas viagens, sendo que muitos tentaram justificar a “mística de Vargas” e sua “longevidade política” por seu passado e suas raízes gaúchas.

O sociólogo californiano R. S. Rose (2001, p. 15), afirma que todos os anos, no mês de agosto, “um melodrama fantástico desenrola-se no Brasil”. À medida que o dia 24 deste mês aproxima-se, cresce também o número de artigos e editoriais na televisão, nas rádios e nos jornais, sobre Getúlio Vargas, “a figura mais controvertida da história do Brasil”. O autor entende que no dia 24 de agosto, somos lembrados das qualidades deste “herói morto”, visto que, tal data é quase um “feriado nacional”, lembrada em todo o país, principalmente em São Borja, em Brasília e no Rio de Janeiro.

Bourne (2012, pp. 273-274) afirma que “Getúlio Vargas hoje faz parte da experiência comum dos brasileiros. Seu sorriso, seu notável autocontrole, sua tragédia final, passaram à corrente sanguínea nacional [...]”. Acredita que “a figura baixa e corpulenta, com sua aparente elasticidade no que se referia a pessoas e ideologias, encerrava em si uma experiência de mudança social, de modernização e de nacionalismo construtivo”. Para o autor, Getúlio Vargas era um gigante de 1,60 de altura que transformou o Brasil, de um país em uma Nação.

Silva (2010b, pp. 39-77) fala-nos de um Getúlio Vargas que tinha a solidão como companheira, mas apesar disso, era um “comunicador nato”, sabendo comunicar com seu silêncio e sua escassez de palavras. Getúlio Vargas era aquele que sabia esperar, que não dava o primeiro passo, mas não perdia a chance de dar o segundo. Além disso, poucas eram as coisas que o ex-presidente não conseguia, pois ele era um homem “capaz de tirar as meias sem descalçar os sapatos”. Era o homem certo, na hora certa; parecia “estar à frente do seu tempo, sendo, ao mesmo tempo, prisioneiro desse tempo e da sua história”. Não era daqueles que esperavam o cardeal¹². Silva (2004a, p. 17) argumenta:

¹² Ver SILVA, 2004a, p. 63.

Vargas prendeu, mandou matar, fechou congresso, reprimiu trabalhadores, deu golpe de Estado, oficializou a tortura, abusou da censura, perseguiu adversários políticos e antigos amigos, usou os militares para matar sua sede de poder e, mesmo assim, ainda virou um mito.

Nas palavras de Mariante (2010, pp. 36-93), Getúlio Vargas foi um “caudilho de gabinete”, um “revolucionário de retaguarda”, que manejava os “cordéis à distância”. O ex-presidente trazia em sua personalidade, traços característicos das missões, isto é, “era observador, reservado, suspeito, desconfiado e prevenido”. Como um típico homem de fronteira, era desconfiado, pois este homem “está sempre na expectativa de um imprevisto, de um ataque, como herança e reminiscência das invasões estrangeiras calcadas ainda no inconsciente”. O autor interpreta Getúlio Vargas como um “ditador com açúcar”, visto que, quando este falava, “transmitia a impressão de afeto e até de nutrir sentimentos de profunda afeição, condições essas que mascaravam sua índole de ditador”. Getúlio Vargas era um ditador melancólico, o que podemos comprovar com seu suicídio. Ele era o “ego e o superego das massas”, mas também “um grande ator”.

Getúlio Vargas é oficialmente considerado o Patrono dos Trabalhadores do Brasil, de acordo com a Lei Federal nº 7.470¹³ de 29 de abril de 1986. Através da Lei nº 12.326¹⁴ de 15 de novembro de 2010, o ex-presidente teve seu nome inserido no “Livro dos Heróis da Pátria”. Contudo, consta aqui uma breve explanação sobre Getúlio Vargas e o DIP, porque sabemos que biografar a vida desta figura seria uma tarefa gigantesca e quase impossível, pois de acordo com Skidmore (apud FREITAS, 2003, p. 13), tal tarefa “exigirá quase toda a vida dum eventual biógrafo”. Compreendemos, desde já, que este capítulo é a união de versões da história, pois utilizamos como fonte de pesquisa, diversos autores que nos transmitiram os acontecimentos a partir do seu ponto de vista.

¹³ Ver BRASIL. Lei nº 7.470, de 29 de abril de 1986. Disponível em: <<http://migre.me/9Vf8E>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

¹⁴ Ver BRASIL. Lei nº 12.326, de 15 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://migre.me/9Vf9y>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

2.1 Getúlio Vargas: de São Borja à Revolução de 30

Na terra farta do Pampa
 Já bem perto da Argentina
 É o Rio Grande do Sul,
 A região mais sulina
 Foi que nasceu Dr. Vargas,
 Essa estrela matutina!
Antônio Teodoro dos Santos

2.1.1 O início

Getúlio Dornelles Vargas¹⁵ nasceu no dia 19 de abril de 1883¹⁶ em São Borja – RS. Filho de Manuel do Nascimento Vargas e dona Cândida Dornelles Vargas (Dona Candoca)¹⁷, casados no ano de 1872, Getúlio Vargas era o terceiro mais velho dentre os cinco filhos do casal, tendo como irmãos mais novos: Spartaco (Pataco) e Benjamim Vargas (Bejo) e como irmãos mais velhos, Viriato e Protásio. Aos 28 anos, casou-se com Darcy Sarmanho Vargas, esta com 15 anos. Da união, nasceram cinco filhos: Lutero (que se tornou médico), Alzira (formada em Direito, companheira e confidente de Getúlio Vargas), Jandira, Manoel (conhecido como Maneco) e Getúlio Vargas Filho (conhecido como Getulinho, químico industrial, falecido prematuramente vítima de poliomielite)¹⁸.

Para dar continuidade aos seus estudos, no ano de 1895¹⁹, Getúlio Vargas sai de São Borja e muda-se para Ouro Preto, Minas Gerais. Em tal local, seus irmãos Viriato e Protásio já lhe aguardavam. Os três irmãos acabaram envolvendo-se em um incidente com Carlos de Almeida Prado Junior, estudante paulista e pertencente a uma importante família. Tal fato

¹⁵ Conta Frischauer (apud SILVA, 1980, p. 29), que Getúlio Vargas deveria ter sido registrado como Getúlio Dornelles Bueno. Este registro não ocorreu porque Evaristo José Vargas Bueno, seu avô, decidiu “esquecer o sobrenome de seu pai”, pois este não se comportava como um cavalheiro com Dona Ana Joaquina. Silva (2004a, p. 32), por sua vez, declara-nos que a bisavó de Getúlio Vargas pagou ao padre para que este apagasse o nome do marido das certidões de nascimento dos filhos, renegando seu nome. Assim, o avô de Getúlio Vargas, de Evaristo Bueno passou a se chamar Evaristo Vargas.

¹⁶ O ano de nascimento de Getúlio Vargas é alvo de algumas divergências históricas. A maioria de seus biógrafos consideram 1883 como o ano de seu nascimento. Já Aurélio (2009, p. 11) afirma que Getúlio Vargas nasceu em 1882 e seu ano de nascimento teria sido alterado para 1883 “numa certidão militar entregue à Faculdade de Direito de Porto Alegre”. No livro *Getúlio Vargas*, de Herculano Gomes Mathias (1983, p. 11), também consta que o ex-presidente nasceu no ano de 1882, assim como em outras biografias.

¹⁷ De acordo com Mendes (1986, p. 9), o casamento dos pais de Getúlio Vargas “reunira as duas forças políticas antagonicas no Rio Grande do Sul, que somente seriam unificadas no fim dos anos 20, quando Getúlio Vargas foi lançado candidato à sucessão do presidente Washington Luís”.

¹⁸ Ver LEVINE, 2001, pp. 35-36.

¹⁹ Mathias (1983, p. 17) afirma que tal fato ocorreu no ano de 1897.

resultou na morte do estudante, o que levou Getúlio Vargas e seus irmãos a retornarem para São Borja²⁰.

Com 16 anos, alista-se no 6º Batalhão de Infantaria, na cidade de São Borja, “como soldado raso, para adquirir o direito de cursar um estabelecimento de ensino militar”, sendo promovido a sargento um ano depois. No entanto, por falta de vaga, inscreveu-se na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, no ano de 1900. Em 1902, é desligado da escola por ter se envolvido com protestos organizados por catetes, devido à tirania de um instrutor (MENDES, 1986, p. 11). Apesar de já ter requisitado baixa no ano de 1903, apresentando um exame de saúde²¹, comparece para seguir com o 25º batalhão de infantaria para o Acre, devido à ameaça de guerra entre o Brasil e a Bolívia²². Após o episódio, Getúlio Vargas sai do batalhão com atestado de incapacidade por ser diagnosticado, falsamente, com epilepsia²³.

Ainda no ano de 1903, o ex-presidente matricula-se na Faculdade Livre de Direito²⁴. Posteriormente, em entrevista à Décio Freitas, afirmou que foi o ambiente da faculdade que lhe arrastou para a política²⁵. Getúlio Vargas foi um dos fundadores do *Bloco Acadêmico Castilhistas*, que tinha como objetivo, entre outros, propagar as ideias e os princípios de Júlio de Castilhos. Em 1907, participou do lançamento do jornal *O Debate*, atuando como secretário de redação, juntamente com João Neves, Maurício Cardoso, Manuel Duarte e Jacinto Godói²⁶. Em 30 de dezembro de 1907, forma-se na faculdade de Direito e é escolhido o orador da turma. Neste mesmo ano²⁷, torna-se promotor público após sua nomeação por Borges de Medeiros, que lhe ofertara o cargo como “um prêmio aos serviços por ele prestados ao partido, durante a campanha eleitoral” (FRISCHAUER apud MENDES, 1986, p. 13). Porém, trabalha por pouco tempo no cargo, pois logo se demite e retorna a São Borja, onde se estabelece com seu escritório de advocacia²⁸.

²⁰Affonso Henriques (1966, pp. 55-56) afirma que tal acontecimento tratou-se de um assassinato, cometido pelos três irmãos Vargas e mais alguns amigos. Já Mendes (1986, p. 11) contrapõe o autor ao afirma que não existe ou existiu testemunha que pudesse confirmar que Getúlio Vargas havia participado de tal episódio.

²¹ Ver SILVA, 1980, p. 30.

²² Ver MENDES, 1986, p. 11.

²³ Ver LEVINE, 2001, p. 33.

²⁴ A Faculdade Livre de Direito foi fundada em fevereiro de 1900, “por iniciativa dum grupo de juristas locais, em sua maioria magistrados. Chamou-se ‘livre’ para significar a ausência de tutela estatal, no espírito do positivismo comteano professado pelo regime republicano do RS. A faculdade funcionava em duas salas da Escola Normal, uma para administração e outra para as aulas. Só em 1910 se transferiria para o prédio atual [...]. Os professores lecionavam gratuitamente” (FREITAS, 2003, p. 8).

²⁵ Ver FREITAS, 2003, p. 8.

²⁶ Ver SILVA, op. cit., p. 31.

²⁷ De acordo com Aurélio (2009, p. 26), tal nomeação teria ocorrido em janeiro de 1908.

²⁸ Ver MENDES, op. cit., p. 14.

2.1.2 O início da vida política

Getúlio Vargas teve como princípios políticos, em essencial, o *Castilhismo*, ou seja, a conduta adotada por Júlio de Castilhos. Este, por sua vez, inspirava-se no positivismo, princípio formado nas ideias de Augusto Comte²⁹. Apesar da morte de Júlio de Castilhos, em 1903, o *Castilhismo* continuava preponderante na cultura política do Rio Grande do Sul, agora sob o comando de Borges de Medeiros³⁰. Freitas (2003, p. 10) indagou Getúlio Vargas se lera muito Augusto Comte, e este lhe respondeu: “Nem tanto. Saint-Simon foi o meu filósofo. [...] Quem me influenciou foi Saint-Simon, não Augusto Comte. Os que conhecem estes filósofos sabem das diferenças marcantes entre eles”. Para o historiador Décio Freitas (2003, p. 11), o autoritarismo do ex-presidente não foi resultado da influência de Saint-Simon, “mas encontrou nele uma legitimação filosófica”. Segundo Freitas (2003), é “gritante a influência saint-simoniana³¹ no governo de Getúlio Vargas”.

Em 1909, Getúlio Vargas é eleito Deputado Estadual no Rio Grande do Sul, e reeleito pelo mesmo Partido Republicano (PRR), no ano de 1913. No início deste ano, Borges de Medeiros retornou ao governo do Rio Grande do Sul, onde permaneceu por mais de 15 anos, alterando e manipulando resultados eleitorais, além de controlar as ações de seus políticos opositores. Ainda no ano de 1913, mais precisamente no dia 06 de outubro, por discordar das ações de Borges do Medeiros e por demais questões relacionadas ao seu partido, Getúlio Vargas sobe à tribuna e renuncia à cadeira de Deputado Estadual. A partir deste fato, cai em desagrado com o governo estadual e volta a São Borja para recolher-se em “exílio político voluntário”. Entre os anos 1914 e 1917, Getúlio Vargas dedicou-se à função de advogado,

²⁹ Segundo Aurélio (2009, p. 14, grifo do autor), o positivismo trata-se de “princípios filosóficos, sociológicos, científicos e doutrinários preconizados pelo filósofo francês Augusto Comte, enunciados na sua Lei dos Três Estados (teológico, metafísico e, por fim, o positivo). A ciência positiva busca apreender fatos, relações sociais e políticas, etc. a partir da observação, experimentação e da finalidade prática. Um lema do positivismo está expresso na bandeira do Brasil: *Ordem e Progresso*”.

³⁰ Ver MENDES, 1986, pp. 9-12.

³¹ “Ao surgir o saint-simonismo na primeira metade do século XIX, a França ainda não fizera sua revolução industrial. Os primeiros conflitos sociais ingleses suscitavam uma questão: como promover a industrialização sem a sequela do conflito social? A questão se figurava crucial para Saint-Simon. Não havia então na Europa uma revolta dos governados, mas era fácil prever que esta calma não duraria muito. Podia-se perceber uma ‘fermentação geral’ e uma ‘ameaça de anarquia’. Findara o ‘tempo dos pobres resignados’. No processo de industrialização, impunha-se adotar ‘precauções necessárias’, expressão pela qual ficará conhecido entre os empresários franceses. Como a industrialização interessava tanto à burguesia como aos trabalhadores, Saint-Simon formulou o princípio da ‘identidade de interesses entre patrões e trabalhadores’. Para evitar o conflito social, havia que estabelecer a ‘associação capital-trabalho’, através de organizações do tipo corporativista. A industrialização devia fazer-se acompanhar de medidas para ‘melhorar o mais rapidamente possível a existência física e moral das classes pobres’. A paz social deveria ser assegurada a qualquer preço: ‘Os governos devem usar de todo o empenho em preservar a indústria de toda a espécie de perturbações e contrariedades’. [...] Saint-Simon é o precursor da intervenção do Estado na ordem econômica. Afirma a necessidade de que ‘alguém’, um legislador forte, regulamente os interesses a fim de tornar harmoniosos” (FREITAS, 2003, p. 11).

atuando no interior e limitando-se a breves saídas pela vizinhança, mas sempre a serviço, também realizava saídas para a Fazenda dos Santos Reis.

Em 1917, Getúlio Vargas se reconcilia com Borges de Medeiros, retornando a Porto Alegre e à política do Sul, atuando como Deputado Estadual até o ano de 1922³². Neste mesmo ano, Getúlio Vargas elege-se Deputado Federal após a morte de Rafael Cabeda, ocupando o seu lugar na Câmara dos Deputados³³. Também é nomeado “Presidente da Comissão de Verificação de Poderes da Assembleia Estadual”, proclamando no dia 17 de janeiro de 1923, a quinta eleição de Borges de Medeiros para a Presidência do estado do Rio Grande do Sul, em meio a acusações de fraudes, ocasionando, assim, uma guerra civil que teve seu início no dia 25 de janeiro deste ano (D’ARAÚJO, 2011, p. 23).

Getúlio Vargas reelege-se Deputado Federal em maio de 1924, tornando-se “líder da bancada de seu estado” (LEVINE, 2001, p. 37). E assim, começa a consolidar-se em uma posição de liderança, sendo nomeado Ministro da Fazenda no governo de Washington Luís, assumindo o ministério em 1926. Mas Getúlio Vargas não perdura neste cargo, pois Borges de Medeiros, no final do ano de 1927, lhe escolhe como seu sucessor, “com a doce ilusão de, assim, continuar de fato exercendo o poder”. Getúlio Vargas é eleito Presidente do Rio Grande do Sul. No início do ano de 1928, iniciaram as articulações para as eleições presidenciais marcadas para o dia 1º de março de 1930. Em 1929, forma-se a Aliança Liberal.

2.2 A Revolução de 1930

Um novo, claro Brasil
surge, indeciso, da pólvora.
Meu Deus, tomai conta de nós.
Carlos Drummond de Andrade

Washington Luís atuava de forma coerente com o pensamento da oligarquia agrária ao qual representava, considerando a questão social como “caso de polícia” e tomando esta posição durante seu governo. No entanto, quando precisou indicar um sucessor para seu cargo, não seguiu a tendência política que até então imperava no Brasil, ou seja, a política do café-com-leite, onde mineiros e paulistas alternavam o domínio do poder político no país. Contrariando o “direito” dos mineiros de indicar um representante para a Presidência da República, Washington Luís indica o paulista Júlio Prestes, então governador de São Paulo,

³² Ver AURÉLIO, 2009, p. 28.

³³ Ver SILVA, 1980, p. 35.

para ser seu sucessor. Deste modo, causou um desentendimento entre as oligarquias mineiras e paulistas, além de deixar muita gente perplexa, já que Júlio Prestes “era considerado um político da máquina, ‘um político do antigo regime tão representativo quanto qualquer outro’” (LEVINE, 2001, pp. 39-40).

A postura autoritária de Washington Luís também agravou a crise, pois este seguia a conduta da Velha República, isto é, realizar a “escolha do supremo magistrado pelo consenso dos próceres políticos” (SILVA, 1980, p. 39). Tais fatos proporcionaram condições favoráveis para o êxito da Aliança Liberal e seus revolucionários, uma aliança que uniu gaúchos e mineiros em articulação mútua, objetivando a ascensão de Getúlio Vargas como Presidente da República, nas eleições de 1930³⁴.

Num domingo de carnaval, no dia 1º de março de 1930, é declarada a derrota da Aliança Liberal³⁵. Júlio Prestes vence a eleição, porém, sob acusações de ter cometido fraudes para tais fins. Em 30 de maio, Getúlio Vargas lança um manifesto denunciando tais fraudes, argumentando que as mesas eleitorais as cometiam por meio de “truques e ardis”. Neste manifesto, o então candidato derrotado afirmou que “ainda acreditava que as modificações necessárias nos ‘nossos hábitos e costumes políticos’”, poderiam ter lugar “dentro da ordem e do regime” (SKIDMORE, 1982, p. 22).

A revolução necessitava de uma justificativa plausível e um incentivo à organização revolucionária para acontecer. A justificativa e o incentivo advêm, então, do fator disparador da revolução, que aconteceu no dia 26 de julho de 1930. Nesta data, o candidato à vice-presidente pela Aliança Liberal, o paraibano João Pessoa, é morto a tiros por João Duarte Dantas, no momento em que tomava um chá na confeitaria Glória, na cidade de Recife. O assassinato de João Pessoa tumultuou o país, catalisou forças e proporcionou a justificativa propícia para o início da revolução, pois o crime provocou a indignação geral. O episódio atingiu a imagem do então Presidente Washington Luís, pois este “havia apoiado o grupo político ao qual estava ligado o assassino”, fato que agravou a tensão política que o Brasil enfrentava em tal período (SKIDMORE, 1982, p. 23).

Em 03 de outubro de 1930, a Aliança Liberal proclama sua revolução³⁶. Os revolucionários levaram vinte e um dias para chegar ao Rio de Janeiro³⁷, tendo como o

³⁴ Ver MENDES, 1986, p. 21.

³⁵ Ver LEVINE, 2001, p. 42.

³⁶ Silva (2010b) conta-nos praticamente todas as tramas, armações, conversas, traições, decepções e acordos que fizeram com que o dia 03 de outubro de 1930, fosse marcado como data histórica para os brasileiros. Conta-nos também, em paralelo com a história da revolução, a relação de amor e ódio que existiu entre Getúlio Vargas e João Neves, antes seu aliado, depois, seu opositor, que até chegou a escrever um livro, contendo suas acusações ao então ditador, chamado "Acuso". Ao qual, Getúlio Vargas tinha dedicado leitura. Silva (2010b) relata-nos

cérebro do movimento, Oswaldo Aranha; como estrategista, Góis Monteiro; como articulador, João Neves; e como “líder sereno”, Getúlio Vargas³⁸. Washington Luís via seu poder político enfraquecer, à medida que as tropas revolucionárias vindo do Rio Grande do Sul, da Paraíba e de Minas Gerais, marchavam rumo ao Rio de Janeiro, o que fez o então Presidente perder o “comando militar de seu governo” (SKIDMORE, 1982, p. 24).

Somente após a intervenção do Cardeal Leme, Washington Luís convenceu-se que estava derrotado, e no dia 20 de novembro de 1930 é conduzido ao Forte de Copacabana, entregando o controle do país. Através da revolução, o então Presidente foi destituído pelos militares, e estes ocuparam a direção do governo por dez dias, aguardando a posse de Getúlio Vargas. Como Getúlio Vargas era o líder do movimento, assumiu a “Presidência da República, com a missão de organizar um novo governo para o país” (PILETTI, 2003, p. 55). Desde 1889, era a primeira vez que não chegava à Presidência do país, um candidato do governo³⁹.

A revolução de 1930 modificou o comando político do país, mas também “pôs fim à estrutura republicana criada na década de 1890”, ou seja, o fim da República Velha estava decretado. Após o sucesso da revolução, Getúlio Vargas registra em seu diário: “Eu venci! Vencemos todos, triunfou a revolução! [...] Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão” (SILVA, 2010b, p. 78). Estava concretizado o “maior movimento cívico da história do Brasil” (ARANHA apud SILVA, 2010b, p. 125). Estava concretizada a Presidência de Getúlio Vargas.

também a história de Gabriel, um soldado que participou da revolução de 30, de 32 e de tantas outras, e aos 98 anos, ainda possui lembranças vivas e sagacidade para relatá-las à Silva. O subtítulo do livro é “águas da revolução” porque durante o mês de outubro, choveu uma grande quantidade, perto do que antes chovia, principalmente no Paraná. A chuva tanto dificultava a ação dos revolucionários, quanto chateava Getúlio Vargas, que se perguntava: “por que chove tanto?”. O livro é classificado como um romance, mas como o próprio Silva (2010b, p. 106) argumenta: “história e literatura confundem-se”.

³⁷ Ver ESCOREL, DVD 1.

³⁸ Ver SILVA, 2004a, p. 62.

³⁹ Ver SKIDMORE, 1982, p. 21.

2.3 A Era Vargas

O Brasil de Norte a Sul
 Tem grande admiração
 A esse grande estadista
 Que hoje dirige a Nação
 O chefe do Estado Novo
 Conquistou a alma do povo,
 Do litoral ao sertão
Orígenes Lessa

O período de quinze anos, entre 1930 e 1945, compreende o primeiro governo de Getúlio Vargas como Presidente da República, período este conhecido historicamente como “A Era Vargas”, que se dá desde a Revolução de 1930 até a queda de Getúlio Vargas, em 1945. A Era Vargas constituiu-se de três governos: o Governo Provisório (1930 - 1934); o Governo Constitucional (1934 - 1937) e o Governo Ditatorial/Estado Novo (1937 - 1945).

2.3.1 Governo Provisório (1930 - 1934)

Este governo vigorou desde a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, no ano de 1930, e encerrou-se com a promulgação da Constituição de 1934⁴⁰. Tal governo significou, também a queda do regime, exercido até então pela República Velha. Getúlio Vargas modificou o modo de, o governo brasileiro tratar sua população, pois no antigo sistema, os governantes viam-se acima da sociedade; já o ex-presidente iniciava seu governo com o espírito do populismo⁴¹, ou seja, uma aproximação maior com a população.

Quando assumiu o Governo Provisório, Getúlio Vargas “assinou, com o aval de todos os ministros, um decreto pelo qual enfaixava em suas mãos não só o Poder Executivo como o Legislativo” até que a Assembleia Constituinte estabelecesse uma “reorganização constitucional do país” (MENDES, 1986, p. 31). Logo após, estabeleceu-se uma divisão de

⁴⁰ Ver BRASIL. Constituição de 1934. Disponível em: <<http://migre.me/9VdW7>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

⁴¹ De acordo com Levine (2001, pp. 22-23), “a palavra ‘populismo’ [...] tem sido usada para caracterizar uma ampla variedade de estilos políticos, entre os quais, nos Estados Unidos, o do Partido do Povo (1892-1900), um movimento antiurbano, racista, disseminado em comunidades rurais do Sul e do Meio-Oeste. [...] Juan Perón (1943-55), na Argentina, e Carlos Ibañez (1927-31 e 1952-3), no Chile, representaram variações do modelo de regime populista baseado num homem forte. [...] Os políticos populistas latino-americanos inclinavam-se a usar as organizações trabalhistas para seus próprios fins, negando-se a desafiar a noção predominante entre as elites de que o controle rígido sobre os trabalhadores preservaria a estabilidade social, propiciaria aos industriais trabalhadores disciplinados cujos salários permaneceriam baixos [...]”. Para Aurélio (2009, p. 96), “o populismo define-se pelo modo pelo qual um político, geralmente de perfil carismático, elege-se e governa orientando as suas ações por uma pretensão representação dos ‘anseios do povo’”.

interesses entre os grupos que o apoiaram durante a Revolução de 1930. Enquanto alguns políticos exigiam a “reorganização constitucional”, os tenentes “alimentavam a continuidade do Governo Provisório”. Com sua habilidade política peculiar, Getúlio Vargas nutria a posição dos dois grupos. Porém, o estado de São Paulo mostrava-se intransigente e insatisfeito por ter como interventor, o pernambucano João Alberto. Com isso, exigiam um interventor paulista e civil, além de uma re-constitucionalização do país. Na tentativa de uma reconciliação entre o Governo Federal e o estado de São Paulo, o ex-presidente envia à cidade, o ministro Oswaldo Aranha. Porém, a presença do ministro desencadeou uma grande agitação nas ruas e diversas manifestações violentas⁴².

No dia 23 de maio de 1932, houve um grande confronto entre os manifestantes e as forças policiais. Os revolucionários, após assaltarem uma casa de armas, atacaram as redações de jornais tenentistas, os quais apoiavam Getúlio Vargas. Atacaram, também, a Legião Revolucionária, um clube tenentista⁴³. Em tal ocasião, a polícia reagiu e deixou, além de muitos feridos, quatro jovens estudantes mortos: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. Das iniciais dos quatro estudantes, surgiu o M.M.D.C.⁴⁴, sendo que, estes se transformaram em um símbolo da Revolução Constitucionalista. Ainda no ano de 1932, Getúlio Vargas corta laços publicamente com Borges de Medeiros e o encaminha ao exílio em Pernambuco. O então Presidente observa: “Que coisa! Apoiei a ditadura do velho Borges durante 25 anos e não tenho do que me queixar. Agora ele está protestando porque fui ditador dois anos” (LEVINE, 2001, pp. 55-56).

2.3.2 Governo Constitucional (1934 - 1937)

Tal governo compreendeu o período de 1934 a 1937. Mais precisamente até 10 de novembro de 1937, data do golpe de Estado dado por Getúlio Vargas. Período caracterizado por transições, devido aos reflexos que ocorreram no Brasil dos acontecimentos europeus da década de 1930, e que resultaram em constantes agitações políticas internas, onde o golpe de 1937 foi o principal episódio. Foi na Constituição de 1934, carta que marcou o início deste governo, que se criou a Justiça Eleitoral e a Justiça do Trabalho. Nesta constituição também se regulamentou os direitos trabalhistas, entre outros.

⁴² Ver MENDES, 1986, p. 32.

⁴³ Ver PILETTI, 2003, p. 55.

⁴⁴ Ver MENDES, op. cit., p. 32.

Foi no ano de 1934, após a promulgação de tal constituição, que pela primeira vez no Brasil, as mulheres puderam votar e serem votadas⁴⁵. Dentre as principais características desta constituição, podemos citar: manutenção do regime federativo, presidencialista e dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário); extinção do cargo de vice-presidente; voto secreto e eleições diretas para os poderes Executivo e Legislativo da União, estados e municípios; voto feminino; limitação de jornada diária de trabalho para 8 horas; férias anuais remuneradas de 15 dias; ensino primário obrigatório e gratuito, entre outros.

Em 1934, enquanto Getúlio Vargas era eleito Presidente Constitucional pelo Congresso, as greves fortaleciam as grandes organizações populares e militares, sendo que, dois grupos opostos e inconciliáveis se definiam: a ANL – Aliança Nacional Libertadora, que congregava, entre outros grupos, o Partido Comunista (liderado por Luís Carlos Prestes) e a AIB – Ação Integralista Brasileira (liderada por Plínio Salgado), que tinha o espírito do fascismo italiano. Diante das circunstâncias do país, a AIB acreditava que a situação lhes era favorável, porém não sabiam que Getúlio Vargas também não simpatizava com o movimento⁴⁶. A organização era composta por “nacionalistas, integralistas que achavam que a democracia era um regime incapaz de tirar o Brasil da crise”. Inspirava-se “em ideias e governos totalitários, como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, os integralistas eram, sobretudo, contra o comunismo” (MELANI, 2006, p. 137).

A organização foi fechada no ano de 1937, porém, nas primeiras horas da manhã do dia 08 de maio de 1938, a AIB tenta um golpe⁴⁷. Enquanto o socorro das tropas aliadas não chegava, Getúlio Vargas, seus familiares e auxiliares armaram-se, resistindo e fazendo o golpe fracassar. Os integralistas não tiveram nenhuma chance de vitória. Muitos deles acabaram presos, e Plínio Salgado foi conduzido até a Fortaleza de Santa Cruz, posteriormente exilado e mandado para Portugal. O ocorrido levou Getúlio Vargas a intensificar sua segurança, instituindo a Guarda Negra, que era formada por militares de sua confiança, alistada por Benjamim Vargas e chefiada por seu “anjo negro”, Gregório Fortunato⁴⁸.

⁴⁵ Ver VALENTINI, 2002, p. 116.

⁴⁶ Ver MENDES, 1986, p. 37.

⁴⁷ Ver LEVINE, 2001, p. 86.

⁴⁸ Gregório estava sempre próximo de Getúlio Vargas, o que podemos constatar em muitas fotografias. Esse “anjo negro” era um tipo de faz-tudo, pois além de cuidar da segurança de Getúlio Vargas, ainda encarregava-se de conferir seu traje, seu cabelo, sua gravata, nos mínimos detalhes (AURÉLIO, 2009, p. 73).

2.3.3 Estado Novo (1937 - 1945)

No ano de 1936, o governo já iniciava suas articulações visando a “sucessão presidencial, que ocorreria em janeiro de 1938” (MENDES, 1986, p. 37). A Constituição de 1934, já continha em si, a afirmação de que as eleições para Presidente da República seriam em janeiro de 1938⁴⁹. Porém, Getúlio Vargas mostrava-se com uma postura dúbia, pois “publicamente defendia a realização das eleições, mas nos bastidores, preparava um golpe para permanecer no poder” (MELANI, 2006, p. 138). Tendo o apoio dos militares, só lhe faltava o pretexto para conquistar o que almejava, isto é, permanecer na Presidência.

Getúlio Vargas dá o golpe de Estado em 10 de novembro de 1937, iniciando assim o Estado Novo⁵⁰, utilizando-se do Plano Cohen como pretexto, um plano “falsamente apresentado pelo General Pedro Aurélio de Góes Monteiro para arrancar de um Congresso atemorizado o *estado de guerra*, e, com ele, imporem a ditadura reclamada pelos chefes militares e desejada pelo Presidente” (SILVA, 1980, p. 54, grifo do autor).

O referido plano foi anunciado por Getúlio Vargas através do rádio, e, segundo a polícia, “era um plano de tomada de poderes pelos comunistas, incluindo o assassinato de autoridades, residências invadidas para a execução dos pais de família, incêndios nas escolas com crianças nas salas de aula, entre outras barbaridades”⁵¹. Para Schmidt (1997, p. 272), Getúlio Vargas tinha conhecimento de que o plano era fraudulento, mas fingiu que este era verdadeiro e denunciou o “complô vermelho” no rádio.

Possibilitado por este contexto, no dia 10 de novembro de 1937, às 10 da manhã, Getúlio Vargas convoca seus ministros para assinarem a nova constituição, e às 8 da noite, informa aos brasileiros sobre o golpe “com a voz grave, no seu habitual tom monótono”. Segundo Getúlio Vargas, o país precisava de “ordem e segurança” para continuar⁵². O então Presidente dá ordem à polícia para fechar o Congresso Nacional. Além disso, cancela as eleições presidenciais, extingue os partidos políticos⁵³, revoga a constituição de 1934 e

⁴⁹ Foi no ano de 1937 que se iniciaram as campanhas eleitorais dos candidatos para a eleição de 1938, que eram, segundo Vicentino (2006, p. 141), “o ex-governador de São Paulo, Armando de Sales Oliveira, apoiado pelas elites paulistas, o escritor paraibano José Américo de Almeida, aparentemente apoiado pelo presidente Vargas e o líder integralista, Plínio Salgado”.

⁵⁰ De acordo com Aurélio (2009, p. 72), “a alcunha ‘Estado Novo’ remete ao modo como era designada a ditadura de Antonio de Oliveira Salazar em Portugal”.

⁵¹ Ver SCHMIDT, 1997, p. 272.

⁵² Ver LEVINE, 2001, p. 80.

⁵³ Sobre a extinção dos partidos políticos, Getúlio Vargas afirma: “teve-se em vista suprimir a interferência dos interesses facciosos e de grupos na solução dos problemas do governo. O Estado, segundo a ordem nova, é a nação, e deve prescindir, por isso, dos intermediários políticos, para manter contato com o povo e consultar as suas aspirações e necessidades” (SILVA, 1980, p. 53).

outorga uma nova Carta Constitucional. Nesta nova constituição, também conhecida como Polaca⁵⁴, o poder “concentrava-se completamente nas mãos do Presidente da República”⁵⁵, sendo que tal constituição “surrava a democracia”⁵⁶. Enfim, Getúlio Vargas concretiza o golpe e inicia um período caracterizado pela forte ditadura⁵⁷ e autoritarismo do governo. O Estado Novo, “mantido pela extensa aparelhagem policial-militar da repressão”, vigorou entre os anos de 1937 e 1945 (SILVA, 1980, p. 54). Durante este período, interventores nomeados diretamente por Getúlio Vargas, governavam os estados. A censura imperou intensamente na imprensa, “as greves foram proibidas, os sindicatos controlados pelo Estado e as prisões ficaram cheias de inimigos do regime” (SCHMIDT, 2005, p. 146).

Durante o Estado Novo, mais precisamente em 1º de maio de 1943, através do Decreto-Lei nº 5.452⁵⁸, Getúlio Vargas assinou a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, “legislação que afagava os trabalhadores” ao formalizar “garantias, tais como registro de carteira, salário-mínimo e férias remuneradas, ao mesmo tempo em que pretendia amordçar, incorporar e manipular os movimentos sindicais”. Tal consolidação é até os dias de hoje, “a base jurídica legal do Direito do Trabalho e do Direito Processual do Trabalho” (AURÉLIO, 2009, pp. 15-84).

Durante os oito anos do Estado Novo, Getúlio Vargas criou a Companhia Siderúrgica Nacional, “criada para a fabricação e tratamento do aço, de modo a impulsionar a indústria metalúrgica nacional”; a Companhia Vale do Rio Doce, hoje, “empresa do ramo da mineração”; a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, cuja função era a “exploração e geração de energia elétrica na bacia hidrográfica do São Francisco”; a Companhia Nacional de Álcalis, que “destinava-se a extração e refinamento de barrilha e sal”; o Conselho Nacional

⁵⁴ Para Vicentino (2002, p. 142), a Constituição era chamada de Polaca “devido às semelhanças de boa parte de seus artigos com a carta fascista da Polônia”. De acordo com Aurélio (2009, p. 67), tal fato dava-se porque a Constituição elaborada por Francisco Campos era baseada na “Constituição da Polônia do ditador Josef Pilsudski”. Levine (2001, p. 82) afirma que a Constituição de 1937 foi inspirada na “Carta del Lavoro italiana e na carta fascista polonesa de 1935, na qual se proclamava que ‘a única e exclusiva autoridade do Estado se concentrava na pessoa do Presidente da República’”, e por isso, os oponentes de Getúlio Vargas chamavam tal constituição de Polaca, fazendo referência à gíria que significava “prostituta europeia”. As leis garantiam direitos aos trabalhadores, mas eram fascistas, segundo Silva (2009, p. 02).

⁵⁵ Ver VICENTINO, 2002, p. 142.

⁵⁶ Ver AURÉLIO, 2009, p. 71.

⁵⁷ Sobre a garantia dos direitos individuais, Getúlio Vargas fala à revista *Paris Soir*, no dia 17 de setembro de 1939: “Na Constituição de 10 de novembro há um capítulo referente aos direitos e garantias individuais. O regime, portanto, não suprimiu, sim regulou o respeito a esses direitos. Ele reconhece a iniciativa individual, proporcionando-lhe clima de expansão que a torna mais viva do que antes. Co-existem o individualismo, como característica do poder de criação, signo de força da inteligência e do espírito, e a ação propulsiva e coordenadora do Estado. Antes de 1930, vigorava no Brasil uma Constituição vazada nos moldes do liberalismo clássico. Apesar disso, foi necessária uma revolução para assegurar ao povo brasileiro o gozo de alguns dos seus direitos imprescindíveis” (SILVA, 1980, p. 102).

⁵⁸ Ver BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 01 de maio de 1943. Disponível em: <<http://migre.me/9Vfhd>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

de Águas e Energia Elétrica, que “estudava a produção de energia elétrica a partir da matriz hidráulica”; o Conselho Nacional do Petróleo, que “dedicava-se a definir quais seriam os marcos regulatórios da política petrolífera do Brasil”; o Conselho Técnico de Economia e Finanças, “um órgão consultivo e técnico do Ministério da Fazenda”; a Fábrica Nacional de Motores, que “desenvolvia motores aeronáuticos, ampliando suas atividades para a produção de motor para tratores e caminhões”; e o Instituto de Geografia e Estatística, que produzia “pesquisas demográficas, censitárias e de indicadores sociais”, sendo que, de uma forma geral, o IBGE é a continuação deste instituto, que atuou entre 1934 e 1936 (AURÉLIO, 2009, p. 80).

O fim do Estado Novo, e por consequência, o fim da Era Vargas, iniciou através de grupos que protestavam contra o regime. Tais protestos tomaram amplitude devido à percepção da sociedade de que havia uma grande contradição na participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pois, “não tinha cabimento lutarmos contra o fascismo e permitirmos, no Brasil, a manutenção de uma ditadura”. Os protestantes tiveram um importante papel para o fim da Era Vargas. Em 24 de março de 1943, os políticos mineiros liberais propuseram mudanças democráticas no Estado, através do *Manifesto dos Mineiros*, realizando um ataque direto ao Estado Novo (AURÉLIO, 2009, p. 88).

A UND – União Democrática Nacional, “organiza-se definitivamente sob as luzes liberais de muitos signatários do *Manifesto dos Mineiros*” (MENDES, 1986, p. 50). Em setembro de 1944, dois meses após “o primeiro contingente da Força Expedicionária Brasileira [...] embarcar para a Europa”, que começaram as primeiras rupturas no governo. Oswaldo Aranha, então ministro do Exterior, pede demissão em protesto ao fechamento da Sociedade dos Amigos da América, da qual fora eleito Presidente de Honra. Góis Monteiro também se demite da função de “delegado brasileiro na Comissão de Defesa do Continente”, em solidariedade a Oswaldo Aranha (MENDES, 1986, p. 48). Com o crescimento do descontentamento, tanto dos políticos, quanto dos militares, com o governo Vargas, Góis Monteiro procura o então Presidente da República, propondo-lhe a “convocação de uma Assembleia Constituinte, considerando que a constituição tinha caducado”.

Os estudantes compuseram grande parte do grupo de protestantes que pediam o fim do governo Vargas. Em 1937, a UNE – União Nacional dos Estudantes foi fundada com o objetivo de unir os estudantes universitários na luta por uma educação melhor no Brasil, mas os estudantes tinham noção de que o problema na educação não era um fator isolado. A UNE tomou posições políticas e em 1940, a maioria de seus integrantes liga-se à democracia liberal. A UNE começou a fazer passeatas e comícios de protesto contra a ditadura de Getúlio

Vargas, embora perseguidos pela polícia e até mortos. A imprensa também começou a criticar o governo, sendo que, “matérias detonando Getúlio Vargas e o Estado Novo estampavam as páginas de jornal. A ditadura ruía” (AURÉLIO, 2009, p. 90). Com o intuito de amenizar um pouco a situação, Getúlio Vargas põe fim à censura e anistia os presos políticos, através do Decreto-Lei nº 7.474, de 18 de abril de 1945⁵⁹. Também marca a data das eleições presidenciais e para a Assembleia Constituinte⁶⁰.

O fato é que Getúlio Vargas não tinha em mente a democracia, mas sim, mais uma estratégia de continuar no poder. O ex-presidente deu força para o movimento *Queremista*⁶¹, um movimento respaldado pelo PTB, que “defendia a eleição de novo Presidente somente depois de promulgada a nova Constituição pela Assembleia Constituinte”. Sendo que, assim, Getúlio Vargas articulava seu poder e pressionava a Assembleia a seu favor (SCHMIDT, 1997, p. 285). Localizados no Palácio Guanabara, no dia 03 de outubro de 1945, através de gritos e cartazes que diziam “Queremos Getúlio”, a população demonstrava o desejo de que este continuasse governando o Brasil. Apesar de incentivar o movimento, Getúlio Vargas declara que “*não será candidato*”.

O golpe final para a deposição de Getúlio Vargas ocorreu no dia 28 de outubro de 1945, quando o ex-presidente anuncia seu irmão, Benjamim Vargas, como o responsável pela segurança do Distrito Federal, no cargo de chefe de polícia, substituindo João Alberto Lins de Barros⁶². Apesar da tentativa de permanecer no poder, Getúlio Vargas é deposto do cargo de Presidente da República em 29 de outubro de 1945, por uma junta militar representada pelo general Eurico Gaspar Dutra. No dia 31 de outubro de 1945, volta para São Borja, onde pretendia permanecer em silêncio, vivendo um período de ostracismo político. Com sua saída da Presidência, quem assumiu o cargo foi José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF)⁶³.

Em 27 de novembro de 1945, Hugo Borghi, “um empresário do ramo do algodão, revolucionário paulista de 1932 e ligado ao PTB”, ao convencer Getúlio Vargas a pronunciar-se sobre as eleições e a apoiar o General Eurico Dutra, contra Eduardo Gomes, informa “a população que Getúlio Vargas aderira e recomendava aos trabalhistas e demais eleitores o voto em Dutra” (AURÉLIO, 2009, p. 94-95). Borghi divulgou a posição de Getúlio Vargas,

⁵⁹ Ver BRASIL. Decreto-Lei nº 7.474, de 18 de abril de 1945. Disponível em: <<http://migre.me/9VfnN>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

⁶⁰ Ver SCHMIDT, 1997, p. 285.

⁶¹ Segundo Schmidt (1997, p. 285), “essa palavra vem do grito ‘queremos Getúlio’”. De acordo com Mathias (1983, p. 80), “o político paulista Ugo Borghi era um dos principais líderes do ‘queremismo’ e um dos seus maiores financiadores”.

⁶² Ver LEVINE, 2001, p. 110.

⁶³ Ver SILVA, 1980, p. 65.

utilizando as rádios, cartazes e os palanques para propagar o jargão “Ele disse: vote em Dutra”. Como resultado da eleição, Dutra obteve a maioria do eleitorado, contabilizando 55,39% dos votos, distância considerável do Brigadeiro Eduardo Gomes e seus 34,75%⁶⁴. No dia 31 de janeiro de 1946, Dutra assume a Presidência da República, e em 02 de fevereiro, instala a Assembleia Constituinte, composta por 320 parlamentares, “com evidente maioria dos partidos nascidos à sombra da influência de Getúlio (PSD e PTB)” (MENDES, 1986, p. 54). Após pouco tempo fora da presidência, Getúlio Vargas elege-se como Senador pelo PSD no Rio Grande do Sul e Deputado em São Paulo, pelo PTB. Em junho de 1945 assume como Senador da República, no Rio de Janeiro⁶⁵.

2.4 Getúlio Vargas volta ao Catete

Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar, oi!
Francisco Alves

Mesmo afastado do poder, Getúlio Vargas ainda gozava de grande prestígio com a população. Acompanhando os acontecimentos à distância, assistia “desinteressado” apelos como: “Ele voltará!”. Dutra não desempenhou de forma satisfatória a posição de Presidente da República e aumentava o descontentamento da população com seu governo, enquanto esta nutria expectativas da volta de Getúlio Vargas, que evitava declarar-se como candidato à Presidência, mas sempre distribuindo “apoios e simpatias ao PSD [...] e ao PTB” (MENDES, 1986, p. 56).

Em 1949, o repórter dos Diários Associados, Samuel Wainer, desloca-se até a Fazenda dos Santos Reis para entrevistar Getúlio Vargas, que lhe declara: “Eu voltarei para o Rio em abril ou no máximo em maio próximo. O debate da sucessão presidencial não poderá ser mais contido” (MENDES, 1986, p. 57). Com esta entrevista, não havia dúvidas de que Getúlio Vargas voltaria, “não como um líder político, mas como um líder de massas”⁶⁶. Foi a partir dessa entrevista que a UND buscou um acordo com o PSD em prol do “lançamento da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes”. Tais partidos sabiam que era necessário

⁶⁴ Ver SILVA, 1980, p. 95.

⁶⁵ Ver Ibid., p. 98.

⁶⁶ Ver MENDES, 1986, p. 57.

anteciparem-se às ações de Getúlio Vargas⁶⁷. A UND lança então a candidatura de Eduardo Gomes, com o apoio do integralista Plínio Salgado, do PRP.

Apesar de Getúlio Vargas ter declarado ao *Correio do Povo*, no dia 08 de março de 1949, de forma enfática, que não seria candidato, isto não impediu seus aliados e amigos de lhe proporcionarem uma comemoração no dia 19 de abril, data de seu aniversário, na Granja São Vicente, em São Borja. Tal comemoração foi o início das articulações para a volta de Getúlio Vargas à Presidência da República⁶⁸. Sua candidatura para Presidente pelo PTB, apoiado pelo candidato à vice-presidente, João Café Filho, é encaminhada à Convenção Nacional no dia 06 de junho⁶⁹, e oficializada no Rio de Janeiro, no dia 16 de junho de 1950⁷⁰, através de seu discurso irradiado de São Borja. Getúlio Vargas inicia uma forte campanha política, viajando por todo o Brasil em campanha presidencial e discursando aos brasileiros durante dois meses, em mais de 65 cidades, chegando a discursar em quatro cidades diferentes em apenas um dia.

As eleições acontecem no dia 03 de outubro de 1950⁷¹. Getúlio Vargas vence com 48,7% dos votos, contra 29,7% de Eduardo Gomes e 21,5% do mineiro Cristiano Machado, candidato pelo PSD, partido que se recusou a apoiar a UND⁷². No dia 18 de janeiro de 1951, “apesar das tentativas de impugnação”, a vitória de Getúlio Vargas e João Café Filho, com 2.520.790 votos⁷³, é proclamada pela Justiça Eleitoral⁷⁴. No dia 31 de janeiro de 1951, Getúlio Vargas presta juramento e recebe a faixa de Presidente da República, em “sessão solene no Congresso Nacional”, com a presença de uma grande multidão (AURÉLIO, 2009, p. 108). Getúlio Vargas é eleito pelo voto popular, volta “aos braços do povo”, afirmando em seu novo mandato: “Eu só trago amor” (CARVALHO, 2012, p. 26). Um mandato que seria para as massas, e não para os partidos⁷⁵.

As ações do segundo mandato de Getúlio Vargas foram mais voltadas para a massa, com um cunho mais populista. É em seu segundo mandato, que Getúlio Vargas assina alguns “decretos polêmicos”⁷⁶, como a Lei nº 1.521⁷⁷, de 26 de Dezembro de 1951, onde se alterava

⁶⁷ Ver MENDES, 1986, pp. 57-58.

⁶⁸ Ver MATHIAS, 1983, p. 89.

⁶⁹ Ver SILVA, 1980, p. 71.

⁷⁰ Ver MENDES, op. cit., p. 58.

⁷¹ Ver AURÉLIO, 2009, p. 105.

⁷² Ver MENDES, op. cit., p. 60.

⁷³ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 108.

⁷⁴ Ver MENDES, op. cit., p. 61.

⁷⁵ Ver SILVA, 2004, p. 80.

⁷⁶ Ver Ibid., p. 109.

⁷⁷ Ver BRASIL. Lei nº 1.521, de 26 de Dezembro de 1951. Disponível em: <<http://migre.me/9Vfy6>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

“dispositivos da legislação vigente sobre crimes contra a economia popular”, e o Decreto 30.363⁷⁸, de 03 de janeiro de 1952, “em que tornava a autorizar a remessa do lucro das multinacionais ao país de origem, desde que se fixa-se no texto limite de 8%”⁷⁹. Foi também em 1952 que se criaram alguns institutos reguladores e norteadores da economia brasileira, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE, através da Lei 1.628⁸⁰ de 20 de junho de 1952, o Banco do Nordeste e o Instituto do Café (IBC)⁸¹.

No ano seguinte, através da Lei nº 2.004⁸², de 03 de outubro de 1953, Getúlio Vargas cria a Petrobrás, “com capital e controle acionários estatais e fiscalizado pelo Conselho Nacional do Petróleo”⁸³. Podemos afirmar, contudo, que a questão do petróleo teve seu início ainda no ano de 1940, com os propositores do “O petróleo é nosso”. No mês de julho de 1953, Getúlio Vargas cria o Ministério da Saúde e transforma o antigo Ministério da Educação e Saúde no Ministério da Educação e Cultura.

Eleito, Getúlio Vargas sabia das dificuldades que enfrentaria em seu segundo mandato. Sabia que não seria poupado da fúria da imprensa. Entre seus acusadores, destacava-se Carlos Lacerda, que em setembro de 1950 criou a *Tribuna da Imprensa*, não medindo esforços e nem poupando o Presidente de suas notícias incendiárias, como a que afirmava que o “getulismo” era uma doença social⁸⁴. Lacerda era ácido em suas acusações contra o ex-presidente, como podemos perceber em um artigo de sua autoria, publicado em 1º de junho de 1950: “o senhor Getúlio Vargas, Senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar” (AURÉLIO, 2009, p. 106, grifo do autor).

A oposição ao então Presidente acirrava-se cada vez mais. A UND, em oposição acirrada a Getúlio Vargas, “entra com um processo de *impeachment* do Presidente, mas é derrotada por uma ampla maioria”. A nomeação do são-borjense João Goulart para o Ministério do Trabalho, no dia 18 de junho de 1953, também esquentou os ânimos dos adversários e ofereceu munição nova para os “golpistas civis e militares”, principalmente após este ter encaminhado uma proposta para aumentar em 100% o salário mínimo, o que na

⁷⁸ Ver BRASIL. Decreto nº 30.363, de 3 de Janeiro de 1952. Disponível em: <<http://migre.me/9Vfzf>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

⁷⁹ Ver AURÉLIO, 2009, p. 109.

⁸⁰ Ver BRASIL. Lei nº 1.628, de 20 de Junho de 1952. Disponível em: <<http://migre.me/9VfAP>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

⁸¹ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 109.

⁸² Ver BRASIL. Lei nº 2.004, de 3 de Outubro de 1953. Disponível em: <<http://migre.me/9VfCX>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

⁸³ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 110.

⁸⁴ Ver MENDES, 1986, p. 62.

verdade, “significava apenas uma reposição das perdas salariais sofridas pelos trabalhadores desde o governo Dutra”. Para exigir a saída de João Goulart do ministério, setenta e nove militares assinaram o *Manifesto dos Coronéis*. Intuindo acalmar os opositores do governo, João Goulart renuncia ao cargo de Ministro do Trabalho, no dia 23 de fevereiro de 1954. Getúlio Vargas aceita a renúncia, sendo que tal estratégia tinha apenas o objetivo de amenizar a situação, pois em 1º de maio de 1954, no Palácio Rio Negro, Getúlio Vargas “assina o decreto concedendo 100% de aumento no salário mínimo” (AURÉLIO, 2009, p. 111).

O jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, também entrou na mira dos adversários do governo e foi acusado de receber benefícios deste. Wainer, sob tal pressão, propõe a Getúlio Vargas que se convocasse uma CPI para averiguar as acusações, pois “era a forma que ele encontrara de, com ampla repercussão, inclusive na imprensa de oposição, contar a verdade sobre o seu jornal e sobre aqueles que de fato se beneficiavam dos empréstimos do Banco do Brasil e da Caixa Econômica”. No entanto, a comissão acabou se transformando em um tribunal de inquisição, tanto contra Wainer quanto contra Getúlio Vargas, aliás, o Presidente era o grande alvo de tal campanha⁸⁵. Getúlio Vargas estava cada vez mais sozinho no poder, e seus adversários com a oratória cada vez mais inflamada.

2.5 O Suicídio

Vinte e quatro de agosto
A terra estremeceu [...]
O Brasil se vestiu de luto
Getúlio Vargas morreu!
Teixeirinha

Rua Tonelero⁸⁶, bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, madrugada de 05 de agosto de 1954, 0h45min da manhã. Neste dia, neste horário e neste local, o jornalista e enfático opositor de Getúlio Vargas, Carlos Lacerda, sofre um atentado à bala, levando um tiro no pé. O major da aeronáutica, Rubens Florentino Vaz, que lhe acompanhava, foi morto. Ferido, Carlos Lacerda foi “erguido e carregado nos ombros por soldados da força aérea” e no mesmo dia, após o ocorrido, afirmou: “perante Deus, acuso só um homem como responsável por esse crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como o dessa noite. Esse homem se chama Getúlio Vargas” (AURÉLIO, 2009, p. 113).

⁸⁵ Ver MENDES, 1986, p. 65.

⁸⁶ Sobre o atentado, ver mais em: LACERDA, 1994.

A população revoltou-se contra Getúlio Vargas, e pelas ruas, gritavam frases como “Abaixo Vargas” e “Que morra Vargas!”. Diante das circunstâncias, o brigadeiro Eduardo Gomes exclamou: “pela honra de nosso país, não deixaremos que o crime fique impune” (LEVINE, 2001, p. 128). Afonso Arinos de Melo Franco, líder da UND, exige a renúncia de Getúlio Vargas, no Congresso Nacional⁸⁷. Após investigações, esclareceu-se que Climério Euribes de Almeida, integrante da Guarda Negra, havia sido contratado por Gregório Fortunato, o anjo negro de Getúlio Vargas e chefe de sua guarda pessoal. Ao ser apontado como o mandante do crime, Fortunato confessa sua culpa, porém salienta que o ex-presidente e sua família nada tinham a ver com o ocorrido. Fato que foi desmentido ao ser averiguado que Manuel Vargas, filho de Getúlio Vargas, havia transferido a escritura de uma das propriedades do pai, para o nome de Fortunato. Getúlio Vargas afirmava que não tinha conhecimento de tais acontecimentos, ressaltando que se sentia em meio a um “mar de lama”⁸⁸.

Após saber do que ocorreu na Rua Tonelero, Getúlio Vargas desabafa: “Carlos Lacerda levou um tiro no pé. Eu levei dois tiros nas costas” (LEVINE, 2001, p. 129). O atentado é a gota d’água para a saída de Getúlio Vargas, que perde o apoio popular e é pressionado pelos militares para sair da Presidência⁸⁹. Diante de tal pressão, este informa ao ex-comandante da Força Expedicionária Brasileira que não possuía em mente, abreviar seu tempo no governo, pois não havia cometido crime algum, e, portanto, não fugiria. Getúlio Vargas resistiria mesmo sozinho, argumentando: “Vivi muito. Agora posso morrer” (BOURNE, 2012, p. 263).

Mesmo com a pressão da população, da imprensa e dos militares, Getúlio Vargas afirmou ao cardeal D. Jaime de Barros Câmara, que visivelmente lhe visitou com o intuito de levá-lo a renunciar, que não renunciaria, que somente morto deixaria de ser Presidente. No dia 23 de agosto, “27 generais assinaram o ‘manifesto à nação’”, onde exigiam sua renúncia. Na noite de 23 de agosto, Getúlio Vargas convoca alguns familiares e seus ministros para uma importante reunião de emergência no Palácio do Catete⁹⁰, iniciada por volta das 03h00min da manhã do dia 24⁹¹. Perante o impasse dos membros da reunião, Getúlio Vargas se pronuncia: “Determino que os ministros militares mantenham a ordem pública. Se a ordem for mantida, entrarei com pedido de licença. Em caso contrário, os revoltosos encontrarão aqui o meu

⁸⁷ Ver AURÉLIO, 2009, p. 113.

⁸⁸ Ver BOURNE, 2012, p. 259.

⁸⁹ Ver LEVINE, 2001, p. 137.

⁹⁰ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 114.

⁹¹ Ver BOURNE, op. cit., p. 264.

cadáver para remover” (AURÉLIO, 2009, p. 114). Após a tensa reunião, às 4h45min da madrugada, a notícia da licença de Getúlio Vargas é dada à nação, este, já sem interesse no conteúdo do comunicado, sai do gabinete e recolhe-se aos seus aposentos⁹². Na cama de seu quarto, Getúlio Vargas suicida-se com um tiro de revólver Colt 32⁹³ no coração, no dia 24 de agosto, por volta das 8h30 da manhã (BOURNE, 2012, p. 267). Amaral Peixoto, em meio ao choro e a comoção, percebeu o envelope que continha sua Carta Testamento⁹⁴.

Conta-nos Skidmore (1982, p. 18) que os opositores de Getúlio Vargas surpreenderam-se com a reação da população, onde “uma onda de simpatia” pelo Presidente morto, envolveu o Brasil. Tamanha era a revolta, que Carlos Lacerda preferiu fugir e esconder-se, deixando o país aguardando a fúria da população se amenizar. Na confusão, “caminhões de entrega do jornal *O Globo* foram queimados pela multidão enfurecida, que se lançou ao assalto ao edifício da Embaixada dos Estados Unidos”. Os prédios dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *O Globo* foram apedrejados⁹⁵. As sedes do *City Bank* e da Importadora Americana S.A também foram alvo de depredações⁹⁶.

O corpo de Getúlio Vargas foi exposto para visita pública no Palácio do Catete. Mais de cem mil pessoas foram até o local para prestar-lhe uma última homenagem. Milhares de pessoas acompanharam o cortejo do corpo de Getúlio Vargas até o Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, de onde seria conduzido de avião até São Borja, para ser sepultado no cemitério Jardim da Paz, no túmulo da família Vargas⁹⁷. Cerca de 12 mil pessoas foram até a Fazenda Itu para o enterro⁹⁸.

Após o conhecimento da história de Getúlio Vargas, percebemos a relevância que a comunicação teve em tal. O ex-presidente utilizou-se dos meios de comunicação da sua época, para aproximar-se da população, conquistar sua simpatia, propagar sua imagem, e assim, consolidar-se como um mito, vivendo no imaginário dos brasileiros. Anteriormente à compreensão do mito e do imaginário de Getúlio Vargas, compreendemos como se deu a comunicação de seus governos.

⁹² Ver BOURNE, 2012, p. 266.

⁹³ Ver AURÉLIO, 2009, p. 08.

⁹⁴ O documento foi encontrado na mesa de cabeceira do quarto do ex-presidente. A Carta Testamento de Getúlio Vargas é objeto de diversas discussões, acerca de sua autoria. Aurélio (2009, p. 09) conta-nos que tendo a carta um estilo “eloquente e assertivo”, atribui-lhe sua autoria ao jornalista José Soares Maciel Filho, sendo que este, “admitiu ter batido à máquina o manuscrito entregue pelo Presidente”, após aprimorar revisar e datilografar a versão manuscrita da carta, que é mais sucinta sem possuir “uma retórica tão impactante e emocional”.

⁹⁵ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 116.

⁹⁶ Ver LEVINE, 2001, p. 130.

⁹⁷ Ver AURÉLIO, op. cit., p. 117.

⁹⁸ Ver BOURNE, op. cit., p. 270.

2.6 As Ações Comunicacionais do Governo Vargas e o DIP

A comunicação do governo Vargas não era extremamente fascista, o que não significa que esta não continha em seus traços tal inspiração, visto que, o Brasil inspirava-se nas “experiências alemã e italiana”, sobre tudo no que diz respeito à comunicação. Os administradores e controladores das ações comunicacionais e dos meios de comunicação na Era Vargas, revelaram sua “inspiração europeia”. O objetivo essencial da comunicação do governo Vargas, sobretudo durante o Estado Novo, era legitimar esse novo governo, além de “conquistar o apoio dos trabalhadores à propaganda varguista”. Através da constituição de 1937⁹⁹, que instaurou o Estado Novo, também se criou órgãos de forte controle social, repressão e censura, além da criação do DIP, departamento “que tinha amplos poderes sobre os meios de comunicação e se encarregava da organização da propaganda” (CAPELATO, 1999, pp. 167-171).

2.6.1 O DIP

O Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP foi criado em 27 de dezembro de 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1.915¹⁰⁰ e extinto em 25 de maio de 1945¹⁰¹. Seu diretor era Lourival Fontes. O DIP, de uma forma geral, existia desde 1931 sob outra nomenclatura, pois em tal ano, Getúlio Vargas criava o Departamento Oficial de Publicidade – DOP, substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural – DPDC, criado através do Decreto nº 24.651, de 10 de julho de 1934¹⁰². Esse departamento, por sua vez, é transformado no Departamento Nacional de Propaganda – DNP no início de 1938. Finalmente, em 27 de dezembro de 1939, o DNP transforma-se no DIP, sendo que, esse possuía filiais estaduais, denominados de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP¹⁰³. Ao DIP, cabiam duas tarefas essenciais: a “censura aos meios de comunicação (rádio, jornais, livros, cinema)” e a “divulgação de uma imagem positiva do Estado Novo, para garantir o apoio da

⁹⁹ Ver BRASIL. Constituição de 1937. Disponível em: <<http://migre.me/9VdWR>>. Acesso em: 16 mai. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/9VdWR>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

¹⁰⁰ Ver BRASIL. Decreto-Lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939. Disponível em: <<http://migre.me/9Vggb>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

¹⁰¹ Ver ARAÚJO, 2010, *online*.

¹⁰² Ver BRASIL. Decreto nº 24.651, de 10 de julho de 1934. Disponível em: <<http://migre.me/aNdJN>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

¹⁰³ Ver VICENTINO, 2002, p. 143.

opinião pública”, ou seja, censura e propaganda política, difundindo o nacionalismo e o culto a Getúlio Vargas¹⁰⁴ (VICENTINO, 2002, p. 143).

A tal departamento eram atribuídas inúmeras tarefas, incluindo a consolidação do ideário getulista nos funcionários públicos, elaboração e distribuição de cartilhas escolares aos estudantes com o rosto de Getúlio Vargas, implantação do nacionalismo¹⁰⁵ nas escolas e no país, vigilância e censura dos meios de comunicação e dos produtos da indústria cultural, além da implantação de um novo modo de pensar o Brasil. Fotos de Getúlio Vargas eram colocadas em escolas, em quartéis e em departamentos públicos. O aniversário do ex-presidente passou a ser data de festa nacional¹⁰⁶. O DIP também censurava produções artísticas, mantinha um programa de rádio oficial, organizava manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições e concertos¹⁰⁷.

Através de cartilhas escolares, do rádio, do contato direto com a população, entre outros meios, o DIP articulava maneiras de fazer a propaganda oficial chegar às massas. Para concretizar tal objetivo, o departamento utilizou os meios mais modernos da época. Até mesmo as caricaturas de Getúlio Vargas, que eram veiculadas anteriormente nos meios de comunicação, foram substituídas por “imagens criadas pelo DIP com a finalidade de projetar a figura simbólica de Vargas” (MONTELATTO, 2000, p. 212). Com a criação do DIP, o Brasil passou a viver mais intensivamente com a censura, o controle da opinião pública e a propaganda política. Censurando e divulgando, o DIP trabalhou a valorização da imagem de seu governante, auxiliando em sua mitificação, construindo uma visão positiva do Estado Novo, sobretudo, uma visão positiva de Getúlio Vargas.

2.6.2 As ações comunicacionais e o culto a Getúlio Vargas

Observamos, então, as estratégias que compreendiam a propaganda oficial do governo, juntamente com seu realizador, o DIP. A frase: “sempre havia um lugarzinho para enaltecer a

¹⁰⁴ Sobre o DIP e as ações comunicacionais da Era Vargas, ver mais em: SOUZA, 2003.

¹⁰⁵ “O sentimento Nacionalista no Brasil confundiu-se, na primeira metade do século XX, com a aspiração de desenvolvimento econômico e evolução política que teve origem no tenentismo da década de 1920 e na revolução de 1930. Depois da Segunda Guerra Mundial, acentuou-se a característica essencial do nacionalismo brasileiro contemporâneo: a independência econômica, isto é, a transferência dos comandos da economia nacional e do destino econômico do país para mãos nacionais. Essa aspiração se traduziu numa política cujos fundamentos básicos foram a industrialização mediante iniciativas pioneiras” (GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA, 2005, p. 242).

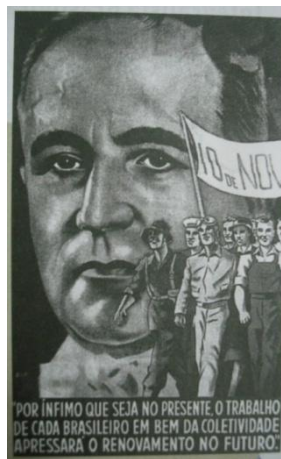
¹⁰⁶ Ver MENDES, 1986, p. 45.

¹⁰⁷ Ver MELANI, 2006, p. 144.

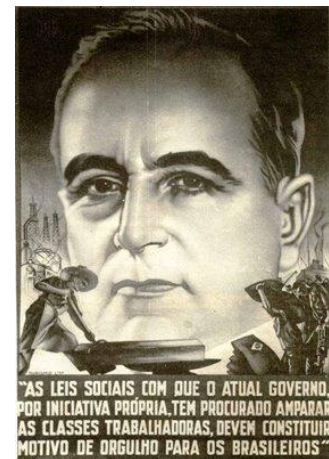
figura de Getúlio”¹⁰⁸, explica-nos basicamente, como se procedia a política de comunicação na Era Vargas. De forma massiva e insistente, em diversos momentos, em diversos lugares, sempre havia um modo de divulgar a figura de Getúlio Vargas. O ex-presidente utilizou-se dos mais diversos meios para propagar sua imagem e seu governo. Podemos citar entre eles: o rádio, a imprensa escrita (revistas e jornais), a literatura, cartazes, cartilhas escolares, passeatas, calendários, festejos carnavalescos, documentários, letras de música, fotos oficiais, folhetos, revistas, cartões-postais, auto-falantes, carteiras de cigarro, lenços, copos, notas de dinheiro, moedas, selos, entre outros. Percebemos que os recursos utilizados por Getúlio Vargas “iam desde a projeção de filmes em paredes de casas, a instalação de alto-falantes em praças interioranas e entradas de favela” (BENEVIDES, 2004, *online*). Os cartazes publicitários elaborados pelo governo objetivavam, essencialmente, a propagação da imagem de Getúlio Vargas como o “Pai dos Pobres” e o “Amigo das Crianças”.



Fonte: PILETTI, 2003, p. 60.
Figura 01 – Cartaz convocando os trabalhadores.



Fonte: RODRIGUE, 2002, p. 161.
Figura 02 – Cartaz exaltando o Estado Novo.



Fonte: BOURNE, 2012, p. 174.
Figura 03 – Cartaz destinado aos trabalhadores.

A propaganda do governo objetivava atingir a população brasileira, e, assim, para elaborar uma comunicação eficaz, necessitava criar aparatos e mensagens que a população entendesse, pois nesta época, grande parte dos brasileiros era analfabeta, ou possuía baixos índices de escolaridade¹⁰⁹. Além disso, a maioria dos brasileiros não compreendia os mecanismos políticos de seu país. Levando em consideração tal contexto, as propagandas

¹⁰⁸ Ver SCHMIDT, 1997, p. 278

¹⁰⁹ De acordo com Schmidt (1997, p. 280), 56% das pessoas maiores de 14 anos de idade eram analfabetas no Brasil.

deveriam ser simples e repetidas, pois assim, seriam entendidas, memorizadas e chamariam a atenção¹¹⁰. A seguir, podemos visualizar três modelos de cartazes produzidos pelo DIP. Tais cartazes são páginas da cartilha *A juventude no Estado Novo*¹¹¹, amplamente divulgados pelos livros de história como cartazes publicitários produzidos por esse departamento. Nestes, percebemos a presença de Getúlio Vargas, crianças uniformizadas e a bandeira do Brasil.



Fonte: Museu Getúlio Vargas | São Borja.

Figuras 04, 05 e 06 – Cartazes destinados aos alunos, com viés nacionalista.

O DIP incentivava e financiava publicações acadêmicas, dentre elas a revista *Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros*. A publicação “tinha como propostas principais a promoção de nova concepção de cultura, unificando a ordem política e social sob a égide do Estado, e o esclarecimento do rumo das transformações políticas e sociais em curso no país” (ARAÚJO, 2010, *online*). Incentiva a publicação de seus simpatizantes, mas censurava os escritores e intelectuais que fossem contra o regime. A literatura brasileira foi intensamente incentivada e patrocinada pelo DIP, sendo que tal ação era legalizada através do Decreto-Lei nº 1.915 de 1939. Promovia concursos de monografias e garantia às obras premiadas, que possuíam um caráter favorável ao governo, ampla divulgação e publicação no país. Também foram distribuídos “inúmeros folhetos explicativos do novo regime e que divulgavam a obra do governo, principalmente no campo da legislação trabalhista” (ARAÚJO, 2010, *online*).

A literatura de cordel e a música popular brasileira, na maioria das vezes, subsidiada ou censurada pelo DIP, “exaltavam a figura e os feitos de Getúlio Vargas desde a Revolução de 1930” (AURÉLIO, 2009, p. 82). Em seu livro *Getúlio Vargas na literatura de cordel*,

¹¹⁰ Ver GARCIA, 2005, p. 103, *online*.

¹¹¹ Atualmente, a cartilha pode ser observada no Museu Getúlio Vargas, em São Borja – RS.

Lessa (1973, p. 62, grifo do autor) apresenta inúmeros trechos desta literatura com referência a Getúlio Vargas. Podemos citar entre eles:

*O que há de mais importante
Na vida do Presidente
É que ele tudo resolve
Com sorriso, calmamente,
Livrando sempre o Brasil
Da infame guerra civil
Que apavora a nossa gente.*

Lessa (1973) mostra-nos brilhantemente como Getúlio Vargas era presença constante e marcante nos folhetos. Através dos versos destes poetas populares, o ex-presidente e seus feitos eram divulgados e propagados para os leitores da literatura de cordel, e apesar da pouca vida dos folhetins, tais versos foram recolhidos e organizados, permanecendo assim, para a posterioridade.

Com relação à música¹¹², o DIP utilizou do talento de muitos artistas para propagar a imagem do governo e de seu governante. Tais artistas eram pagos para comporem “músicas de exaltação ao Brasil, ao ditador e às suas iniciativas” (PILETTI, 2003, p. 60). A música da época, juntamente com o rádio, tinha grande influência na população brasileira, que ouvia os chorinhos, os sambas, as músicas populares e identificava-se com a cultura que era transmitida por tais canções. Estas, por sua vez, objetivavam retratar o país e a diversidade cultural brasileira. Entre outras ações, “o DIP patrocinou também concursos de música popular e foi num deles que *Aquarela do Brasil*, de autoria de Ari Barroso, recebeu o primeiro lugar” (ARAÚJO, 2010, *online*).

Ao perceber o contexto musical do Brasil na década de 40, Getúlio Vargas apropriou-se de composições de músicas populares, alterando suas letras, a fim de que estas retratassem seus feitos e de seu governo. Quando não efetuava alterações, censurava aquelas que propagavam ideias contrárias ao seu regime. O exemplo mais citado nos livros, neste contexto de censura musical praticado pelo DIP, é a canção *O Bonde de São Januário*¹¹³, um samba composto por Ataulfo Alves e Wilson Batista. A letra da música, em sua primeira versão, “exaltava a figura do ‘malandro’ esperto, que vivia na boemia, que não era trouxa de virar operário e entrar ‘no bonde de São Januário’ (bairro industrial), que leva ‘mais um otário’ para trabalhar” (SCHMIDT, 1997, p. 278). A música fazia apologia à boemia e mostrava

¹¹² Sobre a relação da música e Getúlio Vargas, ver mais em: SEVERIANO, 1983; LAUHERHASS JR, 1986; MATOS, 1982; AUGRAS, 1998.

¹¹³ Ver HAUSSEN, 2001, p. 47. Ver também em: YOUTUBE, 2011.

como negativo a ação do trabalho, concepção que era totalmente oposta à visão de desenvolvimento brasileiro de Getúlio Vargas, que objetivava estimular a população a trabalhar. O DIP fez com que Aaulfo Alves, em visita ao Catete, modificasse a letra à caneta, para ressaltar o trabalho e refutar a boemia¹¹⁴.

Para propagação da imagem de Getúlio Vargas, até mesmo carteiras de cigarros intitulas de Gegê, com o rosto do ex-presidente, fabricadas pela Plínio Linhares, circulavam durante a Era Vargas.



Fonte: DRODER, 2009, *online*.

Figura 07 – Embalagem dos cigarros Gegê.

Como já mencionamos anteriormente, o DIP também se utilizava de curtas-metragens antes de sessões de cinema para propagar a imagem positiva de Getúlio Vargas e seu governo. Levine (2001, p. 95) considera que os cinejornais “moldaram fortemente a percepção de todo brasileiro de renda acima do nível de subsistência, porque os cinemas cobriam o país inteiro e traziam o mundo exterior até seus frequentadores”. Ainda em 1936, com o apoio de Gustavo Capanema, Ministro da Educação, Getúlio Vargas criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE que se tratou do “primeiro órgão oficial do governo planejado para o cinema”, de acordo com Carvalho (2009, *online*). Em 1946, 10 anos mais tarde, Getúlio Vargas aprovou o Regimento do Instituto Nacional de Cinema Educativo do Ministério da Educação, através do Decreto nº 20.301¹¹⁵, de 02 de Janeiro de 1946. O instituto atuou durante 30 anos, entre 1936 e 1966.

No contexto do populismo, percebemos que o ex-presidente utilizou-se de seu carisma com o público, mantendo contato com as massas e conquistando assim, sua simpatia e aprovação. Era a relação afetuosa, entre político e população, que transmitia a esta a sensação de ser percebida pelo Estado e valorizada pelo ex-presidente. Por meio desta forma populista

¹¹⁴ Ver AURÉLIO, 2009, p. 83, grifo do autor.

¹¹⁵ Ver BRASIL. Decreto nº 20.301, de 2 de Janeiro de 1946. Disponível em: <<http://migre.me/9W4kj>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

de agir, podemos dizer que Getúlio Vargas mantinha um contato direto com a população, ou seja, não agia apenas como o homem do poder e inacessível, mas interessava-se pelos problemas dos brasileiros, aparentemente. O ex-presidente dedicava-se a projetos e leis voltados aos trabalhadores, tornando-se então conhecido como “Pai dos Pobres”. Sublinha Levine (2001, p. 95) que foi ideia de Lourival Fontes, diretor do DIP, identificar Getúlio Vargas como o “Pai dos Pobres”, visto que, para disseminá-la, cobriu “a nação de propaganda, popularizando um novo vocabulário de veneração ao herói”.

Os discursos de Getúlio Vargas se caracterizavam, essencialmente, pela forma que este saudava a população, com a exclamação: “Trabalhadores do Brasil”, em potente entonação de voz. O ex-presidente empenhou esforços para a consolidação da identidade de “Pai dos Pobres”, utilizando os mais diversos meios para difundi-la e propagá-la de maneira concisa. Para Cotrim (1998, p. 99), “apoiando-se no avanço das leis trabalhistas, a propaganda política do governo apresentou Getúlio Vargas como o ‘grande protetor’ dos trabalhadores, uma espécie de ‘pai dos pobres’”.

Contudo, compreendemos que a relação entre a população e Getúlio Vargas era constantemente nutrida de veneração e admiração pelas ações do DIP. A esse departamento cabia a tarefa de organizar as comemorações do Dia do Trabalho (1º de maio), onde, “diante de grande número de pessoas concentradas nos estádios de futebol, o governo anunciava medidas de alcance social. Entre elas a Consolidação das leis do Trabalho (CLT), anunciada em 1º de maio de 1943” (MONTELLATO, 2000, p. 212). O ex-presidente se habituou a falar com a população nesta data, sendo que os sindicatos ligados ao Ministério do Trabalho “convocavam seus filiados para ouvir o Presidente na Festa do Trabalho”. Silva (2009, *online*) argumenta que, quando a população se lembra de Getúlio Vargas, lembra, conseqüentemente, que foi ele quem criou o salário mínimo, a CLT, a Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Siderúrgica Nacional, entre outros feitos, contudo, “nenhuma ideia está mais viva no imaginário social do que esta: Getúlio Vargas ‘pai’ dos pobres”.

Através da comunicação do governo, transmitiu-se ao Brasil a visão de que, antes deste, não existiam leis; foram “esquecidas” as memoráveis lutas e movimentos trabalhistas que uniram trabalhadores na busca por seus direitos, como a passeata de operários que, no ano de 1933, reivindicou o “reconhecimento dos direitos sociais” (MELANI, 2006, p. 136). Também se transmitiu à população brasileira a concepção de que, ao criar as leis, Getúlio Vargas estava dando um presente ao trabalhador, e não uma ação primordial do Estado, um dever seu a cumprir.

Diz Levine (2001, p. 158), que a população brasileira sentia-se próxima de Getúlio Vargas como alguém pertencente a sua família, tanto que muitos brasileiros lhe chamavam, e ainda o chamam, somente pelo primeiro nome, isto é, Getúlio, ou “seu Ge” e até mesmo “Gegê”. Devido a tal intimidade, Getúlio Vargas era verdadeiramente, para os pobres, um pai. Contudo, a dedicação que empenhava à população não era exatamente como um pai, de sangue ou de coração, faria. Getúlio Vargas, se foi o “Pai dos Pobres”, tratou seu filhos “de forma diferenciada, ignorando com indulgente desprezo os de pele mais escura e os moradores do campo, privilegiando aqueles ‘filhos’ que julgava terem potencial para realizar seu sonho de construção de uma nação”. Mas apesar destas constatações, se você perguntasse sobre Getúlio Vargas para um brasileiro, ele responderia: “o presidente sempre lembrou da gente” (LEVINE, 2001, p. 195).

Para Mariante (2010, p. 28), “o líder, para obter êxito em sua missão, deverá simbolizar a imagem do pai da família grupal. Isso porque todo o grupo, de certo modo, representa uma organização familiar”. É neste contexto que o psiquiatra compreende a perpetuação de Getúlio Vargas como um pai, ou seja, o grande líder dessa família de brasileiros, o qual ele tanto trabalhou para unir e governar. Ser lembrado como o “Pai dos Pobres” foi um dos maiores êxitos do governo de Getúlio Vargas, e um alento para que este enfrentasse a solidão, nota Mariante (2010, pp. 56-80).

Além de propagar a imagem de “Pai dos Pobres”, Getúlio Vargas também se propagou como o “Amigo das Crianças”. Através do populismo, Getúlio Vargas aproximava-se da população e demonstrava grande simpatia por esta, e em especial, pelas crianças. A Figura 8 mostra-nos um exemplo de contato direto do ex-presidente com a população. Especificamente nesta foto, há o contato do então Presidente com um trabalhador e uma criança, exatamente o público ao qual ele destinava suas ações.



Fonte: SCHMIDT, 2005, p. 150.

Figura 08 – Getúlio Vargas em contato com os trabalhadores.

Durante a Era Vargas, o DIP instaurou diversas datas comemorativas, sendo que tais datas serviam como um momento de saudação a Getúlio Vargas e exaltação do nacionalismo. Podemos afirmar que “a exaltação de um ideal nacionalista, por parte do governo de Getúlio, teve o propósito de auxiliar sua política centralizadora que, muitas vezes, contrariava os interesses das elites regionais”. Uma das tarefas do DIP era organizar festas cívicas, tais como o Dia da Raça, Dia da Juventude, Dia da Pátria, Dia da Bandeira, Dia do Trabalhador, entre outros, como oportunidade de “difundir a ideologia do Estado Novo” (MELANI, 2006, p. 144). Na Figura 9, visualizamos alguns estudantes comemorando o Dia da Bandeira, no início da década de 40.



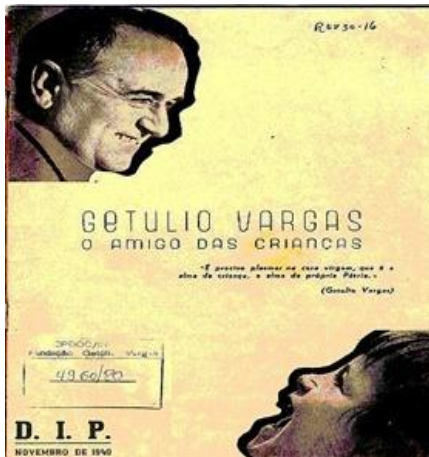
Fonte: MELANI, 2006, p. 144.

Figura 09 – Estudantes em comemoração ao Dia da Bandeira.

Notamos também, que esta característica do ex-presidente era amplamente difundida por meio de livretos, cartazes e cartilhas escolares. Através destes meios, o DIP difundia princípios como o nacionalismo, a obediência e a disciplina. De acordo com Silva (2009, *online*), Getúlio Vargas promoveu a Reforma Capanema, a qual afirmava que “deveriam ser desenvolvidos nos adolescentes os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência da responsabilidade”. Melani (2006, p. 145) afirma que a reforma foi instituída no “ministério de Gustavo Capanema, chefe da pasta de educação durante o Estado Novo”. Silva (2009, *online*) nota que era atribuída aos professores a responsabilidade de educar os estudantes seguindo a cartilha do governo; não só a cartilha publicada, mas a visão do governo de educação e desenvolvimento infantil.

As figuras a seguir mostram exemplos de cartilhas confeccionadas para divulgar e propagar a visão de governo e a imagem de Getúlio Vargas entre as crianças. Podemos observar na Figura 10, a capa de uma cartilha que utiliza a imagem de Getúlio Vargas e de uma criança, ambos sorridentes; e na Figura 11, um desenho de crianças que seguram juntas um livreto intitulado “Getúlio Vargas e sua vida”, destinado à “criança brasileira”. A Figura

12 consiste na capa de um livreto confeccionado pelo DIP, que conta a biografia de Getúlio Vargas, escrita por Alfredo Barroso e ilustrada por Fernando Dias da Silva.



Fonte: ARAÚJO, 2010, *online*.

Figura 10 – Capa da revista produzida pelo DIP, em novembro de 1940.



Fonte: RODRIGUE, 2002, p. 165.

Figura 11 – Capa do livreto “Getúlio Vargas para crianças”.



Fonte: Museu Getúlio Vargas | São Borja.

Figura 12 – Capa da cartilha produzida pelo DIP, em 1941.

Além de livretos destinados aos alunos, Getúlio Vargas e o DIP publicavam cartilhas que eram verdadeiras coletâneas de publicidades, que utilizavam imagens de estudantes, tanto para propagar a imagem de “Amigo das Crianças”, e assim produzir o sentido de proximidade e confiança, quanto para difundir nas crianças brasileiras, os princípios de civismo, moral, disciplina e obediência, como podemos ver nas figuras a seguir. Em tais peças¹¹⁶, podemos perceber a propagação de “hábitos educados” entre as crianças brasileiras. Notamos princípios

¹¹⁶ As referidas peças pertencem à cartilha *A juventude no Estado Novo*.

de respeito aos pais, caracterizado pelo pedido de “benção”, um costume antigo que significava o respeito perante os mais velhos, e o ato de prestar ajuda aos adultos. Para Levine (2001, p. 21), Getúlio Vargas ambicionava ser lembrado e reconhecido pelas gerações futuras. Este era seu objetivo primordial, “pois nunca ambicionou possuir fortuna pessoal”.



Fonte: Museu Getúlio Vargas | São Borja.

Figuras 13 e 14 – Cartazes destinados aos alunos com viés moral e educativo.

O rádio¹¹⁷, por sua vez, desempenhou um papel fundamental para a difusão dos princípios e ações governamentais de Getúlio Vargas. O ex-presidente aproveitou as potencialidades e as peculiaridades deste meio que a cada dia, ganhava popularidade e estava ao alcance de mais brasileiros. Através do rádio, a voz e as palavras de Getúlio Vargas chegavam aos quatro cantos do Brasil. Com a popularização, sua linguagem passou a ser coloquial, pois muitos de seus ouvintes eram analfabetos e necessitavam de uma linguagem mais popular para sua assimilação. Schmidt (1997, p. 295) nota que “milhões de pessoas grudavam a orelha perto das válvulas eletrônicas, saboreando cada pedacinho de música ou de novela. Nos anos 40 e 50, o Brasil entrou na era da cultura industrial de massa”. O rádio popularizava-se no país e democratizava a informação e o lazer, pois não era preciso saber ler para embalar-se com as músicas transmitidas, acompanhar as telenovelas e as informações do Brasil.

¹¹⁷ Sobre a questão do rádio e Getúlio Vargas, temos a nossa disposição a obra *Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón* (2001), onde Doris Haussen pesquisou e organizou o contexto político do rádio no Brasil e na Argentina, verificando semelhanças e diferenças nestes dois cenários. A obra publicada pela EDIPUCRS é o resultado da tese de doutorado da autora, onde esta apresenta-nos o início das transmissões radiofônicas no Brasil e na Argentina, a atuação comumente deste com a política dos dois países, a apropriação do rádio por Getúlio Vargas e suas especificidades relacionadas ao humor, as rádio novelas, as músicas, os programas de auditório, entre outras considerações. Ver também em: BAUM, 2004.

O rádio unia os brasileiros num sentido de coletividade, tornando as aspirações e os desejos individuais em aspirações e desejos de toda a Nação. Getúlio Vargas, tendo consciência da importância desse meio, utilizou intensamente suas qualidades para conquistar os brasileiros, propagar seus princípios e levar as notícias do governo e do país para um amplo número de pessoas, que podiam morar em lugares muito distantes e/ou até mesmo serem analfabetos. Conforme Schmidt (1997), o DIP atuou fortemente no rádio, tanto através da censura às letras de músicas e às telenovelas que eram transmitidas, como na utilização desse meio para fazer seu governante chegar às massas.

Em 22 de julho de 1935, o governo lançou o programa “Hora do Brasil”¹¹⁸, transmitido para todas as emissoras de rádio. Esse programa foi lançado pelo DPDC (Departamento de Propaganda e Difusão Cultural), tendo como principal objetivo divulgar as realizações do governo, dando maior enfoque para os feriados patrióticos do que para os religiosos. Porém, é a partir de 1937 que o programa ganha caráter compulsório, ou seja, “deveria ser obrigatoriamente transmitido em rede nacional de rádio, todos os dias úteis, das 18h45min às 19h30min, em ondas médias e curtas, e das 19h30min às 19h45min somente em ondas curtas”, com o intuito de divulgar “a cultura, o gosto da boa música e da boa literatura” (HAUSSEN, 2001, p. 41).

Compreendemos, então, que o rádio foi um importante meio de propagação das ideias de Getúlio Vargas e de seu governo. Com um cunho político populista, esse meio era utilizado de forma demasiada e atuava, de forma geral, como um elo mais íntimo entre o Presidente e a população brasileira, pois aumentava o contato entre estes. Seus conselheiros perceberam que, quando a voz do Presidente era ouvida, a população respondia de forma positiva a este toque pessoal. As palavras de Getúlio Vargas chegavam a um número maior de pessoas, visto que, no ano de 1940, existia um milhão de aparelhos de rádio no Brasil, capazes de “sintonizar programas transmitidos no Rio de Janeiro” (LEVINE, 2001, pp. 97-141). A voz tem fundamental importância na construção de relações. No caso de Getúlio Vargas, o rádio possibilitou-lhe estar em diversos lugares ao mesmo tempo, sem precisar movimentar-se, pois as ondas das transmissões radiofônicas transmitiam seus discursos àqueles que se localizavam ao lado de seus aparelhos de rádio, atentos aos pronunciamentos do então Presidente.

Enfim, através das constatações anteriores, percebemos como o DIP atuou de forma intensificada durante o tempo que esteve em vigor. Lourival Fontes não mediu esforços e tudo fez para transformar Getúlio Vargas em um grande homem, admirado e ovacionado pelo seu

¹¹⁸ O programa “Hora do Brasil” passou a ser denominado “A voz do Brasil”, no ano de 1971 (HAUSSEN, 2001).

país. Muitos foram os esforços, as estratégias e as iniciativas que o DIP desenvolveu, para alcançar seus objetivos. Portanto, compreendemos que a comunicação do governo Vargas, principalmente realizada pelo DIP, desempenhou um importante papel dentro da história política do ex-presidente, pois difundiu sua imagem pelos quatro cantos do Brasil, marcou seu nome na memória da população brasileira. Tais esforços, bem como a história peculiar e o desfecho trágico deste ex-presidente, também contribuíram para a mitificação de Getúlio Vargas, pois este é lembrado até os dias de hoje, vivendo no imaginário brasileiro, tanto como um herói ou um ditador, quanto como um mito.

Contudo, antes de entendermos a mitificação de Getúlio Vargas e a sua presença no imaginário brasileiro, compreendemos, por meio da perspectiva de Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Edgar Morin e Jean Baudrillard, entre outros autores que enriquecem nossa discussão teórica, as noções de mito e imaginário. Partimos de tais concepções para, posteriormente, compreendermos Getúlio Vargas neste contexto.

3 O MITO E O IMAGINÁRIO

Nosso contexto de pesquisa é composto por uma gama múltipla de temas, pois englobamos estudos sobre história, política, sociologia, antropologia, mas, sobretudo, comunicação. É através de um viés interdisciplinar que compreendemos o imaginário e o mito em Getúlio Vargas. Assim, analisamos a trajetória mítica de um homem, que é presença marcante no imaginário. Para tanto, se faz necessário compreender, de fato, do que se tratam as concepções sobre o imaginário e o mito, através das perspectivas de seus principais autores e através da transformação que estes termos sofreram ao longo dos anos. Imaginário e mito são termos que se relacionam e se aproximam. Seus principais autores também elaboram concepções, complementando-se entre si, neste vasto campo conceitual.

3.1 MITO

Bulfinch (2006, pp. 379-380), ao explicar sobre os personagens que pertencem à mitologia, apresenta-nos quatro teorias de como teriam surgido as histórias destes mitos. São elas: 1) A Teoria da Escritura: segundo esta teoria, os mitos são inspirados nas escrituras já existentes. Assim, Deucalião seria o Noé das escrituras, Hércules seria Sansão, “o dragão que guardava as maçãs de ouro era a mesma serpente que tentou Eva”. Bulfinch (2006) ressalta, porém, que esta teoria não é bem aceita, pois deixa muitas figuras mitológicas de fora, isto é, sem explicação nas escrituras. 2) A Teoria Histórica: de acordo com esta teoria, todas as figuras míticas foram, inicialmente, pessoas reais, mas suas histórias passaram de tempos em tempos, com exageros e “embelezamentos adicionais”. 3) A Teoria Alegórica: nesta teoria, os mitos constituem-se de símbolos, concebidos para passar à sociedade “uma verdade moral, religiosa, filosófica, ou ainda algum fato histórico”. 4) A Teoria Física: segundo esta teoria, os mitos iniciam-se na adoração de elementos como o fogo, o ar e a água, sendo que tal devoção religiosa chegava ao ponto de “criar a noção de que seres sobrenaturais presidiam e governavam os diferentes objetos da natureza”.

Brunel (1998, p. XV), na obra *Dicionário de Mitos Literários*, afirma que o termo mito abrange uma ampla gama de termos e definições. Por esse motivo, e por ser utilizado com “significações flutuantes” ou até mesmo um tema que “serve pra tudo”, o autor cita as palavras de Panoff: “a palavra mito tornou-se ‘irritante’”. Brunel (1998) cita também a obra

Mitologias (2007) de Barthes, onde precisa que as expressões utilizadas por Barthes (2007), como “mitologia do mito”, ou “Mito do mito”, confirmam um “desvio de sentido”.

No intuito de superar o obstáculo de atribuir ao mito uma concepção errônea, ou até mesmo, ampla, redundante ou mesmo pejorativa, Brunel (1998, p. XVI) entende que a atitude mais prudente é “definir o mito por suas funções e, para tanto, voltar a um historiador das religiões e morfólogo sagrado, Mircea Eliade”. Para Eliade, o “mito conta”, é uma narrativa. No entanto, Brunel (1998) ressalta que esta narrativa do mito é dinâmica e essa dinamicidade foi “o que originou a definição completa e complexa proposta por Gilbert Durand, em [...] *As estruturas antropológicas do imaginário*”. Durand define etnologicamente o termo mitologia, que neste sentido, “é o discurso sobre o mito”. Num outro sentido, que ele denomina de prático e que seria o mais usual, mitologia “é um conjunto codificado de mitos”.

Inspirando-se na trajetória de pesquisa utilizada por Brunel (1998), compreendemos as noções de mito elaboradas por Mircea Eliade, Gilbert Durand, Edgar Morin e Michel Maffesoli. A partir de tais concepções, compreendemos a trajetória mítica de Getúlio Vargas, embasados também por autores que o consideram um mito.

3.1.1 Mito em Mircea Eliade

Mircea Eliade, em seu livro *Mito e realidade* (2006), considera que a mitologia é feita de uma narrativa, que toda uma nova história, todo um novo sentido é agregado a algo ou alguém graças ao mito. Eliade (2006, p. 11) afirma que

o mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. [...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’.

Para Eliade (2006, p. 13), o mito tem como função “revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas”. De acordo com o autor, os “mitos narram”, proclamam à sociedade modos de agir, de pensar. Enfim, proclamam modelos de conduta. São os mitos que narram o mundo, tal qual o conhecemos atualmente. Para Brunel (1998, p. XVI), o mito pode ser “uma história sagrada”, assim como afirma Eliade (2006), porque o mito também tem como função, revelar, ou seja, “o mito revela o ser, revela o deus”.

Durand (2010, p. 73) assinala que Eliade “mostra que em todas as religiões, [...] há uma organização de uma rede de imagens simbólicas coligidas em mitos e ritos que revelam uma trans-história por detrás de todas as manifestações da religiosidade na história”. Compreendemos que Eliade analisa os mitos ligados à religiosidade e aos elementos sol, lua, águas e Terra (DURAND, 2002, p. 34). Também é considerado um dos pais fundadores do estudo do imaginário, juntamente com Durand, Bachelard, Corbin e Morin. Tais autores trilham um mesmo caminho de pesquisa, pois se utilizam da noção de imaginário, repudiando a noção iconoclasta. A partir de Eliade, então, partimos para a compreensão do mito em Gilbert Durand.

3.1.2 Mito em Gilbert Durand

Legros (et al., 2007, p. 93-94) afirma que, dentre os trabalhos relacionados à “sociologia contemporânea do imaginário social”, foi a obra de Durand que apresentou “o quadro epistemológico e teórico da maior parte desses trabalhos”. Para Legros (et al., 2007, p. 94), Durand “ressaltou cinco aspectos da complexidade e da dinâmica da matéria mítica que permitem compreender as variações do imaginário e seus efeitos históricos e ‘societais’”.

Durand (2002, p. 356) trabalha com concepções sobre o imaginário e, por conseguinte, do mito. Afirma: “o termo ‘mito’ engloba para nós quer o mito propriamente dito, a narrativa que legitima esta ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as suas intimações explicativas, o conto popular ou a tentativa romanesca”. Durand (2002, pp. 62-63) entende que mito é “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativas”. Afirma ainda, que o “mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias”.

Para Durand (2002, p. 361) o mito conta, assim como a história, porém vai além, pois o mito repete, assim como a música. Do ponto de vista do autor, “o mito é uma repetição rítmica, com ligeiras variantes, de uma criação”. E essa repetição possui um “conteúdo semântico”, ou seja, a qualidade desses símbolos importa tanto quanto “a relação repetida entre os protagonistas do drama”. Em outras palavras, o mito é um eterno recomeço. Promove tanto uma “doutrina religiosa” quanto um “sistema filosófico” e até mesmo uma “narrativa histórica e lendária”. É híbrido, podendo relacionar-se com o discurso e com o símbolo (DURAND, 2002, p. 63).

O mito é discurso, como já afirmamos, ele conta, narra. E nesta narração, é tão importante seu encadeamento, quanto o sentido dos símbolos que são narrados. Durand (2002, p. 356) argumenta que é justamente por o mito ser um discurso, que ele “reintegra uma certa linearidade do significante, esse significante subsiste enquanto símbolo, não enquanto signo linguístico “arbitrário””. Porém, o autor (2010, p. 60) salienta que, “como o mito não é nem um discurso para demonstrar, nem uma narrativa para mostrar, deve servir-se das instâncias de persuasão indicadas pelas variações simbólicas sobre um tema”. O que contradiz a concepção de Platão, de que a “visão mítica é o contraponto da dialética verbal”, onde “demonstrar é sinônimo de mostrar”. O mito é linguagem, porém não se reduz “nem a uma linguagem”, muito menos a uma “harmonia”, assim como afirma Lévy-Strauss (DURAND, 2002, pp. 154-357).

O mito é presença semântica, ele é formado por símbolos que contém em si, seu próprio sentido. Portanto, “nunca é uma notação que se traduza ou se decodifique”. O mito é imortal, ele nunca desaparece ou morre, pode apenas ocultar-se, pois como já afirmamos, ele é um “eterno recomeço”. É atemporal, não se perde nem morre através do tempo, é independente deste. Ele é “remédio contra o tempo e a morte”. Sua estrutura de base, a estrutura sintética, procura organizar o “tempo do discurso” e a “intemporalidade dos símbolos”. É a imaginação quem “organiza e mede o tempo”, ela põe o tempo em movimento através dos mitos e das lendas históricas, e, através de sua periodicidade, consegue consolidar a fuga do tempo (DURAND, 2002, pp. 197-372).

Sobre o mito ser atemporal, Durand (2010, p. 80, grifo do autor) cita novamente Eliade (1996), o qual desenvolveu a noção de “*illud tempus*” do mito, onde este “contém seu próprio tempo numa espécie de relatividade (generalizada!) bem específica e ‘não-assimétrica’ [...] onde o passado e o futuro independem entre si e os eventos são passíveis de reversão, de uma releitura de litanias e rituais repetitivos”. Durand (2002, p. 283) afirma ainda, que “os cânones mitológicos de todas as civilizações repousam na possibilidade de repetir o tempo. ‘Assim como fizeram os deuses, assim fazem os homens’”.

Em seu livro *O imaginário* (2010), Durand explica que o mito é alógico, o que não o impede de ser lógico. O mito é alógico porque é diferente da razão e muitas vezes, por esse motivo, foi deixado à margem dos estudos e visto com maus olhos por aqueles que o consideravam duvidoso. Por outro lado, para Durand (2010, pp. 82-372), “a lógica do mito encontra-se exatamente na sua diferença em relação à lógica clássica ensinada desde Aristóteles até Léon Brunschvicg”. O mito é lógico também porque é redundante, uma “repetição rítmica” de ligações simbólicas, dentro de uma sincronicidade. O mito também

pode ser considerado absurdo. Sua absurdidade “provém justamente da sobredeterminação dos seus motivos explícitos. E a razão do mito é não só ‘folheada’ como também espessa”.

Nas palavras de Durand (2002, pp. 86-282), o “mito não raciocina nem descreve: ele tenta convencer pela repetição de uma relação ao longo de todas as nuances [...] possíveis”. O autor nota que o mito, assim como o onírico, o sonho, o rito, a narrativa da imaginação, trata-se de uma das “manifestações mais típicas do imaginário”. Segundo ele, “os conteúdos imaginários (sonhos, desejos, mitos) de uma sociedade nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, porém importante, para finalmente se relacionarem numa ‘teatralização’ [...]”. Afirma ainda, que o mito possui uma “realidade subjetiva”, nomeando também a união entre os arquétipos e os esquemas, onde ambos unem-se “ao tempo para vencê-lo”, tendo como “caráter comum”, serem mais ou menos, narrativas e histórias.

Ao argumentar sobre mito e concepções relacionadas a este, Durand (2002, pp. 389-396) deixa claro sua posição perante algumas teorias de outros autores. O autor acredita que o mito está longe de ser considerado “separado da razão e da inteligência”, assim como alguns teóricos como Aristóteles o consideraram, ou seja, compreenderam que o mito é o oposto da razão. Durand (2002) afirma que o mito está “longe de ser um produto da história”, pois é ele quem dá vida, através da sua corrente, à “imaginação histórica [...] e estrutura as próprias concepções da história”. O que contradiz a afirmação de Barthes (2007) de que os mitos são históricos, e que por este motivo, a história pode sucumbi-los. Para Durand (2002, p. 212), o mito também está longe “de ser um produto de um recalçamento ou de uma derivação qualquer, é sentido figurado que prima o sentido próprio”.

O mito narra uma história, mas também é a narrativa, a linguagem, o discurso em si. É através de sua repetição rítmica, sincrônica e linear, que ele convence de sua veracidade. É na repetição que percebemos a relação entre o mito e o Regime Noturno da imagem, pois Durand (2002, pp. 249-287) afirma que “a lua sugere sempre um processo de repetição”, além de a repetição constituir-se como “um aspecto que liga fortemente o centro e o seu simbolismo à grande constelação do Regime Noturno”.

Durand (2010, pp. 57-59) apresenta-nos as novas críticas do mito: a mitocrítica e a mitoanálise, afirmando que o pioneiro em seus estudos foi Bachelard, na obra *A poética do devaneio* (1960), ao realizar uma análise literária de “imagens poéticas clássicas” anteriores à Segunda Guerra Mundial, onde este nota que “a imagem surge para iluminar a própria imagem”. Através dessas novas críticas, Bachelard e seus discípulos escaparam do “canto das sereias estruturalistas”, sendo que estas caíram nos caminhos do positivismo mascarado de ciência da literatura, como a gramática, a semiótica, a fonologia, entre outros.

Durand (2010, p. 60) cita como importante fator para iniciar o entendimento do mito, o estruturalismo de Lévy-Strauss, afirmando que esses “exames”, essas “constelações de imagens”, podem ser organizadas sincronicamente e em um reagrupamento coerente, ou seja, organizado em mitemas¹¹⁹, além de estruturar-se diacronicamente, no fio temporal do discurso. Porém, devido a um aprisionamento teórico de Lévy-Strauss, Durand (2010) afirma que este se recusa a perceber que tais “ligações transversais à narrativa diacrônica, criaram pelo menos uma terceira dimensão, um ‘terceiro dado’”.

Argumentando sobre a mitocrítica, Durand (2010, p. 62) fala sobre o “Centro de Pesquisa do Imaginário”, fundado no ano de 1966 por “três professores da Universidade de Génoble”, onde os mitocríticos (como Baudelaire, Proust, Júlio Verne, entre outros), se dedicaram ao estudo de narrativas literárias de um determinado autor, e apoiaram-se nas “redundâncias constitutivas da ‘sincronicidade’”.

Há também pesquisas que podem ser nomeadas como mitoanálises. Esta pesquisa ultrapassa a obra de um determinado autor, interessando-se no estudo de mitos como “o mito da infância na literatura narrativa italiana do século 20”, ou até mesmo na “mitologia japonesa”, ou na “literatura anglo-saxã”. Durand (2010, pp. 60-63) cita também o Laboratório Pluridisciplinar de Pesquisa do Imaginário, pertencente à Universidade de Bordeaux III e dirigida por Claude-G. Dubois. O autor argumenta que os trabalhos de Dubois nos servem de exemplo para a “simultaneidade da abertura e ampliação da mitocrítica para a mitoanálise”.

Foi seguindo o caminho teórico de Gilbert Durand, aliando-o com sua perspicácia na compreensão da atualidade, que Michel Maffesoli construiu sua noção de mito, à qual iniciamos a compreensão.

3.1.3 Mito em Michel Maffesoli

Para Maffesoli (2012b, p. 162, grifo do autor), “a cristalização dos sonhos coletivos”, ou seja, os mitos, “são o que permite tornar uma sociedade no que ela é”. No entanto, primeiramente se faz necessário identificá-los, para, posteriormente, interpretá-los e compreendê-los. E para a realização de tal compreensão, se faz necessário perceber e mostrar “ao que eles sucedem”, pois assim, compreenderemos e elaboraremos o atlas do imaginário

¹¹⁹ Um mitema é “a menor unidade semântica num discurso e que se distingue pela redundância” (DURAND, 2010, p. 60). Durand (2010, pp. 86-87) afirma ainda que “o mitema comporta-se como um holograma (Edgar Morin) no qual cada fragmento e cada parte contém em si a totalidade do objeto”.

que cada época possui. Por se tratar de uma tarefa infinita, o autor acredita que a iniciamos por meio da compreensão de “alguns ícones”, “alguns grandes temas norteadores, de alguns fenômenos *societais* que marcam profundamente a nossa vida”, sendo que, às vezes, tais elementos encontram suporte na cibercultura. Na concepção de Maffesoli (2012b), é curioso e ao mesmo tempo paradoxal, perceber que “as grandes figuras emblemáticas que abalaram a infância da humanidade” retornam ao cenário social com o auxílio da internet. Isto é, as paixões e as emoções comuns movimentam-se no ciberespaço. Nota Maffesoli (2012b), que apesar das transformações da sociedade, os mitos, de uma forma melhor ou de uma forma pior, ainda “impulsionam as grandes obras da cultura”.

Na concepção de Maffesoli (2012b, p. 163, grifo do autor), “a internet irriga em profundidade as consciências”. Sendo assim, “se não desprezarmos o que faz vibrar as massas e não considerarmos desagradáveis estes sintomas, aceitando-os por aquilo que são, então seremos capazes de restituir aos mitos e aos múltiplos ícones que embelezam o cotidiano com seus títulos de nobreza”. Nesta perspectiva, o autor acredita que a mitologia, ao contrário da história, é efêmera, caracterizando-se de uma sequência de episódios, que possuem, no máximo, verdades pontuais. Apesar desta efemeridade, as figuras míticas são eternas. As suas formas podem ser as mais diversas, mas a sua realidade é intangível. Segundo Maffesoli (2012b), “os mitos são transpessoais e estão, como tantas *metáforas obsedantes*, ressurgindo, seguindo determinadas épocas sob vestimentas de luxo ou andrajos”. No entanto, “sua realidade é incontornável. E, em certos momentos, o que é o caso na pós-modernidade, eles retornam com força e vigor”. O autor acredita que os mitos clássicos e os pós-modernos “iluminam, de alguma maneira, este caminho – individual ou coletivo – que é toda a existência humana. O mito é um oxímoro: é a sombra clara que serve de farol”. Sobre os mitos pós-modernos, Maffesoli (2012b, p. 165, grifo do autor) compreende que, nas redes sociais, nas *home pages*, nos *blogs*, presenciamos a sinergia do arcaico e da tecnologia, presenciamos a pós-modernidade. E é esta sinergia que desenvolve as “novas mitologias, porque são, paradoxalmente, velhas”.

Nas palavras de Maffesoli (2004, p. 166), é a participação que caracteriza esse mundo mítico, no qual perdermo-nos nos outros ao mesmo tempo em que nos encontramos no próximo. Para Maffesoli (2005, p. 77, grifo do autor),

nunca se insistirá o suficiente sobre importância da mitologia ou dos mitos. Mais do que a História linear, de desenvolvimento contínuo e racional, são eles que, de maneira cíclica, presidem à respiração dessa coisa viva, a estrutura social, com os seus altos e baixos, grandezas e declínios, em suma, uma maneira de falar das fantasias, exprimem, no sentido mais profundo, o ‘simbolismo’ de um conjunto social; ou, para dizê-lo com simplicidade, sua *cosa mentale*.

É interessante notarmos que Maffesoli (2004, p. 189) cita os publicitários, estilistas e jornalistas como produtores de conceitos, e por consequência, produtores de mitos. Sendo que o “espetáculo publicitário” pode ser considerado como “a verdadeira mitologia da época”. Maffesoli (2003a, p. 154) destaca que “a publicidade [...] para muitos, é a mitologia do mundo contemporâneo. Porque é exatamente isso o que está em jogo. A história moderna simplifica; a mitologia moderna complexifica”.

Porém, nas palavras de Maffesoli (2003a, pp. 15-43), os mitos não possuem identidades únicas, mas sim, identidades múltiplas. O autor defende a ideia de que “à ‘repetição perfeccionista’ (G. Durand) do Mito responde a redundância perfeccionista das análises e das ilustrações propostas. É a única maneira”, na opinião do autor, “de ser coerente com o retorno cíclico do que chega, ou seja, do que foi e é de novo”. O mito tem este caráter cíclico, de redundância e de repetição. O passado nunca está morto para o mito, pois ele “nunca é passado”. Para Maffesoli (2003a, pp. 45-146), “repetir faz entrar em um tempo mítico ou, como observou Gilbert Durand, em um ‘não-tempo’ mítico”. Nota ainda que “o mito, qualquer que seja, é o fundamento necessário de todo ser-conjunto”.

3.1.4 Mito em Edgar Morin

Em *Estrelas: mito e sedução no cinema* (1989), Morin analisa o processo de mitificação dos atores de cinema, ou seja, estas pessoas comuns que adentram no mundo de *Hollywood* e, transformadas pelo *stars system*, tornam-se estrelas de cinema e até mesmo, mitos. Morin (2003, p. 7) reflete atualmente que, em tal obra, obteve a concepção de que “a existência desses novos mitos era a consequência de uma cultura de massa gerada pelos novos meios de comunicação”. Tal relação lhe é interessante na medida em que é “importante do ponto de vista de pesquisa e de compreensão da complexidade comunicacional e culturas contemporâneas”. Morin (1989, p. X) afirma que estas estrelas, através da tela, tornam-se “semideuses”, “criaturas de sonho”, entendidas por ele enquanto mitos modernos.

Morin (1989, pp. 6-75) explica-nos que a atriz ou o ator começa a transformar-se em estrela, na medida em que seu nome verdadeiro, o “nome do intérprete”, se torne mais forte, mais evidente, que o nome de seus personagens. Foi a partir dos anos 30, que o cinema deu início a esta fábrica de estrelas, além disso, “os filmes se tornaram mais complexos, mais ‘realistas’, mais ‘psicológicos’, mais alegres”. Percebe-se aí, que a “vida real” e a tela de cinema começam a dialogar mais proximamente, o real e o imaginário, então, “se concretizam num novo sistema de relações”. O autor sublinha que a época de 30 foi quando esta fábrica tomou fôlego, mas as estrelas de cinema surgiram no ano de 1910, “por força da concorrência acirrada entre as primeiras empresas cinematográficas americanas”.

Quando essa estrela, então, excede o personagem, ela adentra no “*plano mítico*”, como sublinha Morin (1989, pp. 26-27, grifo do autor), sendo que o autor entende o mito como “um conjunto de condutas e situações imaginárias” e estas condutas podem ser desempenhadas por “protagonistas personagens sobre-humanas, heróis ou deuses”. Morin (1989) destaca, porém, que quando fala do mito da estrela, refere-se primeiramente ao “processo de divinização a que é submetido o ator de cinema, e que faz dele ídolo das multidões”, tornando-o amado por estas pessoas. Além disso, nota que o “amor é por si só um mito divinizador: amar é idealizar e adorar. Nesse sentido, todo o amor é uma fermentação mítica”.

Na medida em que esta estrela torna-se um mito, mais a massa busca e deseja os “suportes míticos para identificação”, que, para Morin (1989, pp. 65-66, grifo do autor), são “autógrafos, fotografias, fetiches, mexericos, *ersatz* da presença real, sujeitos da presença mítica e igualmente instrumentos exteriores para se viver miticamente no interior da vida das estrelas”. Entendemos estes “suportes míticos” como aqueles elementos que todo o fã busca e guarda referente à sua estrela de cinema, ou ao seu ídolo. O autor conta-nos que *Hollywood* recebia cartas de fãs pedindo desde chicletes mascados, guardanapos usados, até pedaços de grama pisados por suas estrelas preferidas. É como se o item se divinizasse apenas por ter sido tocado ou por ter pertencido à estrela idolatrada.

De acordo com Morin (1989, pp. 102-107), “a estrela desencadeia um fluxo de participações e de afirmações de si imaginárias”. As pessoas imaginam como é a vida da estrela, idealizam, criam histórias em sua mente, a partir da realidade existente, e até pensam: “o que Marilyn Monroe faria no meu lugar?”. Tais pessoas objetivam identificar-se com a estrela, tanto fisicamente quanto através de sua personalidade. Afirma que a realidade humana se alimenta de imaginários, a ponto de ela própria ser semi-imaginária e, se as estrelas são mitos que se aderem tão notavelmente à realidade, é porque é esta realidade que os produziu.

Morin (1989, p. 112) foca-se então na explanação sobre duas grandes estrelas de cinema, que são exemplos perfeitos do mito, do culto a uma personalidade que não existe mais materialmente, mas que vive no imaginário: James Dean e Marilyn Monroe. James Dean, o “herói das mitologias”, teve uma infância conturbada. Aos nove anos, foi morar com um tio, um fazendeiro em Fairmount, depois da morte da mãe. Ele traça o seu destino no “combate contra o mundo” e larga a faculdade para se “tornar quebrador de gelo em um frigorífico”, “marinheiro em um rebocador, marujo num iate”, até achar seu lugar sobre os refletores cinematográficos.

James Dean era um herói jovem, bonito e que transformou sua personalidade e seus acessórios, como sinônimos de rebeldia. Todo jovem se achava um pouco rebelde ao usar jeans, casaco de couro, cabelo desleixado, blusa desabotoada, assim como James Dean. Morin (1989, pp. 114-120) explana que este “é o puro herói da adolescência, essa idade sem idade, onde se tem sede de vida, de liberdade e de velocidade. O segredo da adolescência é o de que viver é correr risco de morrer” e assim, “James Dean legitimou essa contradição com sua morte prematura. James Dean morreu na velocidade”. Para o autor, “a morte realiza o destino de todo o herói mitológico, afirmando sua dupla natureza, humana e divina. A morte completa a profunda humanidade do herói”. Com sua morte, “James Dean inaugurou a era dos heróis da adolescência moderna”.

Morin (1989, pp. 130-133) cita então Marilyn Monroe. A estrela se suicida em agosto de 1962, aos 36 anos, sendo localizada na cama de seu quarto com overdose de barbitúrico, substância encontrada em soníferos¹²⁰. E assim, através de sua morte, mata também o *star system*, o sistema que constrói uma imagem de que as estrelas vivem num conto de fadas, num mundo perfeito que não existem problemas, tristezas, nem pessoas feias. A morte de Marilyn Monroe é a desmitificação natural de que não existe estrela-modelo, e então, consagra-se como a última estrela do passado, e a primeira estrela sem *star system*. Marilyn morreu “em pleno sucesso social, mas em pleno fracasso no viver”.

De acordo com Morin (1989, p. 133), as estrelas já não são modelos culturais, guias ideais, mas simplesmente imagens exaltadas, símbolos de uma vida errante e de uma busca real. Para o autor, James Dean e Marilyn Monroe são “estrelas-arquétipos, do período anterior, são também estrelas-matrizes do período atual: James Dean, o primeiro herói da adolescência, e Marilyn Monroe, heroína da nova feminilidade”. Ambos caracterizam-se como a encarnação da “difícil busca do sentido da verdade da vida, da comunicação de uma

¹²⁰ Ver TONON, 2006, *online*.

relação autêntica com outra pessoa”, além de terem mortes trágicas. Um por meio de um acidente automobilístico, e outro por meio de suicídio. Através da morte, inesperada para todos e sinônimo de desgraça para os fãs, estas estrelas mitificam-se e perpetuam-se no imaginário como símbolos de adolescência transviada e de uma nova forma de feminilidade. Cabe destacar que Morin (1998, p. 16) coloca-se entre aqueles teóricos que acreditam que “o mito e o imaginário não representam uma simples superestrutura, e muito menos uma ilusão, mas sim, uma profunda realidade humana”.

3.1.5 O mito Vargas

Ao expormos as noções de mito, consideramos pertinente explanarmos também sobre autores que relatam sobre o mito Getúlio Vargas. Constatamos que na maioria das vezes, não há uma definição de noções, nem o porquê de considerarem o ex-presidente desta forma em seus relatos. Acreditamos que isto se dá porque tal definição não é o foco destas obras. Há uma tendência para acreditarmos que o conceito de mito utilizado por estes, é o conceito concretizado e compartilhado através do senso comum. Isso faz-nos mais convictos de nosso estudo, pois mostra um vácuo teórico e conceitual, que poderá ser preenchido através de pesquisas e reflexões. Sendo assim, objetivamos retirar o véu que encobre a realidade, posto pela familiaridade (SILVA, 2010a).

Logo após a morte de Getúlio Vargas, o psiquiatra Lima (1955) publica a obra *Mito e Realidade de Vargas*, escrevendo duras críticas sobre a vida do ex-presidente do Brasil, que havia cometido suicídio um ano antes de tal publicação. De acordo com Lima (1955, pp. 11-23), sua obra é um ensaio que objetiva “dizer a verdade sobre um homem que marcou, com o selo de uma discutida personalidade, todo o último quarto de século da história brasileira”. E esta tal verdade não é “abstrata e rígida”, mas sim, “existencial”. O autor explica-nos que seu intuito em escrever o livro, foi buscar compreender a “mentalidade Getuliana”, uma mentalidade do povo criada por Getúlio Vargas e fixada mesmo após a sua morte, que se constitui de um “caos moral”.

Segundo Lima (1955, pp. 15-33), Getúlio Vargas pertence ao grupo de políticos que são “donos de uma alma sempre enclausurada em egoística torre de marfim”, além de ser um ditador sem ideologia e sem criatividade, que beira os “limites do temperamento esquizotímico”. As peculiaridades da personalidade de Getúlio Vargas, tais como o seu sorriso fixo, a sua postura sempre forte e a sua simplicidade, passam a ser utilizadas pela propaganda

de seu governo, que de acordo com o autor, decidira transformá-lo em um mito. Lima (1955, pp. 109-110) considera a propaganda como um “instrumento de modelação do pensamento humano”, que através de um “quase milagre da difusão da palavra e da imagem”, surge neste período com “um poder quase infernal”. O autor compreende a propaganda como a arma “mais diabólica de todas”, pois “explora a um só tempo o ódio e o amor” no pensamento humano. Lima (1955, pp. 110-114) argumenta, então, que se inicia no Brasil “a criação do mito”, onde tal criação se dá pelo DIP, mais precisamente pela mente dos “maquiavélicos arquitetos do mito”, estes construtores “insaciáveis” de mito que “não dormem” e que ao mitificarem Getúlio Vargas, o tornaram imortal.

Este mito passa a crescer, a consolidar-se, a convencer, e o Brasil inteiro passa a acreditar nele, a fortificá-lo, “a cada vez mais mitificar-se o mito, às vezes até sem querer”. E esse mito é mais trabalhado e arquitetado durando o período de 1937 a 1945, ou seja, justamente o período em que vigorou o Estado Novo, na concepção de Lima (1955, pp. 116-117). O autor argumenta que Getúlio Vargas se deixou transformar para assim, sobreviver na memória brasileira. A partir disto, é “contaminado, invadido, devorado e modelado pela propaganda”.

Mariante (2010, pp. 138-146), outro psicanalista, porém atual, afirma que “o mito condensa numa só história, todas as histórias do universo, e, em seu modelo arquetípico, a essência de todas as criações intelectuais psicológicas e o amplo espectro das atividades mentais”. Através desta primeira concepção, acredita que nem mesmo Getúlio Vargas podia se decifrar. Explana que Getúlio Vargas gostava mais que as pessoas o decifrassem do que de se explicar. Decifrá-lo, através do convívio, era uma missão desafiadora, talvez impossível, pois, não é em vão que muitos o têm como “esfinge dos pampas”.

Segundo a concepção de Mariante (2010, pp. 140-150), ao tornar-se conhecido nacionalmente como “Pai dos Pobres”, Getúlio Vargas “tornou-se uma figura simbólica” e através de seu suicídio, “transfigurou-se em algo sobrenatural, sem, contudo, ser divino”. Ao contrário dos heróis, que possuem uma vida mais efêmera e inconstante, “os seres míticos carregam uma história ancestral e desfrutam da condição de perenidade”. O autor construiu a teoria de que Getúlio Vargas se automitificou. O ex-presidente, “ao poucos, foi construindo o seu próprio mito, e na proporção que ia descobrindo, tornou-se um”. Isto se deu pelo narcisismo de Getúlio Vargas, que tudo fez para permanecer vivo, na história e na memória da sociedade, pois “os mitos, ao não possuírem materialidade, preservam a chance de se tornarem eternos”.

De acordo com Mariante (2010, p. 109), “Getúlio não batalhou apenas para que a

história o consagrasse como mártir, vítima, ídolo e herói. Lutou e conseguiu um lugar na galeria dos mitos, que de lá não saem. Viveu sempre em função da dimensão da posterioridade”. Getúlio Vargas não desejava apenas ser conhecido como um herói brasileiro, pois os heróis são mais facilmente esquecidos. Desejava pertencer à eternidade, vivendo no imaginário da sociedade brasileira, e para isso, não lhe bastava ser herói, necessitava ser um mito.

O referido autor argumenta que as atitudes de Getúlio Vargas eram todas direcionadas ao intuito de se tornar um mito. Até mesmo seu diário, iniciado em 03 de outubro de 1930, enquanto aguardava a resolução das atividades para a revolução de 1930 (SILVA, 2004a, p. 11-12), não foi escrito para permanecer guardado e desconhecido da sociedade. Mariante (2010) argumenta que a linguagem contida no diário, está mais próxima de alguém de deseja deixar escrita a sua história do que alguém que escreve para si, apenas como meio de guardar suas memórias. O autor entende que um dos indícios desta concepção, é o fato de Getúlio Vargas escrever sobre sua “bem-amada”, ou seja, o ex-presidente toma o cuidado de não nomeá-la em nenhum momento, o que faz-nos perceber as intenções de divulgação de seu diário, após sua morte.

De acordo com Mariante (2010, p. 77), “Getúlio escreveu um diário para se tornar memória e peça histórica, para ser conhecido, admirado e comentado, e não só para ele, como insinua em diversos trechos”. Entendemos que Getúlio Vargas não queria cair no esquecimento, queria ser lembrado, ovacionado, idolatrado, mesmo não estando mais fisicamente presente, para receber tais honrarias, este, percebeu então, que necessitava de um meio para permanecer vivo no imaginário brasileiro: a mitificação. Para Mariante (2010, p. 152), os mitos “são constantemente ressuscitados e reativados pela própria memória mítica, em contraposição à memória cronológica e histórica que tendem a cair no esquecimento”.

Analisando o mito através de uma perspectiva histórica, e entendendo-o como uma construção do imaginário, Abreu (1996, p. 7) publica o livro *Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)*, dedicando-se exclusivamente a compreender e escrever sobre o período em que Getúlio Vargas “foi indicado como candidato único de oposição pela Aliança Liberal para ocupar a Presidência do Brasil, concorrendo com Júlio Prestes, apoiado pelo Catete”, que segundo ele, era um período de “silenciamento político” sobre Getúlio Vargas, pois pouco se falava sobre tal época.

Para Abreu (1996, p. 8), “os meios e as razões que guindaram Getúlio Vargas, de figurante para o papel de protagonista na História Brasileira, pode ser imaginado como parte importante no processo de mitificação” e, de acordo com o autor, “tal processo [...] foi

desenvolvido quando Getúlio Vargas já era um consagrado líder nacional, ainda está presente na atualidade, e se manterá no futuro, enquanto for lembrado”. Abreu (1996, pp. 11-12) explica-nos que analisa o mito como uma “construção do imaginário de uma sociedade”, ressaltando que busca o compreender através da noção de Girardet (1987, p. 13), na obra *Mitos e Mitologias Políticas*, onde o autor afirma que

o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa lendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante na origem das cruzadas e também das revoluções. De fato, é em cada um desses planos que se desenvolve toda a mitologia política, é em função dessas três dimensões que ela se estrutura e se afirma.

Abreu (1996, p. 14) acredita que não se pode racionalizar o mito, pois é preciso vivê-lo. Sob esta perspectiva, cita as palavras de Girardet (1987, p. 23), onde o autor afirma que “o mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido”. De acordo com Abreu (1996, p. 14), o mito Vargas pode ser entendido como “o homem certo no lugar certo”, “um político acima de facções partidárias”, aquele que podia “resolver os problemas político-econômicos do Rio Grande”, a “figura representativa da ascensão de uma geração política – a de 1907, que marcou o fim da era Borges e a introdução de novos pressupostos políticos e econômicos na gerência do Estado”, além de significar uma “ação contra uma velha e corroída ordem, que precisava ser transformada”. Abreu (1996, p. 122) afirma que, “resgatando a história do PRR” observou como “o partido se organizou, administrativa e politicamente, a partir da figura de um grande líder, de um grande político, de um mito”.

Abreu (1996, pp. 119-124) conclui que o mito Vargas inicia-se em 1923, em ocasião de sua eleição na Câmara Federal, mas, contudo, este mito é herdeiro de uma geração, a geração de 1907 (João Neves, Paim Filho, Lindolfo Collor, e outros). Afirma ainda, que “a construção do mito Vargas condiz com a tradicional postura republicana ante seus líderes, exaltando Getúlio Vargas por qualidades superiores”, sendo que nesta perspectiva, “o processo de construção do mito Vargas é um fenômeno revestido do apoio regional, semelhante àquele devotado pelos republicanos aos seus líderes”.

O cientista político Aurélio (2009), em seu livro *Dossiê Getúlio Vargas*, afirma que os dados políticos e biográficos contidos em sua obra, são fatos que contribuíram para a mitificação de Vargas, sendo que, este sublinha que a data de 24 de agosto de 1954, dia do

suicídio de Getúlio Vargas, é o início de seu mito. Aurélio (2009, p. 82) considera as peças promovidas pelo DIP, tais como a literatura de cordel e as músicas populares, como instrumentos de adoração à “mitologia getulista”.

Após a explanação de tais autores, concluímos que Lima (1955) acredita na dicotomia mito vs. realidade, ou seja, acredita que o mito não é algo real. Para o psicanalista, que escreveu sua obra ainda no alvorecer da morte de Getúlio Vargas, este se tornou um mito – ou uma mentira bem inventada, em sua concepção –, graças, exclusivamente, ao poder da propaganda, mais precisamente, ao poder das mentes brilhantes dos maquiavélicos arquitetos do mito que trabalhavam para o DIP, e assim, por meio das ações comunicacionais, mitificaram Getúlio Vargas e “modelaram o pensamento humano”, tornando o ex-presidente imortal. Para o autor, Getúlio Vargas não atuou em sua mitificação, deixou-se levar, deixou-se ser “devorado pela propaganda”, pois acreditava que esta o faria tornar-se mito e, portanto, o faria continuar vivo na memória brasileira.

Constatamos, no entanto, que o mito não é algo irreal, mas também não pode ser analisado enquanto realidade, após poucos anos de sua consolidação. Neste caso, publicando sua obra apenas um ano após a morte do ex-presidente, Lima (1955) não saberia nos informar se o mito realmente consolidou-se como algo real, e que este vive no imaginário. O autor, ao explicar sobre o poder da propaganda e do DIP, também não leva em consideração a biografia de Getúlio Vargas e sua contribuição para consolidar-se enquanto mito. Lima (1995) não compreendeu que a forma como Getúlio Vargas nasceu para o Brasil – através da Revolução de 1930 –, a sua personalidade peculiar, o seu modo de governar e agir e a forma trágica e heroica como morreu, foram fatores tão importantes quanto a propaganda, para que este se concretizasse enquanto mito. Obviamente, não tiramos a razão do autor, em esboçar o poder da propaganda para tais fins, mas acreditamos que esta, sozinha, não teria êxito em tal mitificação.

Mariante (2010) considera que o mérito da constituição do mito é de Getúlio Vargas. O autor deixa claro que este automitificou-se, foi construindo o seu próprio mito aos poucos. Em sua concepção, Getúlio Vargas desejava tornar-se um mito, devido ao seu narcisismo, pois não queria ser esquecido, ou apenas tornar-se um herói, já que os heróis são efêmeros e tendem a perder-se na história. Para ser lembrado, e assim, continuar vivo no imaginário, Getúlio Vargas intuía que necessitava torna-se um mito, pois estes são eternos, e aquele que entra para a galeria dos mitos, de lá não saem. Para tanto, o autor acredita que ao tornar-se o “Pai dos Pobres”, Getúlio Vargas tornou-se uma figura simbólica, e que, ao suicidar-se, tornou-se um ser sobrenatural, um ser divino. Além disso, sublinha que todas as ações de

Getúlio Vargas visavam à mitificação, pois seu objetivo primordial era tornar-se eterno, e assim, ser constantemente ressuscitado e ativado “pela memória mítica”.

Compreendemos que Mariante (2010) acredita essencialmente que foi Getúlio Vargas, o responsável pelo mito. Esta não é uma afirmação equivocada, porém, assim como acreditamos que a propaganda sozinho não constituiria um mito, também acreditamos que Getúlio Vargas, sozinho, tampouco o faria. Mariante (2010) é feliz em suas considerações sobre a personalidade e da mente de Getúlio Vargas, e de sua fundamental atuação para a consolidação de seu mito. Porém, o autor não considera a história de Getúlio Vargas em um âmbito maior, pois sabemos que este não faria história sozinho. O autor também não leva em consideração o poder da comunicação e da propaganda para a mitificação de Getúlio Vargas. Pois, além desta ser a responsável direta por tornar Getúlio Vargas conhecido como o “Pai dos Pobres”, e desta forma, torná-lo uma figura simbólica, a comunicação também desempenhou um importante papel na propagação da imagem de Getúlio Vargas, e de seus governos, através de uma perspectiva positiva. A comunicação auxiliou Getúlio Vargas em chegar às massas, ser ouvido, lembrado e idolatrado. Entendendo primeiramente estes dois autores, percebemos que Mariante (2010) e Lima (1955) divergem em suas concepções sobre o mito Vargas. Enquanto o primeiro entende que Getúlio Vargas “automitificou-se”, agindo e raciocinando com o intuito de permanecer no tempo e tornar-se presente na posterioridade, Lima (1955) acredita que o mérito da mitificação do ex-presidente é dos maquiavélicos arquitetos de mitos que pertenciam ao DIP.

Abreu (1996), por sua vez, vem ao encontro de nossas percepções, quando afirmamos que Getúlio Vargas começa a tornar-se um mito através da Revolução de 1930. Por também acreditar em tal constatação, considerando que o mito é a construção do imaginário de uma sociedade, o autor analisa o período em que o ex-presidente começa a consolidar-se politicamente e passa de figurante à protagonista da história. Ou seja, deixa de ser um político gaúcho, para tornar-se o líder de uma das principais revoluções da história brasileira. Já Aurélio (2009) acredita que o mito tem seu início com o suicídio de Getúlio Vargas, mas contrariando-se, também afirma que a biografia deste e a sua comunicação também participaram da mitologia getulista.

A partir das concepções de tais autores, analisamos o mito Vargas através das noções de Eliade, Durand, Maffesoli e Morin. Como já mencionamos anteriormente, Eliade (2006) acredita que o mito narra, conta uma história, dita modelos à sociedade, e apesar deste autor direcionar seus estudos aos elementos ligados à religiosidade; acreditamos que suas concepções também se enquadram na análise mítica de Getúlio Vargas. Tal fato se dá, ao

compreendermos que a história de Getúlio Vargas, não só atuou na consolidação de seu mito, como também é contada através deste. Esse mito traz consigo, a história e os fatos que fizeram com que Getúlio Vargas continuasse vivo no imaginário. A história é um dos elementos formadores do mito. Também compreendemos que Getúlio Vargas, enquanto mito, dita modelos à sociedade, principalmente aos políticos, que se espelham neste, e até utilizam sua imagem, em suas atuações políticas. Nesta perspectiva, Rose (2001, p. 16) afirma que o que não faltou nos últimos anos foram oradores que proclamavam aos berros, as palavras do ex-presidente “nos salões das Assembleias Legislativas, nos meios de comunicação de massa, e especialmente naqueles fóruns simpáticos a ele antes de sua morte”.

Na análise do mito Vargas, através da perspectiva de Durand (2002), compreendemos que o referido autor concorda com Eliade, ao afirmar que o mito conta, é uma narrativa, que pode ser histórica e lendária. Desta forma, entendemos que mito também é discurso, linguagem. Para Durand (2002), essa narrativa repete-se, pois há uma repetição rítmica de conteúdos semânticos. Neste sentido, compreendemos que o mito é um eterno recomeço, o que faz-nos lembrar das palavras de Mariante (2010), onde este afirma que Getúlio Vargas objetivava ser um mito para ser ressuscitado pela memória mítica. Ou seja, para que não ficasse apenas na história, mas que fosse eternamente lembrado. Tal concepção leva-nos às conclusões de Rose (2001, p. 15), pois o autor entende que no dia 24 de agosto, somos lembrados das qualidades deste “herói morto”, visto que tal data é quase um “feriado nacional”, lembrado em todo o país. Destacamos que o dia 19 de abril também é um dia em que Getúlio Vargas é relembrado, pois muitos brasileiros lhe prestam homenagens e o recordam no dia de seu aniversário. Desta forma, a data de seu nascimento e a data de sua morte são oportunidades de rememoração mítica, e assim, de um novo recomeço.

Neste recomeço, percebemos que o mito é imortal, e era a imortalidade que Getúlio Vargas objetivava, devido ao ser narcisismo, segundo Mariante (2010). O mito também é atemporal, o que nos explica porque Getúlio Vargas não se restringe somente ao imaginário daqueles que viveram sua época. O ex-presidente, sendo um mito, pertence a todas as épocas. O mito Getúlio Vargas é independente do tempo, pois como afirma Eliade (2006), no mito, o “passado e o futuro independem entre si”, pois nesta reversão, temos uma releitura e rituais que se repetem.

Tal repetição, além de ser percebida até os dias de hoje, também foi uma forte marca da posição de Getúlio Vargas em sua época, pois o governo e o DIP utilizaram a propaganda para repetir e marcar ideias. Praticamente toda a comunicação de Getúlio Vargas repetia o mesmo discurso, e através desta insistência, consolidou Getúlio Vargas como o “Pai dos

Pobres”, além de propagar positivamente sua imagem. Tal como o mito em Durand (2002), Getúlio Vargas convenceu, também, pela repetição. Sendo uma presença semântica, não podemos aqui explicar o mito completamente, pois como afirma Durand (2002, p. 357), o mito não se traduz, não codifica, nem se racionaliza. Mas, ao mesmo tempo, o mito não está separado da razão ou da inteligência, como afirmavam alguns teóricos iconoclastas. Além disso, compreendemos que o mito não é um produto da história, segundo Durand (2002, p. 396), pois é ele quem dá vida à história, à imaginação histórica. Nesta perspectiva, compreendemos que nem todos os personagens históricos tornaram-se mitos.

Por meio das perspectivas de Maffesoli, também encontramos o caráter cíclico do mito, ou seja, sua repetição, sua redundância. Neste ponto, o autor lembra-nos que o mito pertence às dominantes cíclicas do Regime Noturno de Gilbert Durand, o qual nos recorda de que a lua é quem nos sugere tal processo de repetição, com suas fases sincrônicas e lineares.

Maffesoli (2004, p. 189) é o único dentre nossos autores referenciais que cita o papel dos publicitários neste processo de mitificação, chamando-os de “produtores de mito”, por considerar que estes “produzem conceitos”. Para, além disso, Maffesoli (2003a, p. 15) acredita que os mitos não possuem apenas uma identidade, mas identidades múltiplas. Esta característica do mito assemelha-se perfeitamente a Getúlio Vargas, pois este possuía múltiplas identidades. Era conhecido como o “Pai dos Pobres”, como o “Amigo das Crianças”, e ao mesmo tempo, era uma incógnita, pois agia de acordo com a situação, era flexível em suas ações, sabendo equilibrar poderes e amenizar conflitos. Tal característica pode ser observada em uma de suas célebres frases: “nunca tive amigos de quem não pudesse me separar nem inimigos de quem não pudesse me aproximar” (SILVA, 2004a).

Ao contrário de Lima (1955), Morin (1998, p. 16) acredita que o mito, assim como o imaginário, não é algo irreal, mas “uma profunda realidade humana”. Em Morin (1989), compreendemos o mito Vargas por meio de suas análises sobre o mito de James Dean e Marilyn Monroe. Para o autor, quando uma pessoa comum torna-se um mito, é porque ela tornou-se um ídolo das multidões, um ser amado por estas pessoas, pois, em sua concepção, o amor é algo divinizador, porque quando amamos, nós idealizamos e adoramos. Assim como estes dois ídolos do cinema, Getúlio Vargas também foi o ídolo das multidões, amado e idolatrado pela população.

Neste contexto de idolatria, compreendemos que os trabalhadores brasileiros também participavam de mobilizações em homenagem a Getúlio Vargas e ao governo fora dos desfiles oficiais em estádios. Na Figura 15, visualizamos algumas mulheres aclamando Getúlio Vargas, com fotos suas em cartazes. A Figura 16 apresenta uma comoção nacional, que

rezava para que Getúlio Vargas melhorasse de seu estado de saúde. De acordo com Schmidt (1997, p. 275), a multidão orava pela melhora de Getúlio Vargas como se ele fosse realmente um pai.



Fonte: JORNAL FOLHA DE SÃO BORJA, 24 de agosto de 1999.

Figura 15 – Mulheres demonstram seu apoio a Getúlio Vargas.



Fonte: SCHMIDT, 1997, p. 275.

Figura 16 – Multidão ora pela saúde de Getúlio Vargas.

Morin (1989, p. 65) acredita também que os mitos podem ser idolatrados por meio de “suportes míticos”. No caso de Getúlio Vargas, suportes míticos¹²¹ não faltaram para a sua adoração, pois este distribuía fotos e lembranças dos mais diversos tipos, com seu nome e/ou sua imagem. Além dos objetos e lembranças elaborados especialmente para presentear a população, percebemos que, com o passar dos anos, objetos que pertenciam a Getúlio Vargas ou que de alguma forma, fizeram parte de sua história, também podem ser considerados como suportes míticos, pois são guardados por aqueles que o admiram e até comercializados entre colecionadores.

Assim como James Dean e Marilyn Monroe, Getúlio Vargas também teve uma morte trágica, que, de certa forma, não era esperada pela população. Sobre a morte, Morin (1989, p. 117) afirma que esta sela o destino do herói mitológico, a morte “completa a profunda humanidade do herói”. Tais constatações faz-nos compreender que através da morte, Getúlio Vargas completou sua trajetória mítica e, assim, concretizou-se como um mito. Ou como afirma Silva (2010b, pp. 134-136), com sua morte, Getúlio Vargas saiu da história para tornar-se um mito, pois soube como morrer. Com o tiro no coração, o “Pai dos Pobres” encerra uma vida que se resumia basicamente em “poder, amor”, e enfim, morte.

A habilidade de “saber morrer” é a consolidação deste como um herói nacional, perpetuando-se para a posterioridade como um mito, ao abdicar da vida, em prol de sua honra.

¹²¹ Ver mais em: JEFFMAN, 2012a, *online*.

Para Skidmore (1982, p. 180), foi por meio de seu sacrifício que Getúlio Vargas “neutralizou as vantagens políticas e psicológicas que seus oponentes haviam acumulado”, além disso, o autor considera que “na morte, como na vida, os atos de Getúlio foram cuidadosamente calculados para produzir o máximo de efeito político”. Mendes (1986, pp. 5-6) sublinha que

morrer pode ser apenas o desfecho natural a que todos estamos sujeitos, o limite indecifrável. Não foi assim para Getúlio Dornelles Vargas, sua morte, precipitada por acontecimentos que lhe escaparam do controle, deveria ser coerente com os seus 71 anos vividos até a madrugada de 24 de agosto de 1954, transformando-se no último ato político, gesto definitivo de quem já não dispunha de armas para conter a oposição golpista em marcha desde sua volta ao poder, eleito pelo voto popular, em 31 de janeiro de 1951.

Aurélio (2009, p. 11) acredita que, através de seu suicídio, Getúlio Vargas conserva-se “vivíssimo no imaginário popular”, através da “fábula do Gegê ‘pai dos pobres’ e ‘defensor do povo humilde e da Nação’”. Conta-nos Mariante (2010, p. 12), que o cadáver de Getúlio Vargas “cumpriu o papel de justificar e perdoar”, os fatos e males que esse por ventura, cometera em vida. Mariante (2010, pp. 78-107) argumenta que “a morte transforma-se em um símbolo de esquecimento e de perdão, apaga e justifica erros e imperfeições, brinda ao morto qualidades e virtudes que em vida não foram proclamadas”. Assim, através da morte, Getúlio Vargas desejou que “a posterioridade o perdoasse, para que as massas e os seus biógrafos registrassem muitas histórias e mitos”.

Através da “politização dos cadáveres”, (ROMANO apud MARIANTE, 2010, p. 13); entendemos que o corpo de Getúlio Vargas atuou como um recurso “místico-funéreo”. Através de tal recurso, dá-se vida aos mortos, e prestígios aos vivos, que se utilizam das lembranças destes. Para Mariante (2010, pp. 57-119), “muitos escolhem a morte” a ter que abdicar de glorificações. Getúlio Vargas não fugiu a essa premissa, pois quando perdeu “o poder e a corte dos áulicos que o acompanhavam, perdeu também a razão de viver”. Com seu fim dramático, O ex-presidente se transformou em um “herói mítico e perene”, ao escolher “morrer como mártir para que seu governo não tivesse um fim associado ao conceito de tirania”. Mariante (2010), assim como outros autores, compreende que Getúlio Vargas expôs em diversos momentos sua índole suicida, como no trecho de seu diário: “Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso”. O ex-presidente não via na morte um fim, mas “um ponto de partida; um preâmbulo para atingir a glória”.

Concluindo a análise da trajetória mítica de Getúlio Vargas, recordamo-nos das palavras de Morin (1989, p. 26): “mito é um conjunto de condutas e situações imaginárias”. Neste caso, acreditamos que o que tornou Getúlio Vargas um mito, foi o conjunto harmônico

de ações, pessoas e fatos que contribuíram para tal mitificação. Isto é, o ex-presidente inicia a construção de seu mito quando deixa de ser apenas um político e passa a ser o líder da Aliança Liberal, e por consequência, Presidente do Brasil. Fortifica esse mito através de sua história, de suas ações e de sua conduta durante seus governos. Utiliza-se da propaganda, que não só o consolidou como uma figura simbólica, como propagou sua imagem positiva para todo o Brasil, valendo-se de uma comunicação massiva, repetida e linear, para que a população a assimilasse; entendesse e recordasse. Consolida-se como mito e conclui sua trajetória mítica ao escolher morrer como um herói nacional. Em suas últimas palavras, Getúlio Vargas expressou o desejo de sair da vida para entrar na história, porém, o conjunto e as condutas imaginárias que compuseram sua trajetória, foram além, o tornaram um mito.

Por fim, compreendemos que esse mito é um conjunto porque os elementos que tornaram Getúlio Vargas como tal, ou seja, a sua história, sua personalidade, sua conduta, sua comunicação e sua morte, não teriam êxito em tal mitificação se tivessem atuado sozinhos, pois foi a união de tais que concretizaram o mito. Também entendemos que essas condutas e situações são imaginárias, porque nós não convivemos com Getúlio Vargas, não estivemos ao seu lado no Palácio do Catete, nós apenas temos uma visão, um ponto de vista de como se deu tal conjunto, e essa perspectiva nos foi passada por diversos meios, como os livros, as histórias, filmes, documentários, e até mesmo, pela visão daqueles que viveram a época de Getúlio Vargas.

3.2 IMAGINÁRIO

Para Maffesoli (2001, p. 74), a palavra “imaginário” virou moda e tornou-se um termo do cotidiano. Silva (2006, p. 8) afirma que tal palavra deixou de pertencer somente ao meio acadêmico e passou a invadir o espaço da mídia, além de ser utilizada, muitas vezes, como sinônimo de “ideologia e cultura”. O argumento dos pesquisadores do imaginário é que o termo é utilizado demasiadamente e com nenhum (ou quase nenhum) critério conceitual. Tanto a mídia quanto o diálogo cotidiano tratam o termo como sinônimo de vários outros termos, tornam-no um conceito desvalorizado e com uma ampla gama de significações distintas.

De acordo com Legros (et al., 2007, p. 257), nas últimas décadas houve uma explosão no interesse ao estudo do imaginário. O autor refere-se a esse fenômeno, citando o considerável aumento no número de obras referentes ao imaginário na Biblioteca Nacional da

França. Legros (et al., 2007, pp. 257-258) apresenta-nos um gráfico onde demonstra que, entre os anos de 1950 e 1960, haviam 11 obras cujos títulos continham o substantivo “imaginário”. Entre os anos 1970 e 1980, esse número passou a ser de 108 obras, chegando a contabilizar 300 obras, entre os anos 1990 e 2000. Sublinha ainda, que “o ano de 1960 marca o início de uma forte corrente de interesse pelo imaginário com o surgimento da obra de Durand (1960)”.

Teixeira (2005, pp. 112-113) destaca, dentre os precursores do imaginário, Freud “com o conceito de inconsciente como produtor de mensagens simbólicas”; Jung “com os conceitos de inconsciente coletivo e de arquétipo”; Cassirer “com a filosofia das formas simbólicas”; Gadamer “com a teoria hermenêutica”; Ricoeur com seu “pensamento hermenêutico”; Gusdorf e sua teoria sobre a “consciência mítica”; Simmel e a teoria do “formismo”; além de Lévy-Strauss e seu “estruturalismo”. Já os pais dos estudos do imaginário, segundo Teixeira (2005, p. 113), são: Bachelard, Eliade, Corbin, Morin e Durand.

Ao percebermos a variedade de caminhos teóricos que nosso trabalho teria a oportunidade de trilhar, possuímos o discernimento de que necessitamos fazer escolhas. Então, para compreendermos o termo imaginário através de um viés interdisciplinar¹²², adentramos nas teorias de Gilbert Durand (juntamente com uma análise das concepções de Jung e Bachelard), Edgar Morin, Michel Maffesoli e Jean Baudrillard. Buscamos, por meio desta investigação, a compreensão do significado do “imaginário”, da evolução que o termo obteve no decorrer dos anos e das descobertas de teorias, como se constroem, como se propagam, enfim, como ele vive e como nós vivemos através dele. Pois, de acordo com Silva (2006, p. 49), “não se crê no imaginário. Vive-se nele”.

3.2.1 Imaginário em Gilbert Durand

De acordo com Silva (2006, p. 10), através da noção de “trajeto antropológico”, Durand “introduz um novo modo de olhar o cotidiano, tirou do existente, uma fórmula nova”. Já nas palavras de Maffesoli (2001, p. 75), Durand, em sua obra-prima, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, “recuperou o que tinha sido deixado de lado pela modernidade

¹²² De acordo com Mello (2002, pp. 10-11) o CRI – *Centre de Recherches sur l’imageire*, assim como outros centros de pesquisas relacionados ao imaginário, fundamentam-se nas reflexões de Gilbert Durand, “desenvolvidas em perspectiva interdisciplinar”. O autor une “teorias e métodos antropológicos, filosóficos, sociológicos, psicológicos e literários” desenvolvendo-as “a partir do diálogo entre as perspectivas teóricas de George Dumézil, Ernest Cassirer, Carl Gustav Jung, Mircea Eliade, Roger Callois, Henry Corbin, Gaston Bachelard, Paul Ricoeur, dentre outras”.

e indicou como o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito”. Nesta obra, Durand soube argumentar e contrapor o pensamento ocidental e sua tradição em desvalorizar a imaginação, até então tida como criadora de algo falso, irreal, errado. Nesta contraposição, Durand (2002) argumenta e justifica por que não compactua com a ideia de que a imaginação é um “pecado contra o espírito” (BRUNSCHIRCG apud DURAND, 2002, p. 21) ou que o imaginário configure-se como “a infância da consciência” (ALAIN apud DURAND, 2002, p. 21).

Observa Durand (2002, pp. 28-29), que as teorias intelectualistas equivocam-se em suas concepções sobre a imagem, atuando de forma empirista e assim, separando a imagem de um “pensamento puramente lógico”. Afirma que a psicologia geral “esteriliza a fecundidade do fenômeno imaginário”. Nota que Sartre desvaloriza o imaginário, pois sequer o compreende como uma fonte necessária “do signo arbitrário”, considerando-o apenas como um “signo desgarrado”. Complementando, Durand (2010, p. 15) acredita que a teoria do filósofo sobre a imaginação e o imaginário deriva de um recalçamento e de uma depreciação de tais conceitos. Em suma, Durand (2002, p. 29) compreende que tais teorias falharam em suas concepções sobre a “imagem como símbolo”, e por consequência, deixaram “evaporar a eficácia do imaginário”.

Durand (2010, p. 16) cita também a resistência teórica perante o imaginário, de Sócrates, Platão e Aristóteles, que relegaram este à margem da cientificidade. Tais teóricos da Antiguidade acreditavam somente na veracidade de algo através de fatos provados, de suas experiências, através da causa e efeito. A ciência, então, só abrangeria aquilo que a razão pudesse provar, e através desta concepção, relegavam o imaginário e a imaginação ao campo do errôneo, do falso, visto que estes não podem ser demonstrados ou provados. No entanto, Durand (2010, p. 16) sublinha que, Platão, mestre de Aristóteles e discípulo de Sócrates, sabia “que muitas verdades escapam à filtragem lógica do método” racionalista. Não é porque não conseguimos demonstrar ou ver materializado o amor e a alma, por exemplo, que os estes não existam, ou que sejam irrealis. O autor cita também, Comte e Marx como teóricos que desvalorizaram o imaginário, situando seu conceito “‘à margem’ da civilização, tanto na idade ‘teológica’ do primitivo humano quanto na superfície da insignificância superestrutural” (DURAND, 2010, pp. 46-47).

Argumentando em contraposição a tais concepções, Durand constrói seu fundamento teórico inspirado nos conceitos de Bachelard e Jung, duas fontes essenciais para a sua base conceitual. Porém, foi Bachelard o pesquisador que lhe ofertou a entrada para os estudos do

imaginário. Por este motivo, podemos considerar que Durand é um sucessor do “pensamento bachelardiano” (MELLO, 2002, p. 14).

Para Durand (2002, p. 30), foi Jung que, “na esteira da psicanálise, viu bem que todo o pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, ‘esquemas¹²³ ou potencialidades funcionais’ que ‘determinam inconscientemente o pensamento’”. Em seu princípio, o conceito de inconsciente “limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos ou esquecidos”, afirma Jung (2000, p. 15). Já para Freud, como cita Jung (2000, p. 15) a concepção de inconsciente é o “espaço de concentração desses conteúdos esquecidos e recalçados, adquirindo um significado prático graças a eles”. O autor salienta que uma característica essencial do inconsciente em Freud, é de que ele é individual. Jung (2000, p. 15, grifo do autor) então explica-nos que atribui a esta característica do inconsciente a denominação de “*inconsciente pessoal*”, que se configura como “uma camada mais ou menos superficial do inconsciente”. A partir disso, desenvolve o conceito de “*inconsciente coletivo*” que nada mais é do que “uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata”. O autor sublinha que optou pelo termo “‘coletivo’ pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal”, ou seja, esse inconsciente “possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘*cum grano salis*’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos”.

Entre outras, é a noção de inconsciente coletivo e arquétipo, desenvolvida por Jung, que Durand (2002, 2002, p. 60) utiliza em sua concepção de “trajeto antropológico do imaginário”. Nas palavras do autor “os arquétipos constituem as substituições dos esquemas”. Para Jung (2000, pp. 87-88, grifo do autor), o conceito de “arquétipo nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de ‘ideia’ no sentido platônico”. O autor nota ainda que, sendo ele um teórico empirista, constata que “há um temperamento para o qual *as ideias são entidades e não somente ‘nomina*’”. Jung (apud MELLO, 2002, p. 70) afirma ainda, que o arquétipo “é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes sem perder sua configuração original”.

De acordo com Jung (apud DURAND, 2002, p. 61) “as imagens que servem de base a teorias científicas mantêm-se nos mesmos limites [...] que as que aspiram contos e lendas”.

¹²³ Durand (2002, p. 60) afirma que compreende o termo “esquema”, como um termo genérico, inspirado nas teorias de “Sartre, Burloud e Revault”. Nas suas palavras, o “esquema é uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário”. Afirma ainda, que “o esquema faz a junção entre os gestos inconscientes da sensória-motricidade, entre as dominantes reflexivas e as representações. São estes esquemas que formam o esqueleto dinâmico, o esforço funcional da imaginação”.

Durand (2002, pp. 61-62) ressalta que a noção de arquétipo é de extrema importância, pois constitui “o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais”. O arquétipo é diferente do símbolo, visto que esse último “é geralmente a sua falta de ambivalência, a sua universalidade constante e a sua adequação ao esquema”. Contudo, Durand (2002, p. 383) sublinha que Jung “reconhece que o aspecto da imagem da alma [...] é motivado pelos costumes e pelas pressões sociais mais do que determinado fisiologicamente”.

Durand (2010, p. 37) salienta que foi Jung quem “normalizou o papel da imagem”, sendo que, para este, “a imagem, por sua própria construção, é um modelo de autoconstrução (ou ‘individualização’) da psique”. Entendemos que é Jung quem inicia o processo de valorização das imagens e transforma o paradigma existente até então, construído pelos iconoclastas. Jung equivale os valores científicos e simbólicos, ou seja, as teorias racionalistas e os contos/lendas/mitos. O referido autor vai além quando constrói o conceito de arquétipo, desenvolvendo assim, a união entre o imaginário e a razão, com a noção de que esse imaginário é motivado mais pela sociedade e seus processos do que pelo que somos fisiologicamente. É o meio que o motiva, não o indivíduo isolado.

O contemporâneo de Jung, professor de Durand, Gaston Bachelard, foi quem forneceu a base conceitual para a teoria durandiana. De acordo com Maffesoli (2001, p. 75), Bachelard foi o teórico que “mostrou que as construções mentais podiam ser eficazes em relação ao concreto”. Bachelard (1990, p. 01) é quem oferta à Durand a iniciação ao estudo do imaginário, porque reconhece e valoriza “o poder da imaginação”, que ele considera

a faculdade de *deformar* imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de *mudar* as imagens [...]. Se uma imagem *presente* não faz pensar uma imagem *ausente*, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação (BACHELARD, 1990, p. 01, grifo do autor).

O “vocabulário fundamental que corresponde à imaginação não é *imagem*, mas *imaginário*” argumenta Bachelard (1990, p. 01, grifo do autor). A “imaginação é essencialmente *aberta, evasiva*” graças ao imaginário. Durand (2002, p. 30) ressalta que a “concepção geral” de Bachelard com relação ao “simbolismo imaginário” repousa em duas intuições que ele utiliza em suas explanações, que é a compreensão de que “a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo é o fator de homogeneidade na representação”. O autor sublinha que na teoria bachelardiana, a representação é metafórica “em todos os níveis” e sendo assim, “ao nível da representação todas as metáforas se equivalem”. É esse o significado da metáfora que corresponde à “matriz original a partir do qual o pensamento

racionalizado e o seu cortejo semiológico se desenvolvem”. Para Bachelard, explica-nos Durand (2002, pp. 31-35), a “assimilação subjetiva” atua como um elo entre os símbolos e suas motivações, e que a nossa sensibilidade serve como um mediador entre o mundo dos sonhos e o mundo dos objetos, utilizando-se das “diversões de uma física qualitativa e de primeira instância do tipo aristotélico”.

Durand (2002) bebe da fonte da psicanálise com Jung e da fonte da filosofia com Bachelard. Apesar disso, sente necessidade de avançar seus estudos em direção à antropologia, para compreender melhor o imaginário dessa espécie chamada *homo sapiens*. De acordo com Durand (2002, p. 39), os psicanalistas interpretam a imaginação como “o conflito entre as pulsões e o seu recalçamento social”, mas o teórico argumenta que a imaginação está longe de ser um recalçamento. Ela é, sim, o início de uma libertação, o “resultado entre os desejos do ambiente social e natural”.

Com o discernimento de que é preciso ir além da psicanálise para compreender o “simbolismo imaginário”, Durand (2002, pp. 40-41, grifo do autor) direciona-se para a antropologia, interpretando-a em seu sentido atual, isto é, como o “conjunto da ciência que estuda a espécie *homo sapiens*”. É com base nessa ciência, que o autor desenvolve uma das noções fundamentais de sua teoria: o “trajeto antropológico do imaginário”. Em suas palavras, trata-se de uma metodologia para compreender a “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. Durand (2010, p. 90) complementa tal afirmativa, quando nota que o “trajeto antropológico representa a afirmação na qual o símbolo deve participar de forma indissolúvel para emergir numa espécie de ‘vaivém’ contínuo nas raízes inatas da representação do *sapiens* e, na outra ‘ponta’, nas várias interpelações do meio cósmico e social”. De acordo com Maffesoli (2010a, p. 152), a noção de “trajeto antropológico” de Durand realiza a “conexão existente entre a natureza e a cultura”.

O símbolo é pluridimensional e, ao mesmo tempo, é um “produto dos imperativos psíquicos pelas intimações do meio”. É esse produto que Durand (2002, p. 41) denomina de trajeto antropológico, visto que uma das características, tanto do trajeto quanto do produto, é a sua reversibilidade. O imaginário é esse trajeto, onde as nossas representações de um dado objeto se deixam constituir e modelar por nossos “imperativos pulsionais”, sendo Piaget (apud DURAND, 2002, p. 41), o teórico que soube mostrar como tais representações podem ser explicadas “pelas acomodações anteriores do sujeito”. Durand (2002) afirma que o “trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis”.

O trajeto antropológico concede-se nos intervalos, entre estas reversibilidades, e estes intervalos constituem, por sua vez, um reservatório. Referindo-se a este reservatório, Silva (2006, pp. 11-12) argumenta que o imaginário é um reservatório/motor. É um reservatório porque este “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. O imaginário também é um motor, na medida em que “é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos”. Para Silva (2006, p. 14), o imaginário é uma “‘bacia semântica’ que orienta o ‘trajeto antropológico’ de cada um na errância existencial”. Bacia semântica, por sua vez, é uma noção desenvolvida por Durand (2010, p. 103), que nada mais é do que a concepção que

permite a integração das evoluções científicas supracitadas e em seguida, uma análise mais detalhada dos subconjuntos de uma era e área do imaginário: seu estilo, mitos condutores, motivos pictóricos [...], isto é, propondo uma 'medida' para justificar a mudança de modo mais pertinente do que o menos explícito 'princípios do limite'.

Durand (2010, pp. 115-116) afirma que as profundas mudanças de uma época eram atribuídas às mudanças de gerações, como se esses imaginários se modificassem de pai para filho, porém ressalta que “essa revolta periódica [...] é curta demais para cobrir a amplitude de uma bacia semântica”. O autor constatou que a mudança do imaginário ocorre entre 150 a 180 anos justificada pela duração de três ou quatro gerações. Ou seja, um mesmo imaginário é compartilhado pelo avô, pelo filho e pelo neto, o que daria uma continuidade de cerca de 120 anos. Acrescenta-se então, “o tempo da institucionalização pedagógica de 50 a 60 anos, que permite ao imaginário familiar, sob pressão de eventos extrínsecos, se transformar num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global”. Legros (et al., 2007, p. 126) afirma que a noção de “bacia semântica”, desenvolvida pelo autor “dá conta da ressurgência, da manutenção e da decadência de um ciclo de pensamento, ciclo histórico de uma temporalidade de, aproximadamente, 140 a 180 anos. [...] indo de uma bacia a outra”.

A obra *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* é basicamente estruturada¹²⁴ em dois livros, que correspondem à explanação dos regimes¹²⁵ da imagem: um Regime Diurno e

¹²⁴ Durand (2002, p. 63) afirma que organiza o imaginário em estruturas porque estas, ao contrário da forma, que implica uma “certa parada, uma certa fidelidade, um certo estatismo”, implica um “certo dinamismo transformador”. Durand (2002, pp. 63-64) sublinha que chama de estrutura “certos protocolos normativos das representações imaginárias, bem definidos e relativamente estáveis, agrupados em torno de esquemas originais”. Argumenta ainda, que as estruturas “são modelos que permitem o diagnóstico e a terapêutica”.

um Regime Noturno. Enquanto o Regime Diurno é ordem, apolíneo, racional, dierético, heterogêneo e correspondente da dominante reflexa (postural) e da estrutura heroica do imaginário, o Regime Noturno é desordem, dionisíaco¹²⁶, emocional, sensorial, homogêneo e correspondente da dominante digestiva e copulativa e das estruturas místicas e sintéticas do imaginário (STRONGOLI, 2005, p. 162). Nas palavras do autor,

o Regime Diurno tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais de elevação e da purificação, o Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestivas e cíclicas, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os **mitos** e os dramas astrobiológicos (DURAND, 2002, p. 58, grifo nosso).

No livro primeiro, Durand (2002, pp. 67-188, grifo do autor) apresenta-nos as especificidades do Regime Diurno da imagem, que de acordo com este, é o “regime da antítese” e “essencialmente polêmico”. A antítese trata-se de “um dualismo exacerbado, no qual o indivíduo rege a vida unicamente segundo ideias e torna-se ‘doutrinário à *outrance*’”. É também o regime que compreende a estrutura heroica, que se trata da representação da luta contra as trevas, e até mesmo a luta frente à morte e ao tempo.

Durand (2002, pp. 67-70) estrutura o Regime Diurno em duas partes: a primeira se refere as “As faces do tempo” e a segunda parte se refere ao “O cetro e o gládio”. Nesta primeira parte do Regime Diurno, explica-nos o que são os “símbolos teriomórficos”, os “símbolos nictomórficos” e os “símbolos catamórficos”. Os “símbolos teriomórficos” se tratam, de uma maneira mais frequente, das relações entre o animal e sua representação imagética. O autor fala então da íntima relação da criança com animais como o rato (Mickey) e o gato (O Gato de Botas) e também com seus ursos de pelúcia. Fala de animais que se constituem como símbolos de virtude ou de elementos naturais, como a salamandra que simboliza o fogo e a raposa que simboliza a astúcia. Sublinha que “o animal apresenta-se [...] como um abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica, como mostra a universabilidade e a pluralidade da sua presença tanto numa consciência civilizada como na mentalidade primitiva”.

¹²⁵ Durand (2002, p. 64) entende por regime, uma “estrutura como uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e suscetível ela própria de ser agrupar numa estrutura mais geral”.

¹²⁶ Durand (2010, p. 66) nomina essa diferença como imaginários “dionisíacos” e imaginários “apolíneos”.

Os “símbolos nictomórficos” são elementos de cunho natural, tanto do meio ambiente quanto do homem/mulher, representando assim, a angústia humana frente à passagem do tempo. É explicando-nos estes símbolos que Durand (2002, pp. 90-109) fala-nos sobre os significados de elementos como a “meia-noite sinistra”; os “calendários noturnos”; o ouvido como “sentido da noite”; a negrura como algo negativo; “os aspectos tenebrosos da água”, nossas lágrimas, o sangue menstrual como “testemunha da impureza da feiticeira mãe”, a lua como sendo o primeiro marido das mulheres, e até mesmo as duas valorizações da carne (digestiva e sexual). Sobre esta última constatação, Durand (2002, p. 117) nota que, “desde Freud, sabemos explicitamente que a gulodice se encontra ligada à sexualidade, o oral sendo o emblema regressivo do sexual”.

Sobre os “símbolos catamórficos”, Durand (2002, p. 111, grifo do autor) declara que “a terceira grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade” lhe parece “residir nas imagens dinâmicas da *queda*”. Explica-nos que esses símbolos se relacionam com a queda, mas também com a vertigem, a gravidade, o esmagamento, o abismo, e de acordo com o autor, esta metáfora é “solidária dos símbolos das trevas e da agitação”. Para Durand (2002, pp. 112-113), temos nossa primeira experiência de queda quando nascemos, no movimento brusco que médicos/parteiras exercem para trazer-nos ao mundo, o que se caracteriza também como nossa “primeira experiência do medo” (MONTESSOTI apud DURAND, 2002, p. 112). Afirma que a queda referente a estes símbolos “resume e condensa os aspectos temíveis do tempo”.

Na segunda parte do Regime Diurno, denominada “O centro e o gládio”, Durand (2002, pp. 130-145, grifo do autor) apresenta-nos os “símbolos ascensionais”, os “símbolos espetaculares”, os “símbolos diairéticos” e por fim, estrutura tal regime em quatro “estruturas esquizomorfas”. Os “símbolos ascensionais” lhe aparecem “marcados pela preocupação da reconquista, de uma potência perdida, de um tônus degredado pela queda”. Ao contrário do “símbolo catamórfico”, esses símbolos caracterizam-se pela busca da ascensão, da verticalização. E “o instrumento ascensional por excelência é, de fato, a *asa*”. O autor fala-nos, então, do pássaro, que seria apenas um assessorio de suas asas, sendo que estas se caracterizam como “atributo do voar”. Explana que tanto pássaros como borboletas, remetem “para o desejo dinâmico de elevação, de sublimação”.

Os “símbolos espetaculares” conduzem o indivíduo a tudo o que remete à luz, ao luminoso. Referem-se também à imagem solar, pois, de acordo com o Durand (2002, pp. 146-159), “tal como o esquema da ascensão se opõe ponto por ponto, nos seus desenvolvimentos simbólicos, ao da queda, também aos símbolos tenebrosos se opõem os da luz e especialmente

o símbolo solar”. Em suma, os “símbolos espetaculares” são aqueles que trazem luz às trevas. Para o autor, “a luz tem tendência para se tornar raio ou gládio e a ascensão para espezinhar um adversário vencido”, visto que, aí “já se começa a desenhar em filigrana, sob os símbolos ascensionais ou espetaculares, a figura heroica do lutador erguido contra as trevas ou contra o abismo”. Os “símbolos diairéticos”, por sua vez, referem-se às armas, à luta do bem contra o mal, no corte que separa o puro do impuro. O autor argumenta, no entanto, que essa arma tanto pode ser a flecha, o machado, quanto pode caracterizar-se pela sexualidade masculina. São os símbolos diairéticos que fornecerão a este “herói solar” as habilidades de que precisa para alcançar a transcendência, ou seja, lhe tornará armado e apto para enfrentar suas batalhas.

Durand (2002, pp. 180-190), nota que o “sentido do regime diurno do imaginário é pensamento ‘contra’ as trevas, é pensamento contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra o Cronos, o tempo mortal”. O Regime Diurno da representação pode ser definido como “o trajeto representativo que vai da primeira e confusa glosa imaginativa implicada nos reflexos posturais até a argumentação de uma lógica da antítese e ao ‘fugir daqui’ platônico”. É contra as faces do tempo, que se estabelece tal regime, “pela espada e pelas purificações, o reino dos pensamentos transcendentais”.

O sintoma que marca a mudança entre o Regime Diurno e o Regime Noturno da imagem é “a tomada de consideração do corpo”, sendo que esse corpo é considerado pelo aspecto sexual, digestivo e ginecológico. O corpo deixa de ser constituído por aspectos negativos e passa a ser constituído por aspectos positivos. Como constata Durand (2002, p. 203), o processo de alternância entre os regimes

reside essencialmente em que pelo negativo se reconstitui o positivo, por uma negação ou por um ato negativo se destrói o efeito de uma primeira negatividade. Pode-se dizer que a fonte da inversão dialética reside neste processo de dupla negação, vivida no plano das imagens, antes de ser codificado pelo formalismo gramatical.

Durand (2002, p. 197) argumenta que o Regime Noturno da imagem “estará constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo”. Enquanto o Regime Diurno é o regime da antítese, o Regime Noturno é o regime da antífrase. Assim como o Regime Diurno da imagem, o Regime Noturno é dividido em duas partes: “A descida e a taça” e “Do Denário ao pau”. Na primeira parte, o autor apresenta-nos os “símbolos da inversão” e os “símbolos da intimidade”, que são partes que constituem as “estruturas místicas do imaginário”. Na segunda parte do Regime Noturno, Durand (2002, p. 281) apresenta-nos os “símbolos

cíclicos”, considerações do “esquema rítmico ao mito do progresso”, as “estruturas sintéticas do imaginário e estilos da história” o por fim, “mito e semantismo”.

Dentro da estrutura mística, que é o exorcismo dos horrores enfrentados pelo herói, encontramos os “símbolos da inversão”, um modo de “regresso do imaginário”. Nestes símbolos, o ventre passa a ser considerado através de um aspecto positivo, tanto o ventre digestivo quanto o ventre sexual. A partir daí, o que era tido negativamente como queda no Regime Diurno, é visto agora como descida, o ventre então se caracteriza como “o símbolo da descida feliz”. Durand (2002, pp. 201-203) argumenta que “o eixo da descida é um eixo íntimo, frágil e macio”, afirma-nos que, o que diferencia a queda da descida é essencialmente o tempo, isto é, a lentidão da descida em contraposição à rapidez da queda. É nesses símbolos que o autor fala-nos sobre a gulliverização, que ao contrário de como ocorre no Regime Diurno, em que a sexualidade masculina é tida como uma arma potente do herói solar, no processo de gulliverização há uma “inversão da potência viril”. Durand (2002, pp. 213-214) nota que essa “gulliverização é uma espécie de infantilização dos órgãos masculinos e denotaria um ponto de vista psicanaliticamente feminino exprimindo o medo do membro viril e da efração do coito”.

No Regime Diurno, a luz e o sol eram tidos como algo positivo. No Regime Noturno, há a valorização da noite, pois, como afirma Durand (2002, pp. 218-224, grifo do autor) presenciamos uma “reviravolta nos valores tenebrosos atribuídos à noite pelo *Regime Diurno*”. É na noite que encontramos as cores, ofertadas a nós através de “toda a riqueza do prisma e das pedras preciosas”, contrapondo-se, assim, às trevas. Neste regime, encontramos também a música, que se contrapõem ao ruído. Esta “opera o milagre de tocar em nós o núcleo mais secreto, o ponto de enraizamento de todas as recordações e de fazer dele por um instante, o centro do mundo feérico”. O simbolismo da melodia, juntamente com o das cores, é um “meio de exorcizar e reabilitar, por uma espécie de eufemização constante a própria substância do tempo”. A terra e a água, nesse regime, também são consideradas como elementos positivos, como imagens que “contribuem para constituir uma ambiência de volúpia e de felicidade que constitui uma reabilitação da feminilidade”.

Os “símbolos da intimidade” referem-se ao acolhimento maternal, o acolhimento da morte que nos oferece o descanso eterno (oferecendo-nos assim, o regresso à mãe Terra) e o acolhimento da nossa casa, da nossa morada, sendo que, segundo Durand (2002, pp. 245-249), a casa é o “símbolo da intimidade”. Quando regressamos à nossa mãe Terra, realizamos então a “valorização da própria morte e do sepulcro”. Através da morte, então, encontramos

um forte simbolismo que está ligado ao Regime Noturno, que é a repetição. Entramos num processo de eterno recomeço e encontrando-nos no tempo sagrado.

Em suma, as “estruturas místicas do imaginário” se tratam de “uma mostra que resume as estruturas noturnas” e que compreende assim, como já afirmamos, os símbolos da inversão e da intimidade. Esses símbolos, por sua vez, evidenciam o “redobramento e a perseverança”, de acordo com Durand (2002, p. 269, grifo do autor).

A primeira estrutura mística é essa “fidelidade na preservação e o redobramento que os símbolos do encaixe e a sua sintaxe de redobramento e de dupla negação ilustram”. A segunda estrutura é essa “viscosidade eufemizante que em tudo e por toda a parte adere às coisas, e que se caracteriza por utilização da antífrase, recusa de dividir, de separar e de submeter o pensamento ao implacável regime da antífrase”. A terceira estrutura é “uma ligação ao aspecto concreto, colorido e íntimo das coisas, ao movimento vital, à *Erlebnis* dos seres”. E a quarta estrutura é “a da concentração, do resumo liliputiano, manifesta explicitamente a grande reviravolta dos valores e das imagens a que a descrição do Regime Noturno das fantasias nos habituou” (DURAND, 2002, p. 279).

Somos extremamente fiéis às nossas origens, à nossa casa, à Pátria materna. Compreendemos, então, que a casa é um símbolo de intimidade, seja qual for o modo que se apresenta, e assim como a noite, ela nos traz as sensações de proteção e aconchego, pois a casa é o nosso mundo protetor, onde nos recolhemos para sonhar e devanear. Ao mesmo tempo, estamos ligados à “vivacidade das imagens”, através de um “*realismo sensorial*”. E por fim, realizamos a valorização do pequeno, do inferior. Durand (2002, pp. 273-277) explica-nos que no Regime Noturno “há uma reviravolta completa de valores: o que é inferior toma o lugar do superior, os primeiros tornam-se os últimos, o poderio do polegar vem escarnecer a força do gigante e do ogro”.

Na segunda parte do Regime Noturno, dentro da estrutura sintética do imaginário, encontramos os “símbolos cíclicos”, símbolos que objetivam a dominação do tempo. Estes símbolos se subdividem em duas categorias: “segundo se privilegia o poder de repetição infinita de ritmos temporais e o domínio cíclico do devir ou, pelo contrário, se desloca o interesse para o papel genético e progressista do devir, para essa maturação que apela aos símbolos biológicos”. Nesta perspectiva cíclica, Durand (2002, pp. 282-294) argumenta que a “lua sugere sempre um processo de repetição”. Para o autor, “a poesia, a história, assim como a mitologia ou a religião, não escapam ao grande esquema cíclico da conciliação dos contrários”.

Durand (2002, pp. 354-355) organiza então, a segunda fase do Regime Noturno em quatro estruturas sintéticas bem demarcadas. A primeira estrutura é a “estrutura da harmonização de que o gesto erótico é a dominante psicofisiológica, organiza as imagens quer em grande universo musical, quer em Universo simplesmente”. A segunda estrutura é a estrutura dialética, que “tende a conservar a todo custo os contrários no seio da harmonia cósmica”. A terceira estrutura é a “estrutura histórica, quer dizer, uma estrutura que já não tenta esquecer o tempo, mas que, pelo contrário, utiliza conscientemente a hipótese que aniquila a fatalidade da cronologia”. E essa, por fim, inaugura a quarta estrutura, que é a “estrutura progressista”.

Em suma, Durand (2010, p. 40) afirma que "todo o imaginário humano articula-se por meio de estruturas plurais e irredutíveis, limitadas a três classes que gravitam ao redor dos processos matriciais do 'separar' (heroico), 'incluir' (místico) e 'dramatizar' (disseminador), ou pela distribuição das imagens de uma narrativa ao longo do tempo". Como já mencionamos anteriormente, o universo heroico pertence ao Regime Diurno da imagem, e os universos místico e dramático (sintético) pertencem ao Regime Noturno da imagem.

Após a explanação sobre os regimes Diurno e Noturno, abrangendo suas fases, símbolos e estruturas, sentimos a necessidade de desenvolver uma organização visual de ambos os regimes. Assim, podemos observá-los em sua totalidade, de uma maneira simples e resumida, baseada nos preceitos de Durand (2002) e na organização das estruturas antropológicas elaborada por Strongoli (2005, p. 169).

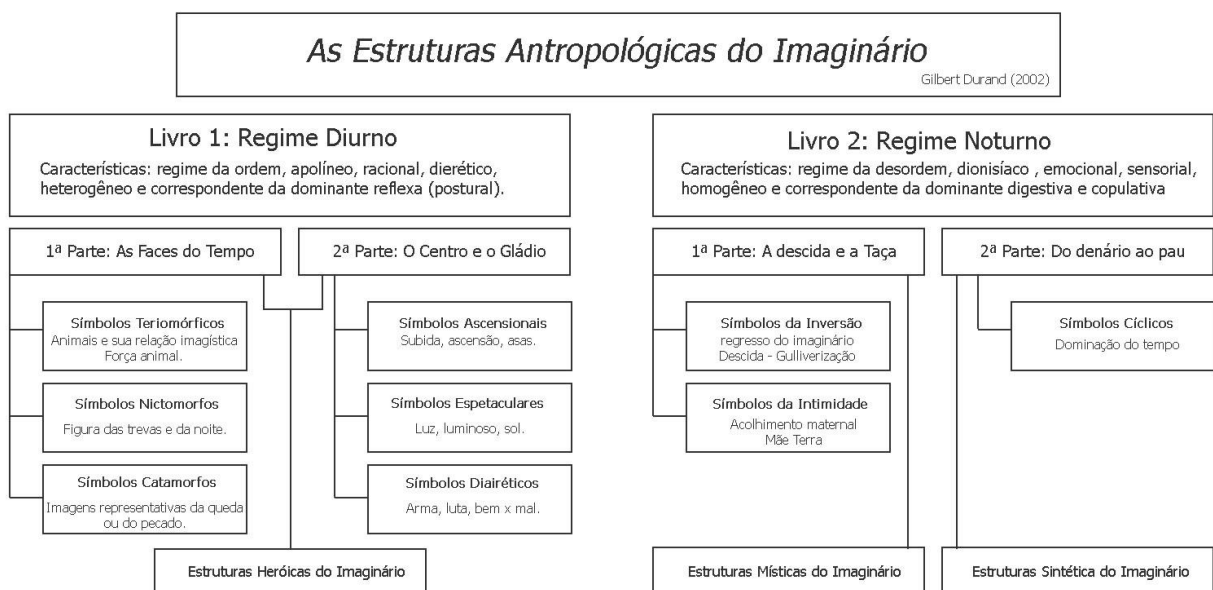


Figura 17 – As Estruturas Antropológicas do Imaginário.

A partir da análise destes termos-chaves para Durand (2002, p. 18, grifo do autor), como trajeto antropológico, Regime Diurno e Regime Noturno, entre outros, podemos enfim afirmar que para o referido autor, o imaginário é “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”. Durand (2010, p. 117, grifo do autor) afirma também que imaginário é “a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o *homo erectus* ficou em pé na face da Terra”.

Durand (2010, pp. 41-87) argumenta que “o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”, sendo que “todo pensamento humano é uma re-presentação”. Logo, todo o pensamento humano forma-se pelo imaginário. Para o referido autor, “o imaginário, nas suas manifestações mais típicas (o sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação, etc...) [...] é alógico”, porém, não é arbitrário¹²⁷. Durand (2002, p. 432, grifo do autor) conclui que “o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo e como imaginação criadora, mas, sobretudo, como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor”. Argumenta ainda, que “o imaginário, longe de ser uma paixão vã, é ação eufêmica e transforma o mundo segundo homem de desejo”.

Entendemos que as concepções aqui expostas, referentes ao teórico Gilbert Durand, caracterizam-se cada vez mais como concepções que podem ser percebidas em nossa atualidade. Nossa época valoriza a imagem de forma exacerbante. Fato reconhecido tanto por autores literários¹²⁸ quanto por pesquisadores acadêmicos, e esses, por sua vez, sentem-se cada vez mais instigados a compreender esse mundo de imagens, imaginações e imaginários. O próprio Durand (2010, p. 120), em seu livro *O Imaginário*, conclui que vivemos em uma “civilização da imagem”, o que nos permite perceber o poder desta frente às nossas concepções. Somos bombardeados diariamente por imagens “enlatadas” e sofremos pelo excesso de informação, buscando cada vez mais, filtros para estas. Mas, felizmente, “se formou um ‘magistério’ discreto de sábios competentes, [...] aos quais aqueles que pretendem governar, deverão prestar atenção”. Durand dedica-se ao estudo da imagem e do imaginário, mas é contra as imagens tecnicistas.

Em suas explanações, Durand (2010, pp. 55-57) cita Michel Maffesoli, afirmando que este é o “fundador simultâneo de uma estética sociológica atenta às menores imagens do

¹²⁷ Durand (2002, p. 32) rejeita a teoria Saussuriana da “arbitrariedade do signo”, e por consequência, rejeita também a concepção do autor de que o significante seja linear.

¹²⁸ Cláudia Tajés, em seu livro *A vida sexual da mulher feia* (2010) afirma que “imagem é tudo”, justificando as dificuldades que a mulher feia encontra em suas prospecções de relacionamentos.

cotidiano, ao frívolo, efêmero, conquistadora do presente e do atual". Argumenta que a "sociologia passará a ser a 'figurativa' (Tacussel), fundamentando-se num 'conhecimento comum' (Maffesoli) onde sujeito e objeto formam um só no ato de conhecer e no qual o estatuto simbólico da imagem constituiu paradigma".

3.2.2 Imaginário em Michel Maffesoli

Com base em Bachelard e Durand e inspirado também em outros autores¹²⁹, Maffesoli caracteriza-se como um “gerador de uma perspectiva nova e frutífera de leitura do imaginário”. De acordo com Silva (apud MAFFESOLI, 2010a, p. 10), Maffesoli é “o mais importante e original teórico da pós-modernidade¹³⁰ no mundo”. Para compreendermos a noção de imaginário em Maffesoli, se faz necessário a análise das demais noções que o autor trabalha e que auxilia-nos na compreensão do porquê de sua defesa de que não exista um imaginário individual, mas sim um imaginário coletivo, o imaginário que emana desta vida social, do vaivém do cotidiano de um determinado grupo ou tribo e de o porquê da importância da valorização do presente. Maffesoli (2004, p. 119) explica-nos essa coletividade ao afirmar que o indivíduo é acima de tudo transcendental. Isso significa que ele é coletivo e “particulariza-se em metamorfoses individuais”. Para Maffesoli (2001, p. 80, grifo nosso), o imaginário é somente coletivo, nunca individual, pois este constata que,

na maior parte do tempo, o imaginário dito individual reflete, no plano sexual, musical, esportivo, o **imaginário de um grupo**. O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional.

O imaginário é uma realidade. É o que afirma Maffesoli (2001, p. 74). O autor defende que o imaginário é "o cimento social", é um "estado de espírito de um grupo", portanto não pode ser individual. Argumenta que este imaginário pós-moderno reflete no que ele chama de "tribalismo", onde não existe o teu ou o meu imaginário, mas o imaginário "de um grupo no qual" a pessoa se encontra inserida. O imaginário, de acordo com Maffesoli

¹²⁹ De acordo com Paiva (2004, p. 31), Maffesoli inspira-se na Filosofia, com “Nietzsche, Jung, Benjamin, Bachelard, Foucault” e Deleuze, na Estética, com “Wolffin, D’Ors, Lukács” e Bazin, na Antropologia, como “Durand, Mircea Eliade, Bastide” e Goffman, na Sociologia, com “Weber, Durkheim” e Simmel, e na História, com “Jaeger, Braudel” e Veyne.

¹³⁰ Maffesoli (apud SILVA, 1999a, p. 20) afirma que utiliza o termo “pós-modernidade” como um tema provisório, bem como se usava, na modernidade, o termo “pós-medievalidade”.

(2010a, p. 78), "funciona pela interação", ele não é nem de direita, nem de esquerda, "pois está aquém ou além dessa perspectiva moderna".

Nas palavras de Silva (2006), Maffesoli afirma que podemos compartilhar desde uma mesma filosofia, até uma visão de algo, ou de alguém. O imaginário em Maffesoli é, de acordo com Silva (2006, pp. 57-64), "uma memória afetiva somada a um capital cultural", é "a presença do indivíduo no inconsciente coletivo". Para Maffesoli, o imaginário é uma aura, inspirando-se no conceito de aura elaborado por Walter Benjamin (apud SILVA, 2006, p. 17), sendo que, para este, a aura é "uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja". Silva (2006, p. 18) complementa: "o imaginário é uma aura sem peso unitário", em constante mutação.

Dentro desta concepção de imaginário coletivo, podemos perceber que Maffesoli não acredita na noção de identidades, mas sim, nas identificações. Neste sentido, o indivíduo é um ser efêmero, mutável, e que tende a identificar-se com algo/alguém, sendo que esta identificação pode esvaír-se, conforme as mudanças em sua vida e em seu pensamento vão acontecendo. Para Maffesoli (2005, pp. 14-17), "o indivíduo não é mais uma entidade estável promovida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo". O autor defende que há uma "unicidade flexível que agrega numa harmonia conflitual as tribos mais diversas". Isto é, há algo que nos une enquanto sociedade. Mesmo que pertençamos a grupos totalmente diferentes, sempre partilharemos algo em comum com os demais participantes desta.

Entendemos que esse indivíduo não possui apenas uma identidade estática, imutável, mas pratica diversas identificações. Maffesoli (2007a, pp. 100-102) argumenta que nossa participação em grupos, no mundo, ou na natureza não tem mais razão de ser, somente pelas identidades, pois acredita que "não tem mais sentido o fechamento na fortaleza de seu espírito e numa identidade (sexual, ideológica, profissional), intangível e, sim, no gastar-se, na entrega e outros processos de 'perda', colocando o assento na abertura, no dinamismo, na alteridade, na sede de infinito". O autor considera que estamos saindo do patamar das "identidades estáveis", rumando para as "identificações ocasionais (lábeis)". Enfim, Maffesoli (2004, p. 138, grifo do autor) nota que "a *identidade* pessoal só vale em função da *identificação* a um grupo determinado"¹³¹.

¹³¹ Não podemos deixar de notar que esta perspectiva sobre identidade explanada por Maffesoli (2007a), assemelha-se às concepções de Stuart Hall, um dos teóricos da linha dos Estudos Culturais. Hall (2006, p. 10) argumenta que existem três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Através da reflexão de Stuart Hall (2006, p. 12): "o sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas". Hall

Pensando tais identificações, Maffesoli (2007b, p. 100) ressalta que nosso tempo está mudando, e esse novo tempo, o “tempo das tribos”, é o que marca a “saturação lógica da identidade”. Essa saturação dá-se, em sua essência, porque o “tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como o fundamento essencial de toda a vida social”. O autor consagrou-se como o teórico que desenvolveu e popularizou essa noção de “tribalismo”, ao qual dedicou a obra intitulada *O Tempo das Tribos* (1998a). De acordo com Silva (2006, p. 15),

a tribo – noção orgânica de grupo em Maffesoli – produz sentido para a ‘errância’ dos indivíduos. Em suma, o imaginário, tribal, retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera partilhada. Assim, ao produzir sentido grupal, o imaginário só poderia ser a negação do indivíduo pela sua assimilação num todo aconchegante e orientador. A autonomia individual, porém, não desaparece, pois o imaginário não é determinismo.

Em seu livro *O Tempo das Tribos*, Maffesoli (1998a, p. 08) oferece-nos a noção de tribos, ou seja, microgrupos que se deslocam, dentro de uma massificação crescente. Segundo o autor, “a metáfora da tribo permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa é chamada a representar dentro dela”. Essas tribos são mutáveis, pois são compostas por pessoas, que mudam, evoluem. Uma pessoa pode ser por toda a sua vida de uma mesma tribo, mas essa tribo com certeza terá pessoas que a deixarão, ou a encontrarão ao longo dos anos.

Maffesoli (1998a, pp. 18-21) acredita que as pessoas se unem por uma emoção coletiva, e configuram-se em laços sociais, comunidades, sendo estas, efêmeras, mutantes e estruturadas no cotidiano. Citando Durkheim, afirma que procuramos proximidade com aqueles que nos identificamos, procuramos a companhia “daqueles que pensam e sentem como nós”. Nossas paixões, nossos sentimentos, nossas repulsas, nossas convicções, nossas opiniões, constituindo-se de sentimentos, pouco tem a ver com a razão, e mais com a emoção, uma emoção coletiva. O autor traduz esse sentimento, essa emoção coletiva em uma aura, que particulariza cada época. A aura em que estaríamos vivendo, é a aura da estética, onde a estética do sentimento, em sua essência, é a “abertura para os outros, o outro”. Esta aura provém do corpo social e é determinada por ele.

O povo dispõe de uma “força coletiva que anima”, o que Maffesoli (1998a, pp. 45-73) determina como “vitalismo”. E é nesse vitalismo que se exprime a afirmação da vida, o querer viver em sociedade. Essa experiência compartilhada, o vivido, “constitui o essencial de todas

(2006, p. 13) afirma que a identidade, com a pós-modernidade, passou a ser uma “celebração móvel”, transformando sua representação, juntamente com a transformação e a evolução dos sistemas culturais.

as agregações sociais”. Mas há uma necessidade de um interior, necessário em toda construção. Há a necessidade de uma “centralidade subterrânea”.

Como não sabemos se vamos estar vivos amanhã, o que importa é lutar por nossa sobrevivência hoje, o que importa é o concreto mais extremo: o presente. Essa busca pela sobrevivência da espécie é o que une as diferentes tribos, os diferentes grupos, configurando-se assim, a massa. Sendo que essa massa constitui-se de uma “alma coletiva, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam”. Maffesoli (1998a, p. 93) afirma ainda, que “a massa é feita por ‘nós’ e de proximidade”. O indivíduo transcende a si, e assim, liga-se a um grupo, de forma real ou fantasmática, e adquirindo, por isso, valor.

Cita a expressão “interferência coletiva”, de Halbwachs, afirmando que aquilo que pensamos ser nossas opiniões, nossas ideias, na realidade, não são individuais, mas geradas dentro do grupo ao qual pertencemos. Maffesoli (1998a, pp. 104-115) afirma que somos “uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso alguma importância”. Agimos em sincronia de forma inconsciente, configurando a socialidade. Nesta, representamos papéis, e como tais, nossos figurinos, cabelos, linguagens e gostos, nos identificam nessa peça coletiva, tornando-se nossas máscaras.

Nessa concepção, entendemos que a “vida pode ser considerada uma obra de arte coletiva”, e para elaborarmos essa arte, para encenarmos essa peça, o “estar-junto é fundamental”. Essa diversidade que compõe a arte ou a peça é um multiculturalismo que nos identifica e nos atribui sentimento de pertença. Essa socialidade é eletiva, ou seja, nós temos atração ou repulsão, e através disto faremos nossas escolhas, iremos eleger aquilo que queremos longe ou perto. Queremos perto aqueles com quem nos identificamos e essa identificação pode proceder-se pelo compartilhamento de um hábito, de uma ideologia, de um ideal, ou de um imaginário, por exemplo. Este estar-junto permite com que possamos nos proteger “contra a imposição, venha ela de onde vier”. Além disso, o “estar-junto”, o “tribalismo”, nos faz recordar da “importância do afeto na vida social”.

Maffesoli (1998a, pp. 192-194) cita a televisão e a publicidade, afirmando que, o que chama de tribo, também podem ser os públicos alvos que a comunicação possui. Ela é direcionada para públicos específicos, e configura-se em linguagens e símbolos que são próprios destes, para se identificar e se comunicar. Para o autor, a imagem representará o familiar, e se inscreve na proximidade. Pelo viés da imagem, do corpo, do território, valorizamos o espaço, sendo também “a causa e o efeito de superação do indivíduo num conjunto mais amplo”. Visto que, esse território não necessita ser geográfico, pode ser um

território simbólico, pois, para o autor, o “sentimento de pertença é reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico”, onde vivemos em uma “nova aldeia global”.

Com o desenvolvimento da internet, percebemos que a proximidade tomou outra proporção. Podemos pertencer à mesma tribo de pessoas que nunca vimos, ou que moram muito distantes. Com acesso às redes sociais, por exemplo, passamos a viver em uma aldeia global¹³², onde somos próximos de todos. Além disso, uma tribo não exclui a outra, pois podemos pertencer a diversas tribos ao mesmo tempo. Podemos ser surfistas, cinéfilos, publicitários, estudantes, baladeiros, leitores e produtores de conteúdo. Como afirma Maffesoli (1998a, p. 204), “dentro de um grupo particular, inúmeros de seus membros participam de múltiplas tribos”. E isso poderá até gerar “fofoca” entre os grupos. Mas, o que acontece hoje, é a transição da informação por todos os âmbitos da aldeia global.

Nessas tribos, o autor analisou também o “imaginário político” e o atual papel deste, no cenário da vida cotidiana. Maffesoli (2001, p. 78) explana que em seu livro *A transfiguração do político*, elabora a concepção de “como a passagem da convicção à sedução implica a metamorfose da política”. Para ele, “o imaginário político trabalha a argumentação através de um arsenal de mecanismos emocionais, como símbolos de partido, as datas que devem ser comemoradas, os heróis e os mitos que devem ser lembrados, os ritos que precisam ser atualizados”.

Maffesoli (2005, pp. 23-33) afirma que “o político é uma instância que, na sua concepção mais forte, determina a vida social, ou seja, limita-a, constrange-a e permite-lhe existir”. O político tem o controle sobre aqueles a quem governa, não um controle absoluto, mas um controle por ter em suas mãos, o poder de decisão que compreende muitos âmbitos da sociedade. Nota o autor, que “o chefe só pode ser reconhecido enquanto tal se sabe influenciar os sentimentos, os desejos, o imaginário coletivo”. O político deve governar através da paixão, ou melhor, da “gestão de paixões”, que se trata então, da “arte suprema de toda boa política”. Através de tal gestão, o político “mobiliza a força imaginal”, que é o que constrói e assegura o equilíbrio de seu meio, tanto o meio social, quanto o meio natural, pois uma das características do político é garantir o equilíbrio. Além desse equilíbrio, todo líder deve envolver sua sociedade entorno “de uma ideia, de uma imagem, de uma emoção, porque o povo tem necessidade de colocar-se em estado de religação”. Religação no sentido de procurar o outro, de querer reunir-se, de “entregar-se ao outro”.

¹³² Expressão cunhada por Marshall McLuhan (1964, p. 231), que afirma: “Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global”.

As concepções de Gilbert Durand, mais precisamente suas concepções sobre bacia semântica, são notadas por Maffesoli (2005, p. 71, grifo do autor), sendo que a política não escapa aos imaginários que participam desta bacia, pois o autor argumenta que o poder é frágil e que “a morte do chefe vem sempre selar o seu destino”. Essa morte é o que “remobiliza a energia coletiva e com isso recria um novo *ethos*”.

A morrer, o político traz à luz algo novo, um novo ciclo, uma nova etapa. Percebendo isso, Maffesoli (2005, p. 72) inverte o conceito de Péguy afirmando que “a política termina no místico”. Neste aspecto, recordamo-nos da morte de Getúlio Vargas, como já foi explanado anteriormente. Sua morte exemplifica claramente as concepções de Maffesoli, ou seja, a concepção de que esta “remobiliza a energia coletiva e com isso recria um novo *ethos*”, e ainda, que a morte do chefe mostra-nos que “a política termina no místico”.

De acordo com Maffesoli (2005, pp. 77-98, grifo do autor), “o político, na maior parte do tempo sem querer confessar, vive no conjunto dos mitos fundadores de determinada sociedade, *suga-o* sem se preocupar com o esgotamento, sem sonhar em renovar-lhe a dinâmica”. Os mitos “exprimem, no sentido mais profundo, o simbolismo de um conjunto social”. Segundo Maffesoli (2005), “o político consiste em equilibrar todos os elementos de uma sociedade determinada, em particular, os seus aspectos passionais como os racionais”. Cabe aos políticos gerar o equilíbrio da sociedade, até mesmo em relação a aspectos que não lhe cabem. Se o político não alcançar o equilíbrio de sua sociedade, terá que arcar com as consequências da efervescência social, com a força da massa. Então, é a “ambiência mística que caracteriza a época: comunga-se com outros em torno de emblemas comuns e assim cria-se a comunidade”. Pensando tal equilíbrio, lembramo-nos novamente de Getúlio Vargas, pois este era conhecido por manter o equilíbrio e a harmonia entre grupos divergentes. O ex-presidente tinha a habilidade de satisfazer grupos opositores, amenizar situações de conflitos e aliar-se ou afastar-se de pessoas, conforme lhe convinha, porém, sempre evitando atritos.

Segundo a concepção de Maffesoli (2005, pp. 115-122), a “transfiguração do político completa-se quando a ambiência emocional toma o lugar da argumentação, ou quando o sentimento substitui a convicção. Isso se separa depois de muito tempo”. Compreendemos que a transfiguração é a passagem do racional para o emocional, sem ser algo planejado. É uma ebulição, “a expressão de um sentimento coletivo, de uma emoção comum experimentada”. Cabe ressaltar ainda, que a “especificidade desta ebulição é o presenteísmo”, de acordo com Maffesoli (2005). E, após essa ebulição, quando a sociedade precisa recompor-se e encontrar-se novamente, é na partilha do riso e do choro que ela toma seu rumo novamente, sendo que essa partilha resulta do “reforço da comunicação”. Assim, “o corpo

social” sabe, novamente, “o que faz junto”. O autor nota ainda, que “a mídia, principalmente a televisão, favorece essa correspondência mágica”. Nesta passagem do racional para o emocional, constatamos também a passagem da modernidade para a pós-modernidade, pois, de acordo com Maffesoli (2005, p. 126), “ultrapassa-se a lógica da modernidade, pelo qual só o racional é real, através da lógica contraditorial, à qual se ajustam como podem as múltiplas expressões do sentimento coletivo”.

Por fim, Maffesoli (2005, pp. 199-202) nota que a transfiguração do político é sua passagem do racional para o doméstico, ou seja, “uma maneira de adaptação ao outro, de agregação ao outro, numa dinâmica que [...] não pretende exercer uma espécie de soberania em relação ao tempo vivido”. Entendemos aí uma característica da pós-modernidade, “o fato de tocar o outro, de escutar com ele, de sentir conjuntamente e, claro, de ver juntos é uma maneira de socializar, de comunicar e mesmo de harmonizar as diferenças”.

Maffesoli (2007a, pp. 9-20, grifo do autor) argumenta também sobre o papel do político em sua obra *O Ritmo da Vida*, onde afirma que neste imaginário pós-moderno “o político, de uma maneira geral, não merece consideração. E quando não está sob suspeita de corrupção, é visto como um histrião de gesticulação e linguagem estranhas, que só inspira comiseração”. Maffesoli (2007a) fala-nos que há, porém, outros poderes que não esses de cunho político, midiático ou institucional, ou seja, existe uma “força das ideias pertinentes”. Essa força acontece porque pulsamos, vibramos juntos na mesma sintonia, nessa “experiência originária”, tendo em vista que esta efervescência “é gerada por pessoas que jogam com suas máscaras plurais no interior de todas essas ‘tribos’ características da pós-modernidade”.

Nas palavras de Maffesoli (2007a, pp. 30-47), vivemos nesta “socialidade de base”, em que pouco importa a verdade. Deixemos essa verdade, diz o autor, “para os clérigos de todo o tipo”. Nisto, é preciso notar que hoje “existe uma polissemia estrutural cujos mitos, contos e lendas falam à vontade. Pois se existe uma coisa de que todos somos responsáveis é a decodificação de um imaginário social novo e sob muitos aspectos antigos”. Além disso, quando vivemos com o nosso grupo, partilhamos experiências, repetimos ações, nos reunimos.

Aqui cabe ressaltar uma importante constatação de Maffesoli (2007a, p. 48), onde este afirma que somente existimos quando nos relacionamos com o outro. Nas palavras do autor, “só existimos em relação, em comunhão com o outro, e a nova manifestação das figuras mitológicas, as dos arquétipos das formas fantásticas (feiticeiros, fadas, heróis imaginários), torna visível essa relação”. Enfim, precisamos do outro e de seu convívio para existirmos.

Maffesoli (2007a) ressalta que a sociedade necessita ter um ritmo de vida. Precisamos da estabilidade de um ritmo no modo de agir e pensar, sendo que, tais modos “encontram seu sentido em tempos anteriores” e também nos costumes. Maffesoli (2007a, pp. 117-128, grifo do autor) argumenta que “o *ritmo* da vida precisa de um ponto fixo que lhe dê segurança e lhe permita a progressão”. A essa segurança, advindo do passado ou dos costumes, Maffesoli (2007a) acrescenta a procura por “figuras emblemáticas”. O indivíduo consome estes objetos mágicos (computador, celular, vídeo-game) e também consome figuras mágicas (“políticas, religiosas, musicais, esportivas ou intelectuais”). Sobre esse consumo exacerbado, Maffesoli (2007a, p. 154, grifo do autor) afirma:

Existe uma grande semelhança entre a longa memória da sabedoria popular, tal como se manifesta nos mitos e nos contos, e os fenômenos de grupos de “fãs” ou outras formas de histeria totêmica: elaboramos e sonhamos nossa vida identificando-nos a uma figura arquetípica. *Reencantamento do mundo* que, através de figuras antigas, permite, no sentido estrito, ilustrar um cotidiano que, por natureza, está mergulhado na tristeza.

Percebemos aí a consciência de Maffesoli de que consumidos tecnologia, mas também possuímos uma longa memória que se manifesta nos mitos e nos contos. Sobre essa união entre o antigo e o novo, Maffesoli (2003a, p. 10) ressalta que a “‘sinergia do arcaísmo e do desenvolvimento tecnológico’ é a única definição que me permite dar conta da pós-modernidade”. Sobre a modernidade e a pós-modernidade, Maffesoli (2007a, p. 25) nota que estamos saindo de um tempo apolíneo (modernidade) e vivendo um tempo dionisíaco (pós-modernidade).

Ainda sobre a pós-modernidade, em sua obra *O Instante Eterno*, Maffesoli (2003a, pp. 8-26) expõe-nos que uma das características fundamentais dessa é o “presenteísmo”, ou seja, o nosso viver em uma eterna “sucessão de instantes eternos” ou sucessões de agora. Na modernidade, presenciamos “um tempo monocromático, linear, seguro” e na passagem para a pós-modernidade, encontramos “um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês”. A diferença da modernidade para a pós-modernidade se dá, porque “na primeira, a história se desenrola, enquanto que na segunda, o acontecimento advém. Ele se intromete. Ele força e violenta”. De acordo com Maffesoli (2003a, pp. 58-189), “viver no presente é viver sua morte de todos os dias, é afrontá-la, é assumi-la. Os termos intensidade e trágico não dizem outra coisa: só vale o que sabemos que vai acabar”. Por outro lado, o “trágico gera identificação”.

Maffesoli (2001) cita Morin ao explicar sobre o imaginário como realidade, onde em

seus livros como *O cinema ou o homem imaginário* (1970) e *Estrelas* (1989), mostra-nos "que existe uma reversibilidade, um vaivém. Não apenas a imposição de algo que vem de cima, um impacto, mas uma relação". É mais precisamente nessas duas obras que Morin trabalha as noções de imaginário e mito, relacionando-os com o mundo cinematográfico.

3.2.3 Imaginário em Edgar Morin

Legros (et. al., 2007, p. 95) afirma que Edgar Morin¹³³, no estudo do "imaginário e do conhecimento", revelou-se um "explorador de territórios mal decifrados do imaginário social: os contos, as atitudes fundamentais diante da morte, o cinema e as estrelas". De acordo com o Legros (et. al., 2007, pp. 95-97), em sua obra *O homem ou o cinema imaginário* (1970), seu primeiro livro traduzido para o português, Morin já mostra esboços de uma sociologia do imaginário, pois indica que "a única realidade da qual nós estamos certos é a representação, ou seja, a imagem, ou seja, a realidade, já que a imagem remete a uma realidade desconhecida".

Morin não direciona seu empenho teórico ao estudo da noção de imaginário em si, analisando-o em sua relação com o cinema e com suas estrelas. No entanto, consideramos mais do que pertinente a explanação de sua concepção sobre o imaginário, já que o autor é quem norteia nossa base teórica em relação à concepção de mito, sendo que, mito e imaginário, encontram-se intimamente ligados nos autores que aqui trabalhamos, principalmente em Morin. O autor, em seu livro *O homem ou o cinema imaginário* (1970), desenvolve uma análise referente a esta "sétima arte" e ao imaginário que emanava das salas escuras do cinema.

A imagem (fotografia) é analisada primeiramente por Morin (1970), para este analisar posteriormente a imagem fílmica, ou seja, o cinema. Morin (1970, pp. 15-25) acredita que a ciência e a imaginação não podem impor-se, pois nos questiona se tal ciência, não seria "filha do sonho". A fotografia, por sua vez, religaria o "real e o fantástico", sendo ainda, uma "forma imperfeitamente simbólica", significando "presença de ausência": uma recordação.

Nas palavras de Morin (1970, pp. 32-34), não é possível separar a imagem da "presença do homem no mundo". O autor nos fala do caráter duplo da imagem, que nada mais é do que a consciência do homem sobre si próprio, numa "imagem reconhecida no reflexo ou

¹³³ Edgar Morin é o pseudônimo de Edgar Nahoum (EDGAR MORIN, 2012, *online*).

na sombra, projetada no sonho, na alucinação, assim como na representação pintada ou esculpida, imagem fetichizada e magnificada nas crenças duma outra vida, nos cultos e nas religiões”. Para Morin (1970, p. 36), esse duplo é a uma imagem exata, que ao mesmo tempo é irradiante, “como uma aura que ultrapassa – o seu mito”.

Sobre a realidade desta imagem, Morin (1970, pp. 39-40, grifo do autor) argumenta que *“a imagem mental e a imagem material ampliam ou reduzem potencialmente a realidade que dão a ver; irradiam a fatalidade ou a esperança, o nada ou a transcendência, a imortalidade ou a morte”*. Por sua vez, quem promove esse duplo da imagem é a *“potência imaginária”*. Afirma que *“uma potência psíquica, projectiva, cria um duplo de tudo, para depois o vir a desenvolver no imaginário. Uma potência imaginária desdobra tudo numa projecção psíquica”*.

Morin (1970, pp. 41-95, grifo do autor) fala-nos sobre a afetividade da imagem, afirmando que ela torna-se, em certo ponto, afetiva, e conseqüentemente, torna-se também mágica. A imagem, enquanto fotografia, é algo físico, mas detém em si, uma “riqueza duma qualidade psíquica”. Relacionada à fotografia, está a fotogenia, caracterizando-se como *“essa complexa e única qualidade de sombra, reflexo e duplo, que permite às potências afectivas próprias da imagem mental fixarem-se na imagem dada pela reprodução fotográfica”*. Já o filme, *“deixa de ser uma fotografia animada para se dividir numa infinidade de fotografias animadas heterogêneas, ou planos. Mas torna-se, ao mesmo tempo, num sistema de fotografias animadas, com novas características espaciais e temporais”*. E através de sua relação com o fantástico e com a ficção, essa imagem cinematográfica é *“arrastada num fluxo de imaginário”*. Morin (1970, p. 96) afirma que o imaginário *“é uma prática espontânea do espírito que sonha”*. Assim, o cinematógrafo passou a ser cinema, quando o fantástico processou-se pelo imaginário, sendo que,

entra-se no reino do imaginário no momento em que as aspirações, os desejos, e os seus negativos, os receios e os terrores, captam e modelam a imagem, com vista a ordenarem, segundo a sua lógica, os sonhos, os mitos, as religiões, as crenças, as literaturas, ou seja, precisamente todas as ficções.

O autor salienta que o duplo da imagem é unir “reflexos da realidade” (e sua objetividade) com o imaginário. O imaginário é quem “enfeitiça” a imagem, que sozinha, já é uma “feiticeira em potência”. O imaginário, de acordo com Morin (1970, p. 96), “prolifera sobre a imagem como seu cancro natural; vai cristalizar e revelar as humanas necessidades, mas sempre em imagens; é o lugar comum da imagem e da imaginação”.

Este imaginário, na concepção de Morin (1970, pp. 182-251), não é nem irreal nem real, pois ele “confunde por osmose” essas duas concepções. Apesar de um filme ser considerado pelo espectador como irreal, e por consequência, é “tido como imaginário”, o autor nota que na “visão imaginária [...] se conserva presente o real”. Para Morin (1970, pp. 249-251), “o homem, no decorrer de todas estas transferências imaginárias, vai-se enriquecendo geneticamente; o imaginário é o fermento do trabalho do eu sobre si próprio e sobre a natureza, através do qual se constrói e desenvolve a realidade do homem”, sendo assim, “não se pode dissociar o imaginário da ‘natureza humana’ – do homem material”. O homem possui uma realidade “semi-imaginária”, pois este é, em comunhão, “homem imaginário e homem prático”. E é nesta osmose entre real e irreal, entre o fato e a carência, que se pode “atribuir à realidade os encantos do imaginário, como para conferir ao imaginário as virtudes da realidade”.

Em sua obra *O Método*, mais precisamente nos volumes *O método 3 – o conhecimento do conhecimento* (2005) e *O método 5 – a humanidade da humanidade* (2005), o autor nos brinda com mais concepções sobre a relação entre o imaginário e o real. Morin trabalha a noção de imaginário juntamente com suas reflexões sobre o conhecimento, onde, entre o real e o imaginário, existe uma unidualidade.

Morin (2005b, p. 122) reflete sobre esta relação entre imaginário e o real, constatando que o real só é percebido por nós, por meio da representação. Essa representação, essa “imagem mental”, identifica-se com a “realidade exterior” e ao ser rememorada, duplica-se e “torna-se fantasia”. Nesta rememoração, a representação “flutua de modo espectral num universo duplicado como uma fantasia, suscitado pelo espírito, que adere ao universo da experiência perceptiva sem o apagar”. Morin (2005b, pp. 122-123) argumenta que tanto nossas fantasias quanto nossos sonhos, também se caracterizam como uma representação. Estes se desenvolvem num “universo fantasma, que toma, no sonho, a consistência da realidade”.

Advém deste pressuposto a afirmação de Morin (2005b, p. 123), de que “devemos pensar ao mesmo tempo a unidade e a dualidade do real e do imaginário”, enfim, pensar a unidualidade. A unidade encontra-se na representação, visto que, no nível mental da imagem, “há mesmo unidade entre o real e o imaginário”, ou seja, “tudo passa pela representação”, e esta é “*o ato constitutivo idêntico e radical do real e do imaginário*”, segundo Morin (2005b, pp. 123-124, grifo do autor). Mas, ao mesmo tempo em que afirma que o real e o imaginário passam pela representação, o autor compreende que esse dois aspectos “são ao mesmo tempo diferentes e opostos”, o que leva o autor a compreender que a relação entre o imaginário e o

real é de uma “complexidade surpreendente”. Enfim, conclui que sempre há um pouco de real no imaginário e vice versa, pois utilizamos as mesmas “aptidões cerebrais” para lidar com o “objetivo do universo” e com o “universo imaginário”, sendo que, “estes dois desenvolvimentos interferem sem parar um num outro”.

Já sobre a realidade do imaginário, Morin (2005c, p. 131) constata que, assim como as sociedades arcaicas, nossa sociedade atual é povoada por mitos, espíritos, lendas e seres sobrenaturais “que ainda fervilham no imaginário e na cultura da mídia”. O valor do imaginário e da fantasia, para a sociedade, advém, em certo grau, da “importância do mundo psíquico”. Argumenta que o cérebro humano “trabalha sobre um ruído de fundo”, sendo que o “ruído de fundo cerebral físico corresponde um ruído de fundo psíquico”. Em nosso cérebro, há de forma incessante, uma proliferação de ideias, memórias, lembranças, pensamentos, imagens, fantasias, e “é a partir desse caos psíquico, ‘movimento browniano do pensamento’, que este faz e se desfaz”.

Para Morin (2005c, p. 132, grifo do autor), a realidade mistura-se com o sonho, apesar de não termos consciência disso. Nas palavras do autor, “a importância do imaginário abre caminho aos delírios do *homo demens*, mas também à fantástica inventividade e criatividade do espírito humano”. O autor relembra constatações de seu livro *O cinema ou o homem imaginário* (1970), pois fala-nos que o homem tanto sonhou em poder voar, que inventou o avião. Este fato serve-nos de exemplo para compreendermos que a realidade necessita do imaginário, para “ganhar consistência”. Conclui que “nosso mundo real é, nesse sentido, semi-imaginário”.

3.2.4 Imaginário em Jean Baudrillard

Pensador dotado de sarcasmo, chamado por alguns na França de “coveiro das ideologias e apolítico” (ANDREI NETTO, 2007, *online*) por não posicionar-se nem de esquerda, nem de direita, pois era, de acordo com Silva (2007, pp. 8-10), “marxista, estruturalista, pós-estruturalista e, finalmente, um niilista genial” ao mesmo tempo em que era “um extraordinário paroxista. Mas um paroxista diferente”. Caracteriza-se como um duro crítico dos imbecis (BAUDRILLARD, 2003, p. 99).

Baudrillard não é um “teórico do virtual”, como dizem alguns pesquisadores, mas sim, “um derradeiro e maldito discípulo de Nietzsche, dos surrealistas, dos dadaístas e de todos os artistas e intelectuais que tentaram subverter a ordem do mundo através das palavras”, diz

Silva (1999b, p. 24). Baudrillard (apud SILVA, 1999b, p. 33), por sua vez, argumenta que é e não é anarquista, visto que se define como um “anarquista de personalidade” enfatizando: “faço o que faço, sou o que sou, não me aborreçam, não me explico diante da sociedade”.

Maffesoli (2001, p. 81) critica Baudrillard, afirmando que ele, assim como Wolton, Bréton e Virilio, tinha receio frente ao bombardeio de imagens que presenciamos hoje, principalmente através da internet, o que se trataria de um “medo do não-racional”. Baudrillard (2011, p. 57) acredita que “não pensamos o virtual”, nós somos pensados por ele. Tal fato leva o autor a crer que “não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo”. Afirma que não podemos imaginar o virtual porque ele se caracteriza por “não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social”. Para Baudrillard (2011, p. 132), o computador não é mais apenas um objeto, “o computador é uma verdadeira prótese”.

Irônico e sagaz, Baudrillard é um severo crítico da pós-modernidade, afirmando que o real deixa de existir, dando seu lugar às simulações e aos simulacros, enfim, a uma hiper-realidade. Machado (1996, p. 128) explica-nos que o simulacro, noção em Baudrillard, trata-se de uma “hiperinflação da imagem, a ponto de substituir o real por seu modelo, o ‘efeito real’ camuflando a distância que implica toda a representação, donde a confusão ‘epistemológica’ entre realidade e signo”. O autor ressalta, porém, que o simulacro em Baudrillard, ao contrário de Deleuze, é uma forma “hipertrofiada”.

De acordo com Legros (et. al., 2007, pp. 98-99), em Baudrillard, “o simulacro não passa da aparência daquilo que se pretende ser; a natureza única do prestígio que lhe é dado só é obtida enquanto qualidade de instrumento de sugestão, ela mesma sempre superior à sensação experimentada ao contato com o objeto sugerido”. Argumenta, ainda, que Baudrillard, em sua “ditadura do imaginário”, não acredita no real. Tal afirmação leva-nos a compreender que o autor discorda de Maffesoli em sua constatação de que o imaginário é uma realidade, simplesmente porque Baudrillard acredita que a realidade não existe, assim como o simbólico é uma “relação social que põe fim ao real”. Legros (et. al., 2007, p. 98) nota que Baudrillard “abole os tópicos da alma e do corpo, do homem e da natureza, que perdem, na sua operação, seu estatuto objetivando, cada termo sendo apenas o imaginário de outro termo, frequentado por este como por sua própria morte”.

Nas palavras do próprio Baudrillard (1991, pp. 8-10), “a simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real”. Simulamos uma realidade, e esta realidade não existe, sendo que, “simular é fingir ter o que não se tem”. Para o autor, a

“coextensividade imaginária” deixa de existir, pois o real é “produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando – e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí”. Este real, porém, já não é real porque “não está envolto em nenhum imaginário” e, portanto, ele é hiper-real, ou seja, “produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera”, uma “substituição no real dos signos do real”. E quando há essa passagem do real para o hiper-real, Baudrillard argumenta que “a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade”.

Sobre esta relação entre o hiper-real e o imaginário, Baudrillard (1991, p. 20) ilustra suas concepções com o exemplo da Disneylândia, que segundo ele, “é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacros confundidos”.

o imaginário da Disneylândia não é verdadeiro nem falso, é uma máquina de dissuasão encenada para regenerar no plano oposto a ficção do real. Daí a debilidade deste imaginário, a sua degenerescência infantil. O mundo quer-se infantil para fazer crer que os adultos estão noutra parte, no mundo ‘real’, e para esconder que a verdadeira infantilidade está em toda a parte, é a dos próprios adultos que vêm aqui fingir que são crianças para iludir a sua infantilidade real (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

Entendemos que na Disneylândia, o imaginário passa a ocupar o lugar da realidade. Nesse local, vivemos uma hiper-realidade. Encontramos o Mickey, o Pateta, o Pato Donald e acreditamos que estamos abraçando e tirando fotografias com os personagens dos desenhos de Walt Disney. Nossa mente simula personagens que não existem, pois não consideramos que estamos na companhia de trabalhadores contratados para vestir uma roupa de personagens e alegrar os visitantes do parque. Ao contrário, acreditamos que ganhamos um abraço do próprio Mickey. Neste *Disney Word*, acreditamos que voltamos a ser crianças, que estamos liberados para viver e para acreditar neste mundo de fantasia, pois os adultos ficaram lá fora, no mundo real, longe desta “fábrica de sonhos”.

Esse encantamento, de acordo com Baudrillard (1991, p. 23), também pode ser percebido no cenário político, pois, assim como a Disney, esse cenário possui um “efeito imaginário escondendo que não há mais realidade além como alguém dos limites do perímetro artificial”. Sendo que, neste caso, o escândalo toma o lugar do fato, juntamente com sua denúncia e “a mesma operação, tendente a regenerar através do escândalo um princípio moral e político, através do imaginário um princípio de realidade em dissipação”.

Objetivamos, nesta explanação sobre os autores e suas concepções, compreender esse mapa amplo e muitas vezes conflituoso, do termo imaginário. Percorremos as noções do

principal referencial teórico do assunto, Gilbert Durand, buscando compreender sua “estrutura antropológica do imaginário” e como se dá o imaginário em sua concepção, sendo necessário entendermos de onde suas explicações buscavam referência, ou seja, nos imaginários simbólicos de Bachelard e no arquétipo e inconsciente coletivo de Jung. Percorremos também, as explicações de Michel Maffesoli a fim de entendermos seu “imaginário da vida cotidiana” (LEGROS et. at., 2007, p. 100), onde o autor defende a existência de tribos, e por consequência, de um imaginário coletivo que é compartilhado por esta, onde há uma valorização desse conhecimento ordinário que emana da vida cotidiana de tais grupos.

Buscamos as concepções de Edgar Morin e sua relação entre o “imaginário e o conhecimento” (LEGROS et. at., 2007, p. 95), sendo que, o autor explora a noção de imaginário partilhado pelo cinema, que pode ser considerado uma tecnologia do imaginário, e pelas estrelas dessa arte. Levando em consideração que esse imaginário encontra-se intimamente ligado ao mito, à mitificação que ocorre em pessoas simples que passam a ser estrelas e mitos, que apesar de terem morrido há muitos anos, continuam vivos no imaginário social. Por fim, encontramos as noções de Baudrillard e sua “ditadura do imaginário”, onde o autor acredita que já não existe uma realidade, mas uma hiper-realidade, pois vivemos em um mundo hiper-real, uma simulação daquilo que não existe.

No decorrer deste capítulo, compreendemos que Durand, Maffesoli e Morin acreditam na realidade do imaginário. Tais autores o consideram através do viés da positividade e negam a veracidade das afirmações dos iconoclastas. Já Baudrillard, caracteriza-se como um teórico que também valoriza o imaginário. Porém, diferencia-se de tais autores por não afirmar que o imaginário seja uma realidade, pois Baudrillard não acredita em nenhuma realidade. Para este, o que existe é uma hiper-realidade, algo que ultrapassa o verdadeiro sentido de real, tomando maiores proporções. Para o autor, Deus não é real, ele é hiper-real, por exemplo. Baudrillard assemelha-se à Durand, Maffesoli e Morin por também ser um teórico que observa o cotidiano e suas peculiaridades.

Durand mostra-se como a nossa referência teórica inicial, justamente por ser o teórico que elaborou uma metodologia do imaginário, alicerçado em noções como arquétipo, estruturas e inconsciente coletivo, que serviu de base conceitual para os demais autores. Durand herda a noção de imaginário simbólico de Bachelard e estabelece-se no meio acadêmico como o teórico das estruturas antropológicas do imaginário, pois este vai além do viés da psicologia e da filosofia (origem das teorias de Bachelard e Jung), direcionando-se para a antropologia, a fim de compreender como se dá o imaginário do *homo sapiens*.

Maffesoli, por sua vez, inspira-se nas concepções de Durand, além de identificar-se com as teorias de Edgar Morin e Jean Baudrillard, construindo a concepção de imaginário coletivo, ou seja, o imaginário perpetuado e compartilhado pelas tribos. Defende a ideia de que não exista um imaginário individual, pois somos o que somos somente através do olhar do outro. Acredita que não existam imaginários que não pertençam ou emanem de uma coletividade, pois o imaginário em si, é uma concepção estabelecida através do convívio da tribo. Coloca-se como um autor que abdica da utilização de conceitos, pois estes mutilariam as possibilidades e as capacidades dos termos. Por isso, pode ser criticado, visto que o autor defende a utilização de noções, mas em suas obras, oferece-nos um banquete de “palavras” que determinam termos.

Algumas críticas à Maffesoli também emanam de sua visão positiva da sociedade, sempre em direção contrária ao racionalismo que desacredita no ser humano. Apesar das críticas, Maffesoli (apud SILVA, 1999a, p. 18) argumenta que muito teóricos ditos positivistas, utilizam-se de seus termos e concepções, muitas vezes sem lhe dar a devida referência. De acordo com o autor, foi a partir dos anos 90, que os sociólogos começaram “a perceber realmente o valor de termos como nomadismo, tribalismo, imaginário, dionisíaco, etc”. Maffesoli (apud SILVA, 1999a, p. 18) intui que as “transformações do imaginário social contemporâneo foram tantas que a sociologia não poderia ficar imune, encastelada em conceitos vazios e normativos”.

Com Maffesoli, aprendemos a valorizar o presente, o “instante eterno”. Aprendemos a valorizar o “conhecimento comum” do povo, a ouvir o povo. É preciso parar um minuto, descer do púlpito acadêmico, sentar em uma mesa de botequim, sentar no banco da praça e ouvir e ver o que realmente acontece nessa vida, nessa sucessão de “agoras”, nesse fervilhar pós-moderno. Acreditamos que a visão mais generosa de Maffesoli, consolidada nos estudos de seus antecessores, mas atenta nas especificidades da sociedade atual, caracteriza-se como o nosso aporte teórico central.

Baudrillard, por sua vez, diferencia-se de Maffesoli em alguns aspectos, pois para ele, “as imagens de afeto e sensibilidade, inflacionadas pela mídia, perderam a sua força substancial, subversiva, desejante”, já no pensamento maffesoliano, isto não é bem assim (PAIVA, 2004, p. 33). Paiva (2004, p. 33) sublinha que,

como Baudrillard, Maffesoli também promove desestabilização, desordem e desconstrução dos modelos dominantes. Mas a diferença entre ambos reside no fato de Baudrillard mirar a sociedade de consumo, os objetos e as imagens, mostrando suas fraturas e disjunções, enquanto Maffesoli os percebe como elementos de coesão social, de laços simbólicos forjando estilos de comunicabilidade.

É inegável a afirmação de que as obras de ambos os autores dialogam. De acordo com Paiva (2004, p. 34), “para Baudrillard, as mega-informações, os simulacros das notícias, a proliferação das imagens, enquanto frutos do turbocapitalismo, são motores para uma desrealização do mundo e uma finalização da história”. Já no pensamento de Maffesoli, “tudo isso são sintomas do retorno do trágico, destinações da existência, o real vindo à tona do ‘fundo das aparências’”. Enfim, Maffesoli, ao contrário de Baudrillard, “aposta na força afirmativa dos afetos, sensações e sentimentos”. Paiva (2004) destaca que no trajeto da sociologia francesa, em que se encontra Maffesoli, é inevitável não chegar às concepções de Edgar Morin, “pois este partilha com Maffesoli algumas investidas na área da comunicação de massa”.

Morin (2007, p. 15) argumenta que cada vez mais devemos deixar de ser *experts* para nos tornarmos “mundiólogos”. Através da Teoria da Complexidade, entendendo a palavra complexidade pelo viés de sua origem do latim, “*complexus*”, ou seja, o que é tecido em conjunto (SILVA, 1996, p. 14), o autor nos propõe pensar o mundo e o conhecimento como um todo, através da transdisciplinariedade. Morin consegue observar um objeto, como por exemplo, o mito do cinema e das estrelas, com um olhar não só regrado pela comunicação, pela sociologia, ou pela filosofia, mas com um olhar mais amplo, mais complexo, mais generoso. Segundo Silva (1996, pp. 14-15), em suas obras publicadas, Morin “sempre se pautou pela busca da contextualização, do sentido de uma totalidade hologramática, movediça, e da inter-relação das peças que formam o imenso puzzle das práticas sociais. Fora disso, o conhecimento parece-lhe despido de significação”. O que interessa à Morin é “dissecar os mecanismos para a compreensão da intrincada rede cultural contemporânea”.

O cinema ou o homem imaginário (1970) e *As estrelas* (1989), segundo Morin (2003, p. 7), tratam da temática da “comunicação em si mesma”. Percebemos que este “antecipa um enfoque da economia, sociedade, cultura e política, examinando os seus níveis de complexidade”. Paiva (2004, p. 34) destaca que Morin, apesar de ser “enfático na denúncia do caráter regressivo da paisagem sócio-cultural, decifra os regimes mitológicos que organizam afetivamente o imaginário ocidental”, tanto no cinema, quanto “na publicidade, nas revistas ou na televisão”. Tais temas, por sua vez, fazem parte das análises e percepções de Maffesoli.

Nas palavras de Paiva (2004, p. 33), esta tríade de pensadores (Maffesoli, Morin e Baudrillard), em relação aos estudos referentes “às interfaces da comunicação, cultura e sociedade”, constituem “um referencial sólido no pensamento comunicacional brasileiro”. Tais teóricos “têm sinalizado novos prismas na articulação das práticas de ensino, grupos de pesquisa, fóruns de debates e publicações nas diversas áreas do domínio conexo à

comunicação”. Isso se dá porque este trio caracteriza-se como “alavancas metodológicas favoráveis” para “campos de estudos de mídia, cultura e tecnologia”.

No patamar das observações de Durand, Eliade é o teórico da religiosidade, e apresenta-se aqui, como autor que nos fornece concepções sobre os mitos sagrados, sendo que suas palavras se fazem necessárias em nossa pesquisa, pois necessitamos compreendermos como este utiliza o termo mito relacionado ao aspecto religioso. A religiosidade não possui relação direta com nosso objeto de estudo, mas é de grande valia as explicações de Eliade, já que o autor também expressa a concepção de que o mito é uma narrativa, uma narrativa imaginária dos povos, que pode ou não, servir como modelos de conduta ou de regras de determinados grupos ou regiões.

Por fim, contamos também com as palavras de Silva (2006, p. 07). Para o autor, “todo o imaginário é real. Todo o real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário”. O autor é categórico: “o homem só existe no imaginário”. Silva (2006, pp. 8-9) nota que “todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto [...]. Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção”. O imaginário não é um álbum de imagens ou um museu de memória. O imaginário é mais do que isso, ele é “uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente”.

Compreender o imaginário acarreta a compreensão de que há, também, as tecnologias do imaginário, ou seja, uma “usina de mitos”. Silva (2006, pp. 64-98) afirma que “se o imaginário é uma usina de mitos, as tecnologias que os engendram são fábricas de mitologia”. O “imaginário é um hipertexto”, “é uma fabulação coletiva”. Contudo, sabemos que “não há mais imaginários sem tecnologia. Tampouco há tecnologia sem imaginário”. Nas palavras de Silva (2006, pp. 22-26), as tecnologias do imaginário são “dispositivos de reprodução de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida”, são considerados também como “dispositivos de alimentação de ‘bacias semânticas’”. Afirma que “o homem moderno tardio continua querendo tornar-se senhor das técnicas e da natureza. Acontece-lhe, com frequência, de engendrar novos mitos [...] a humanidade é uma indústria mitológica”.

Silva (2006) inspira-se nos preceitos de Maffesoli, pois o mesmo salienta, em muitas de suas obras, o papel fundamental que desempenham as tecnologias do imaginário nesta sociedade pós-moderna, onde o arcaico e o atual se fundem. Maffesoli (2001, p. 80) argumenta que "o imaginário é alimentado por tecnologias". Constata que "a internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários". Ainda, sublinha

que na internet, “o mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas”. Maffesoli (2001, p. 81) contrapõe alguns críticos da internet, que são racionalistas e esquerdistas, como Dominique Wolton¹³⁴ e Philippe Bréton, afirmando que esses “têm medo porque a internet multiplica imagens, produz algo que não é racional. [...] A crítica à internet vem de um pensamento politicamente correto que teme pensar com as tripas”.

Mas quando falamos em “tecnologias do imaginário”, não estamos obrigatoriamente falando em internet. Maffesoli (2001, p. 81) afirma que o cinema também atuou, e atua até os dias de hoje, como tecnologias do imaginário, mas ao contrário do que se pensava, assim como se pensava da publicidade, da televisão e da internet, o cinema não impõem imagens à sociedade. Maffesoli (2005, p. 161) argumenta que é o desenvolvimento da tecnologia que impulsiona “o consumo frenético de objetos, as historietas esportivas, e as grandes paradas políticas e religiosas” ou “tudo que exprime a nostalgia”.

Vivemos em uma história contada por muitos, várias vozes operando nesta orquestra coletiva da vida social. E nesta história contada por diversas vozes, podemos perceber a cooperação da tecnologia. Para Maffesoli (2005, p. 189), “a sinergia tecnologias-megalópoles faz do mundo inteiro uma ‘aldeia global’, onde as modas, os costumes, os pensamentos, as músicas e os esportes são compartilhados sem que as diferenças de classe, as especificidades locais ou culturais determinem mudanças notáveis”. E é nessa “aldeia global” que também podemos perceber os “imaginários tribais”, ou seja, imaginários compartilhados por aqueles que se encontram nessa aldeia, mas aproximam-se através de identificações, formando assim, as tribos. Maffesoli conclui: “portanto, as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários”.

Portanto, se a internet é considerada uma tecnologia do imaginário, esta concepção também se aplica às redes sociais, pois estas podem ser consideradas como usinas de mito, e até mesmo, como a união de imaginários em comum. Poder-se-ia dizer que as redes sociais e as comunidades virtuais são as tribalizações da era digital. No capítulo a seguir, adentramos nas concepções de alguns autores sobre a internet, ciberespaço, cibercultura, *Web 2.0*, e logicamente, sobre as redes sociais e suas comunidades virtuais.

¹³⁴ Em seu livro *Informar não é comunicar*, Dominique Wolton (2010) critica a ideologia tecnicista, afirmando que a mesma, consiste em atribuir um poder normativo, e excessivo às tecnologias de comunicação, transformadas em principal fator de organização e de sentido na sociedade. Sair da ideologia tecnicista, de acordo com o autor, significa lembrar que os avanços da comunicação humana não são proporcionais aos avanços técnicos. Afirma que a mediatização da transmissão e a interação não produzem necessariamente um sistema de comunicação.

4 A ERA DIGITAL

O melhor que o mundo tem é a quantidade
de mundos que o mundo contém.
Eduardo Galeano

Nossa sociedade está em constante evolução e transformação. Neste fluxo, tão importante quanto os sujeitos agentes de mudanças, são as transformações que a tecnologia de informação e de comunicação apresenta. Tais tecnologias não atuam apenas como meros coadjuvantes das mudanças, pois Santaella (2003) argumenta que estas modificam as mais diversas esferas da sociedade. Quando os meios de comunicação e suas tecnologias transformam-se, a sociedade transforma-se também. Santaella (2003, p. 13) é convicta de que a comunicação e suas tecnologias são “capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes culturais”. Afirma que a sociedade transformou-se em seis eras culturais: era da cultura oral > era da cultura escrita > era da cultura impressa > era da cultura de massa > era da cultura das mídias > era da cultura digital.

Em sua obra *Culturas e artes do pós-humano* (2003), a autora dedica-se à compreensão desta “cultura das mídias”, que não é nem a cultura de massa, nem a cultura digital, mas sim, o intermédio entre estas duas culturas. Santaella (2003, p. 13) compreende que a cultura digital não se originou diretamente da cultura de massa, mas sim, foi sofrendo modificações no “processo de produção, distribuição e consumo”, por meio da cultura das mídias. Contudo, salienta que a passagem de uma cultura para a outra se dá de maneira sutil, sendo que elas podem coexistir, pois uma era cultural não exclui, obrigatoriamente, a outra. Além disso, estas podem sobrepor-se, misturarem-se, e constituir o que Santaella (2003, pp. 17-81) chama de “tecidos culturais híbridos”. Destaca também que uma grande diferença “entre a cultura das mídias e a cultura digital [...] está no fato muito evidente de que, nesta última, está ocorrendo a convergência das mídias [...], um fenômeno muito distinto da convergência das mídias típicas da cultura da mídia”.

André Lemos (2010b, pp. 47-48) entende tal contexto por meio de uma distinção entre mídias de massa e mídias pós-massivas, também chamadas por alguns autores de mídias digitais, mídias interativas, e até, novas mídias, segundo este. Assim como Santaella (2003), Lemos (2010b) não acredita que as mídias pós-massivas acabarão com as mídias de massa, pois “não se trata de substituição, mas de reconfiguração da indústria cultural (de massa)”. Nota o autor, que as mídias massivas são destinadas a públicos massivos, homogêneos,

“pessoas que não se conhecem, que não estão juntas espacialmente e que têm pouca possibilidade de interagir”. As mídias pós-massivas, por sua vez, “caracterizam-se por abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo de informação”.

Nesta perspectiva, Henry Jenkins se propôs a refletir sobre a *Cultura da Convergência* (2009), onde argumenta que as mídias de massa, tradicionalmente passivas; e as mídias atuais, essencialmente participativas e interativas; cada vez mais colidem, sendo que elas já coexistem. O que vai de encontro à suposição de alguns autores, com suas afirmações de que as novas mídias simplesmente destruiriam as antigas. Além desta colisão entre novas e velhas mídias, Jenkins (2009, pp. 29-46) destaca que os papéis do produtor e do consumidor de conteúdo também se cruzam, modificam-se e interagem de forma cada vez mais complexa, pois a “convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação”.

O pesquisador entende por convergência, “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação de múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam”. A convergência a qual se refere Jenkins (2009, pp. 29-40), não se trata de uma transformação tecnológica, onde vários aparelhos se transformariam em um, o que o autor chama de “a falácia da caixa preta”. Trata-se sim, de uma transformação cultural, pois esta “ocorre dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros”.

O conceito de “narrativa transmídia” nos é apresentado por Jenkins (2009, p. 49), que corresponde a uma narrativa que não se delimita a apenas uma única mídia, mas a um universo midiático. O autor exemplifica tal contexto ao apresentar a *Trilogia Matrix*, argumentando que a narrativa deste produto permeia tanto filmes e histórias em quadrinhos, quanto vídeo games, sendo que, o consumidor somente saberia o contexto geral da trilogia, se a acompanhasse em suas múltiplas plataformas. Isto é, algumas cenas do filme somente são bem entendidas por aqueles que conhecem previamente o vídeo game, e vice-versa.

Harry Potter é também um exemplo de convergência, pois compreendemos, através das palavras de Jenkins (2009, pp. 235-284), que seus fãs não se satisfazem apenas lendo os livros e assistindo os filmes. Eles envolvem-se de tal maneira com a narrativa de J. K. Rowling, que buscam o consumo em outros meios, como a internet. Porém, *Harry Potter* é um exemplo mais complexo de convergência, porque além de seus consumidores estarem à sua procura em diversos meios, também estão produzindo suas próprias histórias, a partir

desta narrativa. Estes consumidores buscam uma relação mais profunda com a saga, identificam-se, produzem e consomem. Um exemplo para o que o autor chama de relação de “baixo para cima”, pois a *Warner Bros*, detentora dos direitos autorais dos filmes, compreendeu que além de ouvir seus fãs, precisava respeitá-los, percebendo que suas produções não infringem as normas de direitos autorais, mas sim, são peças fundamentais para as suas experiências com *Harry Potter*.

Em suma, a cultura da convergência mostra-se relevante na atualidade, sendo que, muitos pesquisadores acreditam que vivenciamos a “era da convergência”¹³⁵. Tais mudanças são significativas, porque o que muda não são apenas as mídias, ou seus processos de distribuição. Há, na cultura da convergência, uma mudança de paradigma. As mídias estão convergindo, mudando, interagindo, e nosso modo de consumir e interagir com elas, também está. Compreendemos que os três autores mencionados anteriormente se referem, a sua maneira, ao mesmo contexto: as mudanças das mídias antigas para as mídias novas, onde essa transformação ocorre de forma gradual, misturando estes dois âmbitos, caracterizada essencialmente por uma mudança cultural da sociedade, e não apenas uma mudança técnica.

Após estas percepções, compreendemos que, assim como a sociedade transformou-se com a internet, a internet também se transformou com a sociedade. Prova disto são as modificações da *Web 1.0* para a *Web 2.0* (alguns autores já se referem à *Web 3.0*). O’Reilly (2005, *online*) cunhou o termo *Web 2.0*, referindo-se à segunda fase da *Web*, ou dos serviços *online*. Um dos princípios fundamentais nesta nova fase é entender a *Web* como uma plataforma, e não mais como uma oferta de sites comerciais e seus serviços tradicionais. Ou seja, as plataformas agora podem ser geridas de forma *online*, não mais necessitando que o usuário instale algum tipo de programa ou *software* para realizar tal ação. Nesta segunda fase da *Web*, estamos presenciando uma maior interatividade, possibilidades de estruturas para as relações entre os internautas, ou seja, ambientes comunicacionais como as redes sociais; e a possibilidade destes internautas gerenciarem as informações das plataformas. Esta segunda fase, de acordo com Alex Primo (2007, *online*), caracteriza-se pelo poder de potencializar “as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”. Porém, a *Web 2.0* também se refere a este novo período da *Web*, onde presenciemos um novo “conjunto de estratégias mercadológicas” e um contexto de comunicação e relação mediada pelo computador. Nas palavras de Lemos (2010b, p. 52),

¹³⁵ Ver GALO, 2010, *online*. MODE, 2011, *online*. MOURA, 2012, *online*.

a computação social da *web 2.0* aporta para uma modificação essencial no uso da *web*. Enquanto em sua primeira fase a *web* é predominantemente para leitura de informações, esta segunda fase cria possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede. Exemplos estão em expansão hoje, como comprovam a popularidade de redes sociais como Facebook, Orkut, My Space, Multiplay, os wikis, blogs, microblogs, os instrumentos de publicação coletiva de fotos, vídeos e músicas [...].

Lemos (2010b, p. 233) nota ainda, que a *Web 2.0* amplia a cada dia a conversação mundial, possibilitando maiores oportunidades dos internautas dialogarem, sendo que, de acordo com o autor, o diálogo é um dos futuros da internet, pois caminhamos na direção da conversação, da comunicação mútua, e não na direção apenas da informação. Portanto, percebemos que neste estudo não trabalhamos com “mídias”, essencialmente, mas sim, com a noção de “rede”. O breve percurso demonstrado aqui, se mostrou necessário para que compreendêssemos as transformações sociais, culturais e tecnológicas que ocorreram e ainda ocorrem, conduzindo-nos na direção das interações, das relações e das conversações desenvolvidas na internet, essencialmente, nas redes sociais.

Nesta nova conjuntura social e tecnológica, estamos vivendo um momento em que o indivíduo tem voz, vez e conhecimento. Neste viés, Tarcízio Silva (2010, p. 42, *online*) argumenta que “qualquer pessoa com determinadas condições sócio-econômicas e técnicas pode acessar e produzir conteúdo de forma relativamente livre e conectar-se a pessoas e artefatos culturais de diferentes lugares e culturas através de múltiplas plataformas”. Acredita que, com o acréscimo de usuários e o aumento de tempo nas conexões, acessar a internet é cada vez menos “delimitado e estranho ao cotidiano”.

Ivan Botero (2010, p. 14, *online*) sublinha que “a internet levou quatro anos para ter uma audiência de 50 milhões, enquanto o rádio levou 38 anos e a TV 16 anos”. Afirmo que a internet cresceu mundialmente, entre os anos 2000 e 2008, cerca de 290%. No Brasil, o consumo de internet tem crescido consideravelmente. No segundo trimestre de 2012, cerca de 83,4 milhões de brasileiros possuem acesso à rede. Percebemos aqui, um crescimento de 7,2% em comparação ao mesmo período do ano de 2011, onde se contabilizou 50,6 milhões¹³⁶. 8 em cada 10 destes internautas brasileiros usam algum tipo de rede social. Este número é tão relevante, que coloca o Brasil na liderança mundial de acesso a blogs e redes sociais, contabilizando 86% dos internautas conectados. A Itália ocupa o 2º lugar, com 78%; seguida

¹³⁶ Ver IBOPE, 2012b, *online*.

da Espanha, com 77%¹³⁷. Contudo, o consumo de redes sociais no Brasil ainda tende a crescer¹³⁸.

No dia 4 de outubro de 2012, o *Facebook* comemorou o marco de 1 bilhão de usuários, e nesta data, a rede social publicou em sua *fan page*¹³⁹ o vídeo “As coisas que nos conectam¹⁴⁰”. De acordo com a plataforma, esse número de usuários ativos mensais foi computado no dia 14 de setembro às 12h14min, no horário de Brasília. Dentre os países que mais se destacam em número de usuários, estão o Brasil, a Índia, a Indonésia, o México e os Estados Unidos. Neste marco, o Brasil foi o país que mais cresceu, sendo que, no primeiro semestre de 2012, cerca de 16 milhões de pessoas aderiu à rede social, desta forma, o país contabiliza em torno de 54 milhões de usuários, ou seja, 1 em cada 4 brasileiros possui um perfil no *Facebook*¹⁴¹.

Segundo dados do *Semiocast*¹⁴², o *Twitter* também atingiu a marca de 1 bilhão de perfis, porém em junho de 2012. Depois dos Estados Unidos, o Brasil é o país mais expressivo no *microblog*, contabilizando 41,2 milhões de usuários no referido mês. No *ranking* entre cidades de todo o mundo, São Paulo destaca-se com a 4ª posição, perdendo para Jacarta, Tóquio e Londres, sucessivamente. Já o *Orkut* é a segunda rede social mais utilizada em nosso país. Porém, ao contrário do *Facebook*, o número de usuários e acessos ao *Orkut* tem caído significativamente. O *Google*, proprietário do *Orkut*, vem trabalhando em modificações na plataforma, e até mesmo na união deste com o *Google+*¹⁴³, também de sua propriedade, para potencializar a utilização de ambas¹⁴⁴. Os *blogs*, por sua vez, contabilizaram uma média de 80 milhões de autores, segundo pesquisa da Boo-Box¹⁴⁵. Neste universo, 43% dos *blogueiros* possuem ensino superior, São Paulo é a cidade onde há o maior número de *blogueiros*, contabilizando 14% do total, 50% dos *blogueiros* brasileiros têm entre 18 e 24 anos. Entre as especificidades dos *blogs*, destacam-se os que se referem a entretenimento e humor. No cenário mundial, o Brasil era o 4º país em número de *blogueiros*, em 2010¹⁴⁶.

Através das constatações anteriores, percebemos o destaque que a internet e as redes sociais estão adquirindo com o passar dos anos. A cada dia há mais pessoas conectadas e mais

¹³⁷ Ver GLOBOTV, 2012, *online*.

¹³⁸ Ver TECHLIDER, 2012, *online*. IBOPE, 2012a, *online*.

¹³⁹ Ver FACEBOOK, 2012b, *online*.

¹⁴⁰ Ver FACEBOOK, 2012c, *online*.

¹⁴¹ Ver UOLNOTÍCIASTECONOLOGIA, 2012a, *online*.

¹⁴² Ver SEMIOCAST, 2012, *online*.

¹⁴³ Disponível em: <<https://plus.google.com/>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

¹⁴⁴ Ver LINKESTADÃO, 2012a, *online*. LINKESTADÃO. 2012b, *online*.

¹⁴⁵ Ver BOO-BOX, 2012, *online*.

¹⁴⁶ Ver ÉPOCANEGÓCIOS, 2010, *online*.

usuários ativos nas redes sociais. Tais constatações sobre as mudanças da sociedade em eras culturais, convergências e transformações da/na internet, impulsionam-nos a pensar questões como ciberespaço e cibercultura, levando em consideração os pós e os contras destes. Além disso, pensar a internet é pensar a sua conectividade, o que leva-nos a compreender as redes sociais e suas especificidades.

4.1 Ciberespaço e Cibercultura

Com as novas configurações da sociedade, é preciso pensar o ciberespaço e a cibercultura, pois a revolução digital transformou o cenário social, aproximou pessoas e configurou novas formas de interação. Muitos são os autores que pesquisam sobre tais mudanças, alguns são entusiastas, outros são temerosos, mas todos concordam que as configurações sociais mudaram e que não podemos fechar os olhos para tais modificações. Dentre estes autores, citamos Pierre Lévy, entusiasta do ciberespaço e um utopista na concepção de Santaella (2003, p. 72). Michel Maffesoli também se configura como um entusiasta das novas mídias, acreditando, juntamente com Lévy, que caminhamos contra o individualismo, a favor de um comunitarismo. O autor explana sobre a internet e a cibercultura, apesar de seu foco de estudo não ser a internet em si, mas as relações e as tribalizações que emergem dela, ou fora dela.

Outro autor digno de atenção é Dominique Wolton. Argumentando sobre a tecnologia, a informação e a comunicação, Wolton (informação verbal)¹⁴⁷ afirma que o grande problema da humanidade é "fazer o homem se entender". Mas nós acreditamos que as técnicas irão nos salvar. Doce ilusão, afirma o autor. Infelizmente, "os homens estão ficando autistas", porque é "mais fácil ficar 12 horas na frente de um computador do que em uma interação humana". A incomunicação é crescente, mesmo com uma comunicação cada vez mais disponível, segundo o teórico. E por que essa dissonância acontece? Um dos motivos é porque "falar é um risco", pois "quando não falamos não nos arriscamos".

Tais questões também são analisadas na obra *Internet, e depois?*, onde Wolton (2003, pp. 11-86, grifo do autor) argumenta que pensamos ingenuamente ao crer na onipresença do computador. Pensamos ingenuamente quando acreditamos, por meio de um determinismo tecnológico, que a internet é "uma verdadeira revolução que fará surgir uma 'nova sociedade',

¹⁴⁷ Informação verbal fornecida durante o evento 7º Fórum Político Unimed/RS - "Pensar o mundo, olhar a cidade", no dia 22 de junho de 2012, na cidade de Porto Alegre – RS.

simplesmente porque supõe que a tecnologia vai *mudar diretamente* a sociedade e os indivíduos”. Desta forma, vivemos “doças utopias”. Contudo, o que Wolton (2003) percebe, é que rumamos para um “movimento de individualização de nossa sociedade”. A *Web*, então, mesmo tornando-se “um suporte dos eternos sonhos por uma nova solidariedade”, não evitaria a “defasagem entre a qualidade destas utopias e as atuações terrivelmente eficazes dos mercados”. O pensador francês conclui: “as novas tecnologias, como de resto as mídias de massa, remetem à mesma sociedade, a sociedade individualista de massa, com vocações particulares de umas e de outras”.

Para Wolton (2003, p. 189), as novas mídias não concorrem com as mídias de massa, mas atuam como um complemento a essas, “em relação ao modelo da sociedade individualista de massa”. E nesse aspecto, Wolton (2004) alerta: “atenção às solidões interativas!”, afirmando que o usuário desta nova mídia deve “sair da comunicação mediatizada” e praticar as interações humanas, naturais, pessoais, presentes. O internauta deve sair para ouvir as vozes e olhar os olhares. Sobre a revolução que a internet estaria nos proporcionando, Wolton (2004, p. 154) é enfático, ao afirmar que:

Se os internautas convencidos de uma Internet democrática querem conservar uma real iniciativa, é preciso uma aliança entre eles e todas as forças culturais, sociais e políticas que compreenderam que a comunicação é um dos maiores desafios da sociedade de amanhã. Isso obriga a revalorizar uma visão humanista das ligações entre informações e comunicação do conceito ‘com’, seguidamente relacionado ao marketing e à manipulação, enquanto a informação é subvalorizada, como se ela permanecesse o gênero raro que era no século das luzes.

Nessa visão humanista, Wolton (2004, p. 155) destaca que o homem precisa se relacionar mais com a natureza, com o ambiente físico. Enfim, é preciso viver mais ao ar livre, pois o homem necessita dos confrontos das “ligações humanas e com a diversidade das relações sociais na sociedade”. E pensando nessa diversidade, percebemos a perversidade da sociedade da informação, pois “homogeneíza tudo e faz desaparecer o homem por detrás dos fluxos da informação”. Para o autor, é preciso preservar o homem, juntamente com suas forças, suas fraquezas e suas contradições, porque só o homem “sonha o futuro, pensa sua história e dá sentido a sua experiência”.

A visão de Dominique Wolton nos leva a, no mínimo, duas constatações antagônicas: a primeira é que o pensador é feliz ao afirmar que o desenvolvimento tecnológico não significa obrigatoriamente o desenvolvimento social, pois o mesmo necessita também de um desenvolvimento econômico, político e cultural. Nesse sentido, apesar do incrível desenvolvimento da internet e sua disseminação veloz, sabemos que muitos brasileiros ainda

são analfabetos digitais, pois não possuem contato com a internet, nem com o computador. Desta forma, precisamos considerar que, quando falamos nas modificações que a internet e as redes sociais estão promovendo, devemos nos lembrar de que tais modificações ainda não afetam um amplo número de pessoas.

Por outro lado, quando Wolton (2003, p. 91) pensa o “depois” da internet, ele reflete um tempo em que o correio eletrônico é “uma das causas profundas do sucesso da *Web*”. Ou seja, passaram-se 10 anos de sua publicação, e não só o *e-mail* deixou de ser uma das principais atrações do usuário da internet, como as redes sociais popularizaram-se. No ano de 2003, o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter* sequer existiam, e é inegável que, com a criação e a disseminação dessas três plataformas, entre outras, as configurações sociais na *Web* modificaram-se drasticamente¹⁴⁸.

Observando a internet por outro viés, Lévy (2003, pp. 195-197) argumenta que a “humanidade reconecta-se consigo mesma”. Defende essa ideia, lembrando-nos de como nossa civilização era unida e única, ou seja, “nossos ancestrais mais diretos habitavam [...] todos a mesma zona geográfica”. Com o passar dos anos, nossos ancestrais se dividiram, se distanciaram, e criaram grupos diferentes e separados. A segunda grande ruptura foi “a revolução neolítica”, que se caracterizou pela “grande mutação técnica, social, cultural, política e demográfica cristalizada na invenção da agricultura, da cidade, do Estado e da escrita”. O autor salienta, que a história de nossos ancestrais, que possuía “tendência à conexão, à reunião, ou à comunicação”, inverte-se e há um “movimento [...] de dispersão”.

Ao mesmo passo que a sociedade se reconecta, ela também se subdivide em uma “multiplicidade de pontos de vistas”. Ou seja, aqueles que constroem páginas, perfis na rede, expõem seus pontos de vistas, tanto sobre um determinado assunto, quanto sobre sua própria vida. Quando alguém escreve algo em um *blog*, por exemplo, mostra ali sua opinião, seu ponto de vista sobre o determinado conteúdo. Quando cria um perfil em uma rede social, posta aquilo que pensa de si, e da sociedade ao qual está inserido. Lévy (2003, p. 214) afirma, que “qualquer um terá a sua página, o seu mapa, o seu site, o seu ou os seus pontos de vista”, ou seja, “cada um se tornará autor, proprietário de uma parcela do ciberespaço”. Além disso, essas páginas, sites e mapas dialogam, interconectam-se e confluem através de canais móveis e labirínticos, dentro do ciberespaço.

Lévy (2004, p. 166) entende por ciberespaço, o “espaço de comunicação aberto pela interconexão global de computadores”, afirmando ainda que este “é hoje o sistema com o

¹⁴⁸ Sobre as perspectivas de Dominique Wolton sobre tais questões, ver mais em: JEFFMAN, 2012b, *online*.

desenvolvimento mais rápido de toda a história das técnicas de comunicação". Além disso, "o ciberespaço encarna um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que se deve bem distinguir das outras formas de comunicação de suporte técnico". Salieta que o ciberespaço combina tanto as qualidades dos meios tradicionais de comunicação, como o rádio, jornal e a televisão, pois divulga as informações desses em suas páginas, quanto as qualidades do correio e do telefone, ou seja, troca de mensagens com precisão, e acima de tudo, reciprocidade. Também afirma que a memória de nossa sociedade, ao invés de resultar de um emissor "todo poderoso", agora "emerge da interação entre os participantes". A mensagem é de todos para todos. Considera que a *World Wide Web* é, provavelmente, a "maior revolução na história da escrita, desde a invenção da imprensa" (LÉVY, 2003, pp. 206-208).

Portanto, Lévy (2004, pp. 165-166, grifo do autor) acredita que "*o ciberespaço não é um meio, é um metameio*", pois este desenvolve e apoia "tecnologias intelectuais que desenvolvem a memória [...], a imaginação", o raciocínio, a percepção e a criação, enfim, desenvolve a "humanidade em geral". Ao contrário da imprensa, que possui apenas uma comunicação de "um para muitos", e dos correios ou da telefonia, que possui apenas uma comunicação de "um para um", o ciberespaço abrange essas duas possibilidades, mas também permite a comunicação "muitos para muitos", e em tempo real; fato que, para o autor, "incentiva a inteligência coletiva"¹⁴⁹. Isso significa que a raça humana possui um "cérebro coletivo", sendo que esta tem como missão: "fazer crescer o cérebro do mundo. Um cérebro mais e mais poderoso e livre que incluirá o mundo em sua substância".

Já a cibercultura, na concepção de Santaella (2003, pp. 103-104), possui uma natureza "essencialmente heterogênea", onde "usuários acessam o sistema de todas as partes do mundo, e, dentro dos limites da compatibilidade linguística, interagem com pessoas de culturas sobre as quais, para muitos, não haverá provavelmente um outro meio direto de conhecimento". Deste modo, trata-se de uma cultura "descentralizada, reticulada, baseada em módulos autônomos".

Segundo Lévy (1999, pp. 17-130), este termo especifica o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Na cibercultura, há a

¹⁴⁹ Para Lévy (1996, p. 119), "o problema da inteligência coletiva é simples de enunciar, mas difícil de resolver. Grupos humanos podem ser coletivamente mais inteligentes, mais instruídos, mais sábios, mais imaginativos que as pessoas que os compõem? Não apenas a longo prazo, na duração da história técnica, das instituições e da cultura, mas aqui e agora, no curso dos acontecimentos e dos atos cotidianos. Como coordenar as inteligências para que se multipliquem umas através das outras ao invés de se anularem? Há meio de induzir uma valorização recíproca, uma exaltação mútua das capacidades mentais dos indivíduos em vez de submetê-las a uma norma ou rebaixá-la ao menos denominador comum? Poder-se-ia interpretar toda a história das formas institucionais, das linguagens e das tecnologias cognitivas como tentativa mais ou menos feliz de resolver esses problemas".

construção de laços sociais, autônomos do território, das instituições ou do poder, advindos de “interesses em comum”, onde há uma aprendizagem cooperativa, um compartilhamento do saberes e a abertura dos processos comunicacionais. Na cibercultura é anunciada e desenvolvida uma profunda evolução da nossa civilização, pois nela desenvolvemos nossa inteligência coletiva, aguçamos nosso pensamento crítico, e assim, intervimos “nas modalidades de desenvolvimento”. Lévy (1999, p. 248, grifo do autor) é enfático em sua posição e argumenta: “ora, a cibercultura inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido”.

Compreendemos que a cibercultura implica uma relação entre os indivíduos com a tecnologia e mediada pela tecnologia. O indivíduo interage com seus semelhantes, os encontra, produz conhecimento, desenvolve a inteligência do grupo, mas também realiza diversas ações do seu cotidiano, como fazer compras ou pagar dívidas, por meio da internet. Sendo assim, esta também é a cultura de indivíduos que agem por meio da tecnologia. A cada dia, estamos realizando mais compras *online*, estamos acompanhando a política *online*, sendo que já há pesquisas em desenvolvimento para que possamos votar pela internet (LEMOS, 2010b). Desta forma, estamos substituindo muitas ações cotidianas, pelo acesso ao sistema e a interação com a interface do computador. De um lado, nossas atividades estão significativamente mais ágeis, e podemos fazer muitas coisas que eram impossíveis sem a internet, por outro lado, essa agilidade nos permite permanecer em casa, em frente ao nosso computador, realizando compras interagindo com uma tela e não com um vendedor. Aqui se mostra novamente a preocupação de Wolton de que estamos nos distanciando uns dos outros.

Por outro lado, Michel Maffesoli, Pierre Lévy, André Lemos e Howard Rheingold, nos mostram que a nossa inteligência coletiva está nos encaminhando para mais socializações e menos isolamentos. Tal fato torna-se mais perceptível nas considerações de Rheingold sobre os *smart mobs*, ou seja, mobilizações “constituídas por pessoas que são capazes de agir juntas mesmo sem se conhecerem”. Além disso, “as pessoas que participam dos *smarts mobs* cooperam de maneira inédita porque dispõem de aparatos com capacidade tanto de comunicação quanto de computação” (RHEINGOLD apud LEMOS 2010b, p. 72). Ou seja, a internet e a tecnologia estão desenvolvendo também uma “multidão inteligente”, onde fornecem os subsídios para que as pessoas se conectem, se comuniquem e dirijam-se às ruas.

Lévy (1996, pp. 15-58, grifo do autor) também defende que vivemos uma virtualização, nos mais diversos âmbitos, dedicando a este assunto a obra *O que é o virtual?*. Argumenta que o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Neste aspecto, “a virtualização pode ser entendida como o movimento inverso da atualização”. A virtualização

não é o oposto de realidade, mas sim, “uma mutação de identidade”. Quando fala da virtualização da informação, por exemplo, nota que tal informação, juntamente com o conhecimento, são nossas principais fontes de “produção de riqueza”, sendo que, a informação não se desgasta nem se destrói, no momento que a utilizamos, “porque ela é virtual”. Já o conhecimento, “é o fruto de uma aprendizagem, ou seja, o resultado de uma virtualização da experiência imediata”.

Em suma, para Lévy (apud LEMOS, 2010a, p. 12), “a internet é um espaço de comunicação surrealista, do qual nada é excluído, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir”. O autor argumenta que “a internet encarna a presença da humanidade nela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração a liberdade”¹⁵⁰.

Na esteira de Lévy, observando a internet e a cibercultura como algo que une a sociedade, Maffesoli (2003a, p. 154) argumenta que

a introdução da tecnologia na vida cotidiana mostra bem como os valores proxêmicos, domésticos, banais, recebem ajuda da “cibercultura”. O imaginário, a fantasia, o desejo de comunhão, as formas de solidariedade, as diversas ações de caridade encontram, na Internet e no “ciberespaço” em geral, vetores particularmente eficientes. Mas o que expressam esses fenômenos senão a antiga preocupação simbólica que, desde sempre, tem configurado o imaginário do homem que vive em sociedade?

Maffesoli (2007a, pp. 18-70, grifo do autor) afirma que vivemos em uma época de “rememoração”, como antecipação de um futuro. Nesta antecipação, nessa “garantia para o futuro”, encontramos “a necessidade de promover a convergência entre pensamentos antigos e ocupações cotidianas, aquilo que se oferece à visão na teatralidade de nossas ruas, na diversão televisiva ou nas redes da internet”. Neste “reencantamento do mundo”, a internet seria sua perfeita ilustração, pois testemunha tal vitalidade. É onde o arcaico é “exaltado”, onde sujeitos encontram-se sem as restrições das barreiras geográficas. O sujeito já não é mais dono da sua história, pois ele “‘se corresponde’ com forças, necessidades, ‘intimações’ objetivas, que o enraízam numa *comunidade de destino*”.

Se os iconoclastas afirmam que a sociedade vive um *desencantamento*, Maffesoli (2012a, p. 86), por sua vez, argumenta que presenciamos um *reencantamento* do mundo. O autor cita como exemplo o *Twitter*, um local onde há conversação, onde trocas são estabelecidas. Onde, mais importante que o conteúdo, são os laços sociais que se estabelecem.

¹⁵⁰ Sobre as perspectivas de Pierre Lévy acerca de tais questões, ver mais em: JEFFMAN, 2012c, *online*.

Maffesoli (2012a, p. 87, grifo do autor) acredita que no *Twitter*, nos vídeo games, nas *home pages*, há uma “linguagem de pássaros”, ou seja, uma conversa estabelecida por pessoas comuns sobre o seu cotidiano, sendo que esta conversa sobressai à “nuvem filosófica” que dita teorias racionalistas. Assim, o virtual também faz sociedade.

Maffesoli (2007a, pp. 95-215) acredita que temos uma “participação mágica no computador”. A fantasia, a erótica, é uma característica chave da internet, sendo que, tais fantasias se propagam através da rede e os nossos fantasmas, transformam-se. Já citamos aqui que, para o autor (2005, p. 178), só existimos sob o olhar do outro. Com relação à internet, Maffesoli (2007a, p. 136) fala-nos sobre as *home pages* onde “é exibida uma saga pessoal, história, gostos, preferências literárias, esportivas, sexuais e outros aspectos da mais estrita intimidade e, ao mesmo tempo, tudo isso só adquire sentido se é visto, se é lido. Qualquer um só existe sob os olhos dos outros”. Entendemos tais palavras, se discernirmos que todo (ou quase todo) o conteúdo que compartilhamos ou produzimos na internet, é para ser lido por outra pessoa, é para ser mostrado. Quando colocamos algum conteúdo na rede, desejamos que as pessoas curtam, compartilhem, divulguem, gostem, selecionem como favorito, ou que pelo menos, leiam. Esse esforço em produzir conteúdo na rede só é válido, pelo olhar do outro.

Mostramo-nos na internet, nos exibimos, porque queremos, ao menos, sermos vistos, e para isso, precisamos de alguém ali, do outro lado da tela, desempenhando o papel de leitor, de observador. Maffesoli (2007a, p. 138, grifo do autor) compreende as *home pages* como uma “autobiografia”, uma obra que manifesta “o desejo de entrar na relação, de existir apenas em função de um *relacionismo* generalizado” onde “todos os fragmentos da vida compõem um mosaico reduzindo em seus mais belos efeitos”.

No ano de 2012, Maffesoli publica a obra *O tempo retorna*, onde explana como a sociedade está voltando ao seu modo primitivo, ao seu modo mágico, na pós-modernidade. Nesta, vibrar junto toma novas formas, pois se na modernidade, o indivíduo encerrava-se na “fortaleza de seu espírito”, na pós-modernidade, há uma “epidemia emocional”. Maffesoli (2012a, pp. 39-41, grifo do autor) acredita que as redes sociais na internet, são testemunhas de tal mudança, afirmando: “seja nos *sites* comunitários, nas listas de divulgação, nos ‘blogs’ de discussão e no *Twitter*, pode-se dizer que ‘gorjeia’ uma língua de pássaros em que a razão não está ausente, é claro, mas em que a emoção desempenha um papel primordial”. Em suma, são nas redes sociais, nos *chats* e conversações na internet que partilhamos emoções comuns.

O mundo vibra junto, mas também se reorganiza em diversos pequenos mundos, ou em tribos, de acordo com Maffesoli (2012a, pp. 43-50, grifo do autor), teoria que já apresentamos. O autor acredita que na pós-modernidade, os indivíduos são pessoas plurais,

isto é, aquele que pertence a tribos emocionais e se conecta a elas por meio de laços sociais. Este indivíduo não é mais uno, pois se transfigura e se *despedaça*, tornando-se fragmentos de si. Dentro de tal perspectiva, nota que “o vício das encenações, dos *chats* e dos diversos *sites* de redes sociais é a manifestação por excelência de um despedaçamento desse tipo”.

Algumas vezes, quando nos perguntam: “quem estava no evento?”, nós respondemos: “*todo mundo tava lá*”. Isso se dá porque o grupo que compareceu ao local era o nosso pequeno mundo, ou, o nosso mundo tribal. Quando falamos em mundos tribais, logo, pressupõe-se que o mundo deixou de ser uno, e tornou-se também um lugar fragmentado. A unidade do mundo dá lugar à unicidade do mundo, ou seja, ao mosaico. Maffesoli (2012a, p. 52, grifo do autor) acredita que vivemos “momentos fragmentados”, e que esta fragmentação é desenvolvida pela tecnologia interativa da internet, e assim, percebida em suas redes sociais.

Outra característica da pós-modernidade é o nomadismo. Maffesoli (2012a, p. 73, grifo do autor) compreende que estamos nos transformando em pessoas andrógenas, “tendo um *patchwork* de opiniões e vivendo um *turn over* profissional”. Na realidade, vivemos “várias vidas em uma só”. E tal contexto não significa momentos de anarquia, mas sim, de renovação. Compreendemos que a modernidade prezava pela vida particular, pelo aprisionamento da identidade individual. Já a pulsão nômade da pós-modernidade, leva o indivíduo a buscar identificações para além deste limite, busca outras tribos e outras identificações. Segundo Maffesoli (2012a, p. 77), “a pluralização da pessoa é o coração vibrante do fenômeno tribal. Seguindo as tribos das quais participamos, vestiremos a máscara adequada e desempenharemos, por consequência, o papel esperado”.

Maffesoli (2012a, pp. 90-95, grifo do autor) argumenta que no ciberespaço “a rebelião do imaginário se manifesta, com esplendor”, por meio de fantasias, de brincadeiras e de fantasmagorias. Sendo assim, “o festivo, o imaginário e o onírico coletivos se tornam as normas do ‘*cyber*’”. A imagem, por sua vez, torna-se o que Durand denominou de *mesocosmo*, atuando como ligação, vínculo entre indivíduos, ou “*um mundo do meio*”, onde se “comunga a partilha das imagens eletrônicas”. Neste contexto, o virtual do ciberespaço manifesta o desejo dos indivíduos de “estar junto”, sendo que, “a partir do virtual, o vínculo social é ao mesmo tempo sólido e pontilhado”.

A socialidade que daí emerge, é formada por “esse imaginário lúdico ou onírico”, visto que, além de interagir e comungar, a socialidade nas redes sociais nos permite “viver vidas múltiplas”. Para Maffesoli (2012a, p. 96), “através dos pseudônimos, dos papéis desempenhados, de *homepages* verdadeiras ou falsas, cada um se investe de figuras arquetípicas e por aí se inscreve na linhagem, com a concatenação assegurando a permanência

da comunidade humana”. A internet permite “trocas e compartilhamentos de todos os tipos”, e neste contexto, os *Flashmobs*, isto é, as mobilizações instantâneas, são mencionados por Maffesoli (2012a, p. 98, grifo do autor) como exemplo de fenômenos “altermundialistas”, onde há “difusão das informações, aglomerações frívolas ou sérias”. Outro exemplo de inteligência que advém do coletivo é a *Wikipédia*¹⁵¹, onde o saber não vem do alto, de uma forma vertical, mas sim, de uma base, de uma sabedoria horizontal. O autor acredita que o desenvolvimento tecnológico não está contribuindo para as solidões, mas ao contrário, está contribuindo para “uma nova ligação: estar, sempre, em contato, em união, em comunhão, ser *antenado*”. Sendo assim, “o ‘ciberespaço’ é um laço, de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social”.

O ciberespaço também permite ao indivíduo encarnar as facetas que desejar, vestindo as máscaras que lhe convém, nos momentos que almeja, e expressando, assim, seus fantasmas. Desta forma, os avatares atuam como “encarnações múltiplas, transformações e acidentes”. Na modernidade, a fragmentação do indivíduo era vista como uma patologia; na pós-modernidade, a fragmentação é uma das suas principais expressões, pois o indivíduo pode pertencer a diversas tribos, e assim, vestir diversas máscaras momentâneas.

Maffesoli (2012a, pp. 100-101, grifo do autor) sublinha que na socialidade, “é notável a multiplicação de *sites* comunitários” onde percebemos o “desejo de comunhão”. Para o autor, “os *sites* comunitários, *blogs*, *Orkut*, *Twitter* e outros, lembram que o reencantamento do mundo está bem ancorado na socialidade pós-moderna. Como as tribos primitivas em torno de seus totens, os internautas contemporâneos se reúnem em torno de seus ídolos específicos”. Neste contexto, relembremos que, para Maffesoli (2012a, p. 102, grifo do autor), a pós-modernidade é a “*sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico*. Essa tecnologia que tinha desencantado o mundo, está, curiosamente, reencantando-o”.

Por fim, Maffesoli (2012a, p. 105) acredita que o cotidiano e o imaginário concernem a pós-modernidade em curso. O cotidiano pode ser compreendido como a maneira da sociedade estar junto, é o solo da comunhão. Já o imaginário é esse “céu de ideias”, é o que garante a “coesão do conjunto social”. Nesta relação de tecnologia e imaginário, Maffesoli (2012a, pp. 108-113) acredita que a pós-modernidade é a época do tecnomágico, enquanto o pré-moderno foi a época do mágico e a modernidade a época do teológico-positivo.

¹⁵¹ Disponível em: <<http://migre.me/bzXSa>>. Acesso em: 25 out. 2012.

As constatações de Dominique Wolton, Pierre Lévy e Michel Maffesoli se fazem pertinentes para observarmos os pós e os contras, quando estudamos as transformações da/na internet e as novas configurações sociais que advém desta. Apesar de Wolton seguir um raciocínio oposto ao de Lévy e Maffesoli, acreditamos que os três teóricos são felizes em suas percepções, e ambas se fazem necessárias quando compreendemos a sociedade, em rede ou não. Se nós iremos em direção às “solidões interativas” ou se nos conectaremos cada vez mais, só nos próximos anos iremos saber.

4.2 Redes Sociais

A partir das compreensões anteriores, delimitamos nosso interesse nas concepções e noções acerca das redes sociais, nossa fonte de pesquisa. Porém, antes de analisarmos as peculiaridades das redes sociais que existem na internet, ou sites de redes sociais, como Recuero (2010) as denomina, compreendemos a noção de “rede”. Mais precisamente, a “ciência das redes”, a grande descoberta científica da era da conectividade.

A “ciência das redes”, também chamada de “teoria das redes”, teve seu início por meio da curiosidade científica de Duncan Watts e Steve Strogatz. Ambos os pesquisadores eram intrigados de como um grupo poderia agir em sincronicidade. Por exemplo, como um grupo de pessoas sabia qual a hora exata de bater palmas? Como os vaga-lumes brilham de forma harmônica? Como os grilos cantam em harmonia? Para entender tal dinâmica através da matemática, os dois pesquisadores buscaram um exemplo no mundo real e decidiram observar “o grilo de árvore nevado”, que “chirria de forma muito regular”. Eles, então, capturaram alguns grilos para observar como estes agiam em sincronia, quem comandava o canto (se é que existia um líder), além de entender “*quem estava ouvindo quem*”. Porém, para a surpresa de ambos, durante a observação, os grilos simplesmente não chirriaram. Watts e Strogatz compreenderam que, observar os grilos separadamente não daria certo, porque a resposta estava no grupo inteiro de grilos e na forma como interagem. Ou seja, era preciso entender o padrão de conexão entre eles. Foi então que Watts (2009) lembrou-se de uma pergunta de seu pai: “você sabia que está a apenas seis graus de qualquer pessoa da Terra?”. A partir disso, os pesquisadores trocaram o estudo dos grilos pelo estudo das redes (WATTS, 2009, pp. 16-18, grifo do autor).

A teoria dos “seis graus de separação” foi um experimento realizado pelo psicólogo social Stanley Milgran, no ano de 1967, com o objetivo de compreender o “problema do

mundo pequeno”. Segundo Watts (2009, p. 19), o que Milgran queria mostrar era que, “mesmo quando alguém não conhece nenhum conhecido nosso [...] ainda assim essa pessoa conhece alguém, que conhece alguém, que conhece alguém que nos conhece”. O pesquisador, então, queria saber quantos são esses “alguéns”. Milgran elaborou o “método do mundo pequeno”, ou seja, entregou cartas a diversas pessoas, que eram incumbidas da tarefa de fazê-las chegar a um alvo, porém, havia algumas regras: as pessoas não poderiam enviar as cartas diretamente ao alvo, a não ser que o conhecessem, e também deveriam passá-las apenas para pessoas que conhecessem bem. Milgran, então, percebeu que as cartas passaram pelas mãos de seis pessoas, em média, até chegar ao destino final, e assim, originou-se a teoria “seis graus de separação”.

Segundo essa concepção; se conhecêssemos cem pessoas e essas pessoas conhecem cem pessoas, estaríamos a dois graus de separação de dez mil pessoas, e a três graus de separação de um milhão de pessoas. Porém, Watts e Strogatz perceberam um grande erro nessa teoria: as pessoas dentre as cem que conhecemos, podem ser as mesmas pessoas que tais pessoas conheçam, pois a nossa tendência é nos relacionarmos com quem temos afinidades; temos tendência a nos aproximarmos de pessoas parecidas conosco, e assim, estabelecemos círculos sociais, redes sociais. Para Watts (2009, p. 21), “o grande paradoxo das redes que o experimento de Milgran iluminou é que, por um lado, o mundo é altamente aglomerado [...]. E, no entanto, por outro lado, ainda podemos contatar alguém em uma média de apenas alguns passos”. Isto é: como o mundo pode ser pequeno e grande ao mesmo tempo? Os pesquisadores compreenderam que nós nos aglomeramos em grupos de iguais, mas nossas redes são dinâmicas, ou seja, pessoas entram e saem de nossas vidas, nós viajamos, nos mudamos, trocamos de empregos. Além disso, possuímos múltiplos interesses e assim, múltiplos grupos aos quais pertencemos. Deste modo, podemos ser o atalho entre grupos totalmente distintos, como um grupo de estudos e um grupo de dança, pelo fato de sermos integrantes de ambos. Ou seja, essas conexões aleatórias une o mundo inteiro.

Provando tal teoria da conectividade, através de uma brincadeira universitária chamada “*Jogo do Kevin Bacon*”, no qual estudantes descobriam o número de conexões entre qualquer ator e Bacon; Watts e Strogatz perceberam que não só qualquer ator tinha algum grau de conexão com Kevin Bacon, mas que todos os atores tinham algum grau de conexão entre si, pois alguns elos aleatórios encurtavam a distância entre milhares de atores. Essa conectividade de mundos pequenos mostrou-se tanto em malhas elétricas, quanto em determinados tipos de células. A conectividade dos mundos pequenos estava em todas as partes, pois Watts (2009, pp. 60-66) percebeu que “o fenômeno do mundo pequeno não

depende necessariamente das características de redes sociais humanas [...]. São, na verdade, muito mais universais”.

Através da contribuição dos dados e das descobertas de Watts (2009); no entanto, observando a questão dos mundos pequenos por meio de outra perspectiva, o físico húngaro Lászlo Barabási (2009) interessou-se em descobrir como essa rede funcionava e como as conexões entre elas ocorriam. Ou seja, direcionou suas observações para além dos mundos pequenos. Barabási (2009, pp. 6-16) compreendeu a necessidade de entender as redes, interpretando sua estrutura e sua dinâmica de ação. Isso se mostrou essencial, porque nenhum elemento que compõe essa rede age sozinho, não estão isolados, pois a rede depende da interação entre eles. Daí advém a necessidade de compreender como esses elementos interagem mutuamente. Segundo o autor, os elementos que formam a rede se conectam como um “complexo quebra-cabeça”, onde vários mundos pequenos se encadeiam, uns aos outros. Na sociedade, por exemplo, o físico percebeu que todos nós participamos de um aglomerado, do qual ninguém é excluído.

Contudo, Barabási (2009, pp. 30-31) necessitava de uma rede completa que pudesse mapear e interpretar. Ele então passou a observar a *Web*, uma rede de páginas e *links* com potencial crescimento e que a cada dia tornava-se mais popular. Suas investigações partiram basicamente da questão: “apesar dos bilhões de nós, poderia a *Web* ser um ‘mundo pequeno’?”. O físico percebeu que a resposta para a sua pergunta era “sim”, porque, apesar de contemplar bilhões de nós, estes estão conectados a uma distância média de 19 *links*. Além disso, uma das principais características da rede na internet, bem como das redes sociais, é que estas não são estáticas, pois a cada dia são acrescentados milhares de novas páginas e novos *links*, assim como são excluídos outros.

Ao mapear a internet, Barabási (2009, pp. 30-36) esperava encontrar uma rede de conexão aleatória, onde as distribuições de *links* seguiriam a estrutura de um sino, com alguns *sites* contendo poucos *links* a mais que os outros. No entanto, o que Barabási (2009) descobriu, ao interpretar os dados que seu robô mapeou na internet, foi que algumas páginas possuíam milhares de *links*, enquanto outras tinham uma pequena quantidade. O físico percebeu que havia uma discrepância entre poucas páginas muito conectadas e muitas páginas pouco conectadas. Assim, nomeou de *hubs* as páginas que continham um alto grau de conectividade. Para Barabási (2009, p. 146), a “*Web* é uma rede sem escala, dominada por *hubs* e nós com grandes quantidades de *links*”. Poderíamos afirmar que o estudo de Barabási (2009) previu que alguns poucos *sites* se destacariam dentre os bilhões de nós existentes na internet, o que atualmente pode ser exemplificado com o *Google*, a *Amazon* e o *Facebook*.

Em suas análises, Barabási (2009, pp. 77-79, grifo do autor) compreendeu que os *sites* mais conectados tendem a aumentar sua conectividade, à medida que a rede aumenta. Os *hubs* são os nós preferidos dos internautas, assim, “quanto mais conhecidos são, mais *links* os referenciam”. Tal fato nos auxilia a compreender que uma conexão nunca é aleatória, pois a “popularidade é atrativa”. Neste caso, as redes são governadas basicamente por duas leis: a de *crescimento* e de *conexão preferencial*. Ao observar a internet, o pesquisador percebeu que ela cresce exponencialmente, adicionando novos nós e novos *links* à rede. Esses novos nós, por sua vez, tendem a conectar-se aos nós mais conectados. Desta forma, quanto mais *links* um nó tiver, maiores as chances de ele conquistar novas conexões.

Comprendemos, então, que os *hubs* são os elementos essenciais das redes, pois quando um deles é excluído desta, “grandes blocos de nós” desprendem-se da rede e desconectam-se “do aglomerado principal”. Sendo assim, para atingir uma rede, “não precisamos remover grande número de nós para alcançar um ponto crítico. Basta inabilitar poucos *hubs* para que uma rede sem escala se desintegre em pouco tempo”. Independente do tipo de rede avaliada, a retirada de *hubs* “desintegrará qualquer sistema” (BARABÁSI, 2009, pp. 104-109, grifo do autor). Em suma, Barabási (2009, pp. 160-197, grifo do autor) afirma que é preciso “pensar em redes”, é preciso “entender a complexidade”, pois

as redes são apenas a estrutura da complexidade, as vias dos diversos processos que fazem nosso mundo vibrar. Para descrever a sociedade, precisamos revestir os *links* da rede social com interações dinâmicas reais intersubjetivas. Para entender a vida, devemos passar a observar a dinâmica reativa que se dá ao longo dos *links* da rede metabólica. Para entender a internet, devemos adicionar tráfego a seus emaranhados *links*.

Barabási (2009) compreendeu que a dinâmica das redes pode ser percebida em elementos como células, proteínas, sociedade, *Web*, ecossistema, doenças, *chips* de computador, *Hollywood*, entre tantos outros campos. Além disso, toda rede tem os seus *hubs*. Partindo de tais pressupostos, percebemos que a ciência das redes e sua complexidade é a ciência do século XXI, porque todos os campos que são formados por diversos elementos, assim como os negócios ou as redes sociais, interagem e organizam-se seguindo a mesma dinâmica: uma rede que possui nós e *links*, onde alguns nós destacam-se consideravelmente dos demais, onde mundos pequenos conectam-se entre si, e o mais relevante, onde não há nenhum elemento isolado dessa conexão. Através das descobertas de Watts (2009) e Barabási (2009), torna-se claro para as nossas análises, como as redes funcionam, como esta conecta seus componentes e como tais componentes agem, dentro dessa trama.

Neste contexto de redes sociais e internet, David Kirkpatrick (2011, pp. 79-81), conta-nos que foi no ano de 1997 que as redes sociais na internet tiveram seu início. A pioneira neste ramo foi a *sixdegrees*¹⁵², que tentou mapear e identificar relações sociais inspirada na teoria “seis graus de separação”. Através do recurso “conecte-me”, a rede social estabelecia um mapa de relacionamento entre o usuário e uma determinada pessoa, por meio dos membros de sua rede. Percebemos aqui, uma dinâmica muito semelhante ao do “Jogo do Kevin Bacon”. Outro recurso que a plataforma também oferecia, era o “ponha-me em rede”, onde o usuário entrava em contato com pessoas que tivessem gostos em comum ou algum outro tipo de afinidade. Porém, a *sixdegrees* enfrentou vários problemas de funcionamento. Apesar do grande sucesso e dos seus 3,5 milhões de usuários no ano de 1999, a internet nesta época ainda não oferecia suporte para tais conexões. O acesso ao sistema era lento, poucas pessoas tinham acesso às tecnologias, e não havia fotos de perfil, visto que, uma pequena quantidade de pessoas possuía câmera digital. Deste modo, em 2000 a empresa foi fechada.

Contudo, os investidores perceberam que a *sixdegrees* não estava no caminho errado, apenas tinha começado cedo demais. Assim, outras redes sociais seguiram o caminho desbravado por esta. No início do ano 2000, uma rede social sueca chamada *LunarStorm* foi lançada, e encerrada no ano de 2010. No final de 2001, Adrian Scott lançou uma rede social chamada *Ryze*¹⁵³. Em fevereiro de 2003, o *Friendster*¹⁵⁴ foi inaugurado e logo se tornou popular. Em pouco tempo, já contabilizava milhares de usuários, porém, seu sistema não foi capaz de gerir a demanda que sua crescente popularização acarretava. Reid Hoffman, um dos investidores do *Friendster*, funda em maio de 2003 o *LinkedIn*¹⁵⁵. Na mesma época, Mark Pincus, também colaborador do *Friendster*, lança o *Tribe.net*¹⁵⁶. No dia 15 de agosto de 2003, o *MySpace*¹⁵⁷ foi lançado, destacando-se das demais redes sociais existentes até então, devido às suas peculiaridades e à perspicácia de seus fundadores. Além de o *MySpace* aceitar que os usuários se cadastrassem com perfis falsos (o que era combatido pelo *Friendster*) e apresentar novas funcionalidades, também permitia que seus usuário personalizassem seus perfis, por meio de configurações no HTML da página (KIRKPATRICK, 2011, pp. 81-88).

No entanto, Kirkpatrick (2011, p. 88) lembra-nos que, ainda no ano de 2001, surgia a primeira rede social destinada aos universitários, e, segundo o autor, “a primeira verdadeira

¹⁵² Há uma rede social que se denomina “sixdegrees.com”, porém seu *copyright* é do ano de 2010. Disponível em: <<http://sixdegrees.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵³ Disponível em: <<http://www.ryze.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://www.friendster.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵⁵ Disponível em: <<http://br.linkedin.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.tribe.net/welcome>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵⁷ Disponível em: <<http://www.myspace.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

rede social lançada nos Estados Unidos”. Esta rede se chamava *Club Nexus* e era utilizada pelos estudantes de *Stanford*, porém, contabilizando cerca de 2.500 membros, a plataforma parou de crescer. Orkut Buyukkokten, seu idealizador, torna-se um funcionário do *Google* e apresenta uma nova proposta de rede social: o *Orkut*. Lançado em janeiro de 2004, esta plataforma ainda mantém-se popular, principalmente entre os brasileiros. Duas semanas após o seu lançamento, Mark Zuckerberg lança o *Facebook*, que veio a se tornar a maior rede social mundial, conectando mais de 1 bilhão de pessoas.

Kirkpatrick (2011, p. 96) afirma que, “começando com o *sixdegrees*, passando pelo *Friendster* e chegando até o *Facebook*, as redes sociais tornaram-se uma parte familiar e onipresente da internet”. Obviamente, a história das redes sociais na internet abrange um número maior de plataformas, porém, nesta breve análise, percebemos como pesquisadores e investidores estão de alguma forma, contribuindo juntos para o desenvolvendo e o aprimoramento das redes sociais. Percebemos também que pesquisas e práticas se conectam.

Analisando as peculiaridades de interação e conversação que advém das redes sociais na internet, temos ao nosso dispor as perspectivas de Lúcia Santaella e Raquel Recuero. Santaella (et. al., 2010, p. 7, grifo nosso) utiliza as terminologias redes sociais digitais e redes sociais na internet (RSIs). Para a autora, as redes sociais na internet são “plataformas-rebentos da *Web 2.0*, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como o *Wikipédia*, *blogs*, *podcast*, o *YouTube*¹⁵⁸, o *Second Life*, o uso de *tags* (etiqueta) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no *Del.icio.us*¹⁵⁹ e de fotos como no *Flicker*¹⁶⁰ e as RSIs [...]”. Segundo Santaella (et. al., 2010, p. 48), essas redes são reais, discursivas, mas principalmente, coletivas. São redes coletivas, porque geram continuamente e de forma renovada, a inteligência coletiva. Sendo que tal coletividade é “feita de novas heterogeneidades e de híbridos complexos entre a inteligência humana e artificial”. Em tais redes, nós compartilhamos “os ambientes como agentes coletivos procriados artificialmente”. As RSIs “colocam em ação uma heterogeneidade de entidades de que as conversas e trocas de indivíduos a indivíduos são apenas uma superfície visível”, diz Santaella (et. al., 2010, pp. 48-51). A autora nota que o intuito maior das RSIs é “promover e exacerbar a comunicação, a troca de informação, o compartilhamento de vozes e discursos”, pois todos os usuários já possuem algo em comum, mesmo sem se conhecerem: “a vontade de se comunicar”.

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://www.delicious.com/>>. Acesso em: 19 out. 2012.

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.flickr.com/>>. Acesso em: 19 out. 2012.

Para Recuero (2010, pp. 24-25, grifo do autor), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Uma rede, então, é “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Estes são as “pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como parte do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

Os perfis no *Orkut* são citados por Recuero (2010, pp. 28-36, grifo do autor), como um exemplo de individualização através da construção de cada página pessoal, pois “ali são expostos os gostos, as paixões e os ódios dos atores sociais”. Até mesmo a decisão de pertencer ou não a uma determinada comunidade no *Orkut*, é um ato de identificação e individualização. Tal personalização também pode ser conferida nos *blogs*, onde estes apresentam conteúdos com as características de quem os escreve. As conexões, por sua vez, são estabelecidas e construídas através dos laços sociais, que são formados por meio das “interações sociais entre os atores”. O laço social tem como matéria-prima a interação, ou seja, é necessário que os atores interajam, para que os laços sociais sejam estabelecidos e fortalecidos; lembrando que a “interação representa um *processo sempre comunicacional*”. Dentro do ciberespaço, essas interações podem, muitas vezes, migrar. Isto é, um usuário pode interagir com outro por meio de uma plataforma A, e continuar a conversa por meio de uma plataforma B, ou até mesmo, estabelecer conversações em diferentes plataformas concomitantemente. Também pode desenvolver uma publicação em determinada plataforma, e compartilhada em outras.

Uma importante constatação que Recuero (2010, pp. 102-104, grifo do autor) nos apresenta, é a diferenciação de “redes sociais” e de “sites de redes sociais”. Segundo a autora, site de redes sociais pode ser entendido como “toda a ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais”, mais especificamente, são “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet”. Explica-nos ainda, que “a grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*”. Nessa perspectiva, a autora considera que *blogs*, *Twitter*, *Facebook* e *Orkut* são sites de redes sociais, se utilizados para estabelecer redes de relacionamento. Porém, *Orkut* e *Facebook*, são considerados como exemplos de “sites de redes sociais propriamente ditos”, ou seja, “aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores”. *Blogs* e *Twitter*, por sua

vez, são “sites de redes sociais apropriados”, isto é, “sistemas que não eram, originalmente, voltados para mostrar redes sociais, mas que são apropriados pelos atores com este fim”. Ou seja, tudo depende do tipo de apropriação que o usuário fará de tal plataforma.

Intuindo que, tanto por meio das redes sociais quanto através das comunidades, há as conversações mediadas pelo computador, Recuero (2012, pp. 17-19) foca a sua atenção para tais diálogos e suas peculiaridades. Para a autora, as conversações mediadas pelo computador são “uma nova ‘forma’ conversacional, mais pública, mais coletiva”, o que denomina de “conversação em rede”. A conversação em rede não advém dos novos meios, mas das apropriações de um sistema técnico com potencial comunicativo, por determinados grupos sociais. A autora define a conversação em rede como “aquela que surge dos milhares de atores interconectados que dividem, negociam e constroem contextos coletivos de interação, trocam e difundem informações, criam laços e estabelecem redes sociais”. Compreendemos, então, que as conversações são as portas para as interações. Conversando e interagindo, estabelecemos redes sociais.

Recuero (2012, pp. 47-64) acredita que apropriamos nossa linguagem escrita para uma linguagem falada, quando utilizamos o computador como mediação dos diálogos. Adaptamos nossa escrita nessas plataformas e até mesmo utilizamos caracteres simbólicos para expressar emoções, como por exemplo, =) – sorriso e =(– tristeza. Além de outras estratégias textuais para expormos uma determinada entonação, ou sentido da frase, como a utilização demasiada de algumas letras, abreviações de palavras ou a utilização de onomatopeias, como: “sempre liiiiiiiiiida Mari”, “blz”, “bjus”, “tsi tsi tsi”, “Aff”. De uma forma geral, a linguagem utilizada na conversação em rede é mais informal, pode ser escrita, visual, em áudio, e até mesmo essas três modalidades concomitantemente (multimodalidade), e podem também acontecer de “forma pública ou privada”. As conversações podem ocorrer de diversas maneiras, mas o que sabemos, essencialmente, é que “ninguém fala sozinho”.

Após a compreensão das redes sociais e suas especificidades, aprofundamos nossos estudos e nos empenhamos na compreensão das comunidades virtuais que se formam por meio das redes sociais, pois, como já afirmamos, temos tendência a nos aglomerarmos, a nos unirmos com nossos iguais. Além disso, as comunidades virtuais são uma das características essenciais das redes sociais.

4.2.1 Comunidades virtuais

Considerado o primeiro autor a conceituar o termo “comunidade virtual”, Howard Rheingold (1996, p. 18) afirma que tais comunidades são “agregados sociais que surgem da rede¹⁶¹, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”. O autor acredita, que o seu mundo tornou-se diferente do que era na época do “pré-modern”, pois agora conhece um amplo número de pessoas, de culturas, de línguas e de costumes por meio das comunidades virtuais. Estas experiências *online* se mostraram diferentes de quando Rheingold (1996, pp. 19-23) ainda não “navegava” no mundo da internet.

A noção de “bens coletivos”, proposta por Marc Smith, é uma das bases da comunidade virtual para Rheingold (1996, pp. 26-27). Segundo este, “num mundo competitivo emergem grupo de indivíduos que cooperam entre si por reconhecerem que há coisas que só podem ganhar através da união”. Sendo que, “determinar os bens coletivos de um grupo é um modo de procurar os elementos que transformam elementos isolados numa comunidade”. Segundo os preceitos de Smith, os bens coletivos são compostos por três categorias: o capital social, o capital intelectual e a comunhão. A inteligência coletiva também foi percebida por Rheingold (1996, p. 141), porém, este a nomeou de “mentes coletivas”, onde a integração de um organismo multifacetado gera uma “sabedoria coletiva”.

Rheingold (1996, 13) publica o original de seu livro no ano de 1993, quatro anos antes do surgimento da primeira rede social *online*. O autor abordou a questão sobre comunidades virtuais devido ao seu envolvimento e ao seu fascínio pela WELL, “um sistema de teletransferência por computador que permite aos utentes espalhados pelo globo a participação em conversas públicas e a troca de correspondência privada via correio eletrônico”. Desta forma, no ano que desenvolveu sua obra, Rheingold (1996, pp. 219-221) conhecia comunidades virtuais onde os indivíduos geralmente utilizavam identidades falsas e se apresentavam ao grupo através de um pseudônimo. Além disso, como tais conversações não exibiam as fotos dos internautas, contendo poucas informações sobre estes, argumenta que os participantes de tais conversas poderiam se cruzar na rua e não se reconhecerem.

Contudo, em 2000, o autor publica um capítulo *online* adicional à sua obra, com o propósito de repensar as comunidades virtuais, visto que, suas teorias foram confrontadas por diversos teóricos e também porque muita coisa mudou no cenário tecnológico, em apenas sete anos. Rheingold (2000, *online*) explana sobre alguns críticos, como Peter Ludlow, onde este

¹⁶¹ Para Rheingold (1996, p. 18), “rede é o termo informal que designa as redes de computadores interligadas, empregando a tecnologia de CMC para associar pessoas de todo o mundo na forma de debates públicos”.

afirma que as mudanças sociais propiciadas pelo desenvolvimento da tecnologia alienaram a sociedade e a fizeram perder seu sentido verdadeiro de comunidade. No entanto, este acredita que “cada vez mais, torna-se possível recriar essa comunidade perdida no ciberespaço, através da formação de comunidades de interesse que não estão vinculados pelos acidentes da geografia”. Contudo, Ludlow (apud RHEINGOLD, 2000, *online*) questiona se podemos chamar de vizinho, alguém que não conhecemos. Clifford Stoll (apud RHEINGOLD, 2000, *online*) nota que “as redes de computadores nos isolam um do outro, ao invés de nos unir”. McClellan (apud RHEINGOLD, 2000, *online*) também acredita que vivemos em pseudocomunidades, e que o ciberespaço está nos tornando solitários, contribuindo para o declínio da verdadeira comunidade.

Para Rheingold (2000, *online*), os críticos atacaram principalmente o termo “comunidade virtual”, argumentando que a utilização da palavra “comunidade” degradaria o sentido da comunidade real, acreditando que as pessoas são “menos humanas entre si no ciberespaço”. O autor compreende então, que talvez pudesse ter evitado tal debate se tivesse utilizado a expressão “redes sociais *online*” ao invés de “comunidades virtuais”.

Rheingold (1996, p. 42) acreditava que as comunidades virtuais desenvolvem-se, basicamente, devido a dois motivos: “à medida que os espaços públicos ‘reais’ estão diminuindo e, à medida que os entusiastas percebem a possibilidade de interagir de forma inovadora”. Argumentava que, para Ray Oldenburg, existem três lugares fundamentais: o local onde vivemos, o local onde trabalhamos e o local onde nos reunimos. Rheingold (1996) compreendia, que “à medida que o modo de vida suburbano baseado no automóvel, no hipermercado e na comida rápida foi eliminando muitos dos ‘terceiros lugares’ das cidades tradicionais em todo o mundo, o tecido social das comunidades aí existentes começou a desagregar-se”. Assim, as comunidades virtuais enquadrar-se-iam nesse terceiro local. No entanto, alguns anos após sua publicação, Rheingold (2000, *online*) retifica-se e retira de sua obra original a concepção de que as comunidades virtuais nasceram devido à “desintegração das comunidades tradicionais de todo o mundo”.

Cogitamos que na década de 90, as noções acerca das comunidades virtuais estavam vivendo seu primeiro momento. Como pioneiro na tarefa de publicar constatações iniciais, Rheingold (1996) percebeu peculiaridades sobre as comunidades virtuais que ainda vigoram, mas cometeu alguns equívocos que só puderam ser percebidos, com o passar dos anos e com o desenvolvimento das noções por ele trabalhadas. Também foi duramente criticado por autores que argumentavam que as comunidades virtuais degradariam as comunidades reais, autores convictos de que no ciberespaço não haveria comunidades, pois os indivíduos

estariam tornando-se cada vez mais isolados, e não membros de um grupo. Como o próprio autor retificou-se, as comunidades virtuais não surgiram para ocupar o lugar das comunidades reais, mas sim, para atuarem concomitantemente.

Atualmente, também percebemos que, a maioria dos internautas não vivem vidas fictícias nas comunidades, nem se utilizam de pseudônimos. Com o desenvolvimento das redes sociais na internet, as pessoas foram incentivadas a criar laços sociais reais, levando para o ciberespaço as relações que já possuem anteriormente, porém, com a oportunidade de ampliá-las. Rheingold (1996) é feliz em notar que nas comunidades virtuais, as pessoas se unem por afinidades, gostos em comum, tornando-se membro de um grupo ao qual se identificam simbolicamente, e não apenas geograficamente. Também por acreditar que a comunhão é um dos elementos formadores das comunidades virtuais, noção amplamente defendida por Maffesoli, onde o autor acredita que nos unimos para a comunhão de elementos em comum, e assim, não estamos nos isolando, mas unindo-nos.

Tencionamos também, que poderia ser um equívoco de Rheingold (2000, *online*), acreditar que a substituição do termo “comunidade virtual” por “redes sociais *online*” evitaria as críticas direcionadas à sua obra, fazendo-nos supor que tais noções poderiam atuar como sinônimos. Contudo, após nossa reflexão sobre as redes sociais na internet, possuímos o discernimento de que estes dois conceitos são fundamentalmente diferentes. Comunidade é a “qualidade de comum”¹⁶²; comunidades virtuais, então, são os mundos pequenos formados por pessoas com afinidades em comum e que se unem por livre escolha, e não por imposições geográficas. Redes sociais na internet, por sua vez, podem ser entendidas como a conexão desses vários mundos pequenos, reunindo aglomerados simbólicos que formam uma rede devido às conexões entre eles. Observando a temática na perspectiva de Barabási (2009), as comunidades são os nós; para Watts (2009), são os mundos pequenos, para Maffesoli (2012a), são os mundos tribais; e a rede é a união destes em uma grande trama dinâmica e conectada. Sendo assim, redes e comunidades não são sinônimos, pois cada um possui seu fundamento específico no ciberespaço.

Atualizando a discussão sobre tal contexto, Lemos (2010b, pp. 75-101, grifo do autor) compreende que uma comunidade virtual “é uma reserva de inteligência e de informações que podem contribuir para alimentar o conteúdo de um sítio em texto, em som, ou em imagem”. Em sua perspectiva, o desenvolvimento destas comunidades é um dos “maiores acontecimentos dos últimos anos, sendo uma nova maneira de ‘fazer sociedade’”. As

¹⁶² Ver FERREIRA, 2004, p. 252.

comunidades virtuais surgiram a mais de vinte anos, antes mesmo da criação da *Web*, e hoje, constituem-se como o “fundamento social do ciberespaço e uma das chaves para a futura ciberdemocracia”. Para o autor, “uma comunidade virtual é simplesmente um grupo de pessoas que estão em relação por intermédio do ciberespaço”, desta forma, o senso de comunidade compreende “relacionamentos com grau elevado de intimidade pessoal, *coerção social e continuidade no tempo*”.

Em suma, Lemos (2010b, p. 102) compreende que uma comunidade virtual é a reunião de membros que “compartilham um espaço telemático e simbólico [...], mantendo certa permanência temporal e fazendo com que os participantes sintam-se parte de um agrupamento comunitário”. O autor considera que nossas comunidades estão se tornando “*desterritorializadas*”, reunindo “pessoas que se interessam pelos mesmos temas, paixões, projetos, objetos, posturas, ideias, etc., independente de fronteiras geográficas e institucionais”. Para Lemos (2010b, pp. 105-219, grifo do autor), vivemos em um “*território virtual*” com “*proximidades semânticas*”, pois as distâncias físicas passam a ser irrelevantes e os “povos não serão mais nem de sangue, nem de solo”.

Segundo Recuero (2010, p. 135), a noção de localização geográfica teve uma importante transformação com a internet, mas não somente a partir dela. Afirma que a “mudança no sentido de lugar é amplificada com a internet”. Recuero (2010, pp. 144-146) argumenta que “a comunidade virtual é um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social [...], através do tempo, associado a um tipo de pertencimento”. Também se pode dizer, que “o conceito de comunidade virtual é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço”.

Compreendemos, então, que as comunidades virtuais são peças fundamentais na construção do ciberespaço, bem como as redes sociais na internet. A noção de comunidade traz ao ciberespaço o sentido de comunhão, de compartilhamento, de laços sociais e afinidades, pessoas que formam um mundo pequeno dentro da complexa trama de laços, conexões e *links*. Tomemos o *Orkut* como exemplo. Esta rede social na internet abrange uma infinidade de comunidades virtuais. Nestas, podemos relacionar-nos com pessoas de diversos lugares, mas que possuem afinidades compartilhadas conosco, independente de estas serem nossos amigos virtuais, ou não. No *Orkut*, pertencemos à rede social de diversas pessoas, mas em uma comunidade virtual, podemos focar nossas conversações com pessoas que, como nós, apreciam a literatura de Shakespeare, por exemplo. Sendo assim, podemos pertencer a

diversas comunidades virtuais, de acordo com nossas necessidades e apreços, o que não nos retira o senso de comunidade local, mas amplifica-o e enriquece-o.

No que concerne às redes sociais, interessamo-nos essencialmente pelos *blogs*, o *Facebook*, *Orkut* e pelo *Twitter*. Deste modo, apresentamos a seguir uma breve análise da história e das peculiaridades de cada uma dessas redes sociais, para que, assim, as conheçamos e possamos compreendê-las amplamente enquanto locais onde ocorrem as conversações que analisamos.

4.2.2 *Blogs*

Quem utilizou o termo *weblog* pela primeira vez foi Jorn Barger, no ano de 1997. Este utilizava o termo para se referir “a um conjunto de sites que ‘coleccionavam’ e divulgavam links interessantes na *Web* [...] com o seu *Robot Wisdon*”. É deste aspecto que advém o termo: “*Web*” + “*log*” (arquivo *Web*). Barger utilizou tal termo para “descrever a atividade de ‘logging the *Web*’”. No ano de 1999, “a Pitas lançou a primeira ferramenta de manutenção de *sites* via *Web*, seguida, no mesmo ano, pela Pyra, que lançou o *Blogger*”. Com estes dois sistemas, os *blogs* foram mais difundidos e utilizados, porque não era mais necessário ter conhecimentos sobre HTML para desenvolvê-los. A possibilidade de postar comentários nos *blogs* também auxiliou em sua popularização. Em 2004, o *Google* adquire o *Blogger*, “o que pode ser percebido como indícios da consagração dos *blogs* na época” (AMARAL et. al., 2010, pp. 28-29, grifo do autor).

Dentre as definições, Schmidt (apud AMARAL, et. al., 2010, p. 30) afirma que os *blogs* são “*websites* frequentemente atualizados onde os conteúdos (texto, fotos, arquivos de som, etc) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual”. Já Marlow (apud AMARAL, et. al., 2010, pp. 30-31) “considera *weblogs* uma mídia, que difere das demais pelo seu caráter social, expresso através do seu caráter conversacional”. Acredita que os *blogs* “constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem sua própria audiência”. Para este, os *blogs* são mais do que simples ferramentas de publicação, pois são ferramentas de comunicação, utilizadas “como forma de publicar informações para uma audiência”.

Amaral (et. al., 2010, p. 31) explica-nos que outros autores, como Shah (2005), compreendem os *blogs* como artefatos culturais. Tal percepção, “advinda de um olhar

antropológico e etnográfico, ‘representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que inter-atuam como as TIC’s’”. Para Shah (apud AMARAL, et. al., 2010, p. 32), “*blogs*, se observados enquanto artefatos culturais, podem revelar diferentes ideias de por que as pessoas blogam e quais são os motivos do meio – ciberespaço – que eles herdaram”. Já Rebecca Blood (apud AMARAL, et. al., 2010, p. 32), considera que a apropriação dos *blogs* “focou o uso do sistema também como forma de conversação”, sendo que, “a percepção dos *blogs* como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais, está presente nessa vertente”.

Apesar de não ser condizente considerar os *blogs* unicamente como diários pessoais, Amaral (et. al., 2010, p. 33) fala-nos que, “há, em sua apropriação, um forte elemento de personalização”. Para Efimosa e Hendrick (2005 apud AMARAL, et. al., 2010, p. 34), os “*blogs* são pessoais”, mas também são “formas de publicação diferenciadas porque se torna uma forma de apropriação do ciberespaço como modo de expressar a identidade de seus autores”. Amaral (et. al., 2010, pp. 34-36, grifo do autor) compreende que os *blogs* são “formas de publicação apropriadas pelos seus usuários como forma de expressão”, e também podem ser entendidos como “espaços de **narrativa de si**”. Enfim, são “suportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização *online* de acordo com os mais variados interesses”.

Lemos (apud AMARAL, et. al., 2010, pp. 8-9) fala-nos que os *blogs*, junto com outras plataformas, são “um dos fenômenos mais populares da cibercultura”, sendo que eles “refletem a liberação do polo da emissão característico da cibercultura”. Santaella (et. al., 2010, p. 77) afirma que “os *blogs* democratizaram o acesso à informação, à cultura, e à notícia, transformando qualquer pessoa em um canal emissor potencial”. Enfim, através dos *blogs*, qualquer usuário com determinadas condições pode postar na rede, as publicações que desejar, sendo possuidor de conhecimento ou não. Podem registrar uma infinidade de conteúdos, e deixá-los à disposição de quem desejar lê-los.

4.2.3 Facebook

Mark Zuckerberg, enquanto aluno de *Harvard*, foi o idealizador desta rede social. O *Facebook* surgiu com o intuito de tornar-se uma plataforma *online* para interação dos alunos da universidade, e desta forma, fortalecendo conexões antigas e criando conexões novas. Foi oficialmente lançado no dia 04 de fevereiro de 2004 para os alunos de *Harvard*, e conforme seu crescimento foi ocorrendo e seus desenvolvedores foram se aperfeiçoando, a rede social acrescia novas universidades. Em 2005, o acesso ao sistema foi permitido também para estudantes de escolas secundárias. Para ter um perfil na rede, inicialmente era necessário ser aluno de *Harvard* ou de outra universidade assimilada pela plataforma, pois era necessário que o usuário efetuasse seu *login* com seu e-mail acadêmico. Tal exigência permitiu que a rede social controlasse quem acessava o sistema, além de garantir a identificação dos usuários com suas reais identidades (KIRKPATRICK, 2011). De acordo com informações fornecidas pelo *Facebook*¹⁶³, sua missão é “tornar o mundo mais aberto e conectado”.

Esta plataforma funciona por meio de perfis de usuários, grupos, eventos e páginas. Cada usuário pode realizar inúmeras atividades, com o acréscimo de aplicativos e ferramentas ao seu perfil, bem como adicionar os seus “amigos”. As páginas possuem diversas finalidades, sendo utilizadas tanto por usuários, como quanto por artistas, empresas, produtos ou marcas. Aliás, o marketing está se tornando presença constante em tal. O *Facebook* oferece o botão “curtir”, para o usuário afirmar que gostou, ou visualizou uma publicação. Os usuários também podem curtir as páginas e assim, receber o *feed* de notícias desta. Além de poder publicar suas próprias informações, o *Facebook* permite ao usuário compartilhar as publicações de outros usuários. Tal plataforma é hoje, a maior rede social do mundo. Além disso, passou a “interligar milhões de páginas da internet”, pois “mais de 10 mil *sites* adicionam o botão ‘curtir’ por dia”¹⁶⁴.

4.2.4 Orkut

De acordo com Recuero (2010, p. 166), “o sistema foi criado por Orkut Buyukkokten, nas horas vagas, enquanto o mesmo era aluno da Universidade *Stanford* e funcionário do *Google*, a partir de uma ideia embrionária, chamada *Club Nexus*”. Em janeiro de 2004, o *Google* lança oficialmente a rede social, e em 2005, o *Orkut* ganha sua versão em português.

¹⁶³ Ver FACEBOOK, 2012a, *online*.

¹⁶⁴ Ver PUBLIONLINE, 2012, *online*.

Cada usuário do *Orkut*¹⁶⁵, segundo Telles (2007, p. 21), “possui uma conta e um perfil, no qual constam algumas características pessoais do usuário, sua descrição física, lista de livros e música de preferência, um texto de apresentação”, entre outras informações. Cada usuário pode adicionar, ou ser adicionado como “amigo”, por outros usuários. O perfil do *Orkut* de um usuário diz muito sobre seus gostos, preferências e personalidade. Dentro do *Orkut*, podemos encontrar as comunidades virtuais, grupos que o usuário escolhe pertencer ou não, dependendo de sua identificação com o tema desta.

Quando Telles (2007) publicou a obra *Orkut.com: como você e sua empresa podem tirar proveito do maior site de relacionamentos do Brasil*, tal plataforma ainda era a maior rede de relacionamentos do nosso país. Em 2007, o autor propunha que o *Orkut* era a melhor forma de encontrar amigos e interagir, de criar um marketing pessoal, encontrar empregos, relacionar-se com pessoas com o qual possuímos afinidade, e até um meio de marketing *online* para muitas empresas, o que o autor denominou de *Orkut Marketing*.

É indubitável que o *Orkut* teve uma forte atuação, principalmente no Brasil. Porém, com a ascensão do *Facebook*, o *Orkut* foi sendo esquecido, e as promessas de que este seria o maior e melhor meio de interação foi ficando para trás. Em setembro de 2011, o *Facebook* ultrapassa oficialmente o *Orkut*, em números de usuários únicos no Brasil. Segundo o *GI* (2011, *online*), no mês de agosto, o “*Facebook* registrou 30,9 milhões de usuários únicos (68,2% dos internautas no trabalho e em domicílios), contra 29 milhões do *Orkut* (64%)”. Apesar de ter perdido o posto de maior rede social do Brasil, o *Orkut* ainda demonstra alguns números expressivos. Contudo, muitos são os autores e pesquisadores que decretam sua morte¹⁶⁶, após o grande ápice do *Facebook*. Apesar de estes autores decretarem tal fato, percebemos que o *Orkut* ainda atua como uma importante fonte de dados para pesquisa. É no *Orkut* que encontramos muitas comunidades, e é dentro delas que podemos melhor observar as conversações entre os usuários, seus pontos de vista, suas opiniões, seus gostos e peculiaridades.

4.2.5 Twitter

¹⁶⁵ Apesar de cada usuário poder fazer um perfil com sua conta de e-mail, isso não o impede de criar outros perfis *fakes* no *Orkut*, utilizando nomes e informações que não são seus.

¹⁶⁶ Ver KONFIDE, 2011, *online*. TEIXEIRA, 2011, *online*.

De acordo com Israel (2010, pp. 13-14), em outubro de 2004, Ev Williams, fundador do *Blogger*, cofundou a *Odeo* juntamente com Biz Stone. Porém, a empresa enfrentava alguns problemas de comunicação entre a equipe. Foi então que, em uma dinâmica de grupo, com o intuito de encontrar uma solução para tal problema, Jack Dorsey, o arquiteto de *software* da *Odeo*, comentou que poderia resolvê-lo com uma antiga ideia sua, inicialmente concebida há 15 anos. Então, inspirado na maneira como os veículos de emergência eram despachados, e refinando suas ideias, inspirando-se também no SMS (pois ele era curto - 160 caracteres - e pessoal), Dorsey deu início ao *Twitter*.

Com auxílio de Stone, Jack Dorsey promoveu algumas melhorias ao SMS. Ele cortou 20 caracteres do tamanho. A tela era muito simples e se respondia a uma única pergunta, que era ouvida com frequência pelos integrantes da *Odeo*: "O que você está fazendo?" O *software* foi desenvolvido em duas semanas, sendo finalizado em 13 de março de 2006, e havia sido projetado para ser um sistema de mensagem, mas aquilo era, na verdade, um *blog* muito pequeno - ou *microblog*. A festa de apresentação do *Twitter* começou em março de 2007, durante a *South by Southwest (SXSW)*, o festival interativo mais conhecido do mundo. O *Twitter* arrasou na *SXSW 2007*, e por consequência, foi considerado o melhor produto do evento, segundo Israel (2010, pp. 29-33).

O *Twitter* é uma das plataformas que mais tem despertado interesses entre os pesquisadores, pois demonstra interações e atuações peculiares, diante de outras plataformas. Para Fragozo (et. al., 2011, pp. 100-103), o *Twitter* tem condições diferentes de outras plataformas, porque "funciona em uma estrutura de rede, gerada pelas conexões entre seguidos e seguidores, forma canais de informação em rede, por onde os *tweets* circulam e são repassados". Tal estrutura "parece constituir um dos elementos-chave para compreender o *Twitter*". As apropriações que os usuários fazem deste, "parecem ser uma consequência das características estruturais e sociais" da plataforma. Isto é, "estruturais porque seu sistema que permite o envio de mensagens de até 140 caracteres é simples e proporciona uma utilização variada". Também é social, "porque parte dos usos que surgem com a ferramenta são práticas sociais que são inventadas e apropriadas pelos usuários".

Santaella (et. al., 2010, pp. 17-21, grifo do autor) afirma que "as mensagens do *Twitter* não apenas fazem uso da rede, mas criam redes e são também a própria rede". O *Twitter* tem características de redes sociais "no modo como se acessa, na troca de ideias, sentimentos e informações, na formação de *twibes* e nichos, no desenvolvimento de estratégia, etc". Santaella (et. al., 2010, p. 66) acredita que o *Twitter*

serve como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre – pelo menos até agora – da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que tudo invade, até mesmo o ciberespaço.

O conteúdo informacional do *Twitter* é fornecido ao usuário através de sua *Timeline*. Esta, por sua vez, é nutrida pelos *tweets* daqueles que o usuário desejou seguir. Santaella (et. al., 2010, p. 73) esclarece-nos que, quando escolhemos seguir alguém, “estamos escolhendo quais canais de informação iremos convidar para fazer parte de nosso fluxo de informações”, ou seja, “estamos fazendo uma ‘assinatura’ do seu canal de informações”, e por isso, cada fluxo é único e individual.

Algumas funcionalidades e aplicativos para encadeamento de diálogos e conversações são características apenas do *Twitter*. Por exemplo: quando um usuário considera um *tweet* de outro usuário interessante, engraçado ou importante (entre outros julgamentos), ele pode *retweetar* essa mensagem. Isso pode ser feito através da utilização das letras RT, antes da mensagem do usuário, através da utilização de aspas ou através do botão *retweetar* do próprio *Twitter*. As *#hashtags*, por sua vez, são “indexadores de temas, tópicos e/ou palavras-chave que agregam todos os *tweets* que as contêm, em um mesmo fluxo, onde é possível observar a formação de uma comunidade ao redor de um uso específico da *#hashtags*” (SANTAELLA et. al., 2010, p. 108). Quando desejamos mencionar um determinado usuário, escrevemos o nome de seu perfil no *Twitter* juntamente com o @, por exemplo: @Tauana_Mariana. Assim, quando o usuário é mencionado no *microblog*, ele visualizará tal menção no seu fluxo de “interações”. Desta forma, saberá que a conversa de determinado usuário, ou grupo de usuário é destinado a ele. Esta funcionalidade também possibilita visualizar tudo o que se fala sobre um determinado perfil, digitando seu nome de usuário do *Twitter* no campo “busca”.

Concluindo este capítulo, percebemos que a maioria dos autores aqui apresentados explana sobre o mesmo contexto, porém, através de suas perspectivas. Estes concordam com o fato de que nossa sociedade é altamente conectada, unindo diversos mundos pequenos, aglomerados que se formam devido ao compartilhamento de imaginários em comum.

A sociedade está modificando-se com o desenvolvimento da tecnologia, e a tecnologia está modificando-se como o desenvolvimento da sociedade. Assim como acontece nas redes sociais, a interação entre comunicação, tecnologia e sociedade é uma trama conectada, onde cada elemento depende e modifica o outro, à medida que se modifica também. Nossa maneira de comunicar está adquirindo novas especificidades, nossas mídias estão convergindo, e a

sociedade também está encontrando uma nova forma de “fazer sociedade”. Enquanto atores sociais, e, portanto, participantes ativos de tal contexto, nós estamos modificando nosso modo de comunicação e relação com o outro, assim como o outro e o desenvolvimento tecnológico também nos modifica. Em suma, somos elementos que formam as tribos, as tribos são elementos que formam a sociedade, e nessa dinâmica de conexões e trocas, ninguém é excluído, ninguém é isolado, e essencialmente, “ninguém fala sozinho”.

Portanto, com bases nas constatações anteriores, tendo em mente as noções dos autores acerca do mito, do imaginário, das redes sociais e conhecendo a história do nosso objeto de pesquisa, apresentamos as análises da presença de Getúlio Vargas nas redes sociais. Assim, compreendemos esse mito, esses imaginários, essas histórias e essas conversações que acontecem nas redes sociais, onde o elemento norteador de tal diálogo é o ex-presidente. Compreendemos como os internautas constroem-se a partir do olhar do outro, como se organizam em grupos com as mesmas concepções acerca de Getúlio Vargas, além de descobrirmos por que Getúlio Vargas se faz presente nas redes sociais aqui analisadas.

5 A PRESENÇA DE GETÚLIO VARGAS NAS REDES SOCIAIS

O fenômeno está no meio de nós, e nós nem percebemos.
Chateaubriand

Tendo em mente os pressupostos dos autores que aqui foram apresentados, bem como os pressupostos da nossa metodologia, explanamos as compreensões a que chegamos após a leitura, análise, reflexão e compreensão do nosso *corpus* de pesquisa. Observamos tais dados com uma boa dose de paixão e razão (SILVA, 2010a), compreendendo as minúcias das informações que tínhamos em mãos, explanando-as em pormenores, para que em nossas considerações, não faltassem argumentações. Lembramos novamente que tal coleta foi realizada em quatro plataformas – *blogs, Facebook, Orkut e Twitter* –, onde foram coletados para análise todos os conteúdos e informações que essas quatro redes sociais produziram, referente a Getúlio Vargas. Essa pesquisa realizou-se do período de 02 de novembro de 2011 a 02 de março de 2012.

A seguir, apresentamos as análises referentes à presença de Getúlio Vargas em cada plataforma, a fim de compreender as peculiaridades das informações apresentadas em cada uma delas. Posteriormente, compreendemos tais concepções à luz de nosso referencial teórico. Deste modo, nossos dados são expostos por meio de uma análise contextual, que apresenta nossas descobertas, para assim, serem compreendidos em uma análise teórica. Após esta etapa, desenvolvemos nossas considerações finais, argumentando sobre o que passou do encoberto ao descoberto, após retirarmos o véu imposto pela familiaridade (SILVA, 2010a).

5.1 Análise Contextual

A referida análise apresenta as publicações e os conteúdos observados nas quatro plataformas, essencialmente durante o período da coleta de dados. Após a leitura do material coletado, desconsideramos as publicações que não continham relação direta com o ex-presidente (como publicações referentes a praças, hospitais, escolas, cidades, entre outros), não compreendidas devido à falta de nexos gramaticais ou a ausência de sentido; que possuísem, de modo perceptível a nós, relação com políticos ou partidos políticos, instituições públicas ou privadas e veículos de comunicação; ou publicações feitas a mais de um ano, levando em consideração o início do período da coleta de dados. Com isso, buscamos publicações particulares e atuais, a fim de compreender a visão do cidadão comum. Também

desconsideramos as publicações estrangeiras, pois nosso intuito é verificar conteúdos publicados pelos brasileiros.

Com os dados em mãos, analisamos cada publicação considerando a especificidade das redes sociais analisadas, com o intuito de perceber a que/quem se destinavam; qual a sua relação com o ex-presidente; que elementos ali se fizeram presentes relacionados à história, à comunicação, ao mito e ao imaginário de Getúlio Vargas, além de compreender o porquê de sua presença em tais conteúdos.

5.1.1 Getúlio Vargas nos *Blogs*

Analisamos aqui, os 50 *posts* de *blogs* coletados, após a realização de nossa pesquisa no *Google*, utilizando as palavras-chave “Getúlio Vargas *Blog*”, que enquadravam-se nos princípios estabelecidos para a coleta de dados, mencionados anteriormente. Posteriormente a coleta dos resultados, salvamos tal material através do recurso *Print Screen* do computador, porém, visualizações posteriores foram realizadas, pois informações adicionais se mostraram necessárias ao longo da análise. Infelizmente, percebemos que algumas publicações se tratavam de cópias, pois demonstraram similaridades, apesar de serem apresentadas em *blogs* diferentes. De uma forma geral, compreendemos que três aspectos destacaram-se, e, por consequência, caracterizavam-se como eixos centrais das publicações relacionadas a Getúlio Vargas. São eles: o suicídio; a dicotomia amor vs. ódio e o amplo campo contextual que Getúlio Vargas se fez presente. Estas três categorias se mostraram evidentes tanto nas publicações em si, quanto nos comentários dos *posts* analisados.

O primeiro aspecto, o suicídio de Getúlio Vargas, foi o tema que mais se destacou entre as postagens, contabilizando cerca de 30% destas. Notamos tal aspecto em *posts* que explanavam sobre a história do suicídio do ex-presidente de uma forma ampla, destacando a crise que o governo enfrentava em tais circunstâncias e contando os fatos que se procederam, culminando na morte de Getúlio Vargas; publicações datadas em 24 de agosto, lembrando o dia de seu suicídio; e publicações sobre a Carta Testamento. Contudo, a maioria dos *posts* reuniu estes três aspectos, relatando os 57 anos da morte do ex-presidente com a apresentação de uma breve biografia e a publicação na íntegra de sua Carta Testamento. Percebemos que alguns *posts* restringiram-se somente à publicação de tal documento. Em suma, argumentava-se em tais publicações a relevância da data, sua importância histórica e os elementos que contribuíram para tal desfecho. Compreendemos, desta forma, que o suicídio de Getúlio

Vargas caracterizou-se como a lembrança mais expressiva nas publicações analisadas. Durante os outros dias do ano, Getúlio Vargas encontra-se na neutralidade, porém, no dia 24 de agosto, volta à cena tornando-se pauta de conversações, publicações e homenagens. Percebemos que, ao “saber morrer”, Getúlio Vargas volta a atenção da população para o seu ato heroico, desviando o foco de possíveis fatos negativos que compuseram sua trajetória, ou até mesmo, fatos corriqueiros de um Presidente do Brasil.

Alguns *posts* aproveitaram a data para realizar uma recapitulação da biografia de Getúlio Vargas, alguns com visões neutras, outros com visões negativas e outros com visões positivas. Alguns escreveram um resumo de sua vida, outros se aprofundaram e explanaram detalhes de sua trajetória, porém, todos rememoraram sua história e voltaram aos fatos para compreender e explicar por que tal data se mostra tão relevante para a história do país. Aqui, há uma rememoração da vida de Getúlio Vargas, fazendo com que sua história possa ser localizada e lida de uma forma cada vez mais acessível. Percebemos, após a nossa análise da biografia de Getúlio Vargas, que os *posts* realizaram a convergência entre livros e *blogs*, ou seja, os *blogueiros* contaram a história oficial de Getúlio Vargas, realizaram suas pesquisas e transladaram para suas publicações. Além disso, a maioria dos *posts* informava as fontes bibliográficas que foram consultadas.

A história saiu dos livros e passou a habitar o ciberespaço, onde é imensamente mais acessível, pois um livro somente será lido se o indivíduo o manusear, o folhear, o tocar, ou seja, é preciso um contato físico entre leitor e obra. Porém, quando seu conteúdo é transmitido por meio de uma publicação na internet, este pode ser lido e assimilado por qualquer pessoa que tenha acesso ao ciberespaço, sem a necessidade de se deslocar até o livro. Obviamente, no *post* será publicada a perspectiva do *blogueiro* em relação à obra, já que este a transmitirá utilizando suas palavras e sua interpretação, escolhendo as informações que julgar mais relevantes. Assim, compreendemos que a história de Getúlio Vargas torna-se disponível, tanto para aqueles que têm acesso aos livros e possuem hábitos de leitura, quanto para aqueles que não têm acesso ou que preferem se informar e aprender por meio de publicações na internet.

Duas postagens lembraram-nos que agosto é um mês emblemático para a política e para a história do Brasil, pois dia 24 é a data do suicídio de Getúlio Vargas e o dia 25 é a data da renúncia de Jânio Quadros, porém, ocorrido sete anos mais tarde. Nos *posts*, pouco se explanava sobre Jânio Quadros, destacando, assim, a morte de Getúlio Vargas. Isto é, a renúncia, em tais publicações, não se mostrou tão relevante quanto o suicídio. Por ser um ato que exigiu menos sacrifícios, não promoveu tanta comoção e emoção na população, e, portanto, não se mostra como um momento tão marcante. Nestas publicações, referiam-se a

Getúlio Vargas como o “Pai dos Pobres”, mas também como um Presidente que precisava do prestígio advindo da população. Mencionou-se a fala de Carlos Lacerda: “ele não voltará”, proclamada na época da crise que se abateu sobre o Governo Federal, impulsionando o suicídio do ex-presidente. O autor do *post* afirmou: “não voltou mesmo, ficou para sempre”. Ao referir-se ao aspecto “para sempre”, percebemos a imortalidade alcançada por Getúlio Vargas, conquistada por meio de seu fim trágico, na visão do autor da publicação.

Um dos *posts* analisados ironizou a morte de Getúlio Vargas, publicando: *Urgente: Getúlio Vargas acaba de se suicidar [...]*. Neste, o autor fez uma ironia, afirmando que o corpo de Getúlio Vargas está sendo transportado pela Avenida Getúlio Vargas e que será internado no Hospital Getúlio Vargas. Percebemos no *post*, que o Brasil possui diversas praças, avenidas, hospitais e ruas com o nome do ex-presidente. Nesta publicação, noticiava-se a morte de Getúlio Vargas como um fato atual, como se esta notícia nos abalasse no presente, assim como foi no passado.

Urgente: Getúlio Vargas acaba de se suicidar, corpo está no hospital do mesmo nome

Figura 18 – Título do *post* A.

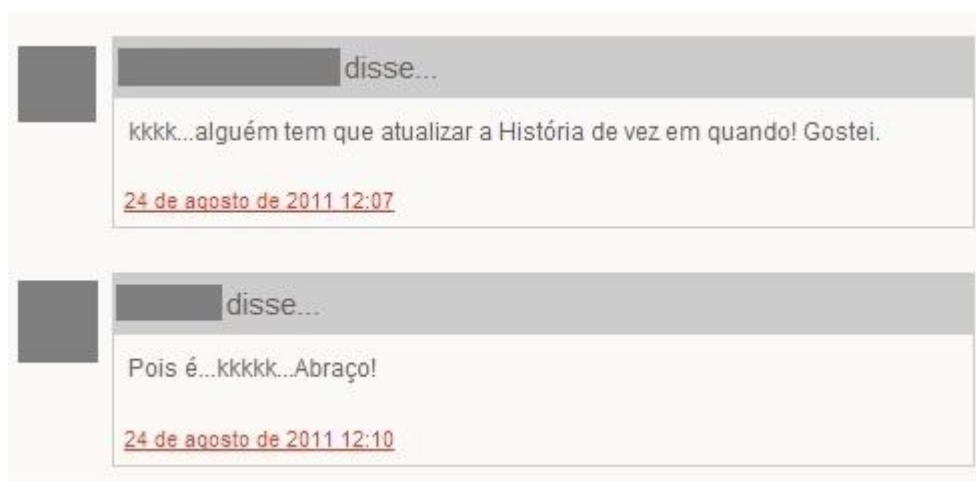


Figura 19 – Alguns comentários do *post* A.

A escolha da palavra “urgente”, utilizada pelo noticiário para informar notícias relevantes e de última hora, é reapropriada pelo *blogueiro*, que a utiliza para ironizar o fato de que Getúlio Vargas suicidou-se. O *post* comenta: “como não havia internet na época, estamos noticiando em primeira mão”. Percebemos aí, uma brincadeira de que os fatos somente seriam divulgados por meio da internet, e que o suicídio de Getúlio Vargas seria um furo jornalístico.

O tom irônico é assimilado pelos leitores e explicitado pelos comentários que utilizaram a expressão *kkkkk*, que se refere ao riso nas conversações da internet.

Um *post* realizou uma profunda análise sobre a Carta Testamento. O autor de tal publicação analisou o “contexto histórico da morte de Getúlio Vargas”; o impacto que tal ato provocou (mostrou uma ousadia em tal gesto, promoveu a emoção na população, devido à tragédia e desnorteou seus adversários políticos); os contextos históricos, econômicos, social, cultural, político e literário; e o objetivo da construção de tal testamento. O suicídio foi considerado o maior ato político protagonizado por Getúlio Vargas, e sua Carta Testamento, repleta de elementos persuasivos, de acordo com o *blogueiro*. Para o autor da publicação, este é um documento profundamente nacionalista e emocionado, escrito em um tom passional e dramático, e por consequência, tornou-se um ícone político e histórico; além disso, trata-se do “documento mais importante da história do Brasil”, em sua visão. Nesta análise, entende-se que Getúlio Vargas se utilizou de uma “retórica clássica com modernidade”, seguindo uma “sequência Aristotélica”, sendo escrito em um tom de oralidade, para que a população de baixa renda, que possuía baixos níveis de escolaridade, pudesse compreender e assimilar, sendo interpelada diretamente pelas palavras de Getúlio Vargas.

Foi notável o número de publicações que registravam homenagens de escolas, de trabalhadores ou de instituições. Em algumas destas, pessoas instruídas, como professores e cientistas políticos, foram convidadas para participar de tal celebração e relembrar os fatos mais memoráveis que compuseram a trajetória de Getúlio Vargas. Apenas um *post* referente a homenagens centrava-se no dia 19 de abril, data de aniversário de Getúlio Vargas. Neste, o *blogueiro* registrou a homenagem de Juliana Brizola e demais colegas ao aniversariante, onde a deputada lembrou que Getúlio Vargas é um “legítimo autor da cidadania brasileira”, “um ícone da política nacional” e um político vítima da ditadura e duramente perseguido. Neste aspecto, é indubitável que algumas homenagens atuaram como uma apropriação do prestígio político de Getúlio Vargas, onde se utilizou de suas palavras e atos, para explicitar a perspectiva política de tais proclamadores.

Na recordação da morte de Getúlio Vargas, seu nome volta a estar em voga nas discussões, e com isso, comparações entre ele e os governos atuais foram recorrentes. *Blogueiros* analisaram a postura e o governo de Getúlio Vargas, relacionando-o com os governos de Lula e o governo de Dilma, instigando comparações entre semelhanças, discordâncias e continuidades. Contudo, um número relevante de *posts* comparou a figura e a personalidade de Getúlio Vargas com o ex-presidente Lula, levando-nos a perceber que os dois possuem similaridades perante alguns *blogueiros*, pois estes os consideravam enquanto

ícones políticos populares. Um *post* em particular, contendo um tom de aprovação a Getúlio Vargas, causou um grande alvoroço em seus seguidores, principalmente devido à publicação da frase apresentada na Figura 20:

Vale a pena a releitura da Carta Testamento do Getulio. Ela dá sentido à continuidade da história do movimento popular brasileiro desde 1930 até hoje, 80 anos depois, e projetado no futuro do Brasil no novo século. A grandeza que Lula conseguiu ter como presidente veio, em boa medida, dessa compreensão.

Figura 20 – Frase do *post* B.

Nesta publicação, as afirmações de que Getúlio Vargas era esquerdista, que tinha “quebrado a espinha dorsal das oligarquias” e impediu que os “corruptos dos EUA” triunfassem sobre ele, também causaram divergências entre os seguidores do *blog*, que comentaram tal publicação. Nos 33 comentários que o *post* recebeu, mostrou-se evidente o antagonismo de percepções em relação a Getúlio Vargas, o que se caracteriza como o segundo eixo mais percebido nas publicações: a dicotomia amor vs. ódio. Tal conversação se mostrou rica em conteúdo, pois os autores dos comentários protagonizaram uma grande discussão pública, dividindo-se entre os que “amam Getúlio Vargas” e os que “odeiam Getúlio Vargas”.

O comentário da Figura 21 registrou a desaprovação na comparação entre Lula e Getúlio Vargas, afirmando que este último “estaria se revirando no túmulo” se tomasse conhecimento de tal argumentação. Afirmou que algumas pessoas estariam cometendo o equívoco ao acreditar que Lula foi o melhor Presidente do Brasil, o que seria uma “asneira”. O internauta explicitou sua visão, afirmando que Lula “não serviria nem para lustrar as botas do presidente Vargas”, o que tornou explícito a diferença que percebia entre os dois ex-presidentes.

██████████ diz:

Eu acho que não é bem por aí, vincular o Lula ao Vargas, como se ele fosse o seu herdeiro. Acho que o Getúlio estaria se revirando em seu túmulo se lesse isso. Daqui a pouco vão dizer - como disse a Marta Suplicy (mais uma asneira!) - que o Lula foi o maior presidente da história do Brasil, aproveitando-se que essas crianças de hoje não tem respeito pela História (e uma mentira muito repetida pode acabar virando verdade!) Então fica aqui o meu protesto , só para dizer que o Lula não serviria nem para lustrar as botas do presidente Vargas.

Figura 21 – Comentário 1 do *post* B.

O comentário da Figura 22 concordava com o autor do *post* B, afirmando que a direita “oligárquica” estaria tentando “derrubar as conquistas da Era Vargas”, pois a “empresariada” nunca teria “engolido” a criação da CLT. O internauta demonstrou sua indignação perante a posição da direita e da mídia, em relação a Getúlio Vargas, mostrando ser um profundo conhecedor da história, contando as peculiaridades de alguns fatos da Era Vargas. Por fim, parabenizou o ex-presidente Lula; não por seu governo, mas por “ter reconhecido a importância histórica de Vargas”. Parabenizou o Presidente Hugo Chávez, por este considerar Getúlio Vargas “um grande libertador da América Latina”, e também o autor do *post*, “por tocar neste tema”.

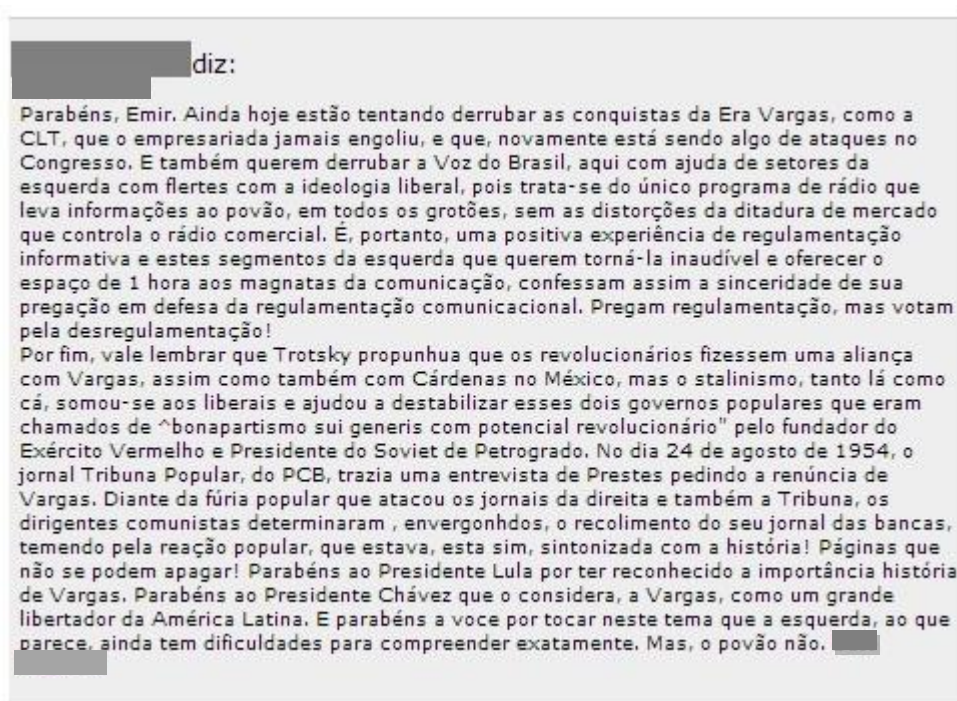


Figura 22 – Comentário 2 do *post* B.

O comentário da Figura 23 afirmou que, quando se analisa um político, deve-se levar em consideração o contexto que em que este governava. Para o internauta, o “segundo governo de Vargas foi democrático e é inegável a contribuição que ele deu para o desenvolvimento do país”. O internauta comentou sua emoção ao visitar o Museu da Glória, o local onde se encontra toda a “vida de Getúlio Vargas”, afirmando: “eu pude ver o que minha mãe contava”. Para este, era lamentável que a ditadura (posterior a Getúlio Vargas) tivesse acabado com momentos cívicos, pois tal ação teria resultado no fato de que, atualmente, a maioria dos estudantes pouco sabe sobre a história do Brasil. O internauta conclui: “no livro de Darcy Ribeiro, ‘O povo brasileiro’, ele conta que entre os índios que não possuíam a

escrita, havia sempre um, que sabia a história e a cultura de seu povo e as ia passando oralmente as novas gerações”. Notamos que o comentário salientava a importância do conhecimento passado de geração em geração, onde os mais velhos instruem os mais novos, como fez sua mãe, lhe ensinando sobre a vida de Getúlio Vargas.

 diz:

Cada político deve ser analisado, levando-se em conta à época em que viveu. O segundo governo Vargas foi democrático e é inegável a contribuição que ele deu para o desenvolvimento do país. Foi um nacionalista e me emocionei ao visitar seu Museu na Glória. Ali, está toda sua vida, eu pude ver o que minha mãe contava, através de um vídeo que há em um dos computadores a disposição dos visitantes, a comemoração do dia 7 de setembro, que todas as escolas se reuniam no Estádio do Vasco da Gama e sob a regência do Maestro Vilas Lobo cantavam o hino nacional às três horas da tarde, hora da Independência. Minha mãe, foi professora primária e orientadora do centro cívico. Todas as escolas comemoravam todas as datas cívicas brasileiras, e nós sabíamos todos os hinos. A Ditadura acabou com esta prática, porque não interessava a ela, o civismo do povo, pois ela estava a serviço de forças estrangeiras. Mas, quando Leonel Brisola foi eleito governador, pensei que ele iria restabelecer este civismo nas escolas. Não aconteceu...E hoje, os alunos sabem pouco de nossa história. No livro de Darcy Ribeiro, "O povo brasileiro", ele conta que entre os índios que não possuíam a escrita, havia sempre um, que sabia a história e a cultura de seu povo e as ia passando oralmente as novas gerações.

Figura 23 – Comentário 3 do *post* B.

Assim como o comentário 3 do *post* B referiu-se ao conhecimento da vida de Getúlio Vargas, através das palavras da mãe do internauta, o comentário 4 do *post* B referiu-se ao pai de outro internauta. Em suas palavras, seu pai chegou a Volta Redonda para trabalhar como siderúrgico e sempre lhe transmitiu a importância que teve Getúlio Vargas. O internauta relembra as palavras de seu pai, quando este afirmou que foi o ex-presidente “quem colocou sapato nos pés dos trabalhadores”. Nas lembranças de um siderúrgico, percebemos o grau de importância que a figura de Getúlio Vargas teve e tem, para muitos trabalhadores, principalmente aqueles que obtiveram vagas de trabalho devido às ações e iniciativas deste. Compreendemos que a maior admiração para com a figura de Getúlio Vargas, parte dos trabalhadores, e esses, transmitem aos seus filhos tal sentimento. Desta forma, os filhos dos trabalhadores cresceram ouvindo sobre o valor deste ex-presidente, tanto para a sua família, quanto para o Brasil.

Fui criado vendo meus pais expressarem a importância de Getúlio, sobretudo o meu pai que chegou aqui para erguer a siderúrgica e trabalhar nela até a aposentadoria. Ainda tem um dado importante que ele adora repetir, é que Getúlio foi quem colocou sapato nos pés dos trabalhadores. Ele, como é nascido nesta região, sentiu o peso do ostracismo que se seguiu

Figura 24 – Comentário 4 do *post* B.

O comentário 5 do *post* B mostrou-se um tanto quanto curioso, aos percebermos que o internauta censurou a ação de seu professor, quando este “ridicularizou” Getúlio Vargas. Para

o autor do comentário, que se posicionou no diálogo como um adorador da história, o professor, ao ler a Carta Testamento em tom irônico, tentava ridicularizar “o grande estadista que deu o seu sangue pelo Brasil”. É instigante aqui, o fato de que a visão menosprezada do professor perante Getúlio Vargas não foi assimilada pelo aluno, além disso, o autor do comentário lembra o fato do ex-presidente ter trabalhado afincado e morrido “pelo Brasil”, isto é, “deu seu sangue”.


 diz:
 No distante ano de 1977, o deputado Chico Alencar (PSOL) era um professor de História, e eu, o seu aluno, numa escola de 2.º grau, no Rio de Janeiro. Eu adoro História. Lembro-me de como o Prof. Chico Alencar falava de Getúlio aos seus alunos. Ao ler a Carta-testamento, ele o fazia em tom de galhofa. Ele parodiava o texto, procurando lançar o ridículo sobre o grande estadista que deu o seu sangue pelo Brasil.

Figura 25 – Comentário 5 do *post B*.

No entanto, assim como o *post B* obteve comentários que aprovavam essa visão positiva sobre Getúlio Vargas, também houve muitos comentários em protesto, questionando e criticando tal publicação, por meio de acusações ao ex-presidente. No comentário da Figura 26, o internauta questionou: “como podemos aceitar que um líder [...] se encastele no poder [...] e se julgue o Pai da Pátria [...]? [...] O povo é tão idiota e inepto que precisa de um papaizinho para levá-los pela mão sempre?”. O autor do comentário lançou apenas perguntas na conversação, mas deixou claro sua posição perante o conteúdo da publicação. Acusou aqueles que defendem o “Pai dos Pobres” de “idiota” e “inepto”, isto é, um indivíduo que não é independente, pois ainda precisa de um “papaizinho”. Questionava-se a ingenuidade da população em aceitar o fato de Getúlio Vargas ter permanecido no poder por tanto tempo, tomando sozinho as decisões e as rédeas do país.

Como é que podemos aceitar que um líder, seja Vargas, Fidel, Perón, Chávez, Mugabi, etc, se encastele no poder, ao arrepio da vontade da nação, e se julgue o Pai da Pátria até o final de seus dias, enquanto isso nada fazendo para preparar seus cidadãos ao exercício competente de seus direitos políticos? O povo é tão idiota e inepto que precisa de um papaizinho para levá-lo pela mão, sempre?

Figura 26 – Comentário 6 do *post B*.

O comentário 7 do *post B* listou as ações ditatoriais de Getúlio Vargas, ressaltando que este prendeu, perseguiu, censurou, e reprimiu como um típico ditador. Aqui, o DIP é mencionado como um departamento essencialmente de censura, filtrando “o que queria que o povo soubesse”, deste modo, foi percebido como um departamento que atentava contra a

liberdade da população. Getúlio Vargas foi comparado com o ditador Mussolini, onde o autor do comentário lançou à discussão a possível confusão entre os dois políticos, afirmando: “não pensem que é de Mussolini que estou falando. Parece mas não é. O cara acima é o pai dos pobres”. O internauta argumentava como se estivesse revelando a verdadeira identidade do “Pai dos Pobres”, desmitificando, assim, o herói dos trabalhadores.

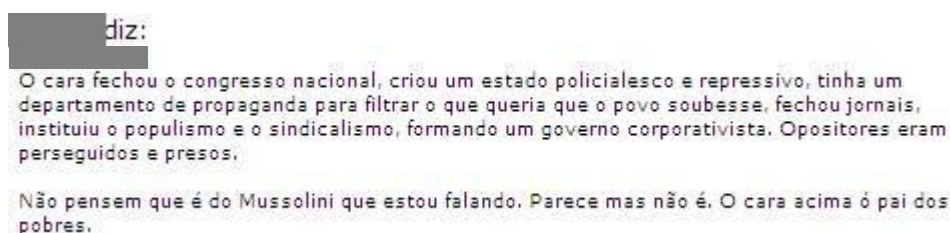


Figura 27 – Comentário 7 do *post B*.

Alguns comentários também apresentaram frases como: “eu me lembro”, “ainda lembro”, “eram tempos difíceis” ou “meu pai me contava”, mostrando que muitos dos seus autores são pessoas que presenciaram os governos de Getúlio Vargas ou são a segunda geração da Era Vargas. Com isso, percebemos que são pessoas mais maduras, que possuem o hábito de discutir política e história, através dos comentários dos *blogs*. Observamos, também, que o resgate da história como trunfo argumentativo de suas opiniões mostra-nos internautas que conhecem profundamente a biografia de Getúlio Vargas, e com isso, possuem a certeza de que suas convicções são fidedignas.

Neste *post* em especial, é explícita a dicotomia amor vs. ódio, dividindo os autores dos comentários entre os que amam e os que o odeiam Getúlio Vargas. São o amor ou o ódio os maiores responsáveis pela participação dos internautas em tais discussões. Os autores dos comentários possuem uma visão bem definida de Getúlio Vargas, defendem seus pontos de vista demonstrando profundos conhecimentos históricos ou um envolvimento emocional e familiar com o ex-presidente. No *post B*, a emoção mostrou-se como um dos principais fatores argumentativos, sendo que, um dos comentários afirmou: “Quem disse que política não emociona?”.

Outras publicações também revelaram a mesma distinção, onde os *blogueiros* deixavam claro sua posição ao utilizar palavras como maquiavélico/ditador ou herói/mais importante Presidente do país. Visualizamos, relativamente, a mesma proporção entre *posts* com uma visão positiva e *posts* com uma visão negativa. Porém, além dessa dicotomia, o que percebemos claramente, foi a difícil categorização de Getúlio Vargas. Alguns comentários do

post B apresentavam dúvidas como: “Getúlio, de esquerda?”. Há uma discrepância de opiniões sobre Getúlio Vargas ser de esquerda ou de direita, ser um ditador ou um bom Presidente, ser a favor ou contra os Estados Unidos, se suas ações foram malignas ou benignas para o Brasil, e ainda, se Getúlio Vargas era, se fazia ou não era nazista. Em determinadas publicações, percebemos a afirmação de que o ex-presidente “fingia” ser nazista, para conquistar recursos para o Brasil. Outras publicações afirmavam que Getúlio Vargas “aproximou-se dos regimes nazista e fascista que se consolidavam na Europa” e posteriormente enviou “tropas brasileiras para combater o nazi-fascismo na Europa”. Alguns *posts* chegavam a ser contraditórios em suas afirmações, argumentando que Getúlio Vargas foi um “ditador do bem”, ou um “ditador democrático”. Aqui, percebemos que democracia e ditadura, apesar de possuírem conceitos antagônicos, são características da personalidade do ex-presidente.

O terceiro elemento percebido foi a presença de Getúlio Vargas em um amplo campo contextual, ou seja, algumas publicações que se referiam ao ex-presidente, apresentavam diversos âmbitos, como a biografia de pessoas relacionadas; a explanação sobre momentos históricos; a prática pedagógica; a relação do Brasil e dos Estados Unidos; Dilma e Lula; charges críticas; cinema; testemunho; viagem; esporte, cristianismo, entre outros.

Localizamos alguns *posts* que focavam a vida de outros políticos, como Adhemar de Barros e Café Filho. Deste modo, mesmo indiretamente, Getúlio Vargas foi mencionado em publicações sobre outros políticos, porque atuou em conjunto com diversos deles, e assim, suas histórias se cruzam. Permanecendo tanto tempo no poder, podemos considerar que Getúlio Vargas foi um dos políticos que mais conheceu, entrou em contato e atuou com outros políticos. Alguns se tornaram aliados fiéis, outros se tornaram opositores enfáticos e outros tantos iam e vinham de encontro ou ao seu encontro. Além disso, Getúlio Vargas teve um papel central em grandes momentos históricos do Brasil, como a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista, a implantação do Estado Novo e seu próprio suicídio, entre outros momentos que marcaram sua trajetória política, como a criação de leis, empresas e instituições. Por isso, seu nome é mencionado quando a história destes momentos é contada.

Getúlio Vargas também foi citado em *blogs* de professores, onde estes realizaram o registro de suas aulas, com as fotos dos alunos e suas visitas em locais emblemáticos, como o Museu Getúlio Vargas e o Mausoléu de Getúlio Vargas. Alguns professores também elaboraram publicações sobre datas comemorativas, explicitando que tais datas são criações de seu governo. *Posts* contendo datas comemorativas foram frequentes em nossas análises,

onde percebemos publicações relacionadas ao Dia do Índio (19/04), Dia da Independência (07/09), comemoração da Revolução Constitucionalista (09/07) e o Dia do Trabalho (01/05).

Em dois *posts*, que retratavam o Dia da Independência e o Dia do Trabalho, as publicações se limitaram a uma frase explicativa sobre a data e um vídeo do *YouTube*, contendo a gravação das comemorações na época de Getúlio Vargas. O vídeo da Figura 28 trata-se de uma gravação realizada pelo Cinejornal do desfile de 07 de setembro de 1952, que ocorreu na Avenida Presidente Vargas, na cidade do Rio de Janeiro. O vídeo da Figura 29, por sua vez, apresenta um trecho do discurso de Getúlio Vargas na comemoração do Dia do Trabalho, no ano de 1951, ocorrida no Estádio São Januário, também na cidade do Rio de Janeiro. Compreendemos que, apesar de muitos internautas não terem vivido a época de Getúlio Vargas, graças à internet e à plataformas como o *YouTube*, as palavras deste podem ser ouvidas e sua imagem pode ser visualizada, a qualquer instante, apesar de terem se passado cerca de 60 anos, desde as gravações.



Fonte: YOUTUBE. Disponível em:
<<http://youtu.be/pTSQBB1Rw70>>.

Figura 28 – Vídeo do desfile de 07 de setembro.



Fonte: YOUTUBE. Disponível em:
<<http://youtu.be/LQCV1iFegZg>>.

Figura 29 – Vídeo do discurso de Getúlio Vargas.

Posts relacionados à economia também se mostraram relevantes. Tais publicações norteavam-se, basicamente, em comparações entre o Brasil de Getúlio Vargas e o Brasil de Lula e Dilma. Também, entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Era Vargas e atualmente. Nas comparações entre Getúlio Vargas e os dois últimos Presidentes do Brasil, alguns *blogueiros* compararam a relação entre estes três Presidentes e a mídia, onde Dilma e Lula teriam se rendido a esta, e Getúlio Vargas teria as controlado. Também observamos a comparação de ações governamentais, como a comparação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), de Getúlio Vargas e a CLS (Consolidação das Leis Sociais), de Lula.

Algumas publicações se tratavam de charges da época de Getúlio Vargas e de charges atuais. A charge da Figura 30 ironizou o fato de o ano de nascimento de Getúlio Vargas ser

controverso entre os historiadores, o que viria a confundir até mesmo o próprio Getúlio Vargas. Nesta charge, o ex-presidente é desenhado juntamente com outros líderes carismáticos, onde cada um deles “se afoga” em alguma peculiaridade própria. Hitler se afoga nos livros, Lula se afoga na cachaça, Evita Perón se afoga em atuações novelísticas no rádio, Fidel Castro se “asfixia” em sua própria barba. Getúlio Vargas, por sua vez, se afoga em sua falta de data de nascimento.



Figura 30 – Charge “Afogamento dos líderes carismáticos”.

4 comentários:

- 29 de junho de 2011 18:26
Hahahahaha! Ufa, por pouco não descobrimos quem afogava o ganso!
Responder
- 30 de junho de 2011 04:28
AHUAHUHAUHAUHAUHAUHAUHAUHAUHAUHAUHAU!!! POW muito boa a tira mano! kkkkkkkkk
E o Skedar ainda complementou no comentário acima! HAUHAHAUHAUHAHAHAHAHA
Responder
- 30 de junho de 2011 07:54
shAUSHAUS.. fidel, fidel!!!
Responder
- 30 de junho de 2011 13:01
"Fidel Castro não se afogava em nada... ele sabia nadar..." huahuahua imaginei que seria algo assim... mas ST também é cultura :D

Figura 31 – Comentários da charge “Afogamento dos líderes carismáticos”.

Esta foi uma das poucas publicações dos *blogs* em que reconhecemos uma linguagem mais coloquial entre os comentários, o que nos levou a considerar que foram escritos por pessoas mais jovens. Tal fato pôde ser percebido em expressões como *POW* e *mano*. O tom irônico da publicação repercutiu em seus comentários, percebido nas expressões *Hahahaha*, *HSUAHSUAHUS* e *kkkkkkkk*, pois estas se referem ao riso, nas conversações da internet.

Publicações noticiaram que Tony Ramos irá protagonizar Getúlio Vargas em um filme, que contará a história dos seus últimos dias de vida até o dia de seu suicídio. Segundo estas, o filme será dirigido por João Jardim, que também dirigiu os filmes *Lixo extraordinário* e *Janela da alma*. As publicações apresentaram uma foto do ator, e não se aprofundaram na biografia do ex-presidente. Atuaram apenas como informativos do novo filme de Tony Ramos, categorizadas na sessão “entretenimento”.

Alguns *posts* foram escritos como registros de memórias de seus autores. Em um deles, o *blogueiro* comentou “eu me lembro”, contando suas lembranças sobre a criação da empresa Tecejuta. Porém salientou que lembrava “alguns pontos”, devido aos seus 69 anos de idade. O *blogueiro* narrou um fato ocorrido durante a campanha eleitoral de Getúlio Vargas para o seu 2º mandato, no ano de 1950, na cidade de Santarém. Durante tal campanha, o então candidato à Presidência da República havia prometido ao porta-voz do prefeito da cidade que, se eleito, este poderia lhe cobrar “algo importante para a economia do município”. Devido à eleição de Getúlio Vargas, o porta-voz reuniu algumas lideranças de sua cidade e dirigiu-se ao Rio de Janeiro, com o intuito de cobrar a promessa eleitoral. O então Presidente os recebeu e neste encontro foi criada a Tecejuta. Segundo informações do *blogueiro*, Getúlio Vargas “mandou vir uma completa fábrica de tecelagem da Inglaterra para Santarém”. O autor da publicação lamentou que as lideranças políticas posteriores não ofereceram subsídios para que a empresa continuasse suas atividades e prosperasse.

O que nos instiga em tal publicação, é o fato de seu autor ter nascido no ano de 1942 (a publicação foi realizada no ano de 2011). Logo, este teria oito anos de idade quando Getúlio Vargas era candidato à reeleição. Portanto, é irrisória a possibilidade de uma criança de oito anos que pudesse participar das atividades políticas e econômicas de sua cidade, além disso, as lembranças de nossa infância geralmente são vagas e acabam perdendo-se ao longo dos anos. Visto que, aquelas que ainda nos acompanham geralmente se referem a nossa própria vida e de nossa família, e não a vida econômica e política de nosso município.

Neste caso, podemos entender que os pais deste autor participaram de tal época, e assim, lhe contaram o que se tornariam suas lembranças. Descartamos a possibilidade de o *blogueiro* saber de tais fatos por meio dos livros de história, porque este se colocou em uma posição de participante do fato, ao afirmar que “ainda lembra”. Ou seja, relatou um dos fatos de sua vida que tem profunda relação com Getúlio Vargas. Outra publicação também registrou a visita de Getúlio Vargas à cidade de Santarém, porém ocorrida no dia 14 de outubro de 1940, ainda durante a Era Vargas. A publicação se restringiu a uma frase, explanando que o então Presidente visitou a cidade e permaneceu na igreja municipal por meia hora.

Sobre a igreja, um *blogueiro* escreveu sua opinião sobre a relação que Getúlio Vargas tinha com o cristianismo. Mais precisamente, a relação da “moral cristã” com o então Presidente do Brasil, sendo que, este investiria “contra o cristianismo”, pois a “moral cristã é contrária à natureza humana, inimiga da civilização”. O autor de tal publicação não ponderou

sobre sua visão em relação ao fato, apenas informou que se surpreendeu com o Getúlio Vargas contado por Lira Neto, autor da obra utilizada no referido *post*.

Por fim, uma publicação (*post C*) explanou sobre Getúlio Vargas e o Comitê Olímpico Brasileiro. Nesta, o autor declarou sua indignação sobre as atitudes que o ex-presidente tinha, perante o esporte, afirmando:

o ditador Getúlio Vargas resolveu criar leis federais para regulamentar a atividade esportiva na Federação. Vivia-se o Estado Novo, mais um período sombrio da política nacional. Vargas impingiu as leis federais do esporte a seu modo. Fez tudo de forma que a mão forte do Estado controlasse as Confederações Desportivas. No frígido dos ovos, a União Federal, leia-se Getúlio Vargas, o déspota, tinha poder pessoal sobre tudo. A legislação autoritária de Getúlio Vargas perdurou até a edição da Lei Zico. No meio do caminho houve vários projetos para alterá-la.

Segundo o *blogueiro*, Getúlio Vargas era um ditador e um déspota, que criou leis e controlou “com mão forte” as Confederações Desportivas. Para este, Getúlio Vargas teria sido um empecilho para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Apesar da clara posição de reprovação em tal publicação, seus comentários também se mostraram como um exemplo da ambiguidade de opiniões, em relação a Getúlio Vargas.

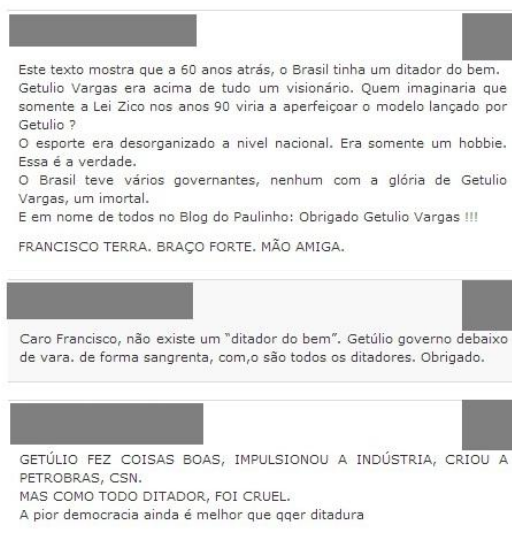


Figura 32 – Comentários 1, 2 e 3 do *post C*.

No comentário 1 do *post C*, o internauta se colocou em desacordo com o autor da publicação, defendendo Getúlio Vargas, ao argumentar que este era um “ditador do bem”, um visionário que organizou o esporte. Além disso, afirmou que o ex-presidente é um “imortal”, concluindo: “Obrigado Getúlio Vargas”. O comentário posterior não concorda com tal

colocação, afirmando que “não existe um ‘ditador do bem’”, e que Getúlio Vargas foi um ditador porque “governou a baixo de vara, de forma sangrenta, como são todos os ditadores”. O comentário 3 do *post* C destacou as façanhas memoráveis de Getúlio Vargas, porém afirmou: “mas” foi cruel, como todo ditador. O internauta concluiu seu comentário ao afirmar que prefere “a pior democracia” a “melhor ditadura”.

Em suma, percebemos que a principal diferença entre os *blogs* e as demais plataformas aqui trabalhadas, é a sua capacidade de unir em uma única publicação texto, imagem, áudio e vídeo. Nestas publicações, os internautas têm a possibilidade de escrever textos extensos, complementando-os com outros recursos. Nos *blogs*, podemos encontrar um maior detalhamento da vida de Getúlio Vargas, já que as postagens não possuíam limites de caracteres. Também compreendemos que, quando um *blogueiro* escreve sobre Getúlio Vargas, este, para o bem ou para o mal, possui uma relação com o ex-presidente, já que os *blogs* são páginas pessoais, onde comumente publicamos e debatemos assuntos que nos são familiares.

Neste estudo, os *blogs* se caracterizaram como redes sociais, como já afirmamos anteriormente, porque reuniram pessoas com um aspecto em comum: publicavam e participavam de conversações sobre Getúlio Vargas. Nestas conversações, observamos uma troca de opiniões, de ideias, divergências e afinidades, onde cada participante de tal interação explanou, argumentou e defendeu seu ponto de vista. Assim, compreendemos que as publicações incentivaram o diálogo, a análise e a interpretação coletiva da história do país.

Como os *blogs* analisados aqui são páginas pessoais, ou seja, “espaços de narrativa de si” (AMARAL et. al., 2010, p. 36), publicações que tratavam sobre as memórias dos *blogueiros* se mostraram condizentes, já que os *blogs* também são utilizados para o registro de nossas lembranças e fatos que ocorreram em nossa vida. Estas lembranças, na maioria das vezes, não são dos filhos do “Pai dos Pobres”, mas de seus netos. Em um rápido cálculo matemático, uma pessoa que tivesse 18 anos quando Getúlio Vargas faleceu teria no ano de 2012, 76 anos. Intuímos que a maioria dos autores das publicações analisadas ainda não possui tal idade, pois informavam sua profissão atual em suas páginas, sendo que, a maioria dos indivíduos com 76 anos já estaria aposentado. Compreendemos que as lembranças foram passadas de geração em geração, e agora, são compartilhadas no ciberespaço, tornando-se disponível para qualquer internauta que nelas tiver interesse. Há aqui, a democratização ao acesso à história.

De uma forma geral, não há como afirmarmos qual a geração publica em *blogs* sobre Getúlio Vargas, porque a idade dos *blogueiros* não é revelada na maioria das publicações. O

material analisado levou-nos a compreender que tais internautas expressaram suas lembranças e seu profundo conhecimento sobre a história do Brasil e de Getúlio Vargas. O fato de estes internautas nos informarem, na maioria vezes, sua profissão, e o fato de possuírem uma escrita formal, leva-nos a compreender que são pessoas que já saíram da sua época de estudos, e que se encontra em sua época de trabalho. Isto é, são pessoas que constituem um grupo maduro, com sabedoria e experiência sobre a história.

Constatamos também que o DIP foi considerado, em todas as publicações em que foi mencionado, apenas como um departamento de censura e controle da opinião pública. Para os *blogueiros* em questão, tal departamento era responsável apenas pela restrição da liberdade, sendo que as datas festivas, os eventos e a identidade de “Pai dos Pobres”, entre outros aspectos, foram considerados méritos de Getúlio Vargas. A propaganda do departamento foi interpretada como uma estratégia para moldar a opinião da população e restringir seu acesso à informação.

5.1.2 Getúlio Vargas no *Facebook*

Nesta rede social, os dados sobre Getúlio Vargas foram localizados por meio da ferramenta de busca da própria plataforma, utilizando as palavras-chave “Getúlio Vargas”. Foram encontradas páginas, perfis *fakes* (seção 5.1.5) e um grupo sobre o ex-presidente. Sobre suas funcionalidades, destacamos que as páginas do *Facebook* possuem um botão denominado “curtir”, localizado na parte superior da interface. Ao clicar neste, o internauta, além de assinar a *fan page* e receber o *feed* de notícias, também registra em seu perfil o apreço pela página, expondo à sua rede social, tal posição. Sendo assim, quando curte uma página, torna-se fã desta. Ainda, possui a opção de mencionar a página, ao adicionar o “@” a frente de sua nomenclatura. Esta, por sua vez, atua como um *link* para a página citada, que registra a publicação, tornando-a visível em sua linha do tempo¹⁶⁷.

Notamos que as páginas do *Facebook* nos ofereceram dados escassos para análise, em comparação às outras três plataformas aqui estudadas, pois apenas uma das páginas encontradas mostrou-se relevante, tanto em número de fãs quanto em conteúdo apresentado em sua linha do tempo. Localizamos 24 páginas no *Facebook* sobre Getúlio Vargas. Destas, 1 apresentou publicações e comentários, 4 apresentaram apenas publicações, 1 atualizou seu

¹⁶⁷ Ver FACEBOOK, 2012d, *online*.

layout e sua descrição, 4 atualizaram seu *layout*, 2 não apresentam publicação e permaneceram com o *layout* antigo, 10 páginas não foram localizadas posteriormente ao período analisado, porém, eram páginas que não continham nenhuma publicação ou comentário. Localizamos ainda, 2 páginas referentes ao livro *Getúlio Vargas em dois mundos*, não contemplando comentários ou publicações. No período dos quatro meses de coleta de dados, contabilizamos cerca de 750 fãs, levando-se em consideração, todas as páginas analisadas, além de 70 menções a estas. Apesar de não considerarmos dados quantitativos um fator decisório, destacamos que a quantidade de fãs das páginas demonstra uma crescente popularização destas. Tal fato se dá ao percebermos que a página mais acessada em outubro de 2012, apresentou cerca de 100 vezes mais fãs, em comparação ao período da coleta de dados.

Dentre o período selecionado para análise, a página com o maior número de fãs contabilizou 243 curtidas. No entanto, tal número acendeu consideravelmente, passando para 2.390 curtidas em outubro de 2012. No período da coleta, observamos que 4 pessoas citaram a página, já no mês de outubro, a *fan page* contabilizou 392 citações. Esta é a única página localizada no período dos quatro meses pesquisados, que ofereceu-nos subsídios para análises e compreensões. Compreendendo que o nosso objeto mostrou-se escasso durante o período selecionado para a análise, ou seja, o objeto não apareceu, optamos por analisar a página mencionada na íntegra, independente das datas de suas postagens. Intuímos que tal *fan page* possuía um cunho positivo, ao observarmos sua descrição: “Getúlio Vargas, Chefe da Revolução de 1930, Presidente do Brasil em 1950-54. Foi o maior dos estadistas brasileiros e o mais amado pelo povo”. Na Figura 33, observamos o *layout* antigo e o *layout* atual desta.



Figura 33 – Perfil antigo e perfil atual da página *Getúlio Vargas* no Facebook.

Nas Figuras 34 e 35, apresentamos as conversações entre os internautas nesta página. No primeiro diálogo, percebemos a dicotomia amor vs. ódio, também amplamente presente nas análises dos *blogs*. Ao publicar a frase “O Brasil nos deu o pão, nós lhe daremos nosso sangue”, proferida por Getúlio Vargas; o responsável pela página iniciou uma conversação entre os internautas. Nesta, percebemos uma discussão dentre os que acreditavam que o ex-presidente, assim como Jesus Cristo, “veio para os pobres” e “salvou o Brasil”; e os que acreditavam que Getúlio Vargas foi um “ditador fdp”.

Ainda nessa conversação, colocou-se em questão a “ditadura do PT”, onde um dos internautas esboçou sua preferência pelo Estado Novo, em detrimento ao referido partido político. No *Facebook*, percebemos uma comparação tanto entre o governo de Getúlio Vargas e o partido político de Lula, tanto quanto entre os dois ex-presidentes. Um internauta publicou uma imagem sobre possíveis condutas ilícitas de Lula, alegando que, independente deste ter cometido roubos ou não, o considerava um corrupto. Concluiu seu raciocínio constatando: “o melhor presidente deste país foi Getúlio Vargas”.

The image shows a Facebook post by 'Getúlio Vargas' dated '16 de outubro de 2009'. The post text is: "O Brasil nos deu o pão, nos lhe daremos nosso sangue!" - Getúlio Vargas. Below the post are several comments from users, some praising Vargas as a savior and others calling him a dictator. To the right, there is a separate image with the title 'VERGONHA' and text: 'Lula cobrou 1,2 MILHÃO para vir a Cuiabá! De onde saiu esse DINHEIRO?'. Below this image is a caption: 'Dinheiro do nosso bolso, falta na saúde e sobra para fazer essas babaquices. Poxa presidente eu te admirava, depois dessa acabou! Não podemos aceitar isso'.

Figuras 34 e 35 – Publicações e conversações da página *Getúlio Vargas* no Facebook.

A Figura 36 compreende os comentários de uma determinada publicação da página, referente aos políticos “ditadores”, que objetivavam “varrer os políticos ligados ao getulismo”. Esta publicação foi complementada com um *link*, direcionando o internauta para um *blog* com uma explanação mais ampla. No referido diálogo, destacamos dois comentários: “Sou Getulista até morrer” e “Eu tinha 12 anos mas lembro bem do pai falando do Getulio ater hauje sau Getulista de Çoracaão~”. No primeiro comentário, percebemos que o internauta detentor de uma visão positiva se intitulava “Getulista”, e que tal condição findaria, somente mediante sua morte. No segundo comentário, o autor recordava-se das palavras de seu pai, um “Getulista de coração”. Aqui, como percebido nos *blogs*, as lembranças dos internautas e de sua família foram explicitadas através dos posicionamentos nos diálogos, conseqüentemente, a adoração ou o repúdio por Getúlio Vargas foi passado de pai para filho.



Figura 36 – Conversações da página *Getúlio Vargas* no Facebook.

O responsável pela página publicou sobre a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho e da “Ressurreição Nacionalista”. Ambas as publicações continham um *link*, que direcionava o internauta a um *blog*, onde os assuntos foram explanados mais profundamente. Deste modo,

o *Facebook* atuou como um meio de divulgação e de propagação de tais *posts*, assim como um espaço de conversação sobre tais constatações.

The image shows two screenshots of Facebook posts from the page 'Getúlio Vargas'. The left screenshot (Figura 37) shows a post with the text 'CLT é a Negação da Carta de Del Lavore.' and a link to 'Ressurreição Nacionalista'. The right screenshot (Figura 38) shows a post by 'Getúlio Vargas' dated '11 de fevereiro' with the text 'O Governo de Floriano Peixoto, além de consolidar a República, é um marco, por se verificar pela primeira vez em toda História Brasileira, um governo nacionalista, com um programa nacionalista, entendido a terminologia "nacionalista" como de viés ideológico de beneficiamento consciente e dirigido dos interesses brasileiros.'

Figuras 37 e 38 – Publicações da página *Getúlio Vargas* no Facebook.

A seguir, observamos as publicações advindas dos internautas na referida página. Assim como os comentários das publicações da página, estas também se mostraram ricas em análise, onde podemos compreender as percepções de seus autores, externadas por meio de suas palavras. Na Figura 39, observamos um comentário afirmando que Getúlio Vargas foi um “grande homem”. Comentando tal publicação, percebemos que um *fake* intitulado Tio Osama contestou tal afirmação, alegando que Getúlio Vargas foi um grande homem, mas porque enganou o povo, perseguiu os socialistas, mandou matar os adversários políticos e ainda assim é considerado um herói. Na publicação da Figura 40, o internauta explanou sobre a sua indignação para com a política brasileira atual. Argumentou sobre o fato de algumas pessoas tentarem transmitir e construir uma imagem negativa de Getúlio Vargas, mas que este, “apesar” desse ter sido um ditador, foi quem garantiu os benefícios e as leis destinadas às classes menos favorecidas, visto que, tais benefícios estariam sendo retirados pelos políticos atuais. Compreendemos que o internauta reconheceu o lado ditatorial de Getúlio Vargas, no entanto, lhe atribuiu o mérito de ser aquele quem garantiu, no passado, as leis que assistem aos trabalhadores no presente.



Figuras 39 e 40 – Comentários da página *Getúlio Vargas* no *Facebook*.

A seguir, apresentamos publicações de apreço e aprovação pela figura de Getúlio Vargas, onde os internautas afirmavam que o ex-presidente era “fodão”, que seu governo foi o melhor que já existiu, sendo este, o melhor Presidente do Brasil. Também afirmavam que Getúlio Vargas foi um herói “em terra de covardes”. Notamos que o autor de tal comentário complementou: “meu amado Getúlio!!!”. Outro comentário utilizou-se dos caracteres *-*, que significa “olhos brilhando/fascinados/felizes”, para expressar tal sentimento.

Há apenas um comentário negativo, advindo novamente do *fake* Tio Osama. O internauta, utilizando-se da imagem de Osama Bin Laden, publicou na página de Getúlio Vargas como se estivesse falando com o próprio, questionando-o: “Qual é o sentido da vida? Enganar um país inteiro, ser um ditador populista e ainda ser amado pelos otários que você enganou”. Notamos a clara posição do responsável pelo perfil Tio Osama, pois este acredita que as pessoas que apreciam o ex-presidente são “otárias” e estariam sendo enganadas, pois a verdadeira face de Getúlio Vargas seria o seu lado ditatorial.



Figuras 41, 42, 43 e 44 – Comentários da página *Getúlio Vargas* no *Facebook*.

As frases emblemáticas de Getúlio Vargas também foram postadas na página. Notamos a publicação de sua última frase, registrada na Carta Testamento: “Saio da vida para entrar na história”. E de uma frase relacionada, basicamente, ao contexto da revolução de 1930: “às vezes vencer é saber esperar”.



Figura 45 – Frases de Getúlio Vargas na página no *Facebook*.

Além de comentários, os internautas postaram *links* do *YouTube*, onde observamos a publicação do jingle *O Retrato do Velho*, e da música *Síntese - Vida de Getúlio Vargas*. Tal canção retrata a biografia do ex-presidente através da letra de um samba. Também

observamos uma publicação referente à votação realizada pelo SBT, relacionada ao “maior brasileiro de todos os tempos¹⁶⁸”. O internauta acreditava que a vitória de Chico Xavier foi merecida, mas que Getúlio Vargas será para sempre rei.

Outra publicação, apresentada na Figura 46, recorda a data de seu suicídio. Por meio de argumentações nutridas de emoção, o internauta lembrou como a população recebeu a notícia. Para este, com a morte de Getúlio Vargas, o povo perdia seu pai, ficava órfão, pois não poderia mais contar com “o único político brasileiro que lhes havia estendido a mão e lhes dado identidade”. Tal constatação remete-nos às palavras de Bourne (2012), onde este acredita que o ex-presidente transformou o Brasil, de um país em uma Nação. Ou seja, foi Getúlio Vargas, com suas ações nacionalistas e populistas, quem iniciou a construção e a consolidação de uma identidade nacional.

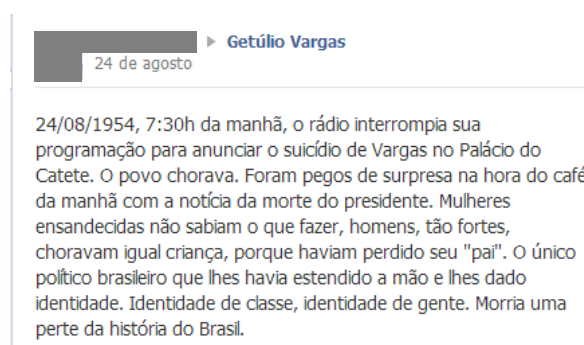


Figura 46 – Publicação relacionada ao suicídio de Getúlio Vargas na página no *Facebook*.

A segunda página mais curtida contabilizou 185 fãs no período de análise e 361 fãs em outubro de 2012. No entanto, tal página não atualizou seu *layout* e também não apresentou publicações ou conversações advindas dos internautas. A única informação que contemplava, era uma breve explanação da biografia de Getúlio Vargas retirada do *Wikipédia*. Nesta publicação, entre outras informações, constatava-se que o ex-presidente é conhecido como o “Pai dos Pobres”, um título construído e propagado pelo DIP. De acordo com a publicação, tal denominação é inspirada na passagem 16, do capítulo 29 do livro de Jó: “Dos necessitados era pai, e as causas de que eu não tinha conhecimento inquiria com diligência¹⁶⁹”.

A terceira página com o maior número de fãs contabilizava 10 curtidas no período da coleta de dados, passando para 19, em outubro de 2012. Em sua descrição, percebemos que esta possuía uma perspectiva positiva, perante a figura de Getúlio Vargas, pois afirmava: “o

¹⁶⁸ Ver SBT, 2012, *online*.

¹⁶⁹ Ver GBÍBLIO, 2012, *online*.

maior Estadista que o Brasil já teve!”. Tal página não contemplou publicações nem conversações de internautas. Nesta, observamos a publicação realizada pelo responsável da página, da imagem das bandeiras do PDT e do Rio Grande do Sul. A imagem da bandeira do estado é apresentada como a capa da *fan page*. Além disso, também visualizamos em sua linha do tempo, a imagem do título de eleitor do ex-presidente. Tal página relacionava Getúlio Vargas, basicamente, a dois elementos: o Rio Grande do Sul e o PDT.



Figura 47 – Perfil antigo e perfil atual da página *Getúlio Vargas (2)*, no *Facebook*.

Em outras duas páginas, percebemos que suas publicações resumiam-se a vídeos retirados do *YouTube*, relacionados a Getúlio Vargas. Estes apresentam fatos históricos, como a biografia do ex-presidente em breves resumos ou em documentários, a intentona comunista, a criação da Petrobrás e o jingle *O Retrato do Velho*. Neste contexto, percebemos que o *Facebook* atuou como um meio de propagação e complementação de outra plataforma, neste caso, o *YouTube*.

Localizamos um grupo aberto relacionado ao ex-presidente, contemplando apenas duas pessoas, o que podemos considerar um número irrelevante. Compreendemos, no entanto, que um determinado usuário criou o grupo como forma de compartilhar informações e conhecimentos sobre Getúlio Vargas com outras pessoas. Neste caso, o grupo não obteve êxito, pois foi incorporado por apenas um internauta. Sendo assim, a divulgação e a conversação sobre o ex-presidente, por meio desta rede social, mostrou-se mais eficiente através da utilização de páginas.

Em suma, compreendemos que o *Facebook*, apesar de oferecer subsídios reduzidos de análise, demonstrou um dos elementos-chaves das demais análises aqui apresentadas: a dicotomia amor vs. ódio. Nas conversações da página proeminente em conteúdos e fãs,

percebemos uma separação exacerbada entre aqueles que apreciavam e aqueles que repudiavam Getúlio Vargas. Acreditamos que os posicionamentos, perante o ex-presidente, mostraram-se bem definidos. Tal fato pode ser averiguado devido a comentários como: “Getulista até morrer”, “meu amado Getúlio” e “ditador fdp”, “ditador populista”. O antagonismo dos comentários é perceptível e intrigante, ao passo que compreendemos que constatações tão distintas referiam-se a uma mesma pessoa. Apesar das duas posições, os apreciadores do ex-presidente destacaram-se em nossas análises. As lembranças da família também foram explanadas, bem como a comparação entre Lula e Getúlio Vargas. Deste modo, as poucas publicações observadas, seguiram, basicamente, o mesmo contexto apresentado nos *blogs*.

A diferenciação do *Facebook* mostrou-se nos comentários espontâneos, advindos dos internautas, onde estes se posicionavam a favor de Getúlio Vargas, perante seus amigos e assinantes. Tal rede social também atuou como uma ponte entre os conteúdos e informações referentes a Getúlio Vargas e os fãs das páginas dedicadas a este. Neste contexto, percebemos que o *Facebook* transmitia informações também por meio de outras plataformas, onde se mostrou recorrente publicações de *blogs* e do *YouTube*.

Não se destacou constatações de Getúlio Vargas como o “Pai dos Pobres”, mas sim, como o melhor presidente do Brasil, um estadista. A ênfase à figura presidencial de Getúlio Vargas foi reforçada pelas imagens contidas nas páginas. As fotografias e quadros oficiais de Getúlio Vargas enquanto Presidente do Brasil foram as mais utilizadas nos perfis das páginas analisadas, as raras exceções utilizaram a imagem de Getúlio Vargas com a mão suja de petróleo, em desfile oficial do governo ou fumando seu charuto.

5.1.3 Getúlio Vargas no *Orkut*

A coleta dos dados para a análise no *Orkut* procedeu-se por meio da ferramenta de busca presente na plataforma, utilizando as palavras-chave “Getúlio Vargas”, assim como ocorreu no *Facebook*. No *Orkut*, a presença de Getúlio Vargas procedeu-se, essencialmente, por meio das comunidades virtuais e dos perfis *fakes* (seção 5.1.5).

Localizamos 56 comunidades relacionadas a Getúlio Vargas, contabilizando 13.297 membros, ao final do período de análise¹⁷⁰. No entanto, percebemos que o número de

¹⁷⁰ Ressaltamos que tal número não significa a exata quantidade de internautas participantes de tais comunidades, pois um único internauta pode participar de mais de uma comunidade.

membros nas comunidades sofreu um decréscimo de cerca de 10%, em comparação ao início deste período, constatação inversa às páginas do *Facebook*, que apresentaram um significativo acréscimo em seu número de fãs. O decréscimo pode ser compreendido, devido a dois fatores: a saída do internauta da comunidade ou a exclusão de seu perfil, hábito que tem se tornado recorrente, à medida que a popularização do *Facebook* evolui. Apesar de tais constatações, o *Orkut* apresentou conteúdos e conversações relevantes para análise, ao percebermos uma quantidade significativa de comunidades e fóruns de discussão, que se mostraram como uma das principais formas de estabelecer diálogos e promover a interação entre seus membros.

Após a análise dos dados coletados, organizamos as comunidades em cinco categorias: (1) Amor/Apreço; (2) Neutra; (3) Assuntos relacionados; (4) Ódio/Repúdio e (5) Irônica. Compreendemos que todas as comunidades se enquadravam em uma das referidas categorias, demonstrando cinco contextos em que Getúlio Vargas era apresentado. Explanamos, então, sobre as especificidades de cada, além de tópicos de discussão e conversações que se destacaram em nossas análises.

A categoria (1) Amor/Apreço contemplou 22 comunidades, com o total de 11.404 membros, ou seja, em torno de 86% do total contabilizado. Considerando as descrições das comunidades, compreendemos nesta categoria, aquelas que enalteciam a imagem de Getúlio Vargas e demonstravam aprovação à sua imagem e/ou governo. Esse aspecto positivo pôde ser observado por meio da utilização de palavras como: homenagem, memorável, marco na história, fã, grande homem, grande Presidente, entre outras. Observamos que uma determinada comunidade destacou-se perante as demais, tanto em termos quantitativos, considerando o número de membros e de tópicos discutidos na comunidade, quanto em termos qualitativos, ao apresentar uma diversificada gama de conversações e explicações advindas dos internautas.

No início do período da análise, a comunidade intitulada *Getúlio Vargas*, apresentava 7.060 membros e ao final do período, 6.268 membros. Apesar do decréscimo quantitativo, a comunidade mostrou-se ativa, devido à criação de novos tópicos de discussão e atualização dos já existentes. Percebemos o apreço à figura de Getúlio Vargas, desde a sua descrição: “Comunidade em homenagem àquele que foi o maior estadista de todos os tempos no Brasil e, sem dúvida, um dos maiores políticos do mundo!!!”. Isto é, aqueles que optavam por participar desta comunidade, compartilhavam a concepção apresentada em tal descrição, acreditando nas afirmações ali presentes, como verídicas.

Figura 48 – Perfil da comunidade *Getúlio Vargas*.

A comunidade se propunha a ser um espaço para o diálogo sobre a política atual, bem como da economia, cultura, relações internacionais e assuntos relacionados. Em sua descrição, apresentava as informações: “Pior que a ação dos maus é a omissão dos bons. Por isso, abaixo seguem ‘sites’ que nos possibilitam acompanhar o trabalho dos parlamentares federais, a fim de cobrá-los sempre que possível: www.camara.gov.br/ www.senado.gov.br/”. Neste contexto, percebemos que, por meio de determinados tópicos, os internautas acompanhavam a trajetória de diversos políticos, opinavam, conversavam, trocavam informações, comunicando-se. Compreendemos que estes se interessavam pela política brasileira, ou seja, não eram cidadãos omissos perante a administração do país.

Além disso, a comunidade mostrou-se ativa, devido a criação de um tópico a cada dois dias, em média. Cada tópico foi amplamente discutido, contemplando uma média de 10 comentários cada, sendo que, alguns tópicos apresentaram mais de 100 comentários. Nesta comunidade, observamos cerca de 2.000 tópicos de discussão, cadastrados desde sua criação até o final do período da coleta de dados. Destes, consideramos os 220 tópicos que foram cadastrados e/ou atualizados no período selecionado para análise¹⁷¹. A criação de um tópico configurava-se como uma proposta de conversação, onde o cadastro de um assunto específico dava início ao diálogo. Alguns internautas mostraram-se assíduos às discussões, levando-nos a constatar que, por meio de tais conversações, existia uma rede consolidada e ativa de

¹⁷¹ Limitamo-nos às análises dos tópicos cadastrados de novembro de 2010 a 02 de março de 2012, ou seja, o período da coleta de dados, acrescido em um ano.

pessoas. Através das interações concretizadas por meio dos diálogos, as relações consolidaram-se e os laços fortaleceram-se.

Nos tópicos dos fóruns das comunidades, percebemos uma variedade de assuntos propostos para discussão. Contudo, destacaram-se as conversações sobre o governo brasileiro vigente e dos políticos atuais, onde podemos observar uma intensa discussão em torno do PT e por consequência, em torno de Lula, Dilma e outros políticos relacionados ao partido. Em todas as conversações onde tal partido foi mencionado, era nítida a posição opositiva para com o partido. Além disso, alguns tópicos foram propostos para discutir, essencialmente, o contexto em pauta, tais como: *CPI da privataria; PT, o reino da mentira; Bando do Lula; Frase dita por Marta Suplicy; A privataria tucana e a cumplicidade petista; Fidel e Hugo realmente pensam que o PT é socialista; VEJA mostra os escândalos do governo PT; Uribe descreve Lula como hipócrita e covarde; Reuniãozinha do PT; 13 motivos mostram que Lulofacismo veio pra ficar!; Governo do PT destruindo o ensino; PTistas são pegos em flagrante fazendo esquema; governo Lulla: fazendo o Brasil regredir; O PT e sua índole ditatorial incansável; PT: o partido dos “pobres”*; entre outros.

Em tais conversações, o PT e seus respectivos políticos foram compreendidos como a oposição a Getúlio Vargas, e, portanto, a oposição dos participantes das conversações. As ações e realizações deste partido eram acompanhadas pelos internautas, que se informavam e atualizavam-se, e conseqüentemente, transmitiam tais informações à comunidade, alimentando-a. Na descrição de cada tópico, percebemos a perspectiva negativa em relação ao partido. A ênfase de discussões em torno do PT justifica-se pelo fato de que o partido consolida-se na presidência do Brasil há quase 10 anos, representado por Luiz Inácio Lula da Silva, e atualmente, por Dilma Rousseff. Logo, é o governo brasileiro presenciado pelos internautas.

Destacamos o tópico *Frase dita por Marta Suplicy*, onde um internauta afirmou que Getúlio Vargas teria proferido ofensas à classe pobre, assim como fez a ministra do PT. Perante a acusação ao ex-presidente, os demais internautas contestaram tal afirmação, alegando que não existiria a possibilidade de Getúlio Vargas ter cometido este equívoco. Outro internauta exigiu maiores informações: “quando e onde?”.

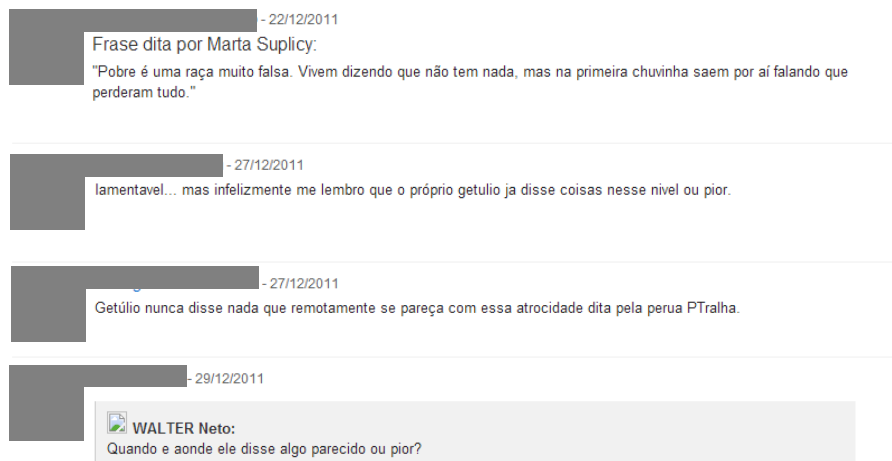


Figura 49 – Alguns comentários do tópico *Frase dita por Marta Suplicy*.

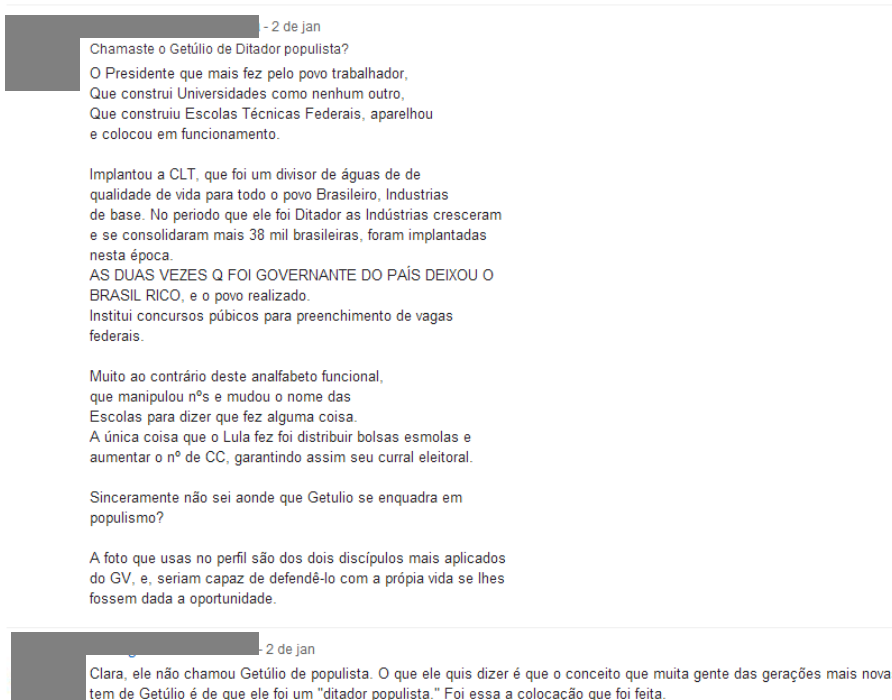


Figura 50 – Alguns comentários do tópico *Votação no SBT o maior brasileiro de todos os tempos*.

As discussões em defesa de Getúlio Vargas, também foram observadas no tópico *Votação no SBT o maior brasileiro de todos os tempos*, apresentado na Figura 50. O tópico destacava a votação, convocando os membros da comunidade a votarem em Getúlio Vargas, desenvolvendo uma intensa campanha em prol da vitória do ex-presidente. Após um determinado comentário, um internauta inquietou-se e explicou: “Chamaste Getúlio Vargas de ditador populista?”. Posteriormente, listou os feitos do ex-presidente e os benefícios que o país obteve, por meio de seus governos, além de utilizar o recurso da caixa alta em sua escrita, para destacar que Getúlio Vargas governou duas vezes o Brasil, tornando-o um país rico.

Ainda em suas argumentações, atacou a figura de Lula, chamando-o de analfabeto funcional, que distribuía “bolsa esmola” para garantir um “curral eleitoral”. Outro internauta intervém na discussão, esclarecendo que o acusado de tal calúnia expressou-se mal, pois “ditador populista” seria uma concepção utilizada pelas “gerações mais jovens”, observada por este.

A história foi discutida por meio dos tópicos, onde aspectos da biografia de Getúlio Vargas eram postos em questão, a partir das conversações. Deste modo, a história era revivida e discutida, através de uma perspectiva atual. Nestas conversações, percebemos a nítida aprovação às ações de Getúlio Vargas e a constatação de que suas realizações foram fundamentais para o desenvolvimento do país. Assuntos históricos relacionados indiretamente ao ex-presidente também foram discutidos, bem como a participação de outros personagens políticos em sua história.

Neste contexto, observamos na Figura 50, um diálogo sobre as atitudes “condenáveis” do “corvo” Carlos Lacerda, onde os internautas se colocavam ao lado de Getúlio Vargas e acusavam o jornalista, resgatando alguns atos ilícitos supostamente protagonizados por Lacerda. Um dos internautas fez uma analogia aos livros da saga *Harry Potter*, argumentando que, em uma comunidade direcionada a Getúlio Vargas, Carlos Lacerda seria “aquele que não se pode dizer o nome”. Na saga de J.K. Rowling, “aquele que não se pode dizer o nome” é Lord Voldemort, o inimigo do protagonista da história, Harry Potter, e aquele que deseja e busca a sua morte. Harry Potter e Lord Voldemort caracterizam-se como o herói e o vilão da saga literária. Getúlio Vargas e Carlos Lacerda, por sua vez, foram compreendidos como o herói e o vilão de um determinado período da história brasileira.

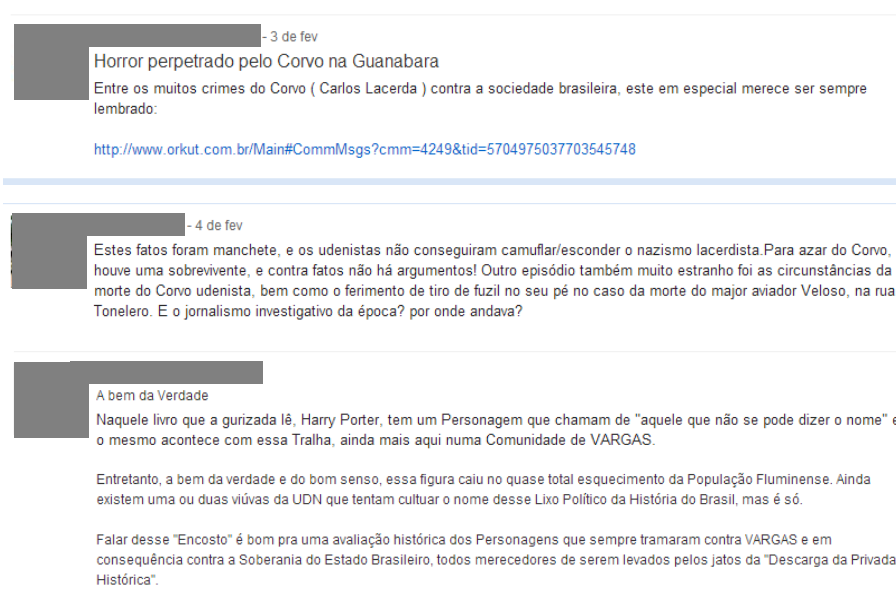


Figura 51 – Alguns comentários do tópico *Horror perpetrado pelo corvo na Guanabara*.

Através dos tópicos, os internautas solicitavam auxílio sobre a história de Getúlio Vargas, sendo assistidos por aqueles que possuíam maiores conhecimentos sobre a biografia deste. Os tópicos também se mostraram como maneiras de solicitar dicas de livros e leituras sobre o ex-presidente. Compreendemos que, por meio das comunidades do *Orkut*, os internautas menos instruídos tinham acesso a outros internautas detentores de profundos conhecimentos sobre Getúlio Vargas. Deste modo, tais comunidades atuavam como local de comunhão entre aqueles que desejavam conversar e trocar informações sobre o ex-presidente, e aqueles que buscavam aprender ou ensinar algo sobre o assunto.

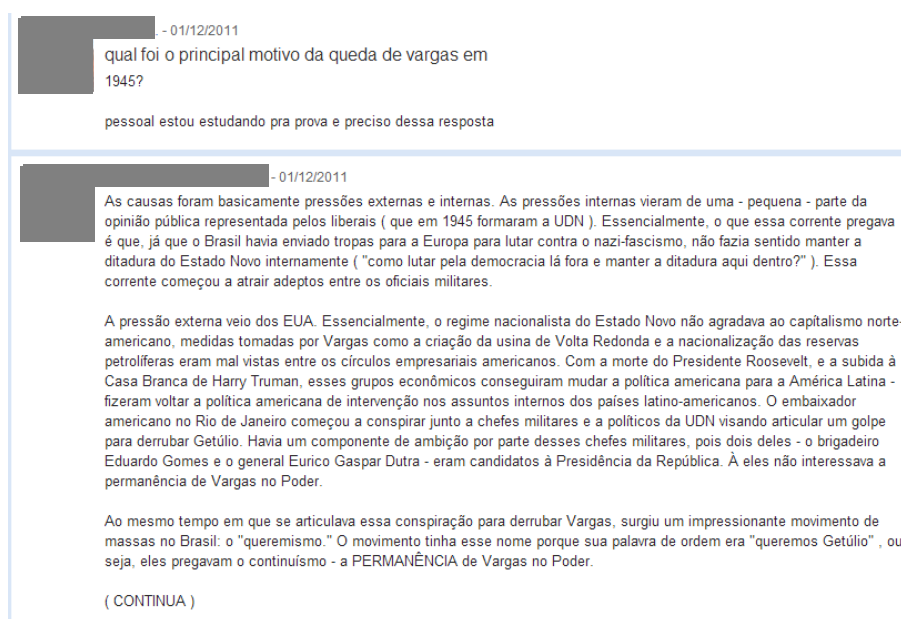


Figura 52 – Alguns comentários do tópico *Qual foi o principal motivo da queda de Vargas em 1945?*.

As datas históricas foram resgatadas e discutidas nos tópicos. Os internautas destacavam as datas relevantes que compuseram a história de Getúlio Vargas e, ao trazerem à discussão tais datas, rememoravam as circunstâncias e os fatos destes episódios. Percebemos tópicos referentes ao dia 24 de agosto, datas referentes às poses de Getúlio Vargas, além de datas relacionadas a outros políticos, tais como a data de morte de João Goulart e Brizola.

De uma forma geral, percebemos que os participantes das conversações explanadas anteriormente, são pessoas mais maduras. Tal fato pode ser observado pelo modo de expressão e escolha de determinadas palavras, pela densa sabedoria política, histórica, econômica e cultural, e também pelo fato de alguns internautas argumentarem determinados tópicos, apresentando suas memórias e lembranças. Além disso, alguns comentários contemplavam expressões como “as gerações mais jovens”, “a gurizada”, “os mais moços”,

demonstrando, assim, que os autores de tais comentários são pessoas pertencentes a uma geração adulta.

Em suma, intuímos que tal comunidade consistia em um espaço de conversação de uma rede consolidada de pessoas, que comentavam e discutiam assiduamente dois contextos: a história de Getúlio Vargas e daqueles que se fizeram presente em sua trajetória; e a política atual, com destaque à oposição ao PT e seus respectivos membros. Nas conversações, a imagem de Getúlio Vargas era defendida vigorosamente, pois percebemos que qualquer acusação contra o ex-presidente, realizada em tal comunidade, foi contraposta enfaticamente. Os membros da comunidade se colocavam a postos, em defesa da honra e da memória de Getúlio Vargas, repreendendo qualquer tipo de acusação ou difamação.

Ainda nesta categoria, podemos citar como exemplo, as comunidades: *Ressuscitem Getúlio Vargas*; *Eu amo Getúlio Vargas*; *Adoramos Getúlio Vargas*; *Eternamente Getúlio Vargas*; *Getúlio Vargas para presidente*; *Discípulos de Getúlio Vargas*; entre outras. A partir de seus títulos, compreendemos o apreço pela figura do ex-presidente, ao observarmos a utilização de palavras como “amo”, “adoramos” e “eternamente”. Além do amor direcionado a Getúlio Vargas, se fez presente o saudosismo de sua época.

Intuímos que as comunidades, além de atuarem como um espaço de discussão e conversação entre os internautas, sobre a política de hoje e de ontem, também se caracterizavam como uma forma de homenagear o ex-presidente. Os membros destas colocavam-se na posição de fãs, onde Getúlio Vargas era o seu ídolo, e, portanto, o totem que unia os internautas e os tornava membros de uma mesma comunidade virtual, pois compartilhavam a adoração e o amor por uma pessoa em comum. As homenagens póstumas e a devoção ao ex-presidente foram percebidas nas descrições das comunidades: “homenagem àquele que foi o maior estadista de todos os tempos no Brasil e, sem dúvida, um dos maiores políticos do mundo!!! [...]”, “essa comunidade homenageia um homem que marcou a história do trabalhismo no Brasil [...]”, “memorável homem [...]”, “simplesmente o maior presidente na história do Brasil”, “maior presidente que o país já teve [...]”, “pulso firme e voltado para o povo [...] Em outubro de 2006 vote em Getúlio Vargas! Este é o clamor das multidões”.

A visão percebida nestas comunidades é de que Getúlio Vargas foi o melhor Presidente que o Brasil já teve; um grande homem que trabalhou em prol do desenvolvimento do país, pensando somente no bem da Nação. Algumas dessas comunidades o exaltavam como “Pai dos Pobres”, uma identidade construída e difundida por sua política de comunicação, durante a Era Vargas. Também destacavam seu modo de governar, o

populismo, que intuía a aproximação do ex-presidente com o povo, ao contrário do que ocorria na República Velha, onde os governantes mantinham distância da população.

A categoria (2) Neutra contemplou 17 comunidades, com o total de 886 membros, o que contabiliza cerca de 6% do total. Consideramos comunidades neutras, aquelas que não apresentaram, em sua descrição, nenhum julgamento em relação a Getúlio Vargas, ou seja, não se posicionaram nem a favor, nem contra o ex-presidente. Algumas continham em suas descrições, aspectos históricos deste e de seu governo, tal qual nos foi ensinado pelos livros de história. Outras se intitulavam como julgadoras de Getúlio Vargas, mas sem exteriorizar sua posição, dentre elas: *Getúlio Vargas: herói ou vilão?* e *Getúlio Vargas: louco ou gênio?*. Estas comunidades demonstravam as perspectivas antagônicas que os brasileiros compartilham sobre Getúlio Vargas, pois há os que o consideram herói e gênio, e também aqueles que o consideram vilão e louco.



Figura 53 – Enquete da comunidade *Getúlio Vargas – a biografia@*.

Em algumas comunidades, observamos que as conversações procederam-se por meio de enquetes. A comunidade *Getúlio Vargas – a biografia@*, em si, não se colocava a favor,

nem contra o ex-presidente, apenas apresentava-se como um espaço neutro para a discussão. Contudo, percebemos as perspectivas favoráveis, advindas dos internautas, ao responderem a questão: “Getúlio foi bom Presidente na sua opinião?”. Tal aspecto foi observado em expressões como “o melhor Presidente que esse País já teve!!!”, “um dos mais competentes estadistas” e “gigante da política brasileira”.

A categoria (3) Assuntos relacionados contemplou 6 comunidades, com o total de 599 membros, isto é, cerca de 5% do total. A categoria em questão compreendeu comunidades destinadas aos parentes e descendentes de Getúlio Vargas, onde estas atuavam como local de encontro dos internautas pertencentes à família Vargas, ou que possuíam algum grau de parentesco com este. Na comunidade *Parentes de Getúlio Vargas*, através do tópico *De onde vcs são?*, os internautas interagem e explanavam à comunidade, a proveniência de seu parentesco, suas cidades de origem e onde residiam.

Foram localizadas comunidades relacionadas à discussão sobre o suicídio de Getúlio Vargas, e do livro *Getúlio Vargas em dois mundos*. Uma destas comunidades afirmava em sua descrição: “Livro psicografado da médium araraquarense Wanda Albertina Canutti, por Eça de Queirós a respeito de um dos maiores estadistas que o Brasil já teve, agora desencarnado e descobrindo todos os erros cometidos em mais uma encarnação [...] maravilhoso livro!!!!”. Este livro é uma obra espírita, onde se explana sobre Getúlio Vargas após a sua morte. Neste, coloca-se a questão do suicídio, onde o espírito do morto ficaria vagando e sem consciência de sua atual condição.

A categoria (4) Ódio/Repúdio contemplou 3 comunidades, com o total de 249 membros, cerca de 2% do total. A comunidade que se destacou em relação ao número de membros, não deixava dúvida de sua visão sobre Getúlio Vargas, explicitando tal perspectiva em seu título: *Eu odeio Getúlio Vargas*. Em sua descrição, a comunidade afirmava que se destinava a “todos aqueles que têm consciência do mal que Getúlio Vargas fez ao nosso país!”, que o ex-presidente “era um ditador ideológico, espalhou uma ideia corrompida do que era comunismo, impedindo que nosso país tivesse igualdade”. Afirmava ainda: “Getúlio Vargas = Farsa!”.

Figura 54 – Comunidade *Eu odeio Getúlio Vargas*.

Podemos observar a existência de três tópicos, atualizados no período aqui considerado. O tópico *Vargas e o Nazismo* destacou-se, apresentando 27 respostas, onde o repúdio à figura de Getúlio Vargas foi percebido em comentários como: “Ele foi um grande filho da puta golpista e ditador, que foi tarde de mais!”; “Pois é, ele era tão nazista que no sul do Brasil, proibiu até os alemães e todos de falarem alemão, durante todo seu período de ditador”; “Vargas era nazi - fascista! tinha admiração por Hitler e Mussolini sim!”; “eu espero que a alma de GETÚLIO esteja sofrendo e apodrecendo no INFERNO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”; “Ele mandou Olga grávida para a Alemanha”; “Getúlio é o pior dos assassinos. E, pior do que isso é que ele é adorado e tido como herói e é o único criminoso que não foi julgado, nem mesmo a sua memória jamais chegou ao Tribunal de Haia”; “QUEM FAZ APOLOGIA AO CRIME É MARGINAL. Todo brasileiro que adora Getúlio Vargas é um criminoso, pois é incurso no artigo 287 do Código Penal”; “Vargas matou milhares de paulistas para se legitimar no poder, pois não venceu a eleição presidencial e tinha que ser legitimado a ferro e fogo nem que fosse para assassinar todos os paulistas”; entre outros.

No tópico *O pai do populismo*, o aspecto negativo pôde ser observado nos comentários: “Ele voltou em 51 ao poder? não dá pra entender o brasileiro - Esse camarada deveria ter sido executado em praça pública”; “O Getúlio fez igual o Lula. A dívida do Brasil está 4 vezes maior do que quando ele assumiu em 2003 [...] e consegue fazer IDIOTAS

acreditarem que a dívida está paga”; “Temos que separar as coisas muito bem, Lula não mandou matar ninguém não enviou ninguém para campo de concentração, então não dá para comparar”. Já o tópico *O suicídio de Vargas* contemplou um único comentário: “Vargas experimentou do próprio veneno. Foi muito legal ver aquele canalha desesperado contra a Aeronáutica. Lá no inferno ele deve estar refletindo o ESTRAGO que fez no Brasil, inclusive a implantação da ignorância”.

Compreendemos que a comunidade reunia aqueles que possuíam uma visão negativa em relação ao ex-presidente. Percebemos em tal estudo, o aspecto duplo de Getúlio Vargas, pois este pode ser considerado um Presidente em que, tanto o seu lado bom, quanto o seu lado mau, era acentuado. Portanto, nesta comunidade, reuniam-se os internautas que acreditavam no lado mau, ou seja, o lado ditatorial e maquiavélico de Getúlio Vargas. O acusavam de assassinatos e atos ilícitos, chamando-o de criminoso, assassino, canalha, ditador e nazifascista, relacionando-o a ditadores como Hitler e Mussolini. Em meio às acusações, um dos internautas compara Getúlio Vargas à Lula, no entanto, ao contrário do que percebemos nas demais plataformas, em tal comunidade defendeu-se Lula, onde outro internauta argumenta que tal comparação não pode ser realizada, porque Lula não teria matado, ou mandado matar ninguém.

A segunda comunidade com maior número de membros nesta categoria explicitava de forma sutil sua posição sobre o ex-presidente. Intitulada *Julgamento de Getúlio Vargas*, a comunidade o considerava “um homem que inegavelmente habita o imaginário do povo brasileiro, mas que possui outro e obscuro lado que não está nos livros de história”. A posição negativa se dá de forma sutil, porque a comunidade não julgava Getúlio Vargas com palavras, mas afirmava que este possui um lado obscuro, que não se encontra nos livros. Esse lado obscuro trata-se de fatos e ações sobre o ex-presidente e seus governos, que não são contados pela história, pois foram ocultadas e “esquecidas propositalmente”, porque não condiziam com a história que tal época desejava construir.

Por fim, a categoria (5) Irônica contemplou 8 comunidades, com o total de 159 membros, ou seja, em torno de 1% do total contabilizado. A maioria destas não apresentou algum nexo em suas descrições, apenas explanavam sobre Getúlio Vargas de maneira irônica, fazendo piada com seu nome. A comunidade com maior número de membros desta categoria, contemplando 143 membros, ironizava a morte de Getúlio Vargas, compartilhando a dúvida: *Quem suicidou Getúlio Vargas?*. Ofereciam, como resposta, nomes como Barbie, Goku, Chuck Norris, Mr. Bean, Jô Soares, Bob Esponja, entre outros. Ironizando a morte de Getúlio Vargas, a comunidade se intitulava como integrante das pérolas do *Orkut*.

Outra comunidade ironizava uma história em quadrinhos sobre a biografia do ex-presidente, escrita por Alfredo Barroso, intitulada *Getúlio Vargas para crianças*¹⁷², elaborada e distribuída durante a Era Vargas. Na referida comunidade, que utilizava o nome e a capa da história, esta foi adaptada e transformada em um CD, que segundo a análise de sua descrição, tratava-se de uma crítica irônica a Getúlio Vargas e aos aspectos de seu governo. Tal comunidade afirmava: “Regozijai-vos, crianças do nosso Brasil, com esse mais novo lançamento musical da Warner. Segue a lista de faixas: 1- O Operário e seus Brinquedos; 2- O Petrólino é Nosso! 3- Quem Tem Medo de Washington Luís? 4- UDN Bicho Papão 5- A Cobra Fumou! 6- Pop Pop Populismo 7- 1934 - Leis Bobocas; 8 (faixa bônus)- Joãozinho Dantas e Naná”. Percebemos, aqui, a utilização da ironia para retirar a credibilidade que Getúlio Vargas e seu governo possam ter.

Em suma, percebemos que no *Orkut*, há importantes diferenciações, em relação às demais redes sociais aqui trabalhadas. Nesta plataforma, as conversações se mostraram mais intensificadas, porém, foram estabelecidas entre os iguais. Isto é, as conversações ocorreram entre os integrantes de uma mesma comunidade, logo, os participantes dos diálogos partilhavam de uma mesma opinião, essencialmente, em relação a Getúlio Vargas. Sendo assim, não existiu um confronto de ideias entre internautas detentores de opiniões divergentes. Nas raras exceções de discordância com a opinião da maioria do grupo, a repreensão foi enfática, impedindo a possibilidade de um debate de ideias. Desta forma, compreendemos que as conversações não atuaram como espaço para a discussão de ideias opostas, mas sim, como uma forma de interação harmoniosa. Sua finalidade, portanto, era a socialização e a aquisição ou compartilhamento de informações e conhecimentos sobre o governo brasileiro vigente, da história do Brasil e de Getúlio Vargas.

As ofensas aos apreciadores do ex-presidente também foram observadas nesta rede social. Nos *blogs*, estes foram chamados de idiotas e ineptos; no *Facebook*, foram titulados de otários, e no *Orkut*, foram tachados de criminosos, pois seriam coniventes com os crimes e atos ilícitos supostamente cometidos por Getúlio Vargas. Compreendemos, então, que alguns internautas, convictos da face ditatorial e maquiavélica de Getúlio Vargas, agrediam verbalmente aqueles que o admiram e o apreciam. A agressão verbal atuou como uma forma de indignação, perante aqueles que não percebem o lado negativo de Getúlio Vargas, ou que percebem, mas ainda assim, atribuem maior relevância ao seu lado heroico e populista.

¹⁷² A capa da história em quadrinhos pode ser observada na Figura 12, do capítulo 2.

5.1.4 Getúlio Vargas no *Twitter*

A coleta dos dados no *Twitter* também se deu por meio do recurso *Print Screen*, porém, ao contrário das plataformas analisadas anteriormente, esta coleta foi realizada diariamente, pois o *microblog* não apresenta históricos de publicações antigas. No campo “busca”, pesquisamos as palavras “Getúlio Vargas” e coletamos os *tweets* apresentados na opção “todos”. Compreendemos que no *Twitter*, os campos temáticos em que Getúlio Vargas foi citado foram mais amplos que os campos percebidos nas demais redes sociais. As publicações dos internautas nesta plataforma se enquadraram, basicamente, em doze categorias: (1) Frases, com 25%; (2) Trabalhos/Estudos, com 18%; (3) Variados, com 15%; (4) Conversações, com 11%; (5) Irônicos, com 8%; (6) Datas, com 6%; (7) Fatos históricos, com 5%; (8) Política, com 4%; (9) Ações governamentais, com 3%; (10) Ódio/Desaprovação, com 2%; (11) Amor/Aprovação, com 2% e (12) Família, com 1%. Na Figura 55, podemos visualizar as porcentagens de cada categoria, e assim, discernir a participação destas. Apresentamos sequencialmente os dados coletados no *Twitter*, com base em sua porcentagem de participação nas publicações, porém, ressaltamos que são os comentários em si e seus significados que nos interessam, e não a quantidades de menções de determinado assunto.

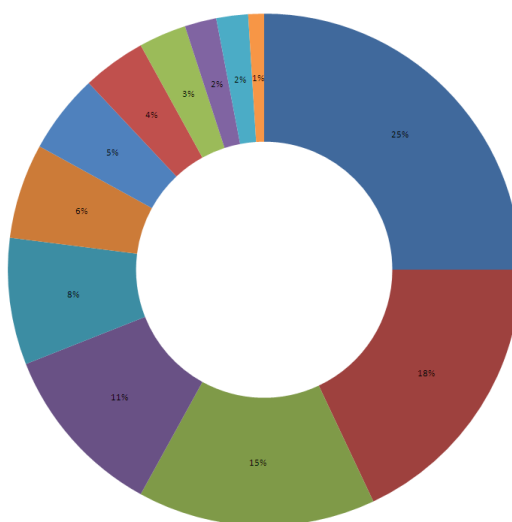


Figura 55 – Gráfico de porcentagem dos *tweets*.

A categoria das publicações referentes a frases destacou-se dos demais assuntos, contabilizando 25% do total de *tweets* analisados. Consideramos pertencentes a esta categoria, publicações contendo frases de Getúlio Vargas, de músicas ou utilizando o nome do ex-presidente para a expressão de ditados populares. Uma parcela considerável das publicações

tweetaram a frase “Chatterton, suicidou; Kurt Cobain, suicidou, Getúlio Vargas, suicidou; Nietzsche, enlouqueceu. E eu não puta que pariu vou nada bem”.

Esta frase é um trecho da música *Chatterton*, gravada em 2005 por Seu Jorge¹⁷³. A canção original, no entanto, foi composta por Serge Gainsbourg em 1967¹⁷⁴. A música foi traduzida do francês para o português por Seu Jorge, que também retirou da composição original os personagens Hannibal, Demóstenes, Marco Antônio e Van Gogh, acrescentando o único brasileiro à lista: Getúlio Vargas.

Na versão em português da música, assim como nas publicações do *Twitter*, Getúlio Vargas é mencionado juntamente com outros personagens importantes que também se suicidaram ou enlouqueceram, tais como Thomas Chatterton, título da música e considerado o “rei do suicídio”¹⁷⁵; Kurt Cobain; Cleópatra; Isocrates; Goya e Nietzsche, que acaba enlouquecendo. Os internautas publicaram o trecho da música que mais apreciaram ou se identificaram, argumentando que pessoas importantes acabam com suas próprias vidas ou encontram a loucura, e eles também não vão “nada bem”. O tema central da música é o ato do suicídio e a insanidade, listando os nomes daqueles que encerraram suas biografias entrando para a história tirando suas vidas, ou perdendo a razão.

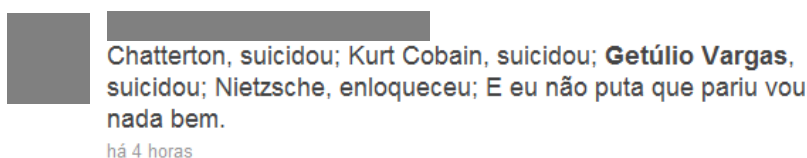


Figura 56 – *Tweet* da música *Chatterton*, de Seu Jorge.

As frases retiradas da Carta Testamento também foram amplamente citadas, destacando-se a publicação de seu último trecho: “saio da vida para entrar na história”. Tal fato leva-nos a compreender que esta é a frase mais expressiva de Getúlio Vargas e que permaneceu no imaginário brasileiro.

¹⁷³ Ver YOUTUBE, 2012b, *online*.

¹⁷⁴ Ver YOUTUBE, 2009, *online*.

¹⁷⁵ Ver METAMORFOSEDIGITAL, 2009, *online*.

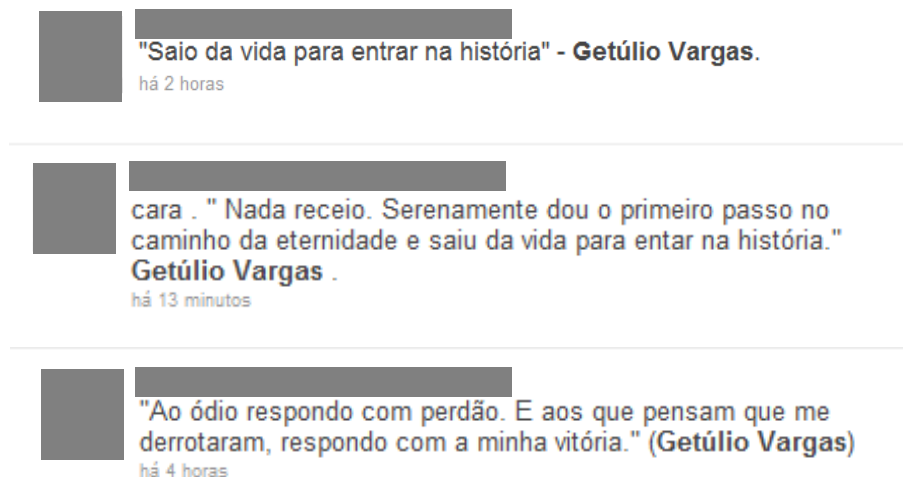


Figura 57 – *Tweets* com trechos da Carta Testamento de Getúlio Vargas.

Outras frases de autoria de Getúlio Vargas, porém proferidas em circunstâncias diferentes, também foram publicadas. As frases mencionadas revelam a sabedoria peculiar, a perspicácia do ex-presidente e sua forma de agir estrategicamente. Compreendemos que as frases atuavam como modelos de condutas para os internautas, sugerindo que estes concordavam com o conteúdo de tais constatações, pelo fato de as tornarem públicas em seus perfis no *Twitter*.

A frase “Às vezes vencer é saber esperar”, destacou-se como uma das mais citadas. Notamos sua clara relação com o contexto da revolução de 1930, onde Getúlio Vargas iniciou as anotações de seus diários, jogava pingue-pongue, aproveitava sua família, “enquanto os generais aprontavam as tropas para derrubar o governo”. Para Silva (2010b, p. 97), a habilidade de Getúlio Vargas é esperar, isto é, “uns jogam xadrez. Outros, guerra, Ele joga paciência. Até o fim”. Em tal frase também podemos identificar uma importante característica da personalidade de Getúlio Vargas: saber lidar com as situações racionalmente, não se deixando levar pela emoção ou pelo calor do momento. Destacava-se como um político equilibrado, que sabia o momento certo de agir ou recuar.

Sendo assim, a frase demonstra que algumas vitórias advêm da capacidade da espera, da paciência, de saber discernir o momento oportuno de agir. Os internautas se identificavam com tal constatação, demonstrando que a falta de atitude em algumas circunstâncias não significa covardia ou ausência de iniciativa, mas sim, a habilidade de saber esperar o momento certo. A arte de “saber esperar” conduziu Getúlio Vargas à vitória da revolução, e por consequência, à Presidência do Brasil. Lembramos aqui, que a frase “saio da vida para entrar na história” e “às vezes vencer é saber esperar” foram as únicas duas frases do ex-presidente, postadas na página analisada do *Facebook*. Tal fato afirma nossa compreensão de

que estas duas constatações são as mais recordadas pelos internautas. Deste modo, caracterizam-se como o resquício no presente, de sua oratória proferida no passado.

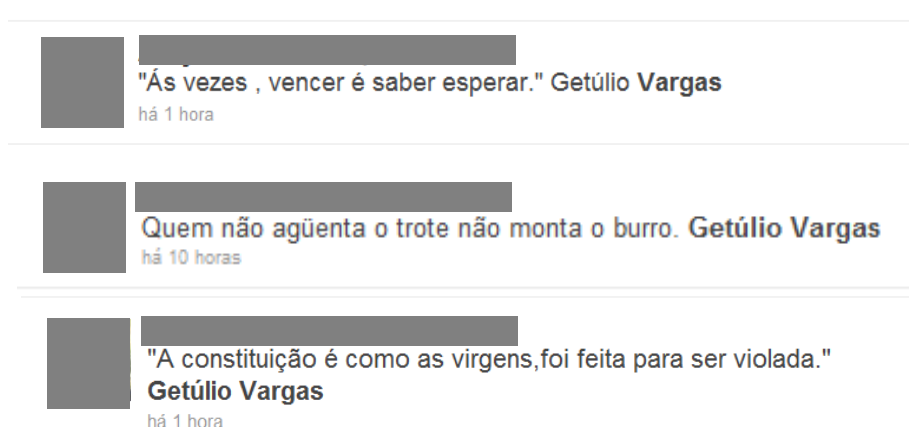


Figura 58 – *Tweets* com frases de Getúlio Vargas.

Observamos publicações com o trecho da música *Querência amada*¹⁷⁶, composta por Teixeira e popularizada por Osvaldir e Carlos Magrão, que menciona Getúlio Vargas, Flores da Cunha e Borges de Medeiros. A música explana sobre as belezas do Rio Grande do Sul e o orgulho que o gaúcho sente por sua querência. Revela também o fato de o estado ser o “berço” do Presidente brasileiro, onde o cantor da música argumenta: “eu sou da mesma vertente”, ou seja, é conterrâneo destes importantes personagens da história do Brasil e do Rio Grande do Sul. Assim, os internautas também externavam o orgulho por ser gaúcho, ao publicar tal estrofe.

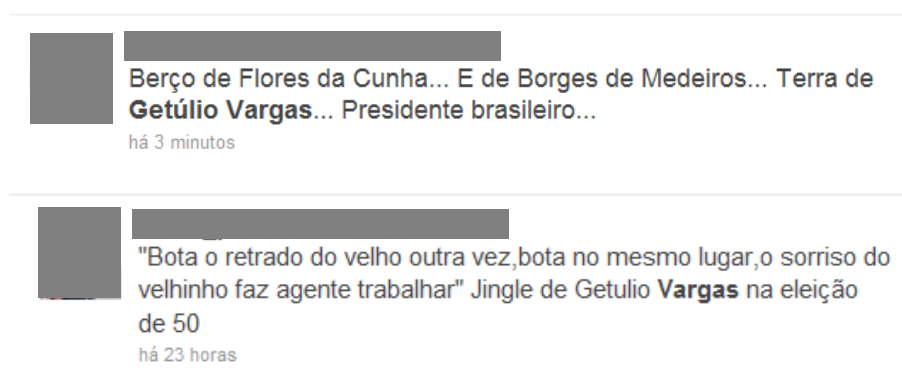


Figura 59 – *Tweets* com trechos de músicas.

¹⁷⁶ Ver YOUTUBE, 2010b, *online*.

Trechos de *O retrato do velho*, jingle da campanha de Getúlio Vargas para as eleições de 1950 também foram publicados. Dentre as muitas músicas gravadas entre os anos 1930 e 1954, que fazem referência ao ex-presidente, esta é a mais recordada pelos internautas. Destacamos que nas análises do *Facebook*, este jingle foi o vídeo do *YouTube* mais publicado.

Alguns internautas atribuíram à bala que matou Getúlio Vargas um alto grau de importância, argumentando que determinada pessoa “se acha a bala que matou Getúlio Vargas”. Observamos uma adaptação das expressões populares “se acha a última bolacha do pacote” e “se acha a última Coca Cola do deserto”, uma forma atual e coloquial para afirmar que uma pessoa se atribui alto grau de relevância. Compreendemos que “a bala” trata-se de um elemento fundamental em um dos principais episódios históricos brasileiros, e desta forma, intui-se a grandeza de seu significado, em tal contexto. Sendo assim, “a bala” é utilizada como uma metáfora pelos internautas.

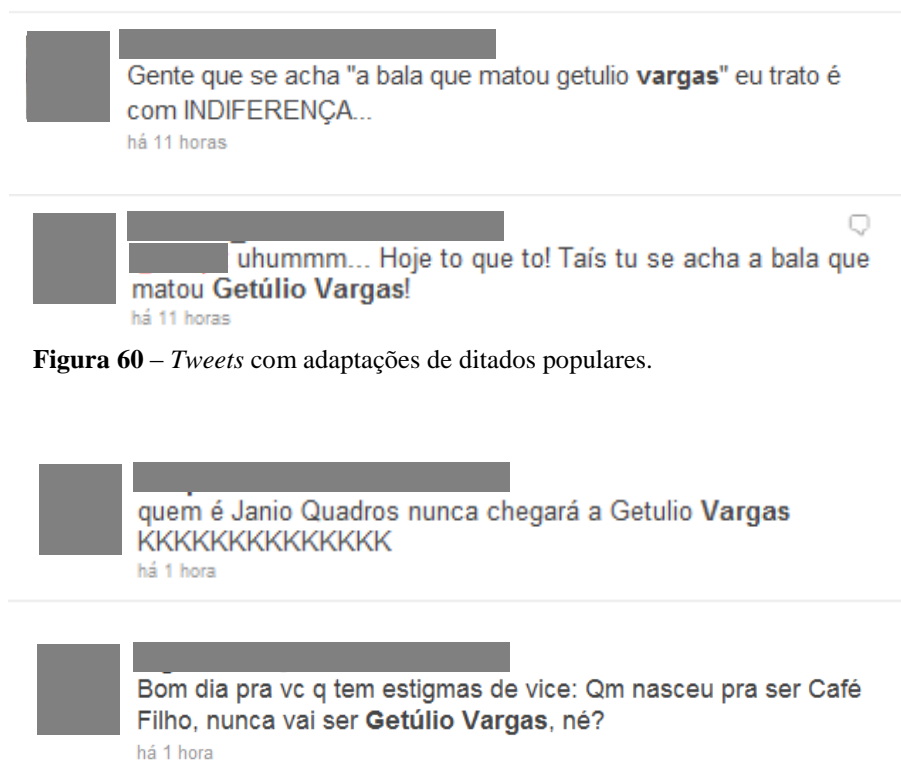


Figura 60 – Tweets com adaptações de ditados populares.

Figura 61 – Tweets com adaptações provérbio português.

Outra adaptação de frases populares advém do provérbio português: "quem nasceu para ser burro de carga, nunca chega a ser ginete". Adaptado ao contexto histórico, os internautas comentavam que quem nasceu para ser Café Filho ou Jânio Quadros, nunca chegará a ser Getúlio Vargas. Compreendemos, então, a imponência de Getúlio Vargas e sua

relevância, em comparação a outros políticos brasileiros que também atuaram na Presidência da República. Em tais publicações, percebemos o aspecto irônico, revelado pela utilização da expressão *KKKKKKKK*.

Em suma, entendemos que a categoria 1 compreende trechos de música, trechos da Carta Testamento de Getúlio Vargas, jingles de sua campanha e adaptações de ditados populares. Devido às especificidades do *Twitter*, possibilitando ao internauta a publicação de menções com apenas 140 caracteres, *tweets* de frases em que os internautas se inspiram, ironizam ou apreciam, mostram-se recorrentes na *Timeline*. Getúlio Vargas foi mencionado nas músicas que foram publicadas, porém não se caracterizou como o elemento norteador de tais publicações. Nos ditados populares, foi notável a percepção grandiosa que os internautas possuíam sobre a sua figura e de seu suicídio. No entanto, foi nas publicações dos trechos da Carta Testamento e de suas frases emblemáticas que Getúlio Vargas mostrou-se como o elemento principal dos *tweets*.

A segunda categoria que se destacou entre as publicações, foram os *tweets* referentes a trabalhos, aulas e estudos, contabilizando 18%. Nesta categoria, percebemos *tweets* de estudantes que explanavam sobre seus estudos relacionados a Getúlio Vargas. De uma forma geral, destacaram-se três tipos de *tweets*: reclamações, pedidos de ajuda e conversações entre os estudantes sobre as atividades escolares. A maioria dos *tweets* foram publicações contendo reclamações dos estudantes, por terem que estudar ou fazer trabalhos sobre o ex-presidente. Muitos questionavam a necessidade de estudar a história do Brasil, reclamavam sobre a elaboração de trabalhos cansativos, afirmavam que não gostam de ler ou que não lhes agrada o fato de terem que estudar para as provas. A expressão *Aff* foi repetida em diversas publicações, demonstrando o descontentamento do autor do comentário, pois a expressão pode ser entendida como um suspiro de lamentação, de indignação ou de tédio.

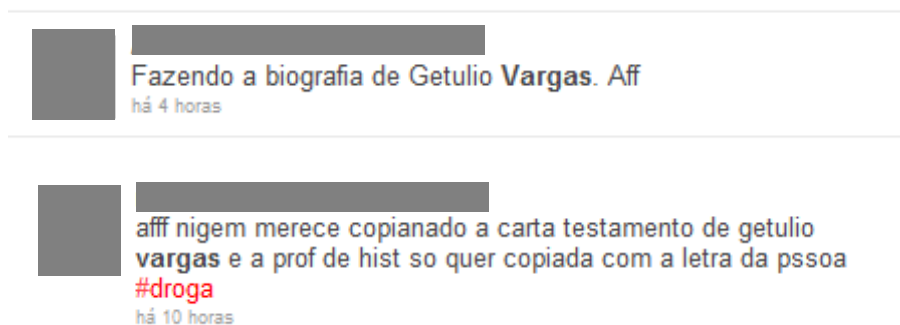


Figura 62 – *Tweets* contendo reclamações.

Tweets solicitando ou respondendo a solicitações de ajuda se mostraram relevantes. Os internautas recorriam ao *Twitter* para pedir o auxílio de seus seguidores no desenvolvimento de seus trabalhos. Alguns deles eram assistidos. Conversações também se destacaram nesta categoria, pois muitos internautas conversavam sobre aulas, trabalhos e provas, relacionados a Getúlio Vargas. Tais conversações também atuavam como auxílios, porém, demonstravam a interação entre os internautas e o diálogo entre estes. Tal fato pôde ser percebido, porque esses *tweets* apresentavam o “@” de outro perfil, mostrando-nos que a publicação era destinada a um internauta específico.

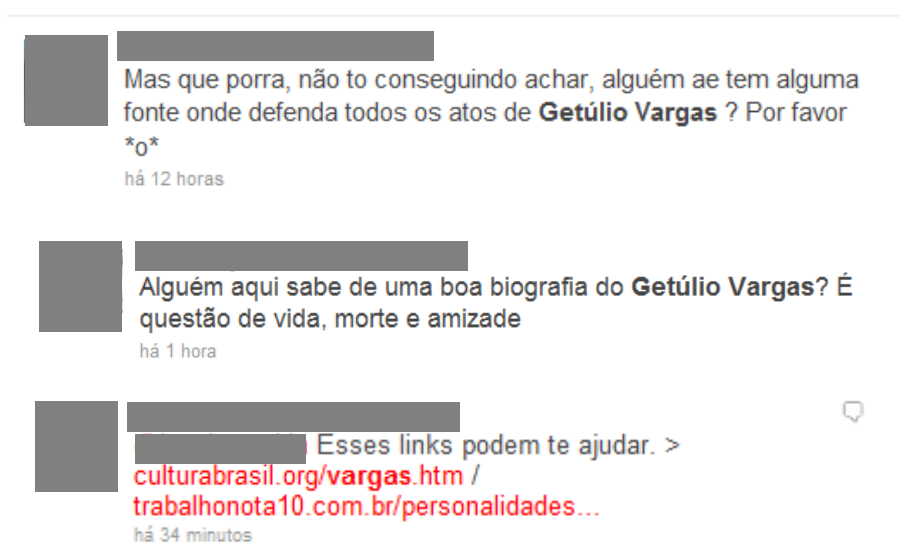


Figura 63 – *Tweets* contendo pedidos e respostas de ajuda.

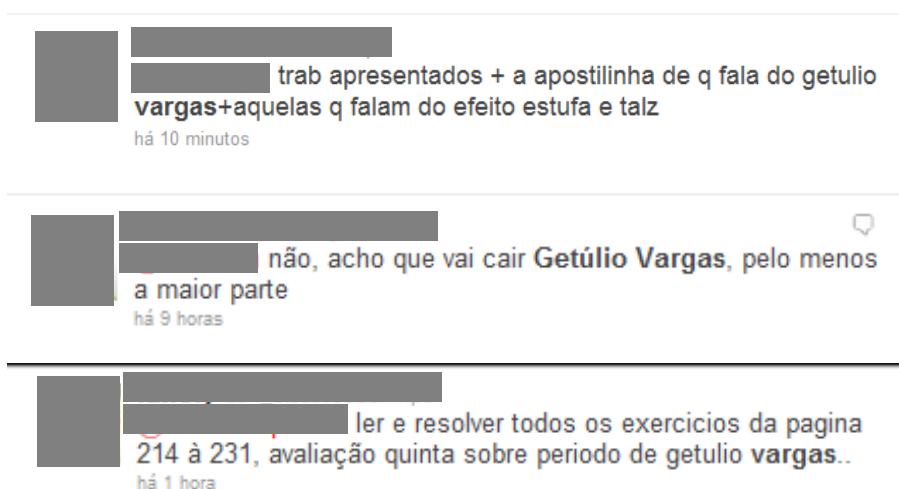


Figura 64 – *Tweets* contendo conversações sobre o cotidiano escolar.

Alguns internautas comentavam sobre suas pesquisas, ou mencionavam fatos que descobriram por meio dos estudos, sobre a política ou a vida de Getúlio Vargas. Também

registraram no *microblog*, o fato de estarem estudando sua história, ou algum episódio engraçado relacionado aos estudos sobre o ex-presidente. Basicamente, relatavam sua rotina de estudos no *Twitter*, informando o que ocorreu durante as suas aulas, ou o que estavam fazendo enquanto *tweetavam*. Este tipo de publicação é uma das mais observadas nesta plataforma, pois antes da revitalização da interface do *Twitter*, o campo para o internauta inserir um comentário apresentava a frase “o que você está fazendo agora?”, o incentivando, assim, a publicar sobre seu cotidiano.

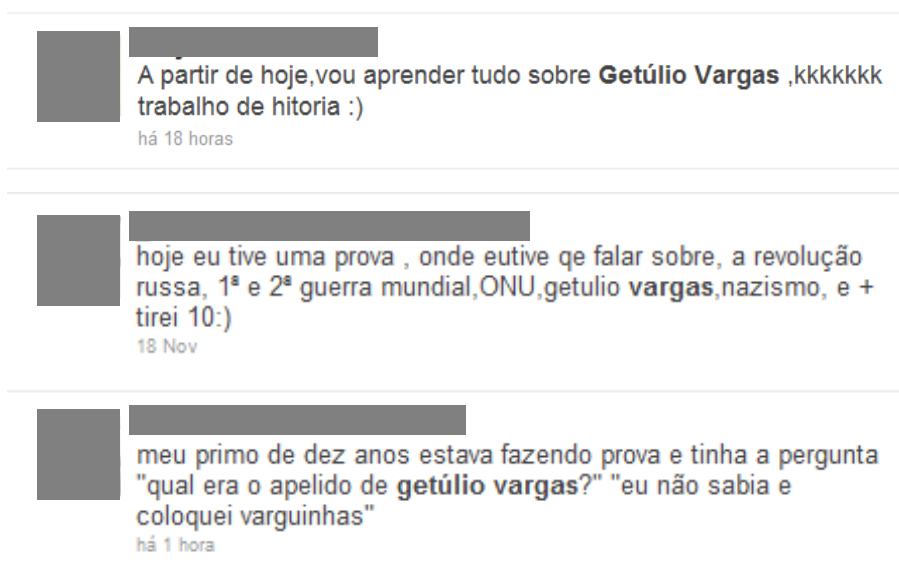


Figura 65 – *Tweets* sobre o cotidiano escolar.

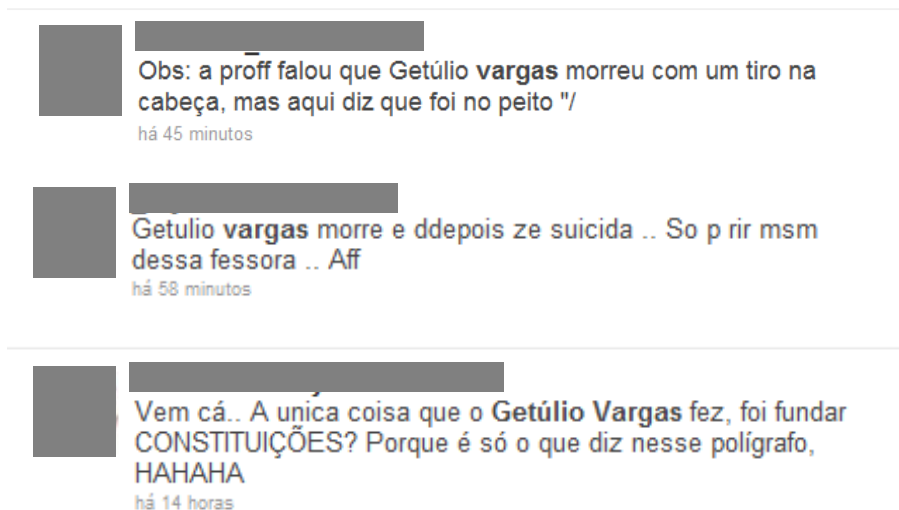


Figura 66 – *Tweets* contendo constatações sobre os professores e materiais didáticos.

Alguns estudantes comentavam as frases ditas por seus professores em sala de aula, ou contestavam as informações de livros e polígrafos. Aqui, percebemos o equívoco de um

professor sobre a história de Getúlio Vargas, ao mencionar que este morreu devido a um tiro na cabeça, pois o correto é que o tiro foi disparado contra o peito, na direção do coração. O descontentamento e a comicidade dos alunos revelaram-se por meio da utilização das expressões *Aff*, “/” e *HAHAHA*.

Localizamos poucos comentários de internautas afirmando que apreciam o estudo sobre a história do Brasil na época de Getúlio Vargas, ou sobre sua biografia. O sentimento de apreço é observado nos exemplos a seguir, pela complementação das frases com caracteres simbólicos expressando tal emoção, tais como **-**, **--** e **o**, que significa “olhos brilhando/fascinados/felizes”; *<3*, que significa amor e *:D*, que significa um grande sorriso.



Figura 67 – *Tweets* declarando apreço por estudar Getúlio Vargas.

Na categoria 2, compreendemos que a maioria dos internautas ainda está cursando o ensino fundamental, o que nos leva a supor que estes possuem idades entre 10 e 15 anos. Desta forma, os internautas utilizavam-se do *microblog* para estabelecer diálogos ou publicar comentários aos seus seguidores sobre sua vida escolar. Tal fato também explica-nos o porquê de a frequência desta qualidade de postagem diminuir significativamente nos meses de janeiro e fevereiro.

Uma das peculiaridades próprias do *Twitter* foi amplamente percebida: a reclamação. A insatisfação com a rotina, a vida ou algum fato desagradável é muitas vezes expressada nesta plataforma, atuando como uma forma de desabafo. Os internautas apenas reclamam, não direcionam suas reclamações, mas sabem que alguém irá tomar conhecimento de tal circunstância. Porém, esta prática própria do *microblog* não serve apenas para desabafo, ou para chatear os seguidores do perfil. As reclamações no *Twitter* estão revelando-se uma importante arma dos consumidores insatisfeitos com algumas marcas, produtos ou serviços.

Nas palavras de Souza (2012, *online*), “reclamar no *Twitter* é mais eficaz que o Procon”. Contudo, compreendemos que as reclamações não se referiam à figura de Getúlio Vargas, mas ao fato de os alunos não apreciarem sua rotina escolar, o que envolve o estudo da história do Brasil, e por consequência, a história do ex-presidente.

A terceira categoria compreende *tweets* contendo assuntos variados, relacionados a Getúlio Vargas, contabilizando 15% do total das publicações. Visualizamos, publicações dos mais diversos tipos, tais como: o time de futebol de Getúlio Vargas, moedas com a sua face, livros e documentários sobre sua biografia, a atuação de Tony Ramos na gravação de um filme que relatará os últimos dias do ex-presidente, vídeos de jingles da Era Vargas, parentescos, explanações sobre a Carta Testamento, estátuas do ex-presidente, vídeos de sua época, sua relação com a cidade de São Borja, viagens, sonhos, entre outros assuntos.

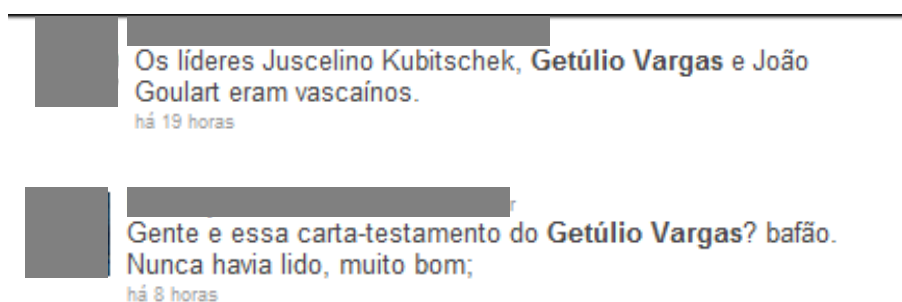


Figura 68 – *Tweets* com assuntos variados.

Nesta categoria, foram consideradas as publicações que expressavam opiniões sobre Getúlio Vargas, mas que não demonstravam se eram comentários apreciativos ou depreciativos. Também percebemos que alguns internautas apenas publicavam o nome de Getúlio Vargas juntamente com outro político, assim como o exemplo da Figura 69, que o mencionou juntamente com Adolf Hitler, mas não expressou o que os dois ex-presidentes possuem em comum, em sua opinião.

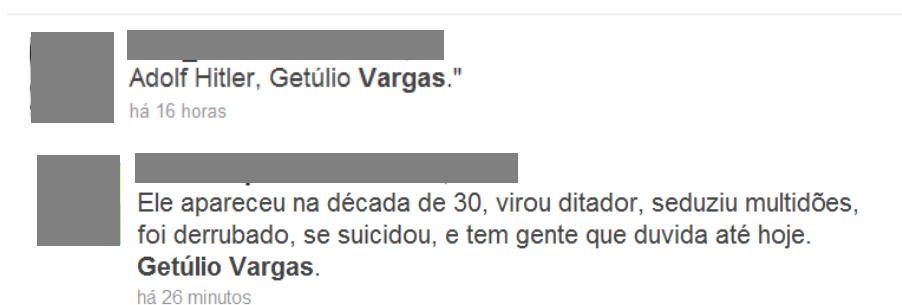


Figura 69 – *Tweets* com assuntos variados.

Percebemos que os internautas publicaram imagens relacionadas a Getúlio Vargas, utilizando o *Twitpic*¹⁷⁷, um recurso do *Twitter* para a publicação de imagens e *tweets*. No exemplo da Figura 70, o internauta compartilhou em seu *Twitpic* uma foto da assinatura de Getúlio Vargas, em um documento que se encontra no arquivo IFRN. É notável as modificações de como as informações estão chegando até nós. Antes da internet, somente o internauta teria acesso a tal documento. No entanto, após o desenvolvimento das tecnologias e de plataformas como o *Twitter*, este pôde tornar público tal informação, e assim, possibilitar que seus seguidores também tivessem acesso a esta.

Ainda nesta categoria, localizamos *tweets* contendo *links* para imagens ou para publicações em outras plataformas, como os *blogs*, o *Facebook* e o *Tumblr*¹⁷⁸. A imagem da Figura 71 foi postada por um internauta, através do *link* de seu *Tumblr*. Esta se trata de uma caricatura sobre Getúlio Vargas e Gustavo Capanema, um de seus ministros, ilustrando a capa da revista *Careta*, de 26 de maio de 1951. Abaixo da imagem denominada “o enxoval”, há uma conversação entre os dois políticos: “Capanema: V. Excia, já escolheu o figurino?; Getúlio: você acha que o modelo 1937 está fora de moda?”. Percebemos que a revista original foi digitalizada e tornada pública através de sua publicação no *Tumblr*, desta forma, o *Twitter* atuou como um meio de divulgação de uma publicação cadastrada em outra plataforma.

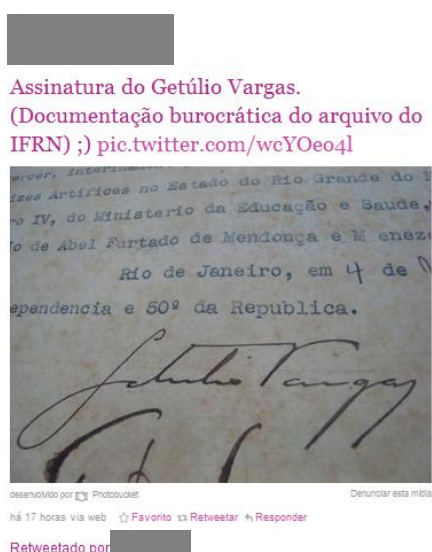


Figura 70 – *Twitpic* com a foto da assinatura de Getúlio Vargas.



Figura 71 – *Tumblr* com publicação sobre Getúlio Vargas.

¹⁷⁷ Disponível em: <<http://twitpic.com/>>. Acesso em: 25 out. 2012.

¹⁷⁸ Disponível em: <<https://www.tumblr.com/>>. Acesso em: 25 out. 2012.

Publicações referentes às conversações contabilizaram 10% dos *tweets*. Nestes, os internautas estabeleceram diálogos onde o assunto era Getúlio Vargas e sua história. As conversações versavam tanto sobre fatos históricos, onde os internautas contavam o que sabiam do fato, quanto sobre as opiniões destes em relação a Getúlio Vargas. Como já afirmamos anteriormente, as conversações podem ser percebidas devido ao uso do “@”, indicando que tal publicação destinava-se a um determinado perfil no *Twitter*. Também percebemos tal aspecto através da utilização do recurso RT, onde o internauta responde a um *tweet* copiando-o e adicionando tais caracteres, juntamente com sua resposta. No exemplo a seguir, o internauta respondeu ao *tweet* “alguém me atualiza dos fatos do dia?”, com a constatação: “O Getúlio Vargas morreu”. Tal publicação lembra-nos o *post* A das análises referentes aos *blogs*. Estas duas publicações expressavam ironicamente a morte de Getúlio Vargas como algo atual. O *post* do *blog* noticiava a morte de Getúlio Vargas como um furo jornalístico, já o *tweet*, considerava tal evento como um “fato do dia”.



Figura 72 – *Tweets* contendo conversações.

Em suma, compreendemos que o *Twitter* proporcionou aos internautas a possibilidade de conversação em tempo real. Conversas e opiniões sobre a história e Getúlio Vargas

ganharam proporções maiores com o *microblog*, pois o diálogo estabeleceu-se independente da distância geográfica dos internautas, e sem a necessidade da presença física destes. Além disso, tais conversações tornaram-se públicas no *Twitter*, o que permitia a qualquer usuário que possuísse um perfil em tal plataforma, acompanhar o diálogo e, até mesmo, participar, expressando suas considerações. Notamos também que alguns internautas apenas expunham o fato de estarem falando sobre o Getúlio Vargas. Compreendemos que este exemplo de *tweet* também revela o hábito dos internautas de registrarem em seus perfis, as atividades que realizam, enquanto *tweetam*.

A categoria (5) Irônicos contabilizou cerca de 8% do total dos *tweets* analisados. Como já podemos perceber em sua descrição, consideramos em tal categoria as publicações que ironizavam o nome do Getúlio Vargas ou o utilizavam em frases irônicas ou cômicas. Destacou-se *tweets* que realizaram trocadilhos com o sobrenome do ex-presidente. Nestes *tweets*, os internautas utilizaram de sua criatividade para substituir o sentido do sobrenome “Vargas” pela palavra “vagas”.

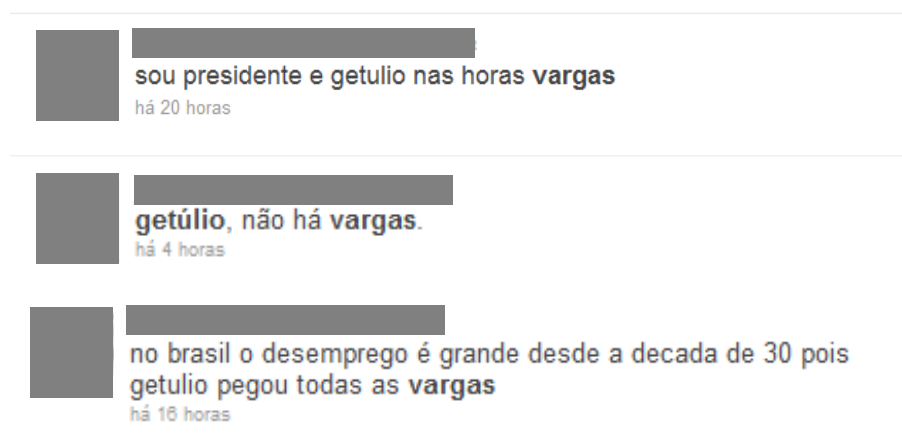


Figura 73 – *Tweets* com o trocadilho entre as palavras “Vargas” e “vagas”.

Também observamos *tweets* variados contendo tom de ironia e comicidade. Alguns comparavam Getúlio Vargas a um Fiat 147, alegando que ambos são “pequeno, feio e morre quando vc mais precisa”, outros questionavam se este faleceu no primeiro ou no segundo mandato. Tal pergunta também foi observada em comunidades irônicas do *Orkut*. Alguns internautas misturavam os fatos históricos e atribuíram a Getúlio Vargas feitos de outras pessoas, como a Proclamação da República. Outros, ainda, ironizavam o time do Palmeiras, alegando que seu último título foi na época de Getúlio Vargas. Neste caso, o ex-presidente é utilizado como forma de determinar um momento do passado.

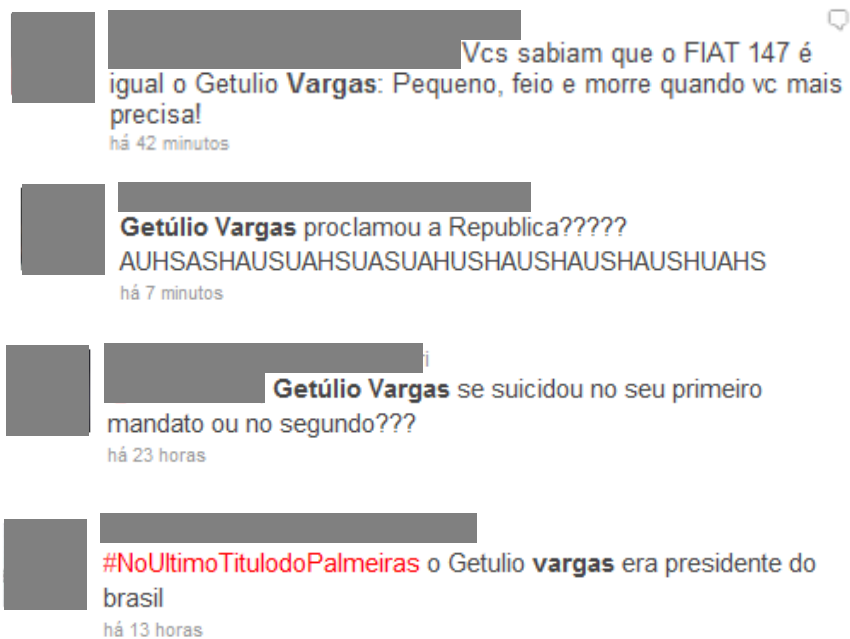


Figura 74 – *Tweets* irônicos.

Publicações sobre datas históricas contabilizaram 6%. Em tal categoria, percebemos que os internautas relembavam no *Twitter*, o acontecimento histórico ocorrido no referido dia, porém em outros anos.

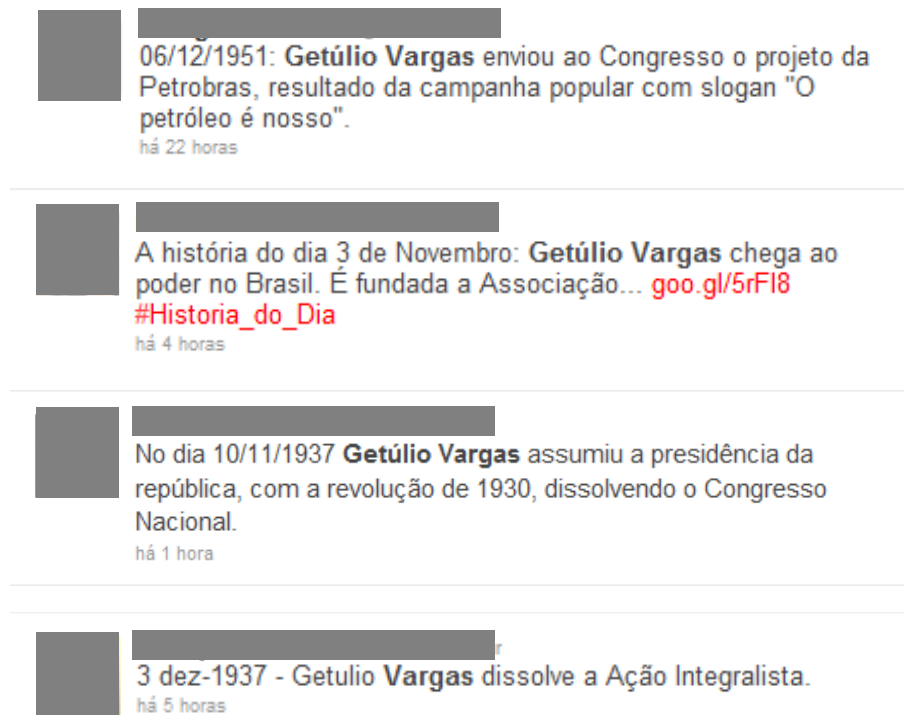


Figura 75 – *Tweets* sobre datas históricas.

Anteriormente, apresentamos os dias 03 e 10 de novembro e os dias 03 e 06 de dezembro, como exemplos de lembranças sobre fatos importantes. Tais datas referem-se ao envio do projeto “o petróleo é nosso” ao congresso, a implantação do Governo Provisório e do Estado Novo e o fim da AIB – Ação Integralista Brasileira. A promulgação de Decretos Leis também foi recordada. Dessa forma, compreendemos que no *Twitter* sucedeu-se uma calendarização, onde os internautas lembravam aos seus seguidores, fatos históricos que aconteceram em determinado dia, na época de Getúlio Vargas.

Os fatos históricos publicados no *microblog* somaram 5% do total das publicações. Nesta categoria, os internautas expressavam alguns episódios que compuseram a história de Getúlio Vargas. Tendo a disposição apenas 140 caracteres, os internautas publicaram fragmentos históricos, resumindo um episódio ou apenas publicando um fato breve. Percebemos a publicação de citações de livros ou de sites, onde os internautas compartilhavam com seus seguidores, algumas informações que consideraram, de algum forma, relevantes para serem publicadas no *Twitter*. Outros internautas expressavam em seus perfis a sua versão dos fatos, como se estivessem contando a história de Getúlio Vargas na *Timeline*. As curiosidades históricas também foram citadas e *retweetadas*.

No exemplo da Figura 76, um internauta utilizou as aspas, para compartilhar uma publicação de outro perfil, contendo a informação de que foi Getúlio Vargas “quem determinou que as escolas de samba contassem a história do Brasil nos enredos”. De acordo com Levine (2001, p. 73), entre os anos 30 e 40, as escolas de samba “passaram a ter dinheiro do governo”, e em “1933, o pessoal do Morro do Salgueiro esteve ameaçado de ser despejado. Quem assumiu a liderança da comunidade foi a Escola de Samba, que procurou Vargas e ele, esperto, garantiu a continuidade da favela”. Em 1937, o ex-presidente instaurou um Decreto, “obrigando o enredo da Escola de Samba a só falar de temas históricos e patrióticos” (SCHMIDT, 1997, p. 278). Compreendemos que neste *tweet*, um fato histórico é contado, porém, de modo diferenciado, pois ao lermos tal publicação, poderíamos compreender que todas as escolas de samba eram regidas pelo referido Decreto-Lei. No entanto, este se referia apenas ao Salgueiro.



Figura 76 – *Tweets* sobre fatos históricos.

A categoria sobre política contabilizou 4%. Nesta, consideramos as publicações que mencionavam Getúlio Vargas com outro político de nossa atualidade, com o governo brasileiro vigente ou com partidos políticos.

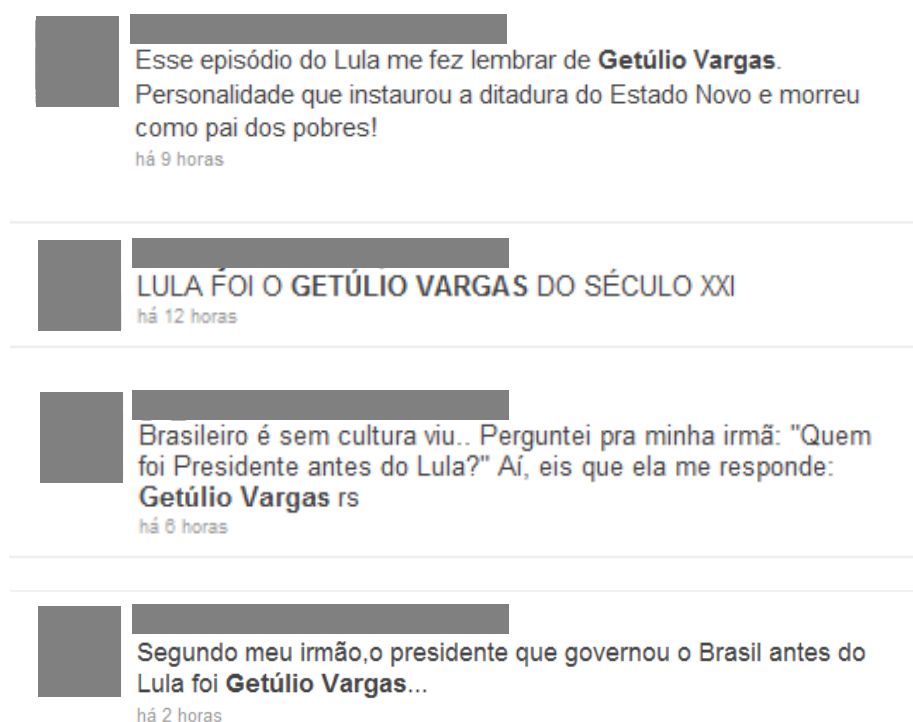


Figura 77 – *Tweets* sobre Lula e Getúlio Vargas.

Assim como nas demais redes sociais, no *Twitter* houve uma intensa publicação comparando Getúlio Vargas à Lula. Ressaltamos um fato instigante observado no exemplo da Figura 77. De acordo com alguns internautas, pessoas de sua família acreditavam que o Presidente que antecedeu Lula na Presidência da República foi Getúlio Vargas. É como se a memória política do brasileiro desconsiderasse 50 anos de história, lembrando-se apenas do Presidente que governou até 1954 e do Presidente que governou entre 2003 e 2010.

Também se sobressaíram publicações referentes ao ministro Carlos Lupi, pois repercutiu amplamente no *Twitter*, o fato de o ministro se comparar ao ex-presidente. Percebemos em tais publicações, a tentativa de alguns políticos de se utilizarem da figura de Getúlio Vargas em benefício próprio. No entanto, no exemplo do ministro Carlos Lupi, visualizamos *tweets* contendo a repercussão negativa de tal comparação, onde os internautas não concordavam com as palavras de Lupi, refutando tal comparação. Estes deixaram claro, que a grandiosidade de Getúlio Vargas não poderia ser comparada a tal político. Alguns deles sugeriram que, se Lupi desejava ser comparado com o ex-presidente, o ministro deveria sair do governo de forma honrosa: “à bala”.

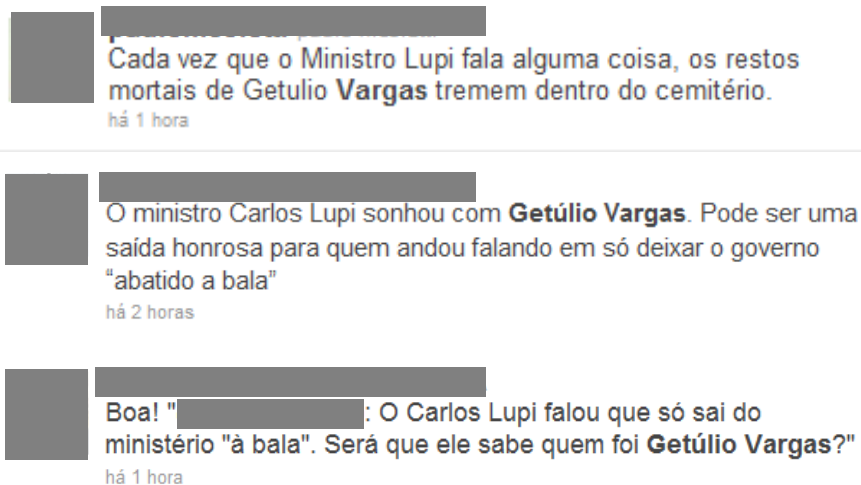


Figura 78 – *Tweets* sobre Getúlio Vargas e Carlos Lupi.

Tweets referentes às ações governamentais somaram 3%. Esta categoria abordou as publicações que mencionaram ações realizadas durante os governos de Getúlio Vargas. Destacaram-se os benefícios referentes aos trabalhadores, como o 13º salário, férias e fundo de garantia. Os internautas que se preparavam para gozar suas férias, ou que recebiam seu 13º salário, lembravam que tal direito foi assegurado por Getúlio Vargas. Outros destacaram que

esses direitos existem, graças ao ex-presidente. Em suma, os internautas reconheceram os benefícios usufruídos no presente, graças às ações realizadas por Getúlio Vargas no passado.



Figura 79 – *Tweets* sobre ações do governo Vargas.

Constatamos a presença de publicações que expressavam sentimentos relacionados a ódio ou desaprovação pela figura de Getúlio Vargas, contabilizando 2% dos *tweets*. Nestes, os internautas publicavam seus sentimentos negativos, sendo que a maioria não expunha o porquê de tais constatações. Na ausência de uma explicação mais embasada, não há como sabermos se o ódio relacionado a Getúlio Vargas advém da repulsa pela sua figura, ou pela repulsa aos estudos referentes a este. Outros internautas argumentavam que Getúlio Vargas estragou a federação, que este era a “Mãe dos Ricos”, uma contraposição à identidade de “Pai dos Pobres”. Mostrou-se, então, a opinião daqueles que acreditavam no lado maquiavélico do ex-presidente, dando maior relevância ao seu aspecto ditatorial.

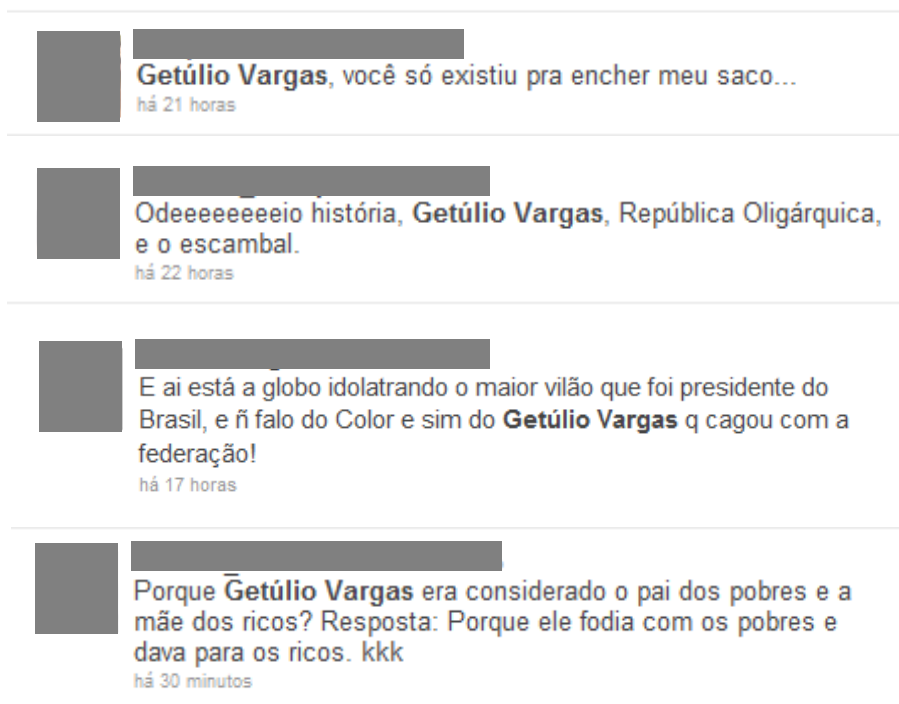


Figura 80 – *Tweets* com tom de ódio e desaprovação a Getúlio Vargas.

Publicações referentes a sentimentos de amor e aprovação também contabilizaram 2%. No entanto, estas publicações se mostraram mais convictas de suas posições. Os internautas desta categoria eram convictos de que Getúlio Vargas foi o melhor Presidente do Brasil, realizando comparações deste com outros Presidentes, tais como Fernando Henrique Cardoso e Juscelino Kubitschek. Argumentavam o apreço pelo ex-presidente, afirmando que este foi “o cara”. Visualizamos alguns *tweets* afirmando que, apesar de Getúlio Vargas ter sido um ditador, e que muitas vezes abusou do poder e da censura, este pode ser considerado um bom Presidente, pois trabalhou para o desenvolvimento do país.

Nesta categoria também foram considerados os comentários saudosos com relação à época de Getúlio Vargas. Alguns internautas afirmavam que sentiam saudades deste tempo, revelando que vivenciaram os anos em que Getúlio Vargas governou. Outros nasceram posteriormente a tal época, o que consideravam um fato lamentável, pois afirmavam: “queria ter vivido na época de Getúlio Vargas”. O saudosismo aqui compreende tanto pessoas mais maduras, quanto pessoas mais jovens. Deste modo, a perspectiva transmitida, é que o período entre os anos 1930 e 1954 foi uma época melhor que a nossa atualidade.

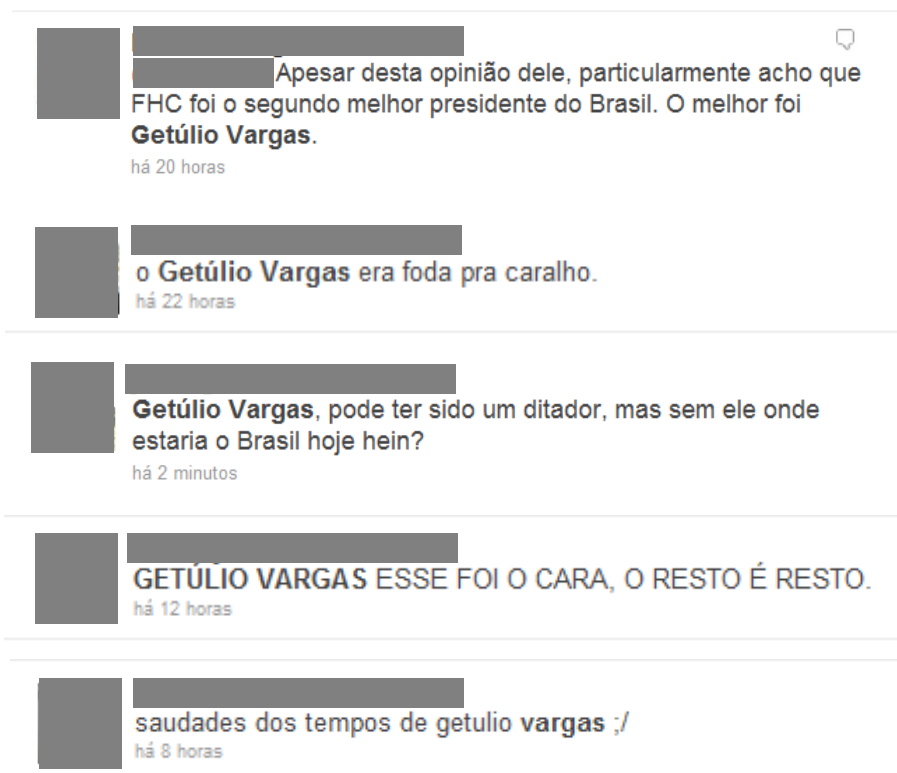


Figura 81 – *Tweets* com tom de amor e aprovação a Getúlio Vargas.

Apesar de ser a categoria menos destacada em relação à quantidade de publicações analisadas, os *tweets* relacionados à família, referentes a 1%, mostraram-se essenciais para as nossas análises. Isto se dá, porque compreendemos através dos comentários, que as informações e os sentimentos referentes ao ex-presidente são passados de geração em geração. Aqui, os internautas citam os avós, pessoas que vivenciaram a época de Getúlio Vargas, e através de suas lembranças, estes transmitiam para a sua família, seus imaginários sobre o ex-presidente. As publicações mencionavam que avós e netos conversam sobre a época de Getúlio Vargas, sendo que os avós foram considerados como fonte de pesquisa. Valorizou-se, então, a sabedoria do ancião da família, aquele que teve a oportunidade de presenciar um período histórico, e assim, pôde transmitir aos demais o que se passou em tal época, pois ele “estava lá”. Os avós também transmitiram suas opiniões sobre Getúlio Vargas, uma opinião relevante, visto que não foi construída com base em leituras de livros ou de outras fontes, mas formou-se devido à experiência pessoal destes.



Figura 82 – *Tweets* relacionados à família.

Também localizamos publicações de internautas relatando que seus avós lhes presentearam com algum objeto ou documento, relacionado ao ex-presidente. Visualizamos na Figura 83, o exemplo de um internauta eufórico por ter sido presenteado por seu avô, com um jornal do ano de 1954, noticiando a morte de Getúlio Vargas. A euforia é percebida pela maneira como este expressa o fato: “cara, vocês têm noção [...]”. Entendemos tais objetos como os “suportes míticos” de Morin (1989, p. 65), sendo que estes são transmitidos de um familiar para o outro, mostrando um sentimento de adoração a tal material. Neste exemplo, tal elemento se mostra valioso, pois é um registro original da época de Getúlio Vargas. Compartilhando com seus seguidores tal elemento, o internauta argumenta seu valor, ao destacar a data “Pôrto Alegre, 24 de agosto de 1954”, demonstrando assim, que o material foi guardado e conservado por sua família.

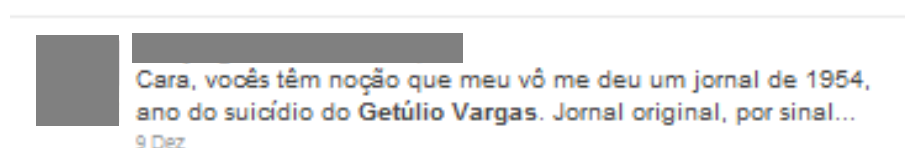


Figura 83 – *Tweet* relacionados a um jornal da época de Getúlio Vargas.

pic.twitter.com/9OoXwWoO



Figura 84 – Twitpic relacionados a um jornal da época de Getúlio Vargas.

Em suma, compreendemos que o *Twitter* apresentou uma ampla gama de assuntos e contextos em que Getúlio Vargas foi percebido. Em alguns *tweets*, o ex-presidente foi o tema central da publicação, em outros, era citado como parte integrante do contexto mencionado. A categoria das frases, que mais se destacou em número de *tweets*, demonstrou claramente tal aspecto. Isto é, as frases se referiam a trechos de música, onde o contexto era, basicamente, o ato do suicídio e o orgulho do Rio Grande do Sul. Tais assuntos possuem uma íntima relação com Getúlio Vargas, e, portanto, este foi citado nas referidas publicações. Tanto no suicídio quanto no orgulho gaúcho, o ex-presidente foi mencionado dentre uma lista de outros ícones históricos. Ao suicidar-se, passou a pertencer a um seletivo grupo composto por Chatterton, Kurt Cobain, Cleópatra, entre outros. Ao ser um político gaúcho que orgulha seu estado, passou a pertencer ao grupo de Flores de Cunha e Borges de Medeiros. Apenas dois *tweets* mencionavam o orgulho do são-borjense por ser conterrâneo de Getúlio Vargas.

As adaptações dos ditados populares demonstram a comicidade que é facilmente percebida no *Twitter*. Neste estudo, os internautas adaptaram ditados já existentes ou construíram ditados novos, tendo a história e a postura de Getúlio Vargas como referência. No entanto, são nos trechos de sua Carta Testamento e em suas frases emblemáticas que Getúlio Vargas mostrou-se, não só como o tema central da publicação, mas como um exemplo de conduta e sabedoria. Se tratando do suicídio do ex-presidente, a frase “saio da vida para entrar na história” é o trecho mais popularizado e mencionado, tanto em livros e revistas, quanto em publicações na internet sobre tal fato. O que não poderia ser diferente no

Twitter, pois os internautas publicavam esta, que é a sua frase mais simbólica e que resume, de certo modo, a postura de Getúlio Vargas. Suas frases emblemáticas mostraram-se, também, como exemplos de sua perspicácia, pois este se utilizou de metáforas e analogias, para transmitir uma importante ideia.

Getúlio Vargas não era o tema central das publicações sobre a vida estudantil dos internautas. O ex-presidente se fez presente em tais *tweets*, porque integrava a rotina de estudos dos autores destes. Foi a rotina de estudos e o cotidiano escolar o tema que se caracterizou como o eixo central de tais publicações. Sendo a história, uma das disciplinas que compõe tal rotina, logo, Getúlio Vargas também foi mencionado nesse contexto. Nesta especificidade de *tweets*, percebemos mais nitidamente, o gorjeio de pássaros apresentado por Maffesoli (2012a). O autor acredita que no *Twitter*, as pessoas comuns falam sobre sua vida comum, sobre a sua rotina, sobre seu cotidiano. É este conhecimento comum que devemos valorizar e observar, sem os conceitos fechados e racionalistas dos iconoclastas, segundo o autor.

Na categoria sobre as conversações, percebemos que o modelo de conversa aqui analisada é próprio desta plataforma, pois se tratou de uma conversa dinâmica e na maioria das vezes em tempo real. Também se tratou de uma conversa pública, porque pôde ser acompanhada pelos seguidores dos autores de tal conversação. Como o intuito do *microblog* são os registros atuais, não revelando diálogos muito antigos, esta conversação é efêmera, são conversas momentâneas. Getúlio Vargas, nestes *tweets*, mostrou-se como o tema norteador do diálogo, onde os internautas trocavam opiniões, conversavam, divergiam e compartilhavam com o outro, algum conhecimento sobre a história do ex-presidente, suas ações governamentais ou sobre seu ponto de vista em relação a sua figura. Conversando, os internautas faziam sociedade, ao passo que refletiam a sua história e a sua política. Dialogavam, discutiam e se comunicavam, e assim, se compreendiam.

Não localizamos a utilização de *#hashtags* como indexadores de conversações sobre o Getúlio Vargas. Tais conversas foram identificadas por meio de outros recursos, como o @, o RT e as aspas. Apenas nos *tweets* irônicos, relacionados ao time do Palmeiras, identificamos a utilização da *#hashtags* para tal conversação, no entanto, o tema da conversa não era o ex-presidente, mas os times de futebol.

As datas históricas compuseram uma calendarização, ou seja, um calendário histórico nutrido pelos internautas. No *Twitter*, as datas importantes que ocorreram no período dos quatro meses analisados foram rememoradas, bem como o dia 24 de agosto foi amplamente lembrado nos *blogs*. Pode-se dizer que, no aniversário dos episódios históricos, os internautas

relembavam tal evento nas redes sociais, transmitindo o conhecimento de como se deu tal fato. Sendo assim, a história do Brasil e de Getúlio Vargas foi trazida ao presente, rememorada e recontada. Além disso, esta lembrança se dá de forma programada, por meio das datas.

Assim como nas publicações das datas históricas, os fatos históricos foram transmitidos através das palavras dos próprios internautas. Estes traduziam a história para uma linguagem mais coloquial e atual, adaptando a escrita dos livros para a linguagem própria do *Twitter*. Contudo, nesta tradução, os internautas expressavam o seu ponto de vista sobre determinado acontecimento, contando tais episódios através de sua percepção. A adaptação da linguagem também pôde ser percebido nos *tweets* referentes às ações governamentais. No entanto, neste tipo de publicação, percebemos que, além da lembrança do fato, houve um reconhecimento por parte dos trabalhadores, dos benefícios usufruídos no presente, graças a Getúlio Vargas. Nas últimas três categorias, percebemos que a história e a razão foram direcionadas para um segundo plano, dando vazão à emoção dos internautas. Estes demonstraram seus sentimentos e seu julgamento, sobre a figura de Getúlio Vargas.

A linguagem desta plataforma também se mostrou peculiar. Como sua funcionalidade só permite a publicação de frases contendo 140 caracteres, os internautas adaptaram suas ideias e suas falas, sintetizando-as para que pudessem, assim, ser publicadas dentro dos limites permitidos pelo *Twitter*. A utilização de caracteres que expressavam emoções e sentimentos, também foi amplamente percebida, demonstrando a linguagem utilizada nas conversações de internet, onde os internautas compartilhavam o conhecimento de que <3 significa amor/carinho, :@ significa ódio/raiva, *-* significa fascínio/admiração/felicidade, “/ significa chateação, =) significa alegria/sorriso, =(significa tristeza, :* significa beijo, :(significa choro/lágrimas, entre tantas outras expressões que puderam ser observadas nas redes sociais. Em suma, quando o internauta optava pela utilização de apenas dois caracteres, como =), sabíamos que expressava alegria, sem a necessidade deste nos informar isso através da descrição de seu sentimento. Foi a utilização de tal recurso que nos permitiu compreender o sentido e a entonação em diversos *tweets* analisados, pois interpretamos e compreendemos as “estratégias textuais”. As onomatopeias como *shuahsuahsuha*, *kkkkkkk*, *Aff*, *HAHAHAHAHA* entre outras, também nos auxiliaram em tais interpretações (RECUERO, 2012, p. 47).

Percebemos que os internautas utilizaram uma linguagem mais coloquial e informal, o que nos é exemplificado por meio do uso frequente de palavrões no material analisado. Erros de português e de digitação também foram amplamente percebidos, demonstrando que a maioria dos internautas não prezava por uma escrita correta, eles apenas desejavam se

expressar e conversar. Tal fato também pode ser justificado devido à efemeridade das publicações no *Twitter*. Nos *blogs*, os palavrões não foram percebidos, e os erros ortográficos e de digitação não se destacaram. Podemos dizer que a escrita em tal plataforma foi melhor pensada e desenvolvida, porque os *blogueiros* constituíam-se de pessoas instruídas sobre a história, de uma forma geral, e porque tal publicação permanece a disposição no ciberespaço, por um amplo espaço de tempo, para serem lidos e observados. Já as publicações do *Twitter* são fugazes, pois a estrutura da *microblog* é voltada à dinamicidade das publicações e conversações. O *Twitter* refere-se ao agora, ao presente, às notícias recentes.

Enfim, após a análise do material selecionado nas quatro redes sociais, percebemos que alguns elementos se fizeram presentes em todas as plataformas analisadas. Tal fato nos levou a compreender que, apesar das diferentes peculiaridades e especificidades de cada uma delas; a conversação, de uma forma geral, norteou-se nos mesmos temas.

O primeiro deles, e o mais percebido nas análises, é a dicotomia amor vs. ódio. Compreendemos tal dicotomia dividindo os internautas entre aqueles que consideravam o ex-Presidente um ditador maquiavélico e aqueles que o consideravam o melhor Presidente do Brasil. Ou, ainda, aqueles que o consideravam o “Pai dos Pobres” e aqueles que o consideravam a “Mãe dos Ricos”.

No entanto, também percebemos internautas que admitiram que Getúlio Vargas foi um ditador “mas” que, “apesar disso”, pode ser considerado o melhor Presidente do país. Alguns internautas que apreciavam Getúlio Vargas admitiam que as argumentações daqueles que o repulstavam eram verídicas, mas tais constatações não se mostraram relevantes para estes, perante o apreço e a admiração pela figura do ex-presidente e por suas ações. Já os internautas detentores de uma visão negativa, enfatizavam tal aspecto, desconsiderando as argumentações em defesa de Getúlio Vargas. Poucos foram os que admitiram que ele proporcionou o desenvolvimento do Brasil, mas ainda assim, foi um ditador. O contexto ditatorial foi posto em questão, onde os internautas nos levaram a refletir, se há a possibilidade de existir um “ditador do bem”. Se um governo ditatorial pode ser bom para o país e para os brasileiros, ou se o simples fato de existir a ditadura, e por consequência, a censura e a repressão, já implica algo negativo.

Nesta dicotomia, compreendemos que uma das principais características de Getúlio Vargas, ou seja, ser uma incógnita indecifrável, ainda se fez presente. Ele foi percebido nas publicações analisadas, como herói e assassino; perseguidor e perseguido, ditador e democrático. As visões dos internautas mostravam seus dois lados antagônicos, fazendo-nos perceber que é uma tarefa impossível compreendê-lo e categorizá-lo. Assim, os internautas

que publicavam e comentavam, optavam pela defesa de um de seus lados, isto é; os que o amavam o consideravam como um herói, como o “Pai dos Pobres”, os que o odiavam, defendiam que ele foi um ditador maquiavélico, a “Mãe dos Ricos”.

Outro tema observado foi a definição de Getúlio Vargas como um estadista, essencialmente percebido nas descrições das páginas do *Facebook* e das comunidades do *Orkut*. Deste modo, notamos que nestas plataformas, a imagem de Getúlio Vargas era propagada como o Presidente do Brasil que soube pensar o Estado, independente de suas fraquezas ou limitações. Além disso, para Pereira (2009, *online*), “o estadista é o dirigente político que [...] tem a visão antecipada do momento histórico que seu país ou sua nação está vivendo e tem a coragem de enfrentar o velho em nome do novo”. É aquele que transforma o povo “em uma Nação não apenas formal, mas real”. Também possui o controle “direto do poder político”, condição necessária para a consolidação do Estado-Nação. O autor afirma ainda, que um estadista é “sempre um político com qualidades extraordinárias de inteligência”. Contudo, esta não é uma característica isolada, pois para ser considerado um estadista, tal político necessita atuar em um momento histórico e de transformações em seu país. Desta forma, compreendemos que Getúlio Vargas foi lembrado como um estadista, porque possuía uma visão de futuro e progresso para o Estado. Era detentor de uma inteligência e perspicácia ímpar, revelando-se no cenário político nacional, em um momento histórico decisivo, que desencadeou uma profunda transformação, pois o Brasil transformou-se de República Velha, em um governo populista.

Seguindo as percepções de Barabási (2009), observamos que a noção de *hub* apresentou-se nas quatro plataformas. Nas publicações sobre os assuntos variados, percebemos a capacidade de Getúlio Vargas de se fazer presente em diversos contextos. Deste modo, podemos compreender que o ex-presidente apresentou-se como um *hub* político e histórico. Um *hub* político, porque participou da trajetória política de diversas pessoas. Um *hub* histórico porque se fez presente em muitos episódios brasileiros importantes. A compreensão de tal aspecto pôde se dar, porque o ex-presidente demorou-se demasiadamente no poder, logo, teve várias oportunidades de conviver politicamente com diversas pessoas e, por conseguinte, participar de diversos fatos. A história, a política, e a economia brasileira, são profundamente relacionadas a Getúlio Vargas, logo, este foi relacionado com o cotidiano e as memórias da população. Pensando em rede, Getúlio Vargas, ao longo dos anos que permaneceu no poder, fortaleceu e desenvolveu diversos *links* e conexões.

Os *hubs* também se constituíram de páginas e comunidades. A cada dia, percebemos o aumento no número de fãs da página mais acessada do *Facebook*, enquanto o número de fãs

de outras páginas com menor destaque não apresentou modificações significativas. Tal diferenciação também foi percebida no número de membros das comunidades do *Orkut*. Compreendemos este aspecto, através das palavras de Barabási (2009, p. 79), ao afirmar que a “popularidade é atrativa”, isto é, quanto mais *links* um nó possui, maiores as chances de ele adquirir novos *links*. Assim, os internautas priorizaram a página e a comunidade mais relevantes, destacando-as das demais.

Compreendemos a presença de outro tema, por meio das palavras de Jenkis (2010): a narrativa “transmidiática”. Tal fato se deu à medida que percebemos a convergência de plataformas distintas, utilizadas em prol de um mesmo objetivo, isto é, transmitir aos internautas conteúdos sobre Getúlio Vargas. Plataformas como o *YouTube* e o *Tumblr* não foram consideradas na coleta de dados, no entanto, também se fizeram presentes nos materiais analisados, pois eram publicadas e compartilhadas nestes. As plataformas analisadas também se retroalimentaram, ou seja, o *Facebook* foi citado no *Orkut*, os *blogs* foram citados no *Twitter*, entre outras interações.

A calendarização foi percebida em todas as plataformas, ressaltando-se o dia 24 de agosto, o que demonstra a relevância do suicídio de Getúlio Vargas. Aqui chegamos a uma importante descoberta. Qualman (2011) afirma que, com o desenvolvimento da internet e das redes sociais, as pessoas tem cada vez menos necessidade de ir à busca da notícia, pois assinando determinados perfis, as informações chegam até o internauta. Compreendemos que o mesmo processo aplica-se à história, pois quando o internauta seguia determinadas pessoas ou assinava/curtia determinados perfis, por exemplo, este não possuía a necessidade de ir à busca dos livros ou visitar museus e arquivos, para tomar conhecimento de alguns fatos históricos, pois a história era levada até ele. E, assim como as notícias chegam aos internautas à medida que um novo fato acontece, a história lhes foi transmitida de acordo com a data em que cada fato ocorreu. Esta informação não substituiu o livro, mas atuou como um encurtamento da distância entre o internauta e a história.

As frases emblemáticas de Getúlio Vargas foram amplamente percebidas nas quatro redes sociais. Desta forma, a oratória do ex-presidente foi valorizada e resgatada de seu passado, atuando como fonte de inspiração no presente. Getúlio Vargas destacou-se também devido ao seu modo peculiar e sagaz de se comunicar com a população, sendo assim, compreendemos que suas frases se propagaram, se consolidaram e passaram a ser compartilhadas através de diversos perfis do *Twitter*, páginas do *Facebook*, comunidades do *Orkut* e *post* de *blogs*, tornando acessíveis e amplamente públicas, suas ideias e constatações.

Além disso, as palavras que proferiu no passado ainda vigoram e surtem efeitos, se adaptando à atualidade e marcando sua presença no ciberespaço.

As comparações entre Lula e Getúlio Vargas também foram amplamente observadas. O fato de os dois ex-presidentes terem características populistas, com ações governamentais voltadas à população, entre outras especificidades em comum, levaram os internautas a tal comparação. Muitos foram os que afirmaram que Lula é o novo Getúlio Vargas, ou “o Getúlio Vargas do século XXI”. Outros internautas constataram que as ações de Lula remetem às ações de Getúlio Vargas. Porém, há também aqueles que acreditavam que é uma infâmia comparar ambos, alegando que tal comparação seria uma afronta à memória de Getúlio Vargas. Tanto nos *blogs* quanto no *Twitter*, internautas afirmaram que Getúlio Vargas estaria “se revirando no túmulo” ao tomar conhecimento de tal comparação.

O próprio Lula, durante um discurso, afirmou que no início de sua vida política esmerou-se na oposição a Getúlio Vargas. Enquanto Presidente do Brasil, após a insistência de Brizola, dirigiu-se a São Borja para conhecer o túmulo do ex-presidente¹⁷⁹. Em outro discurso, Lula constatou que o Brasil deve muito à coragem de Getúlio Vargas e à sua visão de estado, reconhecendo que este foi um excepcional Presidente do Brasil, apesar das divergências que possuía¹⁸⁰. Nosso intuito não foi verificar semelhanças entre Lula e Getúlio Vargas, mas sim, constatar que, para as pessoas que expressaram suas opiniões nas redes sociais aqui analisadas, estes dois Presidentes tornaram-se ícones políticos, potencializados no imaginário da população, destacando-se perante os demais Presidentes do Brasil.

Na última categoria do *Twitter*, bem como nas outras plataformas analisadas, compreendemos a relevância das lembranças, da sabedoria e dos suportes míticos passados pela família, caracterizando-se como o último tema percebido. Os avôs foram mencionados como fontes históricas e detentores de sabedoria, devido as suas experiências pessoais. Compreendemos, então, que tanto a percepção em relação a Getúlio Vargas, quanto os suportes míticos que pertenciam aos avôs, foi transmitida aos demais integrantes da família. Sendo assim, intuímos que a imagem de Getúlio Vargas foi passada adiante através da memória e das heranças históricas familiares. O “Pai dos Pobres” suicidou-se, mas deixou sua marca na história, na política, na economia, e também, na memória dos seus “filhos”. Estes transmitiram o legado de Getúlio Vargas às gerações posteriores, fortalecendo e nutrindo, a cada data emblemática, a cada suporte mítico e a cada lembrança, este mito.

¹⁷⁹ Ver YOUTUBE, 2010c, *online*.

¹⁸⁰ Ver YOUTUBE, 2010d, *online*.

Acreditamos que a maior parcela dos autores dos comentários era verdadeira, ou seja, não se utilizavam de pseudônimos ou identidades falsas para participarem da conversação, com exceção dos *fakes* históricos. Compreendemos tal fato, porque percebemos que as publicações norteavam-se nas pessoas. Isto é, os internautas publicavam sobre a sua rotina, os seus estudos, os seus gostos, seus sentimentos, suas lembranças e de sua família. No *Twitter* e nos *blogs*, cada participante da conversação pôde expressar sua opinião, contestar ou refutar a opinião alheia. No *Facebook* e no *Orkut*, os participantes interagiam com seus iguais, compartilhando o sentimento de pertencimento ao entregar-se ao outro e à interação. Sendo assim, o fato de tais publicações advirem de uma pessoa real, com convicções e cargas culturais reais, tornou tais interações e conversações fidedignas.

Neste contexto, ressaltamos que um dos diferenciais do *Facebook*, no início de suas atividades, foi impor que seus usuários utilizassem suas informações reais, pois estes somente poderiam realizar um cadastro, informando seu email acadêmico. Percebemos uma mudança de paradigmas, onde os usuários não mais criavam somente identidades fictícias, utilizando-se da internet para viver uma vida inventada, como foi percebido por Rheingold (1996), nas comunidades virtuais no ano de 1993. Mas sim, mostraram-se na rede através de suas verdadeiras identificações. A internet tornou-se um complemento e um fermento para as relações sociais *off-line*, logo, o internauta necessitava entregar-se ao outro, mostrando sua personalidade e seus apreços. Criando um alto grau de intimidade (LEMOS, 2012b), o internauta possibilitava que as interações e as conexões pudessem acontecer, e, por conseguinte, que os laços sociais pudessem fortificar-se ou existir.

5.1.5 Os *fakes* de Getúlio Vargas

Observamos a presença do ex-presidente por meio de perfis *fakes*, localizados no *Facebook* e no *Twitter*. Alguns internautas, apropriando-se do nome e da imagem de Getúlio Vargas, criaram perfis nas redes sociais e os alimentam, passando-se pelo ex-presidente. Ressaltamos que, neste estudo, foram considerados os perfis *fakes* localizados durante o período da coleta de dados, que utilizavam o nome de Getúlio Vargas.

Um perfil *fake* em redes sociais nada mais é do que um internauta que cria um perfil, utilizando-se do nome e da imagem de outra pessoa. A palavra *fake* advém do inglês, referindo-se a algo falso, ou a uma falsificação. Legalmente, os *fakes* são explanados no Código Civil e no Código Penal. De acordo com o artigo 19, presente no capítulo “os direitos

da personalidade” da Lei 10.406 do Código Civil¹⁸¹, “o pseudônimo adotado para atividades lícitas goza da proteção que se dá ao nome”. Já segundo o artigo 307 do Decreto-Lei 2.848 do Código Penal¹⁸², “atribuir-se ou atribuir a terceiro falsa identidade para obter vantagem, em proveito próprio ou alheio, ou para causar dano a outrem” acarreta “detenção, de três meses a um ano, ou multa, se o fato não constitui elemento de crime mais grave”. Neste estudo, não observamos crimes de identidade falsa por meio de *fakes*. Estes atuaram como uma forma de homenagem ou sátira da imagem de Getúlio Vargas, não causando danos ou obtendo proveitos e vantagens.

O *Twitter*¹⁸³ também possui diretrizes para a elaboração de perfis *fakes* em sua plataforma, denominadas “Diretrizes para contas de paródia, crítica e de fã”. De acordo com o *microblog*, a fim de evitar denúncias e extinções de perfis, recomenda-se que o internauta deixe claro que o criador do perfil “não é, na verdade, a mesma pessoa ou entidade do alvo da paródia/crítica”. A plataforma sugere que seja elaborada uma diferenciação para tais perfis, apresentada no nome ou em sua descrição, como a adição da palavra *fake*, fã ou interpretação. Em se tratando de um perfil *fake* de um personagem histórico já falecido, tal distinção não se faz necessária. No *Facebook*, há cerca de 83 milhões de perfis *fakes*, significando 8,7% do total de perfis cadastrados¹⁸⁴. Para a referida plataforma, tais perfis, assim como os perfis duplicados, ou seja, mais de um perfil por usuário; são indesejáveis. A fim de abolir os usuários fantasmas, o *Facebook* passou a excluir milhares de páginas e perfis *fakes*¹⁸⁵.

Após a coleta e análise dos dados, localizamos 15 perfis *fakes* de Getúlio Vargas no *Facebook*, dentre estes, perfis que apresentaram informações verídicas sobre o ex-presidente e outros que apresentaram informações falsas. Também observamos perfis que misturam informações verdadeiras e falsas. Percebemos, ainda, perfis que apenas cadastraram o nome e adicionaram uma foto de Getúlio Vargas como avatar, prática também observada no *Twitter*. O perfil apresentando na Figura 85 mostrou-se como o mais completo, dentre os perfis analisados. Após observações das informações nele contidas, compreendemos que o referido perfil foi desenvolvido por Lira Neto, escritor de uma biografia de Getúlio Vargas, lançada no ano de 2012. Deste modo, o perfil também atuou como um meio de divulgação de tal obra. O perfil apresentou somente informações verídicas, contemplando todas as informações que o

¹⁸¹ Ver BRASIL. Lei nº 10.406/02, de 10 de dezembro de 2002. Disponível em: <<http://migre.me/c1YX2>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

¹⁸² Ver BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: <<http://migre.me/c1Zw3>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

¹⁸³ TWITTER, 2012b, *online*.

¹⁸⁴ UOLNOTÍCIASTECCNOLOGIA, 2012b, *online*.

¹⁸⁵ RISASTOIDER, 2012, *online*.

cadastro na rede social sugere. Ou seja, em tal perfil, observamos que Getúlio Vargas trabalhou no Palácio do Catete, estudou na Faculdade de Direito em Porto Alegre, é casado, nasceu em São Borja, sua citação favorita é um trecho do jingle *O Retrato do Velho* e que Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e outros personagens históricos lhe inspiram. Neste perfil, também foi observado o cadastro de família, contemplando seus pais, sua esposa e filhos.



Figura 85 – Perfil de Getúlio Vargas no *Facebook*.

Alguns internautas utilizaram o referido perfil para parabenizar Getúlio Vargas por seu aniversário, ocorrido no dia 19 de abril. Um dos internautas publicou um trecho da música *Parabéns pra você*. Outro, felicitou Getúlio Vargas, chamando-o por seu apelido, e recordando-lhe para não “brincar com arma de fogo”. Apesar da noção de que não seria Getúlio Vargas quem visualizaria tais comentários, os internautas publicaram suas felicitações, direcionando-as ao ex-presidente, e não ao responsável pela página.



Figura 86 – Publicações dos internautas no perfil de Getúlio Vargas no *Facebook*.

O responsável pelo perfil publicou conteúdos e informações, passando-se por Getúlio Vargas. A incorporação do ex-presidente foi percebida, ao observarmos que tais publicações foram apresentadas por meio da perspectiva do próprio Getúlio Vargas. Em uma delas, o ex-presidente publicou um *link*, noticiando que o biógrafo de Padre Cícero também estaria escrevendo sua biografia. Conclui sua explanação, interrogando-se: “o que será que ele vai dizer de mim, que nunca gostei de padres?”. Em outra publicação, postou um vídeo histórico localizado no *YouTube*, sobre a queima das bandeiras estaduais, comentando: “o dia em que queimei as bandeiras de todos os estados brasileiros, em nome de uma Nação única”. Também publicou uma foto sua, ao lado do ex-presidente Juscelino Kubitschek, explanando: “Eu e JK. Quem tinha o melhor sorriso?”. Outro perfil *fake* publicou uma imagem, contendo a foto de Getúlio Vargas e uma de suas frases emblemáticas, afirmando: “belas frases as minhas”. Compreendemos, então, que por meio das palavras “de mim”, “minhas” “gostei”, “queimei”, “eu”, a imagem de Getúlio Vargas tornou-se autônoma, e passou a habitar o ciberespaço, independente do fato de que seu corpo físico não existe mais.

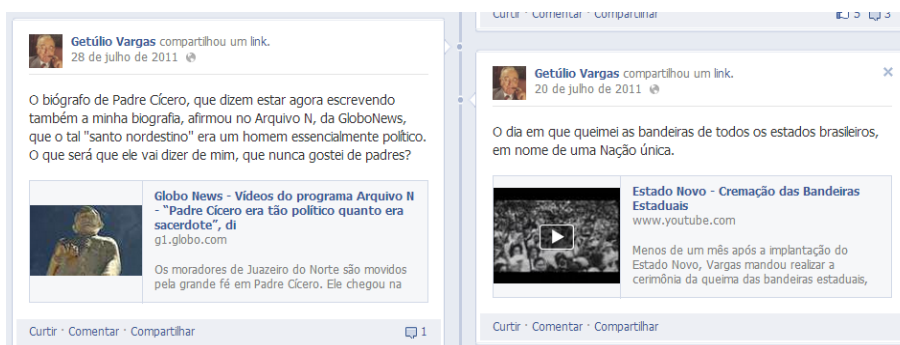


Figura 87 – Publicações do *fake* de Getúlio Vargas no *Facebook*.



Figura 88 – Publicações dos *fakes* de Getúlio Vargas no *Facebook*.

Em outros perfis *fakes*, percebemos uma mescla de informações verídicas e falsas. Também observamos a existência de perfis *fakes* de outros personagens políticos e históricos, que interagem com Getúlio Vargas. A seguir, percebemos que no *Facebook*, o ex-presidente estava em uma “amizade colorida” com Eva Perón. O *fake* de Eva Perón, por sua vez, comentou a publicação: “El Getuu Del Rio! <3”. Outro *fake* de Getúlio Vargas comentou sobre a morte de Olga Benário, e que tal fato deveria servir de lição para “os outros que quiserem se rebelar”. Um *fake* de Plínio Salgado comentou: “Vou mandar meus seguidores te queimareeeem! Seu LAZARENTO!”. Notamos ainda, que um *fake* do político italiano Benito Mussolini, curtiu a foto do perfil de Getúlio Vargas. Apesar de ser uma brincadeira, é necessário ter noções sobre a história de Getúlio Vargas para entender sua relação com os demais *fakes* observados.



Figura 89 – Publicações e comentários dos *fakes* no *Facebook*



Figura 90 – Foto de um dos *fakes* de Getúlio Vargas no *Facebook*.

Alguns perfis foram criados como forma de homenagear Getúlio Vargas. Nestes, também localizamos o cadastro de informações verídicas. Os internautas cadastraram Getúlio Vargas no *Facebook*, nutriram a plataforma com suas informações, completando tal perfil ao incorporar a personalidade de Getúlio Vargas. Seus admiradores contaram a história através do que seria a perspectiva que o ex-presidente teria desta.

No *Twitter*, localizamos 21 perfis *fakes* de Getúlio Vargas, levando em consideração, os perfis que se intitulavam com o nome do ex-presidente, apresentando também sua foto como avatar. Nesta plataforma, a comicidade destacou-se, pois observamos que a maioria dos perfis contava os fatos históricos por meio da perspectiva de um Getúlio Vargas com senso de humor. Notamos que nos *tweets*, por meio de uma linguagem coloquial, o ex-presidente comentava sobre a sua vida pessoal e a sua vida política. Este Getúlio Vargas do *Twitter*

citava os demais personagens que compunham sua rotina, como Darci Vargas, Pinheiro Machado, Mussolini, Hitler, Roosevelt, Carlos Lacerda, entre outros. A história do Brasil e de Getúlio Vargas foi contada em primeira pessoa do singular, assim como percebido no *Facebook*, auxiliado pelo recurso do humor. Alguns perfis também se utilizaram da figura de Getúlio Vargas para compartilhar suas frases emblemáticas, amplamente percebidas nas análises apresentadas anteriormente. Outro perfil (Figura 94) apresentou-nos um Getúlio Vargas com seu aspecto gaúcho aflorado.

Ao observar as descrições dos perfis *fakes*, percebemos que Getúlio Vargas foi apresentado como Presidente do Brasil, o “Pai dos Pobres”, e que teria saído da vida, entrado para a história e se cadastrado no *Twitter*. Ou seja, a morte de Getúlio Vargas não significou o fim de sua atuação em nossa sociedade, pois sua imagem ainda permaneceu viva, por meio das lembranças e dos imaginários dos internautas. A seguir, apresentamos alguns exemplos de perfis do Getúlio Vargas no *Twitter*, que exemplificam nossas argumentações.



Figura 91 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.



Figura 92 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.

Getúlio Vargas
@getuliovargas_1
Sr. Getúlio Dornelles Vargas. Berço de ouro/Pai dos Pobres. Saio da história para entrar no Twitter. Palácio do Catete

7 TWEETS
136 SEGUINDO
20 SEGUIDORES

Tweetar para Getúlio Vargas
@getuliovargas_1

Tweets
Following
Seguidores
Favoritos
Listas

Parecidos com Getúlio Vargas
RodolfoRubimF292 @rodolforubim

Getúlio Vargas @getuliovargas_1 30 Dez 10
Roosevelt veio aqui em casa. E não trouxe o Playstation 3 dele. Filho de uma rapariga...
Expandir

Getúlio Vargas @getuliovargas_1 29 Dez 10
Carlos Lacerda matou meu char do tibia. Essa guild da UDN ta me perturbando já. Hackers filhos de meretrizes.
Expandir

Getúlio Vargas @getuliovargas_1 29 Dez 10
Planejando festa aqui no Palácio do Catete. Não posso deixar os acessórios saberem. Vou mandar eles caçarem uns comunistas.
Expandir

Figura 93 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.

Getulio Vargas
@Getuliao
O pai dos pobres e mãe dos ricos. Me siga se for capaz!

10 TWEETS
2 SEGUINDO
2 SEGUIDORES

Tweetar para Getulio Vargas
@Getuliao

Tweets
Following
Seguidores
Favoritos
Listas

© 2012 Twitter Sobre Ajuda Termos Privacidade Blog Status Aplicativos Recursos Empregos Anunciantes Empresas Multimídia Programadores

Getulio Vargas @Getuliao 31 maio 11
Resolvi ficar do lado dos EUA Tive que declarar guerra ao #eixo porque afundaram meu navio! @ Mandei a #FEB pra Itália pra acabar com eles!
Expandir

Getulio Vargas @Getuliao 31 maio 11
Começooooooooooooo a #IGM! Eu queria ficar do lado do @Hitler_ e do @Mussolini mas não fiquei porque tínhamos aliança com os EUA...
Expandir

Getulio Vargas @Getuliao 31 maio 11
Tive que fazer aliança com os EUA porque passaram a dar grana pro Brasil! \$\$\$\$ @Hitler_ e @Mussolini ficaram bravinhos comigo >>
Expandir

Getulio Vargas @Getuliao 31 maio 11
E então começa o #EstadoNovo e eu acabei com o federalismo. Mandei a esposa do @Lulinho_SP de presente para @Hitler_...
Expandir

Figura 94 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.

Getúlio Vargas
@VargasGetulio_
Getúlio Dornelles Vargas São Borja, rs de abril de 1883 sou um advogado e político brasileiro, sou conhecido como o pai dos pobres, segue e tu verá mais (y)

13 TWEETS
17 SEGUINDO
14 SEGUIDORES

Tweetar para Getúlio Vargas
@VargasGetulio_

Tweets
Following
Seguidores
Favoritos
Listas

Parecidos com Getúlio Vargas
Daniel FieitasTelles @DaniedeVe... Seguir
Saraah _Jel_ @SaraahSantanaa_ Seguir
Guri de Uruguiana @jarkobe Seguir

© 2012 Twitter Sobre Ajuda Termos Privacidade Blog Status Aplicativos Recursos Empregos Anunciantes Empresas Multimídia Programadores

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
Minha prenda #Darcy, é Mais linda que laranja de amostra...
Expandir

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
eu to meio assim Desconfiado como cego que tem amante, com algumas pessoas :)
Expandir

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
mas tchê hoje eu to Afiado como navalha de barbeiro caprichoso!
Expandir

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
Eu sou gaúcho, gaúcho macho Comigo é bala no bucho e o buraco é mais embaixo. (8)
Expandir

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
eee ai viventes, bom dia !!
Expandir

Getúlio Vargas @VargasGetulio_ 14 set
liles tchê to loco de sono, me vo durmi, que amanhã a batalha "e longa, Darcy me chamando :"
Expandir

Rio Grande do Sul @RioGrandeDoSul 13 set
??? Pega a chinica, monta no cavalo E desbrava esta coxinha Atravessa a Osvaldo Aranha E entra no Parque Farroupilha ???
(3) Retweetado por Getúlio Vargas
Expandir

Figura 95 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.



Figura 96 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.



Figura 97 – Perfil *fake* de Getúlio Vargas no *Twitter*.

Comprendemos que retomar um personagem histórico, utilizando-o como um avatar/pseudônimo nas redes sociais, mostrou-se como uma maneira de interpretá-lo na atualidade, utilizando-se do recurso da comicidade e da sátira. Os personagens históricos voltaram à cena cotidiana, lidando com aquilo que acontece nos dias de hoje.

Santaella (2003, p. 121) explica-nos que “o termo 'avatar' foi apropriado do sânscrito, referindo-se originalmente à noção hindu de uma deidade que desce a terra em uma forma encarnada”. Para Maffesoli (2012a, p. 98) os avatares atuam como “encarnações múltiplas, transformações”. Desta forma, para o autor, vivemos a nova comunhão dos santos. Maffesoli (informação verbal)¹⁸⁶ acredita que os avatares e pseudônimos também expressam “o desejo

¹⁸⁶ Informação verbal fornecida durante o Seminário Internacional “A comunicação pós-moderna - O retorno do arcaico: tribalismo, nomadismo, hedonismo e imaginários do luxo”, ocorrido nos dias 21, 22 e 23 de novembro, na PUCRS.

de ser outro”. Não aprofundando-nos em questões psicológicas, compreendemos que tal desejo pode manifestar-se pela vontade de viver uma fantasia, pois esta se apresenta mais interessante que a realidade. Desta forma, o *fake* age e pensa como se fosse outra pessoa.

Vivendo tal fantasia, os internautas brincavam com a história. Desconstruíam elementos tomados como verdades absolutas, reconstruindo-os na atualidade a sua maneira, sendo que tal ação somente foi possibilitada pela tecnologia. Reconstruindo e fazendo recortes como lhes convinha, os internautas construíam uma nova história, misturando humor, criatividade e fatos históricos, colocando-se no lugar do outro, e neste caso, o outro era Getúlio Vargas. Tal aspecto também se caracterizou como uma maneira de levar informação e conhecimento aos demais, criando e recriando formas de contar, entreter, informar e conquistar visibilidade.

5.2 Análise Teórica

Posteriormente à apresentação dos dados e de nossas descobertas, se faz necessário uma análise teórica sobre tais, para que possamos discernir suas significações, com o olhar de nossos autores tomado de empréstimo. Deste modo, compreendemos o principal elemento presente em nossas análises: a dicotomia amor vs. ódio, bem como as comparações entre Getúlio Vargas e Lula, as lembranças familiares que são passadas a cada geração e a calendarização histórica.

Como já mencionamos, os autores das conversações e postagens observadas dividiram-se, basicamente, em dois grupos: os que amavam/apreciavam Getúlio Vargas e os que o odiavam/repudiavam. A diferença entre estes grupos tornava-se mais clara, à medida que as análises transcorriam. Compreendemos, então, que os sentimentos “amor” e “ódio”, tribalizaram os brasileiros que possuíam alguma relação com Getúlio Vargas, configurando, assim, a tribo que amava e venerava esse totem, e a tribo que o apedrejava.

Maffesoli (1998a) afirma que um dos elementos formadores da tribo é o compartilhamento de algo em comum. Assim, os membros dessas tribos uniram-se, por compartilharem de um mesmo imaginário sobre Getúlio Vargas. Tal percepção se dá, pois lembramos que, para Maffesoli (2001), o imaginário é o cimento social, é aquilo que nos une com o outro, enquanto grupo. Esses dois grupos, além de serem distintos, não se compreendiam, pois cada um possuía um imaginário antagônico ao outro.

Pode-se dizer que a tribo do ódio questionava-se: Por que Getúlio Vargas é tão valorizado e apreciado, apesar de ter governado o Brasil com pulso forte e de forma autoritária e ditatorial? Enquanto a tribo do amor interrogava-se: Por que Getúlio Vargas é tão repudiado, acusado e odiado, apesar de ter trabalhado para o desenvolvimento do país, ter assegurado, no passado, a garantia de leis destinadas aos trabalhadores e ter dado seu sangue pelo Brasil? Ambas as perguntas são condizentes, mas suas respostas, para esses dois grupos, não advêm da razão. Não há uma racionalização nessas tribos, pois as argumentações observadas nas conversações foram elaboradas e defendidas por meio da emoção.

Neste contexto, retomamos as palavras de Maffesoli (2010a), onde este afirma que não conseguiremos explicar por que uma determinada figura histórica gera sentimentos tão opostos. Cabe a nós compreendermos que Getúlio Vargas despertou ódios e paixões nos brasileiros. Essas duas tribos nos mostraram que não há uma unidade de pensamento, pois são contraditórios e ambos são detentores de verdades. Isso se dá porque não há uma única verdade, mas “diferentes formas de compreendê-la”, de acordo com o imaginário de cada grupo. O discurso dos brasileiros, não é linear nem racional, mas sim, movido pela lógica das paixões. As redes sociais aqui analisadas foram testemunhas desta “epidemia emocional”, da qual se refere Maffesoli (2012a).

Intuímos que, se os membros das tribos eram aqueles que compartilhavam de um determinado sentimento e o totem dessas era Getúlio Vargas, as redes sociais, por sua vez, atuaram como a aldeia, ou seja, o espaço de comunhão. Foi nas redes sociais que os membros dessas tribos se encontraram, conversaram, interagiram, formaram redes, fortalecendo e criando laços sociais. Tal aspecto remete-nos novamente as palavras de Maffesoli (2001, p. 80), pois este acredita que "o imaginário é alimentado por tecnologias", sendo assim, estes imaginários bebiam nessa fonte tecnológica, bem como essa também foi nutrida por esses imaginários. Contudo, nas redes sociais, mais importante de como se fala e o que se fala, são as interações, relações e circulações de imaginários.

As redes sociais também se caracterizam como exemplos de pós-modernidade, pois, para Maffesoli (2012a), a pós-modernidade é a sinergia do desenvolvimento tecnológico com o arcaico. Novamente, as palavras do autor remetem-nos ao nosso objeto de estudo, pois a presença de Getúlio Vargas nas redes sociais é um exemplo explícito da união do arcaico com o tecnológico. Ou seja, o ex-presidente representa o arcaico, a história, caracteriza-se como um político que morreu há quase 60 anos, e mesmo assim, encontra-se em sinergia com o desenvolvimento tecnológico, isto é, encontra-se presente nas redes sociais. É a demonstração de que o “passado fecunda o presente” (MAFFESOLI, informação verbal), e tal fato se dá,

graças ao advento tecnológico. Vivemos um mundo tecnomágico, onde os mitos são revividos e tornam-se presentes, através da tecnologia (MAFFESOLI, 2012a).

Percebemos que a conversação sobre história e política, observada em nossas análises, não se caracteriza como uma exceção à regra, pois, segundo Maffesoli (informação verbal), cerca de 70% das conversações em redes sociais são sobre conceitos filosóficos, religiosos ou políticos. Tal afirmação remete-nos as palavras de Lemos (2010b), pois este acredita que um dos futuros da internet é o diálogo, no entanto, um diálogo que cada vez menos será sobre elementos fúteis e cada vez mais sobre questões importantes e relevantes para a sociedade.

A socialidade que emerge de tais redes sociais, envolvendo as tribos, mostra-nos como esses grupos podem agir e pensar em sincronia, porém, involuntariamente. Maffesoli (1998a), Watts (2009) e Barabási (2009) compreendem tal fenômeno igualmente, apesar de suas perspectivas serem formadas a partir de campos distintos. Os três autores acreditam que vivemos em pequenos mundos, ou em mundos tribais. Esses mundos, por sua vez, são formados por iguais, pessoas que possuem afinidades, e, assim, unem-se. Devido a tal afinidade, o grupo possui uma sincronia própria, que dá dinamicidade a esse, tornando-o parte ativa de uma grande constelação. Como diria Maffesoli (2012a), através das redes sociais, o mundo reencanta-se novamente.

Lévy (2003) também compreende que a sociedade uniu-se com a internet, subdividindo-se novamente. No entanto, essa nova divisão não ocorreu devido à separação dos continentes, como no passado, mas à reorganização da sociedade por meio da “multiplicidade de pontos de vistas”. Nota ainda, que na internet, há a construção de laços sociais, onde as pessoas unem-se por meio de interesses em comum, e aprendem de forma cooperativa, onde há um “um compartilhamento do saberes e a abertura dos processos comunicacionais”. Após tais percepções, percebemos que estas descrevem perfeitamente o fenômeno que aqui foi observado.

As lembranças familiares e os suportes míticos passados a cada membro da família revelam-nos que a figura de Getúlio Vargas integra-se à vida de três gerações, ou seja, o vó, o pai e o filho. Tal concepção remete-nos às palavras de Durand (2010), onde afirma que a mudança do imaginário ocorre entre 150 e 180 anos, que constituiria três ou quatro gerações, acrescido de 50 ou 60 anos, que seria o “tempo da institucionalização pedagógica”, que transforma eventos extrínsecos em imaginários coletivos. Não há como afirmarmos se esse imaginário de Getúlio Vargas chegará a uma quarta geração, pois é transmitido e nutrido, principalmente, pelos brasileiros que vivenciaram sua época. Sendo assim, à medida que tais pessoas falecem, suas memórias tornam-se menos disponíveis e propagadas. Os filhos e os

netos das pessoas que viveram a Era Vargas, tiveram a oportunidade de compartilhar imaginários com estes, herdando suas lembranças simbólicas e materiais. Já os bisnetos dessas pessoas, podem não ter o mesmo privilégio, não convivendo com seus bisavós, ou não herdando tal percepções de seus pais. A história será transmitida às futuras gerações, mas cada vez menos utilizando expressões como “eu estava lá”.

Aprofundando-nos na compreensão do imaginário, retornamos ao nosso referencial teórico. Entre outras concepções, Maffesoli (2001) acredita que o imaginário é a união de uma memória afetiva mais o capital cultural de um grupo, por isso, o imaginário é sempre coletivo. Para Silva (2006, pp. 8-49), o imaginário é “uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente”. O “imaginário é um estilo, uma impressão digital do indivíduo ou do grupo na cultura”. Ele “surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros”. É reservatório e motor, pois reserva nossos sentimentos, nossas lembranças, nossas experiências e visões de real, ao passo que é uma força que nos impulsiona.

Na concepção de Durand (2002), o imaginário é o conjunto de imagens e suas relações, constituindo, assim, o capital pensado do ser humano. É pelo imaginário que se formam todo o pensamento humano, pois o "o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana", sendo que "todo pensamento humano é uma re-presentação". Na concepção de Morin (1970, p. 96), assim como as sociedades arcaicas, nossa sociedade atual é povoada por mitos, espíritos, lendas e seres sobrenaturais “que ainda fervilham no imaginário e na cultura da mídia”.

Desta forma, compreendemos que os imaginários dos grupos observados nesse estudo, constituem-se de suas lembranças, suas memórias, seus pontos de vista, suas opiniões. É ainda, esse conjunto formado por suas experiências pessoais e familiares, seu convívio escolar e social, seus estudos, suas leituras, seu consumo cultural e suas conversas com seus grupos. A partir de múltiplas perspectivas, aqueles que não viveram a época de Getúlio Vargas, constroem seus imaginários, compartilhando-o e nutrindo-o por meio das redes sociais, ao mesmo tempo que também nutrem tais plataformas.

Maffesoli (informação verbal) acredita que uma importante figura surge em nossa sociedade a cada 50 anos. O autor afirma que, por necessitar de um ritmo de vida, a sociedade busca segurança em costumes, consumo, mas também em “figuras emblemáticas”, ou “figuras mágicas”, que podem ser tanto figuras políticas, religiosas, musicais, esportivas ou figuras intelectuais (MAFFESOLI, 2007a). É a partir de tais constatações que compreendemos a ampla comparação entre Getúlio Vargas e Lula, lembrando-nos que Lula consolida-se

enquanto Presidente da República, e por consequência, enquanto figura política, 49 anos após a morte de Getúlio Vargas. Portanto, o advento de Lula enquanto figura emblemática acarretou na rememoração da figura de Getúlio Vargas, por meio de comparações. As comparações também não apresentaram um discurso linear, pois percebemos internautas que consideraram Lula, o Getúlio Vargas da atualidade, internautas que consideram que Lula não se encontra no patamar do ex-presidente, e outros que privilegiaram a figura de Lula, afirmando que este não teria cometido atos ilícitos, como supostamente, teria cometido Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas se caracteriza como um dos poucos políticos que soube comover as massas. Com seu carisma e seu populismo, cativou a população, tornou-se o “Pai dos Pobres”, sendo amado e idolatrado pelos brasileiros, que até os dias de hoje, lembram a sua figura por meio da emoção, do imaginário, deixando, de certa forma, a razão para trás. Maffesoli (2005) entende tal aspecto como a transfiguração do político, onde deixaríamos a convicção em troca da sedução. Este político, então, não mais necessita apresentar um plano de governo e estratégias políticas, não precisa mais que o povo esteja convicto da veracidade de suas palavras. Por meio de um imaginário político, este se mune de um “arsenal de mecanismos emocionais”. Nesse imaginário político, os mitos e os heróis são lembrados, bem como os ritos, as cerimônias e as datas comemorativas, sendo que, por meio dessa lembrança, há uma atualização. A passagem da convicção à sedução é um dos papéis da comunicação política, pois “algo que tem a função de atrair e seduzir, deixa de solicitar o cérebro e passa a solicitar o ventre” (MAFFESOLI, informação verbal).

Se as tribos interagem pela lógica das paixões, esse político também governa através desta, gerencia-a. Para Maffesoli (2005), a arte da política é a arte da “gestão das paixões”. De acordo com o autor, todo líder deve envolver sua sociedade em torno de uma emoção comum, porque “o povo tem necessidade de colocar-se em estado de religião”. Compreendemos, então, que direta ou indiretamente, Getúlio Vargas religou a população, dividindo-a essencialmente em dois grupos: aliados e opositores. No entanto, como nota Maffesoli (2005), é preciso muito tempo após a atuação política, para que se consiga substituir os argumentos pela ambiência emocional, e a convicção pelo sentimento. O tempo necessário para que tais transfigurações ocorressem com Getúlio Vargas já transcorreu, e hoje, o que presenciamos, é a prevalência do emocional em detrimento do racional.

Em relação à dicotomia de imaginário, percebemos um aspecto relevante em sua personalidade e em seus governos: a duplicidade. Este ex-presidente trata-se de uma incógnita histórica, que desperta sentimento bons e ruins. Ao longo das análises, percebemos que os

internautas o consideraram perseguidor e perseguido, criminoso e vítima, ditador e democrático. Compreendemos que tal aspecto reflete a ambiguidade de Getúlio Vargas. Ou seja, é uma pessoa que possui um lado positivo e um lado negativo aflorado. Pensando os regimes de Durand (2002), compreendemos que Getúlio Vargas é o dia e a noite, Apolo e Dionísio, bem e mal, razão e emoção, organização e caos, serenidade e conturbação. Neste ponto, não podemos responder se Getúlio Vargas foi um bom ou um mau político, um ditador maquiavélico ou o melhor Presidente do Brasil. Em Getúlio Vargas, o “ou” não cabe, este necessita do “e”, pois se constitui de todas estas características.

Destacou-se também a ironia e a comicidade nas análises das quatro redes sociais. Sobre este aspecto, Maffesoli (1998a) afirma que o “povo é fonte de poder”, mas antes de lutar “contra a alienação com meios alienantes”, o povo pratica a zombaria, a ironia, o riso para desmoralizar a seriedade, a normalização, a exploração. Segundo o autor, “o riso e a ironia são explosões de vida, ainda que e, sobretudo quando esta é explorada e dominada”. Desta forma, compreendemos que, além daqueles que se identificavam com Getúlio Vargas de forma positiva ou negativa, também se percebeu a tribo dos que zombavam e ironizavam o ex-presidente.

É pela lógica das paixões que se dá o conhecimento das tribos aqui observadas, ou o conhecimento comum, de acordo com Maffesoli (2010a). O conhecimento dos membros de tais tribos é resultante de suas vivências, suas lembranças, suas memórias, e de suas apropriações de conteúdos os lugares históricos, como livros, museus e bibliotecas. Por meio das redes sociais, os internautas tiveram a oportunidade de estabelecer relações, mas também aprender e ensinar. Ou seja, o conhecimento era transmitido e compartilhado entre os iguais. Esse contexto, para Maffesoli (informação verbal), é uma nova forma de educação, onde o conhecimento não advém mais de forma vertical, isto é, de um educador que possui a autoridade sobre o conteúdo, e, assim, lhe transmite para seus alunos.

Na pós-modernidade, percebemos uma educação horizontal, que acontece entre os iguais, ou seja, entre os alunos. Sendo assim, o autor acredita que estamos vivenciando um saber orgânico, “que vem do interior”, da cultura e do saber comum, constituído pelos iguais, por meio da comunhão, da interação. Ao contrário do saber mecânico, que racionaliza e codifica o conhecimento, de forma autoritária. Para Maffesoli (informação verbal), esse saber que advém de um grupo também é gerido pela cenestesia, ou seja, “o sentido de tudo e todos os sentidos. Um saber coletivo e ao mesmo tempo, um saber que envolve todos os sentidos, e não somente o cérebro”.

Lévy (2003) nota que, com a internet, a sociedade está criando uma “memória coletiva”, desenvolvendo, assim, uma “inteligência coletiva”. Para o autor, a memória, bem como o conhecimento, não resulta mais de um emissor “todo poderoso”, mas sim, “emerge da interação entre os participantes”. A generosidade no compartilhamento de informação e conhecimento também é uma forma elementar da pós-modernidade para Maffesoli (informação verbal). Uma generosidade de ordem tribal, que resulta do sentimento de pertencimento. A partilha é uma das principais características da tribo.

Compreendemos que a história era transmitida nas redes sociais, por meio de um processo de calendarização, essencialmente. Ou seja, de acordo com a ocorrência de datas históricas, os fatos e conhecimentos eram rememorados, e assim, compartilhados. A figura de Getúlio Vargas marca presença constante em tais plataformas, no entanto, ganha destaque nas conversas e publicações referentes às datas que compuseram sua trajetória. Neste calendário histórico, destacou-se consideravelmente a data de 24 de agosto, dia de seu suicídio. Todo dia 24 de agosto relembremos esse mito, e, assim, iniciamos um novo ciclo. Nesse dia, a figura de Getúlio Vargas renova-se, atualiza-se e recomeça. Tal ciclo remete-nos ao trajeto antropológico de Durand (2002), onde há a noção de retorno, um dinamismo da “pulsante troca entre a objetividade e a subjetividade”. Remete-nos também aos símbolos cíclicos, lembrando-nos do ciclo lunar, com suas fases. E, assim, Getúlio Vargas repete de forma ritmada, como a música e narra como a história, posto que é mito.

O mito é o remédio contra a morte e contra o tempo, pois para ele, o passado nunca está morto (DURAND, 2002). É um eterno recomeço, e, apesar de pertencer ao passado, surte efeitos no presente, constrói imaginários e impulsiona as grandes obras de nossa sociedade (MAFFESOLI, 2012b). Deste modo, o eterno recomeço de Getúlio Vargas é presenciado nas redes sociais. O amor que emerge destas plataformas, remete-nos às palavras de Morin (1989), pois este acredita que o amor é um fermento mítico, é uma força propulsora. Quando amamos, idolatramos, projetamos, e, assim, imortalizamos o ser amado, grandiosamente. Na concepção do mito de Getúlio Vargas, onde há um “conjunto de condutas e situações imaginárias”, o amor também se mostra um dos principais integrantes deste conjunto.

Por fim, percebemos o eterno recomeço, também ao compreendermos que Getúlio Vargas saiu da vida para entrar na história, da história para o mito, do mito para o imaginário, do imaginário para as redes sociais, e das redes sociais para a vida, novamente. Contudo, uma vida hiper-real. A partir das concepções de Baudrillard (2007), compreendemos que as imagens se autonomizam, isto é, passam a ter vida própria. Elas tornam-se independentes de quem as construiu, ou as produziu, tornam-se independentes de sua trajetória histórica,

passam a ser independentes de sua realidade. Sobre esta hiper-realidade, Silva (2010a, p. 58) nota sua relação com o mito, onde este afirma que podemos perceber “o exemplo perfeito e terreno de como se constroem os mitos” quando “um real se torna hiper-real, mais real do que um real, feito de uma verdade redimensionada pelo imaginário sem necessidade de mentira”. Partindo deste pressuposto, compreendemos que a imagem de Getúlio Vargas tornou-se autônoma.

Para Baudrillard (1991), presenciamos uma hiper-realidade, porque vivemos em simulacros, ou seja, simulamos aquilo que não possuímos, fingimos ter o que não temos. Há uma simulação de realidade que substitui o real, há um hiper-real. E na passagem entre essas duas realidades, o autor acredita que “a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade”. Assim, Getúlio Vargas é uma realidade para os integrantes das conversações, é uma imagem tão bem consolidada e impregnada no imaginário brasileiro, que ganha vida, apesar da morte.

6 O QUE DESCOBRIMOS

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente.
Mário Quintana

Ao final deste trajeto, percebemos que as descobertas foram mostrando-se ao longo do caminho. Deste modo, reservamos este último capítulo, para relevar as descobertas ainda não apresentadas, relembrar algumas que já foram observadas nas páginas anteriores, e, enfim, responder as questões e as inquietações que nos motivaram a iniciar este estudo. Ao longo das análises das redes sociais, percebemos que, apesar destas abrangerem pessoas, objetivos e funcionalidades diferentes, as conversações em todas se nortearam nos mesmos elementos e apresentaram características em comum, ou seja, a dicotomia amor vs ódio; Getúlio Vargas duplo, estadista, *hub* político, histórico e influente orador; comparações entre Lula e Getúlio Vargas; a narrativa transmidiática; a calendarização histórica e as lembranças simbólicas e materiais das famílias, sobre Getúlio Vargas.

Descobrimos, então, que Getúlio Vargas se faz presente nas redes sociais, porque soube esperar, soube governar, soube encantar e soube morrer. Ao dominar tais conhecimentos e habilidades, o ex-presidente tornou-se um mito, e é figura viva no imaginário da população. É parte integrante das lembranças, da memória, do governo e do cotidiano brasileiro, logo, também adentra o ciberespaço, assim como outros elementos que compõe a vida destas pessoas. Também se faz presente por ser o totem de tribos que se unem, conversam e comungam, por meio das redes sociais. Sendo Getúlio Vargas, o totem de determinada tribo, sua presença na aldeia se mostra condizente. Podemos afirmar que as redes sociais atuaram como a “fogueira da aldeia”, onde um ancião contava a sua história, ou lia um livro em voz alta para os demais integrantes do grupo. Mas também, onde os demais membros se encontravam para conversar, trocar experiências, conhecimentos e fortalecer laços sociais.

A tecnologia nos proporcionou a volta deste mito e a possibilidade de pertencer a grupos formados pelo simbólico, e não mais pelo território. Nas redes sociais, pudemos observar estes imaginários, ou seja, o ponto de vista das pessoas, seu capital cultural agregado a sua carga afetiva. Observamos suas reservas de lembranças, memórias, opiniões, atuando como elemento propulsor, tanto para estas pertencerem a um grupo, quanto para se expressarem e colocarem-se perante este, expondo-nos, assim, suas reservas.

Nossas análises confirmaram as informações apresentadas por historiadores e biógrafos, no início desse estudo. Por meio das observações de tais conversações e publicações, averiguamos que sim, Getúlio Vargas despertou ódio e paixões, é um paradigma

positivo e negativo, para a sociedade e para os políticos atuais (AURÉLIO, 2009). Foi um ditador com açúcar (MARIANTE, 2010), representou o pai, o líder de um grupo, que, apesar de não ter laços sanguíneos, não deixa de ser uma família. Foi uma figura de segurança de uma determinada época, que ainda gera proteção em épocas posteriores. Foi um orador que encantou a multidão, sendo que, suas palavras, frases e pensamentos, ainda são compartilhados nas redes sociais, mostrando-nos a eficácia de sua oratória, à medida que ainda surte efeitos. A oratória atuou como fonte de inspiração, saindo dos livros e passando a habitar o ciberespaço, apropriada por pessoas comuns e compartilhada nas redes sociais, tornando as palavras do Getúlio Vargas públicas e presentes na atualidade.

Embora termos observados dois grupos antagônicos, compreendemos que a tribo que amava Getúlio Vargas destacou-se consideravelmente, em relação à tribo que o odiava. Sabemos que tal afirmação não significa que existem mais pessoas que o aprovam do que pessoas que o repudiam. Significa que o amor foi uma fonte propulsora mais eficaz, pois promoveu maiores interações, conversações, e assim, estabeleceu mais laços sociais no ciberespaço. Esta separação entre ódio e amor revelou-nos a duplicidade de Getúlio Vargas. Alguns internautas só acreditam em seu lado negativo, outros, somente no seu lado positivo. Há também aqueles que reconheceram que Getúlio Vargas foi um ditador, mas tal característica foi esquecida, à medida que as virtudes e os feitos deste se sobressaíram. Observamos afirmações como: “foi um ditador, mas...”, “apesar de ter sido um ditador”, mostrando-nos, deste modo, que os internautas são cientes dos fatos e das histórias que atuam como argumentos contra Getúlio Vargas, mas que, “mesmo assim”, eles ainda privilegiam seu lado positivo, seu lado heroico.

As comparações entre Getúlio Vargas e outros políticos foram amplamente percebidas nas publicações analisadas. Como já afirmamos, destacou-se a comparação entre este o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula e Getúlio Vargas são comparados devido às suas semelhanças frente à população e ao governo, agindo sob uma conduta popular e mais próxima da massa. Compreendemos que alguns internautas objetivavam atribuir um alto valor à Lula, realizando tal comparação, como se este tivesse alcançado o grau de magnitude de Getúlio Vargas e dividisse com esse, o degrau mítico da política. Deste modo, os dois ex-presidentes do Brasil destacar-se-iam dos demais políticos que ainda pertencem a um grau abaixo, ou seja, são apenas políticos e/ou personagens históricos, não são mitos.

No entanto, muitos internautas não aceitaram a comparação de Getúlio Vargas com Lula, nem mesmo com o ministro Carlos Lupi ou com Café Filho, Jânio Quadros, Fernando Henrique Cardoso e Juscelino Kubitschek. O ex-presidente mostrou-se como um modelo

político e histórico que é almejado por políticos que o sucederam e utilizado pelas pessoas para atribuir méritos a tais. Contudo, para os internautas desse estudo, Getúlio Vargas ainda destaca-se dos demais políticos e ex-presidentes do Brasil, pois ocupa sozinho, o degrau mítico da política. Sua peculiar história, sua personalidade e seu modo de governar o elevaram a um patamar superior aos demais políticos que compuseram a história do Brasil.

Neste estudo, presenciamos uma qualidade de cultura da convergência, pois percebemos que fontes históricas, livros, revistas e outros materiais foram digitalizados e compartilhados na internet. Assim, se compreendermos que o livro é um tipo de mídia, porém que transmite a informação para um leitor de cada vez, compreenderemos que esta mídia está convergindo com a internet, pois seus conteúdos e suas informações habitam suas páginas impressas, mas também páginas *online* do ciberespaço. Neste caso, há uma transformação cultural no modo como consumimos e compartilhamos conhecimento. Contudo, acreditamos que a internet não atua como uma substituição ao livro, mas como um complemento a este, potencializando seu alcance. Ainda neste contexto, percebemos que as tecnologias estão modificando o modo como discutimos a história, mas também como a aprendemos.

A convergência também é percebida pela utilização de múltiplos suportes, pois as informações são apresentadas e complementadas em materiais como vídeos, imagens, sons e textos, onde todos estes recursos contribuem para expressar uma “versão da história”. Também pode ser percebida através da utilização de múltiplas plataformas, onde as informações são repassadas em várias redes sociais, sendo que estas encaminham os internautas para uma leitura em plataformas diferentes. As análises nos mostraram uma característica fundamental da interação dos atores sociais, mediada por computador: a migração. Tal constatação se dá pelo fato de percebermos que muitas das postagens analisadas no *Twitter*, encaminhavam os internautas para outras plataformas, por meio de *links*. Os *blogs* mencionavam o *YouTube*, o *Orkut* encaminhava para o *Facebook*, este direcionava os internautas para os *blogs*, entre outros exemplos. Assim, compreendemos que as conversas não se limitaram a apenas uma plataforma, pois o internauta utilizava múltiplas plataformas, concomitantemente, tanto para publicar informações quanto para consumi-las.

Contudo, sobre nossas hipóteses, não há como separarmos história e comunicação, tampouco, separar mito e imaginário. Tais elementos estão ligados, e juntos formam este quebra-cabeça que é Getúlio Vargas. Cada um desses elementos caracteriza-se como uma peça chave para a presença de Getúlio Vargas nas redes sociais.

Getúlio Vargas soube esperar e governar, demonstrando a eficácia de sua personalidade na construção de sua história. Soube encantar, e, para tanto, necessitou das

ações comunicacionais e do DIP, para tal tarefa. A eficácia dessa comunicação mostrou-se, à medida que seus conceitos ainda são observados nas redes sociais. Ao saber morrer, consolida-se definitivamente enquanto mito, e, ao finalizar esse conjunto com sua mitificação, torna-se uma imagem autonomizada, que não necessita mais ser alimentada por esse, ou pelo DIP. Getúlio Vargas morre, mas ganha vida no imaginário brasileiro. E, ao desempenhar tal papel, também marca sua presença nas redes sociais.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Luciano Arome. **Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ARRUDA, José Jobson. **História integrada: do fim do século XIX aos dias de hoje**. São Paulo: Ática, 1996.
- AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Dossiê Getúlio Vargas**. São Paulo: Universo dos livros, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BARABÁSI, Albert-Lászlo. **Linked (conectado): a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- _____. A conjuração dos imbecis. In: **Para navegar no século XXI**. Juremir Machado da Silva (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. **Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BAUM, Ana (Org.). **Vargas, agosto de 1954: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BOURNE, Richard. **Getúlio Vargas: a esfinge dos Pampas**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia: História de Deuses e Heróis**. 4ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CAFÉ FILHO, João. **Do sindicato ao catete: memórias políticas e confissões humanas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: **Repensando o Estado Novo**. Org. Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. P. 167-178.

CARVALHO, Luiz Maklouf. “Eu só trago amor”. Será mesmo? **Revista Época**, São Paulo, n. 733, p. 34-36, jun. 2012.

CORONATO, Marco. O petróleo é nosso – mas a que preço? **Revista Época**, São Paulo, n. 733, p. 09-11, jun. 2012.

CORREA, Hunder Evert. **O que todos precisam saber sobre publicidade, história e teoria da comunicação**. Porto Alegre: EMMA, 1977.

COSTA, Elmar Bones da. **História ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998.

COTRIM, Gilberto. **História e reflexão**. São Paulo: Saraiva, 1998.

_____. **Saber e fazer história**. São Paulo: Saraiva, 2004.

D'ARAUJO, Maria Celina (Org.). **Getúlio Vargas: 1883-1954**. Brasília: Edições Câmara, 2011.

DREGUER, Ricardo. **História: Conceitos e procedimentos**. São Paulo: Atual, 2006.

DURAND, Gilbert. **Les Structures anthropologiques de l'imaginaire**. Paris: Dunod, 1984 (1960).

_____. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EVELIN, Guilherme. “Getúlio é incompatível com a democracia”. **Revista Época**, São Paulo, n. 733, p. 34-36, jun. 2012.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERNANDES, Millôr. **Os órfãos de Jânio**. São Paulo: L&PM, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FOLHA DE SÃO BORJA. São Borja, 24 de agosto de 1999.

FONTOURA, João Neves da. **Memórias**. São Paulo: Editora Globo, 1969.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

FREITAS, Décio (Org.). **Getúlio Vargas: a serpente e o dragão**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FRISCHAEUR, Paul. **Presidente Vargas: biografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

GIRARDET, Radal. **Mitos e Mitologias Políticas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Balsa Planeta Internacional Ltda, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTMANN, Ivar. **Getúlio Vargas**. Porto Alegre: Tchê! RBS, 1984.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HENRIQUES, Affonso. **Ascensão e queda de Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro: Record, 1966.

ISRAEL, Shel. **A era do Twitter: como a ferramenta de mídia colaborativa mais dinâmica da atualidade pode revolucionar seus negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Políticas de Comunicação na Era Vargas**. 2010. 116f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LACERDA, Claudio. **Uma crise de agosto: o atentado da Rua Tonelero**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LAUHERHASS JR, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro**. São Paulo: EUSP, 1986.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean Bruno; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

LEMOS, André; Lévy, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010b.

LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.

LEVINE, Robert. **Pai dos Pobres?: o Brasil e a Era Vargas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. A Revolução contemporânea em matéria de Comunicação. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M (Org.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura.** 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003.

_____. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

LIMA, Cláudio de Araújo. **Mito e realidade de Vargas.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1955.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MACHADO, F. Azenha: **Os últimos dias do governo de Vargas.** Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda, 1955.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas.** Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1998a.

_____. **Elogio da Razão Sensível.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998b.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre: n. 15, agosto 2001, p. 74-81.

_____. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** São Paulo: Zouk, 2003a.

_____. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003b.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança de paradigma social. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** n. 23, Porto Alegre, 2004.

_____. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

_____. Tribalismo Pós-Moderno: da identidade às identificações. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 01, p. 97-102, jan./abr. 2007b.

_____. **O conhecimento comum:** introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 5-10, jan./abr. 2010b.

_____. **O Tempo retorna:** formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

_____. Iconologias e idolatrias pós-modernas. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 48, n. 02, p. 162-165, mai/ago. 2012b.

MARIANTE, João Gomes. **Três no divã:** Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha. Porto Alegre: Já Editores, 2010.

MATHIAS, Herculano Gomes. **Getúlio Vargas.** São Paulo: Ediouro, 1983.

MATOS, C. **Acertei no milhar:** samba e malandragem no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MELANI, Maria Raquel Apolinário. **Projeto Araribá:** História. São Paulo: Moderna, 2006.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e Imaginário.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MENDES, Oswaldo. **Getúlio Vargas:** 6ª ed. Porto Alegre: Moderna, 1986.

MONTELLATO, Andrea. **História Temática:** o mundo dos cidadãos. São Paulo: Scipione, 2000.

MOREIRA, Carlos André. O Getúlio que o Rio Grande criou. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3-5 Cultura, 19 de mai. de 2012.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário:** ensaio de antropologia. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

_____. **Estrelas:** mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 20, p. 7-12, abr. 2003.

_____. Para além do iluminismo. **Revista Famecos** – mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 26, p. 24-28, abr. 2005a.

_____. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

_____. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NASCIMENTO, Alcino João. **Mataram o presidente**: memórias do pistoleiro que mudou a história do Brasil. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

PAIVA, Cláudio Cardoso. Michel Maffesoli, tribalista de cátedra: interfaces sociais no campo da comunicação. **Revista Famecos** – mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 25, p. 29-39, dez. 2004.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. **História e vida integrada**. São Paulo: Ática, 2003.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUALMAN, Erik. **Socialnomics**: como as mídias sociais estão transformando a forma como vivemos e fazemos negócios. São Paulo: Saraiva, 2011.

QUEIROZ JUNIOR, José. **Memórias sobre Getúlio**. São Paulo: Editora Copac, 1957.

RAMALHO, José Antônio. **Mídias Sociais na prática**. São Paulo: Elsevier, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **A conversação em rede**: A comunicação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Grávida, 1996.

RIBEIRO, José Augusto. **A Era Vargas 1**: 1882-1950. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

_____. **A Era Vargas 2**: 1950-1954. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

RIBEIRO, Silvio Luciano. Vargas: presença ainda marcante. **Voz do Rio Grande**. Porto Alegre, ano III, n. 1, p. 20-25, mar. 1997.

RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2002.

ROSE, R. S. **Uma das coisas esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil / 1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

SCHMIDT, Mário. **Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história mal contada.** São Paulo: Nova Geração, 1997.

_____. **História Crítica.** São Paulo: Nova Geração, 2005.

SEVERIANO, Jairo. **Getúlio Vargas e a música popular.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

SILVA, Hélio. **O pensamento político de Vargas.** Porto Alegre: L&PM, 1980.

SILVA, Juremir Machado da. Em busca da complexidade esquecida. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 5, p. 14-20, nov. 1996.

_____. Michel Maffesoli: por uma política da transfiguração. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 10, p. 17-23, jun. 1999a.

_____. Jean Baudrillard: o elogio radical da parte maldita. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 10, p. 24-33, jun. 1999b.

_____. **Getúlio.** Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da comunicação. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 25, p. 43-48, 2004b.

_____. **As tecnologias do imaginário.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. O paroxista diferente. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, n. 32, p. 8-10, 2007.

_____. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES.** Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. **1930: águas da revolução.** Rio de Janeiro: Record, 2010b.

_____. **Vozes da Legalidade: política e imaginário na Era do Rádio.** Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. Apresentação. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 310-311, mai./ago. 2011b.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação: (1889-1945).** São Paulo: FAPESP, 2003.

STRONGOLI, Maria Thereza de Queiroz Guimarães. Encontros com Gilbert Durand: Cartas, Depoimentos e Reflexões sobre o Imaginário. In: **Ritmos do Imaginário**. Org. Danielle Perin Rocha Pitta. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2005. P. 145-172.

TAJES, Claudia. **A vida sexual da mulher feia**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

TEIXEIRA, Clara Alves. **Cinejornal Brasileiro**: A documentação do esporte no Estado Novo em comparação com a estética de Leni Riefenstahl. 2011. Dissertação em Artes – UFMG EBA, Belo Horizonte, 2011.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. A pesquisa sobre imaginário no Brasil: percursos e percalços. In: **Ritmos do Imaginário**. Org. Danielle Perin Rocha Pitta. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2005. P. 109-123.

TELLES, André. **Orkut.com**: como você e sua empresa podem tirar proveito do maior site de relacionamentos do Brasil. São Paulo: Landscape, 2007.

VALENTINI, Lucy R. **Cultura e sociedade**: do século XIX até o século XX. São Paulo: IBEP, 1999.

VARGAS, Lutero Sarmanho. **Getúlio Vargas**: A Revolução Inacabada. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988.

VICENTINO, Cláudio. **Viver a história**. São Paulo: Scipione, 2006.

WAINER, Samuel. **Minha Razão de viver**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WATTS, Duncan J. **Seis graus de separação (six degrees)**. São Paulo: Leopardo, 2009.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. Pensar a internet. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

8 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ANDREI NETTO. **Jean Baudrillard, o último minuto**. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/9VcaI>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

ARAÚJO, Rejane. Fatos & Imagens: DIP. **FGVCPDOC**. Disponível em: <<http://migre.me/9VdML>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

AUGUSTO, Claudério. O dia 3 de outubro na história. **ACONTECEU**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/9VdNX>>. Acesso em 04 jun. 2012.

BENEVIDES, André. **Projeto nacionalista de Getúlio Vargas se beneficiou do samba**. 2004. Disponível em: <<http://migre.me/9VdSk>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

BOO-BOX. **Conheça a audiência dos blogs brasileiros**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/b7DEg>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

BOTERO, Ivan. Redes Sociais, um negócio feito por pessoas. In: **#MídiasSociais: perspectivas, tendências e reflexões**. AYRES, Marcel; CERQUEIRA, Renata; DOURADO, Danilo; SILVA, Tarcízio (orgs), 2010.

BRASIL. Decreto nº 24.651, de 10 de julho de 1934. **Cria, no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/07/1934, Página 14276. Disponível em: <<http://migre.me/aNdJN>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. **Constituição de 1934**. Diário Oficial da União - Seção 1 - Suplemento – 16/07/1934, Página 1. Disponível em: <<http://migre.me/9VdW7>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. **Constituição de 1937**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/11/1937, Página 22359. Disponível em: <<http://migre.me/9VdWR>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. **Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Seção 1 - 29/12/1939, Página 29362. Disponível em: <<http://migre.me/9Ve0x>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Disponível em: <<http://migre.me/c1Zw3>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

_____. Decreto-Lei nº 5.452, de 01 de maio de 1943. **Legislação Trabalhista; CLT**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 09/08/1943, Página 11937. Disponível em: <<http://migre.me/9Ve6B>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. Decreto-Lei nº 7.474, de 18 de abril de 1945. **Concede anistia**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/04/1945, Página 7076. Disponível em: <<http://migre.me/9VhYS>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. Decreto nº 20.301, de 2 de Janeiro de 1946. **Aprova o Regimento do Instituto Nacional de Cinema Educativo do Ministério da Educação.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 10/01/1946, Página 403. Disponível em: <<http://migre.me/9Vi7W>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____. Lei nº 1.521, de 26 de Dezembro de 1951. **Lei dos Crimes Contra a Economia Popular; Lei de Economia Popular.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 27/12/1951, Página 18802. Disponível em: <<http://migre.me/9Vijp>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

_____. Decreto nº 30.363, de 3 de Janeiro de 1952. **Dispõe sobre o retorno de capital estrangeiro, na forma do Decreto-lei nº 9.025, de 27 de fevereiro de 1946.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 04/01/1952, Página 100. Disponível em: <<http://migre.me/9Viu9>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

_____. Lei nº 1.628, de 20 de Junho de 1952. **Dispõe sobre a restituição dos adicionais criados pelo art. 3º da Lei nº 1.474, de 26 de novembro de 1951, e fixa a respectiva bonificação; autoriza a emissão de obrigações da Dívida Pública Federal; cria o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico; abre crédito especial e dá outras providências.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 20/06/1952, Página 10017. Disponível em: <<http://migre.me/9ViA0>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

_____. Lei nº 2.004, de 3 de Outubro de 1953. **Dispõe sobre a Política Nacional do Petróleo e define as atribuições do Conselho Nacional do Petróleo, institui a Sociedade por ações Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima, e dá outras providências.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 03/10/1953, Página 16705. Disponível em: <<http://migre.me/9VQUv>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

_____. Lei Federal nº 7.470, de 29 de abril de 1986. **Outorga ao Presidente Getúlio Vargas o título de "Patrono dos Trabalhadores do Brasil".** Diário Oficial da União - Seção 1 - 02/05/1986, Página 6293. Disponível em: <<http://migre.me/9VQWK>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

_____. Lei nº 10.406/02, de 10 de dezembro de 2002. **Institui o Código Civil.** Disponível em: <<http://migre.me/c1YX2>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

_____. Lei nº 12.326, de 15 de setembro de 2010. **Inscreve o nome de Getúlio Dornelles Vargas no Livro dos Heróis da Pátria.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 16/09/2010, Página 2. Disponível em: <<http://migre.me/9VR2A>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

CARVALHAL, Fernanda Caraline de A. Instituto Nacional de Cinema Educativo: da história escrita à história contada - um novo olhar. **Mnemocine.** 2009. Disponível em: <<http://migre.me/9VUiD>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

COUTTO, Pedro do. A Imprensa. **Panorama da Era Vargas.** Disponível em: <<http://migre.me/9VUI7>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

DRODER, Jacques. **MARCAS DE CIGARRO de JACQUES BRODER.** 2009. Disponível em: <<http://migre.me/9VUrK>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

EDGAR MORIN. **Edgar Morin**. 2012. Disponível em: <<http://www.edgarmorin.org.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

ELIFE. **Hábitos de uso e comportamento dos internautas brasileiros em mídias sociais**. Maio de 2012. Disponível em: <<http://migre.me/9V6Ae>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ÉPOCANEGÓCIOS. **Brasil é o 4º país do mundo em número de blogueiros**. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/b7E5h>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

ESCOREL, Eduardo. **Era Vargas: 1930-1935**. Brasil, 1CD-ROM.

FACEBOOK. **Principais Fatos**. 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/a7Tk3>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

_____. **Facebook fan page**. 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/b7AOw>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

_____. **The Things That Connect Us**. 2012c. Disponível em: <<http://migre.me/b7yQK>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

_____. **Conheça a Linha do Tempo**. 2012d. Disponível em: <<http://migre.me/bEbxM>>. Acesso em: 25 out. 2012.

FERNANDES, Ailton. Quem foi Raymond Cantel? **Luz de Fifó**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/9VXen>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

FIGUEIRA, Guilherme Jorge. Plínio Salgado e Eduardo Gomes juntos na campanha presidencial de 1950. **História do Partido da Representação Popular PRP**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/9VXoN>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

GALO, Bruno. A era da convergência. **ISTOÉDINHEIRO**. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/ba3pe>>. Acesso em: 11 out. 2012.

GARCIA, Néelson Jahr. **Estado Novo, ideologia e propaganda política**. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/9VXP6>>. Acessado em: 10 jun. 2012.

GBÍBLIO. **Jó 29:16**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/bFrTF>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

GLOBOTV. **De cada 10 brasileiros, 8 usam redes sociais, aponta pesquisa**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/basaE>>. Acesso em: 11 out. 2012.

G1. **Facebook ultrapassa Orkut em usuários únicos no Brasil, diz Ibope**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/a6ZjJ>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

IBOPE. **Internet brasileira começa 2012 em crescimento**. 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/9V2pw>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

_____. **Número de brasileiros com acesso à internet chega a 83,4 milhões de pessoas**. 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/b7xEY>>. Acesso em: 11 out. 2012.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Os suportes míticos de Getúlio Vargas**. 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/b06O4>>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. **Comunicação e Tecnologia, por Dominique Wolton**. 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/b7fBK>>. Acesso em: 11 out. 2012.

_____. **Comunicação e Tecnologia, por Pierre Lévy**. 2012c. Disponível em: <<http://migre.me/b7hoQ>>. Acesso em: 11 out. 2012.

_____. **Mídias Sociais**. 2012d. Disponível em: <<http://migre.me/b7ifH>>. Acesso em: 11 out. 2012.

KONFIDE. **A Morte do Orkut e o ápice do Facebook**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/a6ZXb>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

LINKESTADÃO. **Google estimula upgrade no perfil do Orkut**. 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/b7CT9>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

_____. **Google começa a unificar Orkut e Google+**. 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/b7CTZ>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

MEMORIAL GETÚLIO VARGAS. **Carta Testamento e Carta Despedida**. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/9VYae>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

METAMORFOSEDIGITAL. **Chatterton, o rei do suicídio**. 2009. Disponível em: <<http://migre.me/bsXGg>>. Acesso em: 25 out. 2012.

MODE, Sylvio. As empresas na era da convergência. **ESTADÃO**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/baoZC>>. Acesso em: 11 out. 2012.

MOURA, Dione. Mídia e educação na era da convergência. **Observatório da Imprensa**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/baoLe>>. Acesso em: 11 out. 2012.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. Set. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/b46N0>>. Acesso em: 08 out. 2012.

PEREIRA, Josué Wagner de Campos. BRASIL: Revolução de 1930 – 1931. **Filatelia Campos Pereira**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/9VYsk>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

PEREIRA, Luiz Carlos Besser. **Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia**. 2009. Disponível em: <<http://migre.me/bMr6N>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E. Compós (Brasília)**, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/b46N0>>. Acesso em: 08 out. 2012.

_____. **A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva**. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/a499y>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

PUBLIONLINE. **A História do Facebook**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/a7TUB>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

RISASTOIDER. **Facebook deleta milhares de perfis fakes e "curtir" ilegítimos**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/c221U>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

RHEINGOLD, Howard. **Rethinking Virtual Communities**. 2000. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/VirtualCommunity.html>>. Acesso em: 10 out. 2012.

ROCHA, Daniela. **A campanha eleitoral de Getúlio Vargas no cinema em 1950**. Disponível em: <<http://migre.me/9VYXp>>. Acesso em: 28 mai. 2012.

SBT. **O maior brasileiro de todos os tempos**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/bFUgC>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

SEMIICAST. **Twitter reaches half a billion accounts More than 140 millions in the U.S.** 2012. Disponível em: <<http://migre.me/b7BMH>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

SERAPHIM, Gustavo. O samba nos anos 40. **Amigos da Vila Mariana**. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/9VZaJ>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SILVA, Jorge Antônio de Queiroz e. **Getúlio Vargas "pai" dos pobres**. Disponível em: <<http://migre.me/9VZeE>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SILVA, Tarcízio. Monitoramento de Marcas e Conversações: alguns pontos para discussão. In: **#MídiasSociais: perspectivas, tendências e reflexões**. AYRES, Marcel; CERQUEIRA, Renata; DOURADO, Danilo; SILVA, Tarcízio (orgs), 2010. Disponível em: <<http://migre.me/9YFfS>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

SOUZA, Sara. **Reclamar no twitter é mais eficaz que o Procon**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/btJDa>>. Acesso em: 20 out. 2012.

TECHLIDER. **Uso de redes sociais cresce no Brasil e apresenta 23% de crescimento**. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/b7wtJ>>. Acesso em: 11 out. 2012.

TEIXEIRA. **A Morte do Orkut**. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/a6ZZK>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

TONON, Rafael. Quem matou Marilyn Monroe? **Superinteressante**. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/9W1cN>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

TWITTER. **O que é Timeline?** 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/aMhU9>>. Acesso em: 09 set. 2012.

_____. **Política de contas de Fã Clube, Paródia e Críticas**. 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/c1Y9O>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

UOL EDUCAÇÃO BIOGRAFIAS. **Jean Baudrillard**. Disponível em: <<http://migre.me/9W1EY>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

UOL NOTÍCIAS TECNOLOGIA. **Facebook chega a 1 bilhão de usuários com Brasil entre os 5 países mais conectados à rede.** 2012a. Disponível em: <<http://migre.me/b7yQK>>. Acesso em: 4 jul. 2012.

_____. **"É fake": relatório diz que 83 milhões de perfis do Facebook são falsos.** 2012b. Disponível em: <<http://migre.me/c221U>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

YOUTUBE. **Chatterton, Gainsbourg.** 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XYwrrpuZIsY>>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. **Francisco Alves - Retrato do Velho (Getúlio Vargas).** 2010a. Disponível em: <<http://youtu.be/Y8MwBvZ5sL4>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

_____. **Querência Amada Letra de Teixeira Vrs Osvaldir e Carlos Magrão.** 2010b. Disponível em: <<http://youtu.be/xydpD3uWfsc>>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. **Brizola apresenta Lula a Getúlio Vargas.** 2010c. Disponível em: <<http://youtu.be/kljFAo13XbQ>>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. **Devemos muita coisa à coragem e à visão de Estado de Getúlio Vargas.** 2010d. Disponível em: <<http://youtu.be/Qm83XIHrIOA>>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. **O Bonde São Januário - Aaulfo Alves (Carnaval de 1937).** 2011. Disponível em: <<http://youtu.be/317j79MFyCY>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

_____. **GEGE (Seu Getúlio) - Almirante com Bando de Tangarás e Orquestra Guanabara.** 2012a. Disponível em: <<http://youtu.be/50HT-Mw1hxxw>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

_____. **Seu Jorge – Chatterton.** 2012b. Disponível em: <<http://youtu.be/BrvEnXOpWC0>>. Acesso em: 25 out. 2012.